Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Stella Christina Schrijnemaekers

A casa e seus objetos:
Construções da identidade em famílias
de camadas populares

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Versão corrigida

Stella Christina Schrijnemaekers

A casa e seus objetos:

Construções da identidade em famílias
de camadas populares

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como forma de obtenção do título de doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto

São Paulo
2011

Versão corrigida

Stella Christina Schrijnemaekers

A casa e seus objetos:

Construções da identidade em famílias de camadas populares

Nome	Assinatura	Instituição
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

São Paulo
2011

*A minha mãe Christina
e ao meu pai Franz (in memória)
Por terem me ajudado a ser quem sou
e a Luís, grande companheiro,
que me apoiou nesta empreitada*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente ao programa de Pós-Graduação em Sociologia e à Universidade de São Paulo que me acolhe desde os tempos da graduação. Agradeço também à Fundação Escola de Sociologia e Política e às Faculdades Metropolitanas Unidas, pelo apoio às viagens para participar de congressos, que me ajudaram a estabelecer um diálogo com outros pesquisadores, bem como pela redução da carga horária de trabalho, fundamental para a possibilidade de conciliar a docência e a atividade de pesquisa.

Também agradeço o carinho, e atenção e a firmeza da professora Dra. Maria Helena Oliva Augusto, que aceitou a orientação sobre um tema ao qual muitos sociólogos ofereceriam resistência. Espero sinceramente que as fichas que ela apostou na pesquisa e a paciência que teve com o processo de trabalho tenham valido a pena, pois me ajudaram a realizar o sonho de pesquisar um estrato da população, que é sempre mostrado, mas, sistematicamente, não consegue mostrar-se. Agradeço ainda nossas preciosas conversas e orientações na sua casa regadas sempre a um quitute de Eunice e à arte do bem receber de Maria Helena. Eunice tornou mais doces, deliciosas e engordativas essas conversas.

Gostaria ainda de agradecer aos professores Dra. Fraya Frehse e Dr. José Guilherme Cantor Magnani, pela leitura minuciosa e pelos comentários enriquecedores feitos durante o exame de qualificação. Ao professor Dr. Sérgio Miceli, pela leitura generosa do projeto, e ao prof. Dr Heitor Frúgoli, pela indicação preciosa que abriu as portas para uma importante bibliografia de apoio. Gostaria ainda de agradecer a prof Dra. Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins pelo apoio, dicas metodológicas e pistas tanto no doutorado como no mestrado, bem como pelo apoio em minha carreira profissional. Assim como não posso deixar de agradecer ao professor Dr Mário Antônio Eufrásio por ter me aceitado no mestrado e propiciado assim o início de minhas reflexões sobre a casa.

Preciso imensamente agradecer as famílias entrevistadas que, literalmente, abriram suas portas e deixaram que esta bisbilhoteira entrasse em todos os cômodos da casa, não apenas uma vez, mas quantas foram necessárias, em alguns casos, mais de cinco vezes! Agradeço ainda a permissão de fotografar seus lares e a generosidade em expô-los aos ávidos olhos desta pesquisadora e de todos aqueles que lerão este trabalho. Suas casas são belíssimas

e ficarão para sempre comigo. Suas indicações de parentes, amigos e vizinhos foram fundamentais. Aproveito ainda a oportunidade para pedir desculpas pelo vexame que às vezes dei nas poucas casas com cachorros (tenho consciência do quão irracional é o meu medo), para agradecer os cafés gostosos que tomei e as refeições e bolos que gulosamente comi. Estava tudo uma delícia!

Quero agradecer a paciência e a prontidão de Luís, um companheiro que entendeu as longas horas que foram passadas na favela e os inúmeros finais de semana e noites em que o deixei só, por conta da pesquisa.

Agradeço, ainda, a minha mãe Christina, que, mais uma vez, deu apoio incondicional ao meu trabalho. Foi como sempre a pessoa excepcional que ela é. Sem ela, não o teria sequer iniciado. Aos meus irmãos, que sempre me apoiaram, particularmente a Igor, pelo lindo trabalho com as imagens nas capas dos capítulos. Agradeço ainda a minhas amigas, Melissa e Régia, por me apoiarem, ouvirem e estarem sempre de prontidão. Para Melissa, em especial, o meu muito obrigado por sua leitura do trabalho e por nossas longas conversas sobre a tese, a Sociologia e a vida.

Com todos acima citados tenho uma enorme gratidão que não sei se um dia poderei adequadamente pagar.

“Para se conhecer as coisas há que se lhes dar a volta”
Depoimento de José Saramago no filme Janela da Alma

Resumo

Esta tese apresenta uma análise das relações das pessoas de camadas populares com a casa em que moram e os objetos que a compõe para compreender como se dão os processos de construção da identidade para essa camada da população tomando como objeto suas relações com a moradia e seus objetos. A hipótese do trabalho é a de que o espaço da casa expressa processos de construção da identidade. Esta pesquisa entende que os membros de uma mesma casa não se relacionam com o espaço da mesma forma. Na verdade, acredita-se que o espaço da casa seja negociado, renegociado e apreendido, de acordo com os projetos individuais. Para tanto foram pesquisadas quatorze casas cujas famílias moram numa favela da cidade de São Paulo.

Palarvras-chave: Sociologia Urbana; Antropologia Urbana; identidade; casa; cultura material.

Abstract

This thesis intends to analyze the relationship between working classes with the place where they live as well as the role of the respective objects that make up their homes. The aim of this study is to comprehend the way that the dwellers' identities are built taking into consideration their residences and also the respective objects. The main hypothesis of this work is that the space at home expresses the construction process of identity. This research understands that the members of a family have a different ways of interacting with the home. As a matter of fact, it is believed that the space occupation in the houses is subject to negotiation, re-negotiation and then assimilated according to plans of life of each individual. To write this thesis I carried out a research among 14 families that live in a slum area situated in São Paulo.

Keyword: Urban Sociology; Urban anthropology, identity, home, material culture.

Email para contato: stellachristina@ig.com.br

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo 1. O campo na Nova Jaguaré.....	27
1.1 Entre mais de mil por que a Nova Jaguaré?.....	28
1.2 Da Viela dos Macacos para os seres humanos que moram ali.....	30
1.3 O roteiro de entrevista.....	33
1.4 O perfil dos entrevistados.....	39
1.5 Descrição das casas.....	42
1.5.1. A casa C1.....	42
1.5.2. A casa C2.....	45
1.5.3 A casa C3.....	48
1.5.4 A casa C4.....	52
1.5.5 A casa C5.....	54
1.5.6 A casa C6.....	57
1.5.7 A casa C7.....	57
1.5.8 A casa C8.....	60
1.5.9 A casa C9.....	61
1.5.10 A casa C10.....	64
1.5.11 A casa C11.....	70
1.5.12 A casa C12.....	73
1.5.13 A casa C13.....	76
1.5.14 A casa C14.....	77
1.6. Não basta ter vontade: o papel da estrutura de oportunidades local na realização de projetos pessoais.	78
Capítulo 2: Construção do problema de investigação.....	81
1. A casa como teia de interdependências: como figuração.....	82
2. A casa como resultado de um projeto.....	89
3. A importância da análise dos objetos no estudo das interações sociais.....	95
Capítulo 3. Entre os dados censitários, o imaginário popular e a pesquisa de campo: Onde estão e quem são as camadas populares?.....	103
3.1 Definindo camadas populares.....	105
3.2 Porque na favela	113

3.3 As favelas da cidade de São Paulo	117
3.4 Quem são os moradores das favelas	123
3.5 A favela Nova Jaguaré em dados	139
Capítulo 4: A casa é boa para pensar	142
4.1 A casa: espaço público e privado	145
4.2 Quando a casa vira lar	150
4.3 Os vários sentidos da casa.....	153
4.4 As casas, seus limites e a agência familiar sobre o espaço doméstico.....	160
4.5 Privacidade e singularidade nas casas	169
Capítulo 5: Processos de construção da identidade.....	182
5.1 A identidade e a casa	183
5.2 A casa da infância.....	191
5.3 Os projetos pessoais.....	198
5.4 Os objetos e a casa.....	208
5.5 As fotos como objetos.....	230
Conclusão.....	242
Referências Bibliográficas.....	250
Apêndice 1.....	260

Lista de Tabelas, Gráficos e Quadros

Quadro 1: Composição das casas por número de moradores, número de filhos e filhas.	40
Quadro 2: Composição das casas, por casa, tipo de habitante, idade, escolaridade, ocupação e rendimento médio mensal familiar.	41
Tabela 1: Crescimento da população e da população em favelas das cinco regiões.	119
Tabela 2: Cidades com maior percentual da população vivendo em favelas em 1980.	120
Tabela 3: Cidades com maior percentual da população vivendo em favelas em 2000.	120
Tabela 4: Comparação em termos de infra-estrutura, escolaridade, rendimento e estrutura estaria entre a população que mora em favela na cidade de São Paulo e o restante da população 1991-2000.	131
Tabela 5: Proporção dos domicílios com renda per capita de até 1/2 salário mínimo. 10 Regiões Metropolitanas, 1995, 2003 e 2004.	134
Quadro 3: Grupos de favelas por número de casos e condições.	138
Quadro 4: Dados sobre as favelas e loteamentos no distrito do Jaguaré.	140
Gráfico1: Evolução no consumo de bens entre as famílias com renda familiar per capita de até 1/2 salário mínimo.10 Regiões Metropolitanas, 1995, 2003 e 2004.	135

Lista de Ilustrações

Fig.1: Detalhe da Geladeira C1.....	42/215
Fig. 2: Televisão e rack da sala da casa C1.....	42
Fig. 3: Enfeites de móvel da sala C1.....	42
Fig. 4: Santa ceia na parede da cozinha C1.	42
Fig. 5: Quarto do casal C1.....	43
Fig. 6: Vista da sala C1.....	43
Fig.7: Detalhe da parede da sala C1.	44
Fig. 8: Vista da cozinha C1.....	44
Fig. 9: Vista da cozinha para a sala casaC2.....	45
Fig 10: Banheiro casa C2.....	45
Fig. 11: Cozinha casa C2.	46
Fig 12: Detalhe do armário da cozinha C2.....	46
Fig13: Computador sala C2.....	46
Fig: 14: Vista da sala C2 com a família.....	46
Fig 15: Quarto do filho C2.....	47/165
Fig. 16: Cômoda do filho C2.....	47
Fig. 17: Detalhe da cômoda do quarto do casal C2.....	47
Fig. 18: Rack e computador na sala C3.	48
Fig. 19: Sofá da sala C3.....	48
Fig. 20: Detalhe do Rack C3.	49
Fig. 21: Detalhe do Rack C3, foto da filha e troféu do pai.Ver para entender que antes havia uma foto sobre esta.....	49
Fig. 22: Mostra como estava a foto da Fig. 21 antes de ser descoberta. O filho por ciúme da irmã costuma cobrir a foto dela com outra sua conforme mostra a figura 22.	49

Fig.23: Pia da cozinha C3	50
Fig. 24: Vista da cozinha C3.....	50
Fig.25: Quarto dos filhos C3com filho c3 deitado sobre a cama.....	50
Fig. 26: Cama do filho mais velho casa C3	51
Fig. 27: Cômoda do quarto do filho C3 mais velho.....	51
Fig. 28: Vista do quarto do casal C3.....	51
Fig. 29: Detalhe dos enfeites do criado mudo da Mãe C3.....	51
Fig.30: Interior da casa C4 (geladeira e entrada).....	52
Fig. 31: Interior da casa C4 (cama e armário).....	52
Fig. 32: Interior da casa C4 (mesa ao lado do armário).....	52
Fig. 33: Vista da cozinha e da entrada do quarto.....	52
Fig. 34: Detalhe da porta geladeira.....	53/215
Fig. 35: Enfeites sobre a geladeira.....	53
Fig. 36: Armário de cozinha no quarto.....	53
Fig. 37: Detalhe parede quadro pintura da Filha C4.....	53
Fig. 38 Vista da Cozinha C5 a partir da sala.....	55
Fig. 39: Sala C5: Computador, televisão e escada.....	55
Fig. 40: Sofá da sala C5.....	55
Fig. 41: Vista da cozinha C5.....	56
Fig. 42: Detalhe dos enfeites sobre a geladeira.....	56
Fig. 43: Detalhe da cômoda da mãe C5.....	56
Fig. 44: Parede da sala C7.....	58
Fig 45: Detalhe dos enfeites ao lado da televisão C7.....	58
Fig. 46: Vista da sala C7.....	58
Fig. 47: Vista da cozinha C7.....	58
Fig. 48: Detalhe da cômoda do quarto do filho C7.....	59/229
Fig. 49: Quarto do casal C7.....	59/228
Fig. 50: Quarto do Filho C7.....	59/229
Fig. 51: Vista parcial da sala C9.....	61
Fig.52: Banheiro casa C9.....	61
Fig. 53: Vista do sofá e da cozinha da casa C9.....	62
Fig. 54: Cozinha C9.....	62
Fig.55: Armários em frente de cozinha C9	62
Fig. 56: Vista do terraço da casa C9.....	62
Fig. 57: Escada da casa C9.....	63
Fig. 58 Quarto da Mãe C9.....	63
Fig.59: Vista 1 da cozinha C10.....	64
Fig. 60: Vista 2 da cozinha C10.....	64/178
Fig. 61. Rack da casa C10	65
Fig.62: Quarto das filhas mais novas da casa C10.....	65
Fig. 63: Quadro com fotos da família C10 na escada do térreo para o primeiro piso.....	65
Fig. 64: Fotos penduradas no quarto das filhas mais novas.....	66/234
Fig 65: Quarto Do casal C10.....	66
Fig. 66: Quarto da filha mais velha C10.....	66
Fig. 67: Porta do quarto da filha mais velha do casal C10 (Vista externa ao quarto).....	67
Fig.68: Frase escrita pela Filha mais velha C10	68
Fig. 69: Quarto do filho C10.....	68
Fig. 70:Quadro com fotos da Filha C10 pregado na parte interna da porta de seu quarto (1).....	68
Fig. 71: Frase escrita pela Filha mais velha C10.....	68
Fig.72: Quadro no quarto da filha mais velha C10.....	69
Fig. 73: Vista da estante da sala.....	70/212
Fig. 74: Televisão da sala.....	70/212
Fig. 75: Detalhe da estante da sala C11.....	70
Fig. 76: Enfeites da parede do quarto do Pai C11.....	70

Fig. 77: Quadros na parede em frente a estante.....	71
Fig. 78: Jovem C11 com a filha (parede ao lado da estante).....	71
Fig. 79: Carro na garagem C11.....	71
Fig. 80: Armário da cozinha C11.....	71
Fig. 81: Vista da cozinha C11.....	72
Fig. 82.: Quadro de fotos no quarto da jovem C11.....	72/215
Fig. 83: Móvel do quarto da Jovem 11.....	73
Fig. 84: Banheiro de baixo da casa C11.....	73
Fig. 85: Armário da cozinha C10.....	74
Fig. 86.: Vista da sala C10.....	74
Fig. 87: Vista da geladeira C10.....	74
Fig. 88: Quarto do casal C10.....	74
Fig. 89: Detalhe da parede da sala C10.....	75
Fig. 90: Porta do armário da filha mais velha.....	75
Fig. 91: Cozinha C10.	75
Fig. 92: Vista da sala e da porta da rua C10.....	75
Fig. 93: Cama C13.....	76
Fig. 94: Berço e cômoda no quarto C13.....	76
Fig. 95: Mesa da cozinha C13.....	77
Fig. 96: Vista da cozinha com pai C13.....	77
Fig. 97: Detalhe da cozinha C5.....	98
Fig. 98: Cozinha da casa C5.....	98
Fig. 99: Escada casa C10.....	114
Fig. 100: Visão do buraco da escada (casa C10).....	114
Fig. 101: Buraco da escada segundo piso da casa C10.....	115
Fig. 102: Banheiro da suíte do casal C1.	116
Fig. 103: Banheiro casa C10.....	116
Fig. 104: Imagem do morro da favela no Rio de Janeiro.....	124
Fig. 105: Oswaldo Cruz limpando o morro da favela	125
Fig. 106: Casa no morro da favela no Rio de Janeiro.....	127
Fig. 107: Museu de arte de São Paulo (MASP).....	162
Fig. 108: Cama da filha C1.....	166
Fig. 109. Cômoda da filha C1.....	166
Fig. 110: Divisão do quarto da filha e do filho C1.....	166
Fig. 111: Quarto do filho C1.....	166
Fig. 112: Detalhe da cama do Filho C10.....	167
Fig. 113 Banheiro da suíte C1.....	167
Fig. 114: Banheiro 2 casa C10.....	167
Fig. 115: Cama do filho C5.....	170
Fig. 116: Quadros na parede do quarto do filho C5.....	170
Fig. 117: Cozinha C5	178
Fig. 118: Sala C12.....	178
Fig. 119: Detalhe da parede do quarto do filho C10	178
Fig. 120: Quarto das filhas mais novas C10	178
Fig. 121: Parede da sala C11.....	178
Fig. 122: Parede do quarto da Mãe C9.....	178
Fig. 123: Sala C7.....	179
Fig. 124: Quarto da Filha 3.....	179
Fig. 125: Vista 1 do armário de cozinha C5.....	180
Fig. 126: Vista 2 do armário de cozinha C5.....	180
Fig. 127: Urinol de Marcel Duchamp	215
Fig. 128: Geladeira C10.	215
Fig. 129: Detalhe do quadro do quarto da Jovem C11.....	216
Fig. 130: Detalhe da geladeira C12.....	216
Fig. 131: Detalhe de móvel na sala C1.....	218

Fig 132: Quadro na parede da sala C5	223
Fig. 133: Parede da sala C1 (1).....	224
Fig.134: Parede da sala C1 (2)	224
Fig 135: Foto Filho c7 (parede do quarto).....	233
Fig.136: Foto do Filho C7 (criado mudo).....	233
Fig. 137: Sala da casa C12 (formatura da filha mais velha e foto da irmã).....	233
Fig.138: Filhos C3 –sala	234
Fig139: Filho mais velho com irmã (parede quarto dos irmãos)	234
Fig.140: Filho C9 mais velho-Sala.....	234
Fig.141: Foto Mãe C1(sala)	234
Fig142: Sala C2, foto da família	234
Fig. 143: Foto dos pais da Mãe C12, da filha mãe velha C12 com chapéu, dela mais nova e da irmã	235
Fig. 144: Parede da sala C5 (fotos)	240

Introdução

As relações sociais ocorrem em todos os espaços nos quais existem contatos entre pessoas, tais como o local de trabalho, a casa, a escola, os locais de lazer, como clubes, bares, restaurantes, centros culturais, shopping centers, cabeleireiros, botecos, igrejas, templos, parques, etc. Esses lugares são preenchidos por objetos de toda a sorte, que ajudam a compor e mediar as relações que ali se dão. Uma sala de aula com poucas cadeiras organizadas em círculo permite o estabelecimento de um tipo de relação diferente do que uma que contenha mais de cem enfileiradas, em linhas que se repetem.

Os espaços de trabalho também são preenchidos de forma muito diferente para os diversos segmentos. Uma sala de atendimento de *call center* impressiona os observadores pela monotonia da apresentação e de como as pessoas são encapsuladas em espaços conhecidos popularmente por “baías”, por sua semelhança àquelas usadas para guardar cavalos em estábulos. Da mesma forma, chama a atenção as imagens das agências de publicidade, onde cada mesa é personalizada por aquele que a usa e o espaço passa a ideia de certa desordem necessária à criação. Há agências que possuem até mesas de pingue-pongue para que seus funcionários possam ter espaço adequado às reflexões criativas.

Mesmo um parque é equipado com um mobiliário que estimula diferentes formas de interação e de fruição do espaço: quadras, pistas de corrida, equipamentos de ginástica, bancos, pontes, cercas, equipamentos de recreação voltados para fases específicas da vida, como brinquedos infantis ou equipamentos destinados aos idosos, além das áreas para treino e recreação de animais ou uso de determinados equipamentos como *skates* ou bicicletas. Logo, a pessoa recebe estímulos diversos a partir dos objetos e trajetos que compõem o parque e medeiam sua interação com aquele espaço. Ora ela é estimulada a parar, sentar e contemplar a paisagem, ora é instigada a caminhar ou alongar-se. Ao lado disso, há áreas especiais voltadas para pessoas de uma determinada idade e, ainda, outras destinadas à alimentação, por exemplo.

Entretanto, não é comum que os sociólogos se aproveitem desses elementos espaciais e materiais para tecer seus estudos e especulações sobre as relações sociais. Infelizmente, o espaço social não é muitas vezes pensado em sua materialidade, ou seja, em como ele materializa relações sociais. O que existem são análises pontuais feitas por alguns autores,

mas a maioria não aproveita o mundo material que envolve seu objeto de investigação como mais um documento a ser analisado.

O uso sistemático de elementos materiais é mais desenvolvido pela História¹ e principalmente, pela Arqueologia. Mas os historiadores, cada vez mais, sistematicamente, têm usado esse recurso, que aparece na Sociologia apenas de forma esparsa, como objeto de análise ou auxílio na análise de outros objetos. Os trabalhos que procuram compreender as relações sociais também a partir da materialidade são cada vez mais comuns².

No caso da Antropologia, a área de etnologia indígena faz estudos interessantíssimos que incorporam a cultura material em suas análises; em outras áreas, porém, os trabalhos sobre esse tema são mais esparsos. Mesmo assim, fora do Brasil³ vem se constituindo toda uma área de análise da cultura material em sociedades complexas digna de nota e, principalmente, de estudos voltados para a habitação. Dentre os diversos autores que tratam do tema, é preciso destacar o trabalho de Irene Cieraad (2006), para o contexto holandês, Sophie Chevalier (2006), na França⁴, e o de Daniel Miller⁵ (1987, 2001, 2007, 2008, 2010) na Grã-Bretanha, que têm, inclusive, servido como inspiração teórica e metodológica para os autores⁶ que lidam com o tema da casa, ao propor a compreensão do consumo como cultura material.

¹ A resenha de Marcelo Rede (1996) sobre o livro organizado por Steven Lubar e W. David Kingery *History from things: essays on material culture* é muito interessante neste sentido, pois põe em discussão uma gama de preocupações, desafios e problemas, que envolvem os historiadores interessados pela cultura material.

² Daniel Roche, por exemplo, em seu livro *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do séc. XVII ao XIX*, Rio de Janeiro: Rocco, 2000, procura fazer o que ele denomina de uma história do consumo, das atitudes das pessoas frente aos objetos. Para ele, o mundo exterior dos objetos não é o local da total alienação, mas sim, local de um processo criativo. Para dar conta de sua preocupação o consumo é entendido enquanto atitudes das pessoas ante os objetos. Ele trata de temas como o uso da água, a luz, os aquecedores, os móveis, as roupas, entre outros. Roche destaca que os historiadores centraram durante muito tempo sua análise apenas nos consumos artísticos, mas que era “necessário romper com a indiferença [deles] pelo mundo dos objetos além daqueles considerados habitualmente por nossa cultura esfaimada por consumos artísticos de toda espécie” (2000, 329). Com isso ele finca a necessidade de uma história dos objetos banais. Já para o contexto brasileiro é possível destacar o livro de Vânia Carneiro de Carvalho *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870 1920*, que também coloca os objetos e os espaços onde se dão as relações como ponto central de sua análise sobre a construção do gênero na cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o início do século XX.

³ Para uma discussão de parte dessa literatura, há a resenha de Basques (2010) do livro de Amiria Henare et al. *Thinking Through Things: theorizing artefacts ethnographically*, London, New York: Routledge, 2007. A resenha de Faure-Rouesnel (2010), de três livros franceses que tratam o tema da cultura material, focaliza a questão da tecnologia.

⁴ Ainda para o contexto francês a discussão de Rede (2003) mostra como, na França, está se constituindo um grupo de estudo de cultura material para sociedades complexas preocupado com temas como o da motricidade e da autenticidade do objeto.

⁵ Miller é ainda o editor do *Journal of Consume Culture*, que pode ser encontrado no site da editora Sage: [HTTP://joc.sagepub.com](http://joc.sagepub.com). Acessado em 13 de maio de 2009.

⁶ Há ainda textos de autores em outros contextos culturais tão diferentes como o de Kurita (1993) e Daniels (2001), para o contexto japonês, sobre a decoração e a profusão de objetos das casas japonesas, Kannike (2002), para o contexto estoniano, Drazin (2001), sobre a questão da madeira e a domesticidade na Romênia, o que

A constituição de um campo multidisciplinar de estudos pode ainda ser verificada no *site* do departamento de humanidades da Universidade Simon Fraser em Burnaby, no Canadá⁷ onde é possível encontrar impressionantes 21 páginas de bibliografia sobre o tema do espaço doméstico! O *site* originou-se do Workshop *Rethinking Domestic Space: Interdisciplinary Perspectives on Home and Garden*, realizado em Cambridge, em 1998, cujos participantes queriam compreender como diferentes disciplinas lidam com o espaço doméstico.

Na cidade de Liège (Bélgica) o colóquio *Les espaces de La famille*, em 1994, foi organizado, entre outros, por Jean Kellerhals. Na introdução do *Les cahiers de sociologie de La famille*, constata que os tratados e manuais de Sociologia da Família deram pouca importância à análise do espaço doméstico e pleiteia um estudo do território familiar. Para ele, com essa negligência, a Sociologia distancia-se da História e da Antropologia, que sempre fizeram do espaço um indicador privilegiado das dinâmicas familiares. Um exemplo disso é o livro *Sociologia da Família*, de Chiara Saraceno (1997), que, apesar de apresentar discussão muito interessante sobre o ciclo de vida familiar, entre outros temas, como a questão da família enquanto unidade de convivência, não reserva nenhum capítulo para a análise do espaço da casa. Evidentemente há exceções. Martine Segalen (1999), por exemplo, propõe uma aproximação entre a Sociologia e a Etnologia, na medida em que estudos históricos imbuídos de um olhar antropológico mostraram que certas generalizações feitas pela Sociologia estavam absolutamente erradas, como, por exemplo, a ideia de que a família nuclear é fruto do processo de industrialização. Os dados mostraram que isso não é verdade para a grande maioria dos países europeus. No Brasil, Eni de Mesquita Samara (1983 e 1987) e Mariza Correa (1982) há muito têm procurado mostrar que, definitivamente, entre os segmentos populares, a família monoparental não está relacionada com o aumento dos divórcios no século XX, ou seja lá o que for, mas que tal arranjo é parte da realidade conjugal desse estrato da população. Ambas enfatizam a existência da diversidade de arranjos familiares em toda a história brasileira.

No presente estudo, procuro enfatizar a importância de cruzar a fala com a materialidade presente nos locais onde se verificam as relações sociais. Alguns podem questionar a necessidade desse procedimento. Não se tem feito boa Sociologia, ou uma Sociologia razoavelmente sofisticada sem levar isso em conta?, perguntarão alguns. A questão aqui não é desqualificar os estudos feitos apenas a partir de documentos e relatos que

mostra a importância do tema da casa para a compreensão das relações sociais em contextos culturais muito distintos.

⁷ Ver: A bibliografia disponível em: <<http://www.sfc.ca/~space/index.html>>. Acessado em 20 de maio de 2009.

procuram reter as falas, mas mostrar que espaço e objetos também falam. Eles podem ser mais uma chave interessante para a compreensão das relações sociais atuais e não apenas as do passado.

Autores clássicos da Sociologia, sob diferentes perspectivas e com os mais diversos objetivos, não voltaram as costas para a compreensão das relações sociais a partir de uma reflexão sobre a questão da materialidade. Entre eles, podem ser citados Karl Marx e Georg Simmel. Karl Marx, por exemplo, mostrou que os objetos expressam as relações sociais de produção. Por isso iniciou sua análise do capitalismo pela da mercadoria. Ela é a forma que os bens adquirem nas sociedades capitalistas. Contudo, para compreendê-la, procurou ir além de um estudo da mercadoria enquanto materialidade. Já George Simmel, escreveu instigantes ensaios sobre o significado de objetos e de elementos espaciais, como a asa do jarro ou o adorno, a ponte e a porta, não buscando a esse respeito um sentido último, mas um significado mais profundo, uma profundidade metafísica:

Virando, rearranjando a constelação que trabalha, ele a mostra sob nova perspectiva, em variadas configurações. Assim, Simmel não somente é capaz de habilitar os mais díspares fragmentos do real como objeto da “profundidade metafísica” como, nesse processo, acerca-se desses objetos através de sua multideterminação, mostrando como a cada caminho percorrido, a cada perspectiva adotada, o objeto é acrescido de sentido. A tarefa que Simmel impõe a si mesmo não termina nunca. Sucessivos approaches lhe são dirigidos, a fim de resgatar as diversas camadas de significado nele cristalizadas. A pluralidade das perspectivas adotadas é um esforço em desvendar a pluralidade das possibilidades do objeto [...] (WAIZBORT, 2000, 26)

Para Simmel, mais importante do que o objeto de reflexão é o modo como a reflexão ocorre, é ter certa atitude em relação aos objetos observados e compreender que tudo é passível de interpretação, pois a realidade é infinita e está sempre em eterno processo. (Cf. WAIZBORT, 2000). A partir disso, ele procurou estabelecer ponderações sobre temas e objetos aparentemente banais. Fez isso, para mostrar que, mesmo o mais insignificante objeto ou tema de reflexão pode, na verdade, auxiliar a investigação sobre as relações sociais. Cada vez que o objeto é observado sob uma perspectiva diferente, novos sentidos afloram. Daí sua preocupação com uma pluralidade de perspectivas.

Mesmo com a preocupação inicial de importantes pais da Sociologia, faltam mais estudos à análise sociológica atual, que lancem um olhar cuidadoso para as relações entre pessoas e objetos⁸ para além de uma crítica ao consumo (Cf. BAUMAN, 2008;

⁸ Ao longo deste trabalho o termo objeto refere-se àqueles encontrados na vida cotidiana das pessoas e não às obras de arte. Com relação às últimas, os sociólogos sistematicamente tecem longas análises a respeito, numa

FEATHERSTONE, 2007, entre outros). Entender como as pessoas se apropriam e apreendem os objetos que são produzidos, organizando-os e reorganizando-os, dando-lhes novos significados, e, como, a partir disso os objetos auxiliam na compreensão de suas relações, pode trazer resultados interessantes para a análise sociológica. Mesmo Chandra Mukerji (1994) que reivindica uma Sociologia da Cultura Material, enfatiza estudos em torno do tema da *ciência* e da *tecnologia* como forma de compreensão do poder dos sistemas de conhecimento – particularmente o poder da ciência – e a questão da dominação, que se assemelha mais a uma Sociologia da Ciência e da Tecnologia, do que uma sociologia da cultura material como um todo, pois deixa de lado as possibilidades analíticas que os objetos comuns da vida cotidiana podem ter para a compreensão das relações sociais.

Uma vez organizados, os objetos servem como mediadores das relações sociais. Há autores que acreditam que exista uma *agência dos objetos* (Cf. MILLER: 2010; LATOUR: 1994, entre outros) e têm procurado mostrar em seus livros que não apenas as pessoas constroem objetos, mas também são ‘construídas’ por eles, no sentido em que os objetos auxiliam as pessoas a se constituírem enquanto tais.

O objeto, portanto, não é uma “coisa” passiva que as pessoas fabricam, vendem, adquirem, expõem, guardam ou simplesmente jogam fora. No momento em que ele é adquirido – seja por meio da compra, por meio do presente ou porque foi retirado do lixo, ou qualquer outro meio de obtenção como o roubo, por exemplo – e exposto com outros, pode passar a ter significados muito diferentes daqueles pretendidos por quem ali o colocou.

Por isso nem sempre é possível controlar seus possíveis significados, pois os mesmo não são intrínsecos a eles, mas sim, permanentemente construídos e reconstruídos por todos os que os observam ou utilizam e também pelos novos sentidos que eles passam a ter quando fazem parte de conjuntos distintos.

Os objetos também expressam *relações*. Não possuem um sentido único ou imanente. Seu significado é construído e reconstruído a partir das relações que as pessoas estabelecem com eles e por meio deles entre si.

Enquanto pesquisadora, minha preocupação sempre foi a de ver a materialidade por meio da qual as relações sociais se expressam como ponto privilegiado para entender as

interações e os seus significados⁹. Isso não significa analisar as propriedades materiais de um objeto, mas compreender as relações sociais a partir de uma análise daqueles que estão presentes nos espaços em que elas ocorrem. Foi isso que me motivou a entender os significados da casa para as camadas médias, no mestrado, e que me motiva a entender as camadas populares a partir de sua relação com o espaço da casa, no doutorado. Assim, se, antes, a busca foi pelo significado da casa para os segmentos médios, agora, no doutorado, o objetivo principal foi menos o de descobrir o significado da casa, mas mais o de fazer uma análise das relações das pessoas de camadas populares com a casa em que moram e os objetos que a compõem, para compreender, no caso dessa camada da população, como se dá parte dos processos de construção da identidade, focalizando suas relações com a moradia e seus objetos.

Desse modo, este trabalho dá continuidade às minhas preocupações do mestrado. É um aprofundamento delas, principalmente no concernente às possibilidades analíticas de *compreensão das relações, a partir de uma análise do espaço, dos objetos que o compõem e das pessoas envolvidas*. O objeto da análise é o espaço da casa, seus objetos e a relação das pessoas com eles.

O trabalho do mestrado, realizado entre 2000 e 2002, refletiu o esforço de lançar um olhar sistematizado para algo até então intuído, do que acreditava ser uma Sociologia ou Antropologia do espaço. A pergunta que o norteava era a de verificar em que medida a relação das famílias de camadas médias com o espaço de sua residência é expressa no modo como ele é apreendido por ela; ou seja, supunha-se que o modo de organização da casa mostrasse as relações que os moradores têm entre si e o significado que atribuem ao lugar onde vivem.

Partiu-se do pressuposto de que a relação dos habitantes com os objetos não é casual: as pessoas buscam distinguir-se de certos grupos e ligar-se a outros. Entretanto, mais do que local para a construção de distinções, ela é o local em que as pessoas têm, na medida do possível, a liberdade para se *construírem*, a partir da apreensão daquele espaço, por meio do seu preenchimento com objetos que medeiam as relações que ali ocorrem.

Dessa maneira, procurou-se mostrar no mestrado que nada é natural ou casual quando nos referimos à casa. Não é natural que o banheiro seja dentro da casa; é importante lembrar

⁹ Ver minha dissertação de mestrado *Os significados da casa: um estudo da relação dos moradores com o espaço da casa*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 9 de dezembro de 2002.

que esse arranjo é recente¹⁰. Da mesma maneira, não é natural existir uma sala de jantar separada da cozinha¹¹, ou que as pessoas almejem isso¹².

O foco central daquele trabalho era o estudo de como a apropriação da casa pelos moradores expressa um conjunto de significados. O objetivo era o de entender como a casa é uma organização espacial que reflete um *projeto de vida*. A ideia da casa como parte de um projeto de vida familiar compartilhado pelo casal era essencial para o entendimento dos significados a ela atribuídos.

Ao longo da vida de uma pessoa, muda o papel desempenhado pela casa; do mesmo modo, as pessoas também se relacionam de formas diferentes com os distintos espaços. Portanto, os significados da casa mudam de pessoa para pessoa, assim como para a mesma pessoa ao longo de sua vida. Foi também possível observar para os segmentos médios, que se altera o tempo de permanência nos diversos espaços – na infância predominava o quintal ou a área comum dos prédios, para quem mora em apartamentos, na adolescência, o quarto, e, na etapa adulta, a sala – como também se altera o tempo efetivo de permanência na casa.

Os usos do espaço alteram-se da mesma maneira que os seus significados e sua importância. Entretanto, a importância de um cômodo não é dada só pela *frequência* do convívio cotidiano, mas também, pelo *aspecto simbólico* com que os espaços são revestidos. Por meio da pesquisa empírica empreendida ainda se pôde constatar que a *importância* da casa para as pessoas não muda, ou seja, todos a consideram como o lugar mais importante em sua vida.

Os lugares onde são colocados os objetos resultam de escolhas que aliam critérios estéticos, simbólicos e econômicos, articulados em torno do projeto elaborado pelo casal; é ele que norteia suas ações na maior parte do tempo.

Foi possível concluir que o espaço e os objetos, portanto, *comunicam*, são elementos interativos nas relações que as pessoas estabelecem entre si. E essa comunicação é feita de diversas formas. *Primeiro*, por intermédio de suas *subdivisões* e pela *circulação* imposta por essas divisões – na casa, são as portas, as paredes e as escadas que guiam a circulação, ocultam e mostram, abrem e fecham a casa e a família aos olhos de quem não é um morador e

¹⁰ Ver: de Witold Rybcynski – *Casa: pequena história de uma idéia*, Rio de Janeiro, Record, 1996, e de Francisco Salvador Veríssimo e William Seba Malmann Bittar – *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

¹¹ Ver Carlos Lemos, *Cozinhas, etc.: um estudo sobre a zona de serviço da casa paulista*, 2ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1978.

¹² Aliás, entre os segmentos mais abastados da população, e particularmente entre os casais jovens, cada vez mais a cozinha deve ligar-se à sala, num espaço integrado de sociabilidade diária. Diferentemente, entre os segmentos populares estudados no presente trabalho, muitas donas de casa desejam possuir uma cozinha separada da sala.

até dos próprios moradores; em *segundo*, pela própria *forma como o espaço é apreendido*, ou seja, da maneira como é preenchido com móveis, objetos, fotografias, etc. Assim sendo, é possível a leitura do espaço, se entendermos que também devem ser observados os objetos que o preenchem e as pessoas que o utilizam e transformam.

A pesquisa de mestrado verificou que o preenchimento do espaço não é fruto do acaso e nem é apenas fruto do gosto dos moradores, mas é resultado de uma intensa *negociação* que pode alterar o *equilíbrio de poder* entre os moradores, sendo a casa parte de um *projeto* elaborado pelo casal para a família. É por isso que certos objetos são expostos e não outros.

A *terceira* e última forma de comunicação do espaço da casa verificada na pesquisa anterior vinculava-se às apreciações que as pessoas faziam das casas dos outros. As características das casas são usadas para avaliar as pessoas e as famílias. Uma casa limpa e arrumada reflete – na concepção dos segmentos médios analisados – o grau de "arrumação" da família, sua organização, coesão e harmonia. Isso se dá mais no âmbito dos valores, dos ideais – uma família não é mais organizada, só porque sua casa é limpa, ou arrumada, do que outra que não arruma a sua casa.

Cada pessoa, cada família, se comunica por intermédio do espaço da casa de forma distinta – uns usando mais o quarto, como os jovens, outros mais a sala – e essa relação também muda de pessoa para pessoa e numa mesma pessoa, dependendo do papel que ela desempenha no seio das relações familiares.

A pesquisa do mestrado procurou enfatizar que as relações sociais não se dão num vácuo imaterial, muito pelo contrário, são marcadas por materialidades que tanto estimulam como podem atrapalhar o andamento das relações. A própria história da casa e do desenvolvimento da privacidade trata essa questão (Cf. RYBCZYNSKI: 1996)¹³.

Mas se, no mestrado, a casa era o *ponto de chegada* da pesquisa – em termos do seu significado – agora, a apreensão do espaço da casa é o *ponto de partida* para entender

¹³ Em seu livro *Casa: pequena história de uma idéia*, Witold Rybczynski apresenta um panorama das mudanças pelas quais a casa passou em diferentes países como a Holanda, a França e os Estados Unidos. Uma dessas mudanças mais marcantes é a subdivisão do espaço da casa em vários ambientes. Além disso, reflete sobre a ideia de conforto e de como o desenvolvimento de um mobiliário confortável que estimulasse o prazer de ficar num lugar influenciou o processo de desenvolvimento de uma reflexão sobre si. (Cf. RYBCZYNSKI: 1996) Para o contexto brasileiro, há vários textos que se debruçaram sobre essas mudanças, como o livro *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia* de Francisco Salvador Veríssimo e William Seba Malmann Bittar, ou ainda *Alvenaria Burguesa e Cozinhas, etc.* do arquiteto Carlos Lemos. A coleção *História da Vida Privada no Brasil* também trata desse tema, ao longo de seus quatro volumes, que abrangem a história do país desde seu descobrimento até o final do século XX. O livro *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*, de Maria Cecília Naclério Homem, mostra as transformações pelas quais passou a casa burguesa na cidade de São Paulo no momento do fim do século XIX e início do século XX.

aspectos da construção da identidade nos segmentos populares pertencentes a uma favela na cidade de São Paulo.

Estudar a casa como local de construção da identidade, não significa achar que ela seja o único espaço onde essa construção é possível – pois isso não é verdade – e nem que ele seja o espaço mais importante – o que também não é. Mas não há estudos que abordem a relação das pessoas com os objetos da casa como mais um elemento na compreensão dos processos de construção de identidade. Há até trabalhos¹⁴ que mostram a casa como elemento importante na construção das identidades, mas mesmo nesses estudos ela é pensada de uma forma geral, sem haver uma análise da apreensão dos diversos espaços e muito menos da relação das pessoas com os objetos que ali estão.

O estudo realizado no mestrado levou-me a querer verificar até que ponto os resultados alcançados podiam ser ampliados para outros estratos. Como se dará a relação com o espaço da casa para pessoas pertencentes às camadas populares? Se, nos segmentos médios, há espaços bem delineados a partir dos quais as pessoas podem se expressar espacialmente, como fica isso em grupos em que o espaço da residência é diminuto?

Foi possível verificar na apreensão da casa pelos segmentos médios uma sobreposição de funções muito interessante no que se refere aos cômodos e ao seu uso.

Se isso já ocorre entre os segmentos médios (Cf. SCHRIJNEMAEEKERS: 2002), que possuem espaço para subdivisão das funções dos ambientes, o que se dirá das camadas populares?

Nesse estudo foi ainda possível constatar que a privacidade não está *só* relacionada com a difusão de valores e atitudes, mas também com as possibilidades *financeiras* de concretizá-la. Ela depende tanto de uma maior *divisão de espaço*, ou seja, da possibilidade de ficar sozinho num cômodo, como da *reestruturação das relações de poder*, porque ter privacidade significa, entre outras coisas, ter o *direito de fechar uma porta*, um direito que só se adquire com amadurecimento e negociações internas nas famílias. Ao ter o direito de fechar uma porta, a pessoa pode não só escolher *quem* pode entrar ou não no seu quarto, mas também *quando* as pessoas podem entrar.

¹⁴ Como, por exemplo, o texto de Cecília Anne McCallum e Vania Bustamante Parentesco, *gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia* apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém (Pa), que pensa a casa como categoria analítica, mas não a analisa enquanto materialidade, num estudo sobre a apreensão do espaço da casa. Sua discussão está focada no parentesco e na necessidade de pensar a construção da identidade nas camadas populares não pela família, mas, sim, pela casa. Outro ponto interessante de seu trabalho é a crítica que faz a autores como Roberto da Matta (1987) e Cynthia Sarti (2005) que não concebem as casas das populações de baixa renda como lugares em que projetos individuais possam ser construídos, mas sim, espaços em que o grupo tem predominância sobre o indivíduo.

Verificou-se que, no caso das famílias das camadas médias, o direito à privacidade está intimamente relacionado ao respeito dos pais pelo amadurecimento do filho. Portanto, a privacidade também implica *confiança*. Os pais confiam em seus filhos, no que seus eles vão ou não fazer à portas fechadas.

Mas, nas camadas populares, muitas vezes não há portas a serem fechadas. Os filhos dividem os quartos com vários irmãos. Sala e cozinha unem-se formando um só ambiente. Nesse sentido, será possível a privacidade? Ainda mais importante, será que as pessoas almejam isso? Ou seja, a busca (ou não) pela privacidade é realmente assunto importante, a ser colocado para uma reflexão a respeito dos estratos populares? A pesquisa empírica com pessoas pertencentes a esse estrato mostrou que sim e nos capítulos que se seguem esse tema será abordado.

Com base nessas preocupações iniciais, o objeto de estudo do presente trabalho são as relações entre os moradores com os espaços e com os objetos usados no preenchimento da casa. Trata-se de compreender como se dão os processos de construção e expressão da identidade desse segmento da população, a partir de sua relação com a casa em que moram mediante a forma pela qual se apropriam e se relacionam com os espaços da casa e com os objetos nela contidos.

Mais uma vez, minha principal preocupação é refletir sobre as possibilidades da compreensão das relações sociais a partir de uma análise das relações das pessoas com o espaço e com os objetos que usam para preenchê-lo. São essas as possibilidades analíticas que me interessam e, para isso, a pesquisa cruza espaço x objeto x representações.

A hipótese do trabalho é a de que o espaço da casa expressa processos de construção da identidade. Isso significa que a forma pela qual o espaço é dividido e subdividido põe a nu processos de construção das identidades assim como o preenchimento do espaço com objetos também é expressão desses mesmos processos.

Esta pesquisa entende que os membros de uma mesma casa não se relacionam com o espaço da mesma forma. Na verdade, o trabalho partiu da possibilidade de que o espaço da casa seja negociado, renegociado e apreendido, de acordo com os projetos individuais. O lugar dos objetos, a escolha de quais devem ser expostos e quais não devem ficar visíveis mostra justamente esse jogo de tensões, como operam as relações de poder em torno da organização e preenchimento dos espaços, de acordo com os projetos individuais, e, por consequência, como manifestam a estruturação das relações de poder naquela casa¹⁵.

¹⁵ Na pesquisa de mestrado com os segmentos médios isso ficou claro, principalmente pela análise dos objetos expostos. Várias estratégias existem em torno deles. Por exemplo, há aqueles que são ganhos de outros, mas

As residências serão observadas enquanto *figurações, entrelaçamentos de relações em permanente mutação*, em que indivíduos em diferentes posições e com diferentes aspirações se relacionam entre si e com outras figurações (como o ambiente de trabalho e os amigos, por exemplo). Isso é expresso de modo mais claro se os moradores forem diferenciados em termos de pais (avós ou tios), filhos (netos ou sobrinhos) e possíveis agregados (noras, genros e outros parentes)¹⁶.

A tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro, *O campo na Nova Jaguaré* é explicado como foi feita a escolha dessa favela como local de pesquisa e o impacto sofrido quando lá entrei pela primeira vez. Depois, é explicada a montagem do roteiro de entrevista. É apresentado o perfil dos entrevistados, em termos de sexo, idade, escolaridade, ocupação, número de pessoas e posição na família, bem como uma primeira aproximação com as famílias, por meio de breve descrição de suas casas. Por fim, é apresentada discussão sobre o papel da estrutura de oportunidades local na realização e confecção de projetos pessoais.

No segundo capítulo *Construção do problema de investigação*, são estabelecidos os princípios teóricos que nortearam a construção do problema e que serviram de base para a análise. Ele subdivide-se em três partes: a) A casa como teia de interdependências: como figuração; b) A casa como resultado de um projeto; c) A importância da análise dos objetos no estudo das interações sociais. Já o capítulo 3, *Entre os dados censitários, o imaginário popular e a pesquisa de campo: onde estão e quem são as camadas populares?* começa com uma definição de camadas populares e com a apresentação do que é entendido por esse termo neste trabalho, bem como sobre uma reflexão a respeito de sua presença no Brasil, hoje. Depois se procura explicar e contextualizar o processo de favelização pelo qual as grandes cidades no Brasil têm passado, bem como refletir sobre quem são os moradores das favelas, de forma a desmistificar o imaginário estabelecido desde o século XIX e presente até hoje no senso comum, de que as favelas são ocupadas principalmente por bandidos de toda sorte. Por fim, no último item – *A favela da Nova Jaguaré em dados* – procurou-se estabelecer uma primeira apresentação do perfil geral da favela Vila Nova Jaguaré comparando-a tanto com outras favelas na região, como com as maiores favelas de São Paulo.

não servem para o projeto da família: ou são guardados para serem presenteados, ou são expostos em lugares considerados pouco importantes, ou, ainda, podem ficar certo tempo expostos e depois ‘casualmente’ se quebrarem – ‘o que é uma pena’ conforme afirmaram maliciosamente as mães – ou são ‘casualmente’ guardados. Vale a pena ainda dizer que os vários membros da casa reconhecem essas estratégias e sabem qual é a importância de um objeto pelo local e contexto em que está exposto (Cf. SCHRIJNEMAEKERS, 2002).

¹⁶ Vários estudos a respeito do tema da família mostram que existem oposições de gerações. Ver, por exemplo, o estudo de Salem (1980) a respeito das representações sobre a distribuição de papéis em famílias de camadas médias urbanas do Rio de Janeiro e como isso varia tanto entre gerações como entre os gêneros.

O capítulo 4 *A casa é boa para pensar* procura analisar a casa sob diferentes pontos de forma refletir sobre a casa a partir de vários aspectos: há uma reflexão sobre os sentidos da casa, a questão do público e do privado, da agência familiar sobre o espaço doméstico e da influência deste sobre as pessoas além de uma reflexão a respeito da questão da privacidade e da singularidade nas casas estudadas. No quinto capítulo *Processos de construção da identidade* refletiu-se sobre a casa da infância e os projetos pessoais por fim a análise se centra na relação das pessoas com os objetos. Dentre as análises feitas há toda uma seção dedicada às fotografias.

No mestrado, a reflexão de Georg Simmel sobre a ponte e a porta inspirou a minha sobre a janela e a sacada. No doutorado, a água do chuveiro, a música alta que as pessoas ouvem em casa e a escuridão da noite, entre outros fatores serão analisados.

Para tal empreitada, os jovens e os adultos – as várias gerações - foram considerados. Do mesmo modo, os vários papéis que as pessoas desempenham foram levados em conta. Todos os espaços foram observados – sala, corredor, cozinha, quarto, banheiro– bem como os objetos aparentes: retratos, quadros e televisões; enfeites, estantes, mesinhas e bíblias; e também os componentes desse espaço – as janelas e as portas, mas principalmente as paredes. Cuidados especiais foram conferidos às falas, aos olhares, às pausas, ao fluxo do raciocínio, à construção e reconstrução da memória, às relações, aos conflitos, aos anseios, aos desejos e aos valores.

O olhar foi, mais uma vez, múltiplo, pois múltiplos foram os ângulos de observação, múltipla é a realidade, múltiplas são as relações, múltiplas as figurações. É com essa multiplicidade que o sociólogo *deve sempre trabalhar*, considerando a variedade possível de apreensões e de significados, sem procurar fugir da complexidade ou acabar com ela, ao contrário. Mesmo que intimamente saiba que nunca irá decifrá-la totalmente, que nunca poderá entender aquilo que por definição é inapreensível na sua totalidade. É imbuído do olhar simmeliano que o presente estudo se propôs: levar em conta o tempo, a casa, a memória, os usos, os costumes, os papéis, o indivíduo, a pessoa, a privacidade, o povo, o Brasil.

Capítulo 1

O campo na Nova Jaguaré

Este capítulo é voltado para a explicação de como foi planejada e como se deu a pesquisa de campo empreendida na Nova Jaguaré. São descritos os primeiros contatos com as famílias, os problemas do campo e como eles foram enfrentados. Ele está dividido em seis seções. Na primeira, “*Entre mais de mil por que a Nova Jaguaré?*”, é explicado o processo de escolha da favela Nova Jaguaré entre tantas favelas existentes no município de São Paulo. Já na segunda seção, “*Da Viela dos Macacos para os seres humanos que moram ali*”, é tratado o impacto sofrido quando entrei pela primeira vez na favela. A terceira parte, “*O roteiro de entrevista*”, é dedicada a explicar como foi montado e como está dividido o roteiro de pesquisa. A quarta, “*O perfil dos entrevistados*”, procura descrever os entrevistados, em termos de sexo, idade, escolaridade, ocupação, e o número de moradores da casa. A quinta parte, “*Descrição das moradias*”, procura estabelecer uma primeira aproximação com as famílias por meio de uma breve descrição das casas onde vivem. Por fim, a sexta seção procura explorar a questão da estrutura de oportunidades e sua importância para os entrevistados.

1.1. Entre mais de mil, por que a Nova Jaguaré?

A cidade de São Paulo tem mais de 1000 mil favelas, desde as novas, com menos de um ano, até aquelas com mais de quarenta anos. Há algumas com pouquíssimos domicílios e outras maiores do que muitas cidades brasileiras. Há as periféricas e as centrais. Favelas que já foram urbanizadas, em que só falta resolver a questão da posse da terra, e outras nas quais as pessoas precisam satisfazer suas necessidades em latas e jogar os despejos em córregos, como pude presenciar.

Logo, como escolher uma dentre tantas? De uma forma geral, as favelas, principalmente as maiores, são espaços heterogêneos (SARAIVA e MARQUES, 2005). A partir da preocupação de que as camadas populares são heterogêneas e disposta a dar conta, minimamente, dessa heterogeneidade, ainda que num trabalho essencialmente qualitativo, um bom caminho foi procurá-la nas grandes favelas de São Paulo, pois, nas menores, pode ocorrer a concentração de pessoas sob determinadas condições de vida.

Um estudo sobre Paraisópolis (Cf. ALMEIDA e D’ANDREA, 2005), a segunda maior favela da cidade de São Paulo, com 17.159 domicílios, aponta a existência de heterogeneidade não só entre favelas, mas também no interior delas, com áreas mais e menos urbanizadas, pessoas com maior e menor poder aquisitivo.

Foi assim, em parte, que cheguei à favela Nova Jaguaré. Na verdade, a primeira que pensei em pesquisar foi a Chácara Bela Vista, perto da Marginal Tietê, na zona leste. Desisti dela por duas razões: em primeiro lugar e mais importante, ela era fortemente vigiada pelo tráfico, que exercia tal poder em seu interior, que seus próprios habitantes, moradores de área fora da influência do tráfico tinham de pedir permissão para entrar ali e não circulavam por aquela parte. Isso acabaria dificultando o trabalho de campo e colocando minha segurança em risco sem necessidade. Quando fui visitar a favela tive de caminhar acompanhada por duas moradoras: a primeira que eu conhecia, agente comunitária de saúde, moradora da parte mais antiga e a outra, também agente comunitária, que morava na parte nova, dominada pelo tráfico. A primeira não conhecia e nem queria se locomover na parte dominada pelo tráfico; a outra ligou para os traficantes, para pedir autorização para a nossa entrada. Enquanto caminhávamos, ela me explicava a história do lugar e as condições de vida dos moradores. Passamos por homens agachados usando celulares e *walk-talkies*. O desconforto da própria moradora que não residia na área fez-me ver que seria muito difícil eu conseguir caminhar com a liberdade necessária para poder desenvolver o trabalho de pesquisa.

Outro ponto que, definitivamente, acabou com a idéia de desenvolver a pesquisa naquele espaço foi o fato de essa favela ter sido praticamente desmantelada pela prefeitura antes de iniciar a pesquisa de campo, o que acabou por inviabilizar a empreitada.

De qualquer forma, aquele primeiro contato foi extremamente impactante, pois pude constatar, *in loco*, a heterogeneidade que pode existir no interior de uma favela. Pude passar por barracos, em que as pessoas faziam suas necessidades em latas e jogavam os dejetos num córrego ao lado,¹⁷ e tomar café numa casa do outro lado da favela, em que a residência não só tinha todos os eletrodomésticos que podem ser encontrados nos segmentos médios, entre eles geladeira e forno de microondas, como o armário da cozinha tinha uma parte exposta em vidro onde estavam jogos de xícara totalmente novos, junto a taças de licor.

A favela Nova Jaguaré foi escolhida por duas razões: a primeira foi o seu tamanho avantajado que, com certeza, me garantiria entrar em contato com pessoas que estavam em diferentes condições de vida; a segunda razão estava ligada à facilidade de acesso ao local. Ela situa-se relativamente próxima de minha residência, e durante o período da maior parte da coleta de dados, podia facilmente chegar até ela gastando mais ou menos vinte minutos de carro, o que em termos das distâncias paulistanas significa: bem perto. A pouca distância facilitaria (e facilitou) as visitas e também ajudava na aproximação das pessoas – pois elas

¹⁷ Uma das moradoras que me acompanhava disse-me isso.

sempre queriam saber onde eu morava e, quando dizia que era perto, essa resposta sempre as deixava visivelmente mais tranquilas e relaxadas em relação a mim¹⁸.

O acaso também me ajudou. Tive a sorte de conseguir alguém para levar-me ao local e apresentar-me às primeiras famílias. Uma senhora (sogra de um professor que era meu colega numa das faculdades em que leciono) acompanhou-me na primeira ida a campo. Foi dessa maneira que ocorreu a escolha da favela Nova Jaguaré.

1.2. Da Viela dos Macacos para os seres humanos que moram ali

O relevo acidentado dessa favela, comparado ao aspecto plano da outra, situada às margens de um rio, logo me chamou a atenção, fazendo-me lembrar das imagens das favelas cariocas.

A senhora em questão mora no entorno da favela e é conhecida por seus moradores, em virtude de seu trabalho na pastoral da Igreja Católica da região. A entrada foi extremamente impactante, a começar pelo nome pelo qual a rua em que entramos era popularmente conhecida pelos moradores da região – “Vielas dos Macacos”. Instantaneamente pude perceber o mau juízo que essas pessoas sofrem em seu dia a dia, quando até as ruas de acesso recebem denominações pejorativas e preconceituosas. Não entram carros nessa viela, mas ela possui nome de rua, como em outras ruas da cidade. Uma moradora referiu-se à viela pelo nome oficial e não pela denominação pejorativa, numa clara tentativa de dar mais respeitabilidade ao local.

A senhora, que estava falando, fechou o semblante ao entrar na favela. Não olhou para os lados e seguiu em frente. Antes de chegarmos à casa em que ela queria me apresentar a moradora, um rapaz em mangas de camisa e calça social interpelou-nos e perguntou de onde éramos. Ela disse que era da pastoral; isso pareceu satisfazê-lo, pela forma com a qual se despediu, louvando a Deus. Pelo louvor e pelas roupas sociais, que destoavam das roupas dos outros moradores locais (que estavam todos de bermuda e camiseta ou regata), em plena tarde quente de domingo, pode-se pressupor que ele era membro de alguma Igreja Evangélica.

Nesse dia, fui apresentada a duas pessoas que hoje me são queridas: Dona Cacá e Luizinha¹⁹. Ambas foram muito gentis e prestativas. Queriam até participar das entrevistas

¹⁸ Durante a pesquisa do mestrado o mesmo ocorreu. As pessoas ficavam visivelmente mais tranquilas quando afirmava que morava próxima a elas, sorriam e o semblante relaxava. Houve sempre tanto no doutorado como no mestrado, uma espécie de aprovação silenciosa ao saber que eu residia no bairro vizinho, como se morar perto fosse uma forma de estabelecer laços de uma vizinhança estendida.

¹⁹ Todos os nomes das pessoas são fictícios.

naquele momento. Mas eu preferi marcar outro dia e aproveitar essa tarde só para conhecê-las. Ambas me mostraram, desde o início, o quão heterogêneo era aquele espaço, apesar de serem moradoras da mesma rua.

A primeira era uma senhora muito simples sentada numa cadeira na porta de sua casa. Esta era escura e com um odor peculiar de mofo. Havia ali um ventilador que, pelo aspecto, há muito tempo não era ligado, pois estava coberto por uma camada de pó e fora da tomada. Se, em parte, provavelmente estavam esperando o melhor momento para levá-lo para consertar, por outro, ele também servia de enfeite. Outro enfeite significativo dessa casa é a imensa imagem de Nossa Senhora, repleta de enfeites, como os fios que enfeitam as árvores de Natal. Praticamente analfabeta (fato que descobri na entrevista que fiz depois, no teste do roteiro), morava com o marido, a neta e, temporariamente,²⁰ com a filha, o genro e outra neta.

A segunda moradora, extremamente articulada, era formada em Pedagogia e trabalhava num centro educativo local. Sua casa era ampla e clara, muito diferente da anterior. Tornou-se a casa 1 da pesquisa. O tamanho de sua televisão era assustadoramente grande (algo de impressionar quem entra numa loja e vê o tamanho imenso de algumas telas que são vendidas). Eis uma pequena amostra, já no primeiro dia, da heterogeneidade que encontraria pela frente.

Depois dessa primeira incursão acompanhada, passei a frequentar a favela sozinha (inclusive com meu carro), às vezes por vielas bem estreitas ou ruas tidas pelos próprios moradores como “perigosas”. Nunca pedi autorização para entrar. Perguntei para os primeiros entrevistados e para o padre local, que me olhou com cautela e estranheza, se isso era preciso, pois sabia que essa prática era comum; afinal, eu já tivera essa experiência na outra favela. Todos me disseram que não. Afirmaram que as coisas tinham mudado e que eu não deveria me preocupar.

Na verdade, com o tempo, pude perceber que ali, realmente, o tráfico não era um problema tão explícito como em outros lugares; nunca vi ninguém com armas à mostra ou olheiros com *walky-talkies*. Só presenciei o passe de drogas depois de vários meses de

²⁰ A neta não morava com a mãe desde que esta arranhou um novo marido. Em outubro de 2009, uma parte da favela pegou fogo e as pessoas que ali residiam perderam suas casas. Foi o caso da mãe da jovem que, depois, morou temporariamente mais ou menos três meses com a mãe, após o que encontrou outro barraco. Essa casa serviu como teste do roteiro de entrevista e a situação que encontrei ali não vi depois em nenhuma das outras casas visitadas. Durante minha entrevista com a senhora, não só uma vizinha se sentou próxima, como o genro arrumava desculpas para entrar na sala e ouvir a entrevista. Ele estava se arrumando para sair e a vizinha começou a gritar com ele que não deveria fazer isso e sim ficar com a mulher em casa. Chamou por Jesus e ele disse que não acreditava em Cristo, mas sim no diabo. A senhora entrevistada, apesar de visivelmente incomodada, não deixou de responder as questões e eu achei que não cabia a mim interromper a entrevista, se a depoente prosseguia como se não houvesse a discussão ali na nossa frente. A situação foi extremamente constrangedora.

pesquisa, mas isso por causa de meu olhar atento; não sei se outros teriam notado a discreta entrega de cocaína. Mas isso não significa que a favela não tenha nenhuma boca de fumo. De fato, ela possui várias bocas. Mas a discrição é bem grande.

Luizinha, a mãe C1²¹, explicou-me que, num sábado, depois de um forró, em sua rua, encontrou cápsulas defronte a sua casa, que fica na entrada de um beco, ao lado de um templo da Assembléia de Deus, e uma vizinha explicou-lhe que as pessoas jogavam ali as cápsulas das drogas usadas.

Também percebi que as pessoas não ficavam à vontade para conversar sobre o tráfico e que escolhiam com cuidado as que deveriam ser entrevistadas, de forma a não indicar nenhuma família vinculada a essa atividade. Lembro-me de uma vez, depois de uma entrevista, em que estava conversando com uma entrevistada sobre a possibilidade de ela indicar-me outra pessoa e ela lembrou-se de uma cabeleireira do bairro. Na mesma hora, meus olhos brilharam – “Oba! Conhecer uma cabeleireira! Imagine quantas pessoas, que frequentam o salão, ela poderia me indicar!”. Porém, para minha decepção, ela logo descartou a conhecida; as desculpas dadas para o descarte dessa possível entrevistada eram extremamente frágeis, e passavam por explicações como “ela trabalha muito e não terá tempo. Foi uma besteira pensar nela” e dada a minha insistência: “imagine!! Posso entrevistá-la um outro dia e ela pode me apresentar outras pessoas”, ela finalmente me explicou que o filho da cabeleireira estava ligado às drogas e que não seria uma boa ideia entrevistá-la.

Disse-lhe que da minha parte não havia preconceito algum, com usuário ou traficante, e que a entrevista ocorreria tal como estava acontecendo com sua família; além disso, que seria até interessante poder entrevistar alguma pessoa envolvida com o tráfico. Mesmo assim, ela conversou francamente comigo e disse que não era bom fazer essa entrevista, mas que indicaria outra amiga que estava para se mudar da favela.

Essa amiga forneceu uma entrevista fantástica, creio que principalmente pelo fato de estar deixando a favela, sentiu-se à vontade para falar sobre os problemas dali. Ela ainda me indicou o seu irmão, que mora nos prédios ao lado da favela, como entrevistado, o que me alegrou muito pois desejava contatar alguém que morasse nos apartamentos dos conjuntos habitacionais²². Um pequeno detalhe que descobri, ao entrevistá-la e a filha, foi o fato de seu

²¹ Ao total participaram da pesquisa famílias pertencentes a quatorze casas. As famílias serão nomeadas pela letra C de casa e serão numeradas de 1 a 14. Desta forma há a casa C1, casa C2, casa C3.... até a casa C14. Os membros das casas serão designados números que correspondem a sua casa. Assim, na casa C1 há o Pai C1 a Mãe C1, o Filho C1 e a Filha C1 de tal forma que o leitor possa saber quem é a pessoa ao qual o trabalho se refere e a qual casa ela pertence.

²² É comum em grandes favelas da cidade de São Paulo a existência de conjuntos habitacionais próximos a favelas.

irmão ser um ex-traficante, sobrevivente de duas condenações. Indiretamente, aquela moça (Filha C5) conseguiu-me uma entrevista com alguém (Mãe C6) que já havia tido alguma relação com o tráfico (seu irmão Pai C7). Fiquei extremamente grata pela dica.

A vontade de entrevistar pessoas ligadas ao tráfico estava ligada à busca da heterogeneidade. A maioria dos estudos sobre favelas procura considerar apenas os “trabalhadores”, mas e as outras pessoas que também fazem parte da comunidade, e “empregam” e seduzem muitos jovens? Também fazem parte das camadas populares e ignorá-los é deixar de lado parte dessa população que, apesar de muito pequena do ponto de vista numérico, exerce poder sobre os outros, pelo fascínio ou pelo medo.

1.3. O roteiro de entrevista

É fato que em todos os níveis da sociedade brasileira ocorrem, cada vez mais, arranjos familiares flexíveis²³. Por isso não foi estabelecido um padrão de família como objeto de captação. É comum a coexistência de várias famílias num mesmo domicílio (filhos casados morarem com seus pais e crianças), a presença de famílias extensas (sobrinhos morarem com tios), de famílias monoparentais (mães solteiras, viúvas ou separadas com seus filhos), entre outros tipos, como a família nuclear formada pelo casal e seus filhos. Portanto, restringir o estudo a uma determinada configuração familiar, como a das famílias nucleares, acabaria por prejudicar a compreensão dessa camada da população cuja diversidade de arranjos é tão rica.

O objetivo inicial era entrevistar o maior número de moradores de dez casas com mais de dezesseis anos²⁴, incluindo os agregados. Afinal, a condição particular de agregado pode fornecer um olhar privilegiado sobre aquela residência. É verdade que a literatura sobre o tema²⁵ mostrou que ele não estabelece projetos em relação àquela casa e que tanto ele como os outros moradores encaram sua situação como provisória. Entretanto, pode dizer muito sobre a relação dos projetos individuais e o projeto familiar – e pode, inclusive, ser

²³ Atualmente os autores que tratam do tema das camadas populares procuram frisar a heterogeneidade de formas que a família assume no interior dessas camadas. Ver, por exemplo, o livro *A família contemporânea em debate*, organizado por Brant de Carvalho, resultado de uma mesa redonda interdisciplinar realizada em 1993, que mostra como profissionais das mais diversas áreas, como Antropologia, Psicologia, Serviço Social e Sociologia compartilham tal olhar sobre a família, seja ela das camadas populares ou dos segmentos médios.

²⁴ O jovem nessa idade já pode refletir sobre o local em que mora de forma mais profunda. Ele já tomou ou está tomando consciência de suas limitações e começou a querer redefinir sua relação com os pais. Está tornando-se adulto e pode passar a reivindicar um novo *status* quanto às decisões que são tomadas na casa. Enquanto criança, sua opinião – se possuía uma – sobre os lugares, os móveis e o preenchimento não eram pertinentes. Agora, procura estabelecer uma nova relação com a família e, conseqüentemente, pode mudar o modo de relacionamento com o espaço.

²⁵ Ver por exemplo, Macedo (1985) e Sarti (2005).

questionado quanto ao seu projeto. Somente em uma das casas havia um agregado no momento da entrevista— casa C2 —, em que a irmã de quinze anos da Mãe C2 morava com ela, o marido e o filho do casal²⁶. No mais, todas as outras casas participantes da pesquisa são constituídas por famílias composta ou por arranjos monoparentais (casas C4, C5, C6, C9 e C11) ou arranjos nucleares compostos de pai mãe e filho(s) (C1, C3, C7, C8, C10, C12 e C13). Há ainda o caso particular da casa C14 em que moram três irmãos.

Para entender as casas, partiu-se do ponto de vista de que não se poderia entrevistar apenas um de seus habitantes, pois, como parte de um sistema relacional, ela se constitui enquanto tal a partir das interações de várias pessoas, sempre imersas em *figurações*, em *teias de interdependência*, que ligam umas às outras. A casa, portanto, é o resultado dos diversos "olhares" dos que ali moram e interagem.

As entrevistas foram *gravadas* e realizadas *individualmente na casa do entrevistado*, na medida do possível. Logo no início pude perceber que me fechar num cômodo ou ter uma privacidade maior para entrevistar as pessoas era algo praticamente impossível. A maioria das casas, apesar de ter os vãos das portas, não possui nenhuma separação formal entre os ambientes, para além de um pano que serve como porta; assim, em muitas das entrevistas, familiares e vizinhos ficavam por perto. Também foi fácil perceber que as entrevistas em que foi possível estabelecer uma maior privacidade os entrevistados se sentiram mais à vontade para falar do que naquelas em que parentes estavam presentes. O tom da pessoa mudava quando havia algum parente próximo, bem como seu olhar seguia a pessoa que estava presente. Por outro lado, certas pessoas eram extremamente francas mesmo com vizinhos ou filhos ao lado. Como as alterações de comportamento eram extremamente perceptíveis e eram anotadas em minha caderneta de campo após as entrevistas isso não constituiu um problema para a análise.

Fiz questão que, na medida do possível, as entrevistas numa mesma casa fossem feitas em dias diferentes. Mas nem sempre isso foi possível; em casos excepcionais, tive de abrir exceções para pessoas que iam voltar a trabalhar e não teriam mais quase tempo para a pesquisa, ou as que tinham um horário de trabalho complicado e faziam questão de serem entrevistadas naquele momento. Realizar as entrevistas em dias diferentes me permitiu voltar várias vezes a mesma casa e foi uma estratégia interessante para poder entrar em todos os cômodos das casas diversas vezes.

²⁶ Meses depois de realizar as entrevistas com essa família, em uma visita, fiquei sabendo que a irmã voltou a morar com a mãe, pois esta retornara a São Paulo.

Não só entrevistei as famílias como, ao ir para a casa de uma família, passava às vezes para dar um olá numa outra casa que ficava no caminho. As várias idas ajudaram muito na observação do espaço. De fato, um grande problema no que se refere a esse ponto era o de *como observar a casa das pessoas*. Toda a construção teórica da pesquisa, bem como a hipótese e o recorte do problema exigiam uma pesquisa empírica na qual esse aspecto é um fator muito importante. Entretanto, como observar as casas?

No mestrado, essa questão foi resolvida – pois ali também se partiu da observação do espaço para o entendimento das interações – por meio da elaboração de entrevista, com uma dinâmica própria, com as seguintes características²⁷:

1) Primeiro deveriam ser respondidas as *questões fechadas* referentes à obtenção dos dados gerais do entrevistado, como, por exemplo, idade, local de nascimento, profissão dos avós e grau de escolaridade, que, por serem mais genéricas, tendem a deixar o entrevistado mais à vontade.

2) Na segunda parte, foi pedido ao entrevistado que mostrasse sua casa, cômodo por cômodo e que falasse a respeito de cada um enquanto estivéssemos dentro dele. Eu fazia perguntas a partir do que podia observar em cada um dos locais. Foi feita, portanto, uma entrevista não diretiva. Nesse tipo de entrevista, a função do pesquisador é muito mais a de um ouvinte atento do que a de um entrevistador inquisitivo. O seu objetivo é o de deixar o entrevistado ter a maior liberdade possível para responder sobre os temas de estudo, com um mínimo de orientações ou perguntas diretas (SELLTIZ, p. 299-300).

Essa parte da pesquisa foi muito importante, porque não era possível realizar observação direta do modo como se relacionam entre si no espaço. Esses momentos foram aproveitados para observar a disposição dos móveis, os objetos de uso e adorno (por exemplo: posters, porta-retratos, CDs, santinhos, fotos, etc.), para compreender quais são mais significativos e como expressam valores, afetividade, a relação com as outras pessoas, com o espaço e os projetos familiares, questionando-os a respeito.

3) Finda a visita aos cômodos, a entrevista prosseguia, mais estruturada, para entender como um aspecto da trajetória de vida do depoente, a relação com o espaço da casa, por

²⁷Conforme Howard Becker “a metodologia é importante demais para ser deixada na mão dos metodólogos” (1999, p. 17). Ainda, conforme o mesmo autor, “(...) toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico que, em aspectos importantes, não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes. Os princípios gerais encontrados em livros e artigos sobre metodologia são uma ajuda, mas, sendo genéricos, não levam em consideração as variações locais e as peculiaridades que tornam esse ambiente e este problema aquilo que são de modo único. Assim, o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde *ele* está e resolve os problemas que *ele* quer resolver” (p.12-13). Foi exatamente isso o que foi feito no contexto do mestrado e repetido novamente no doutorado.

intermédio de suas lembranças a respeito do lar de origem, a convivência com os familiares no espaço, sua infância e sua relação com a casa atual. Nessa parte da entrevista, abordaram-se tanto *questões gerais*, visando à reconstrução da relação do entrevistado com a casa (de origem, atual e futura), como *questões específicas* para cada tipo de entrevistado – se cônjuge, filho(a) ou agregado –, pois se acredita que entender a memória em relação à casa é um caminho importante para compreender os rumos da construção da identidade da pessoa²⁸.

O roteiro não foi encarado como uma amarra a ser seguida, mas sim como mecanismo que permitisse comparabilidade entre as entrevistas, por isso sempre que achava necessário perguntas adicionais eram feitas para melhor entender uma resposta ou aprofundar um tema. Pela minha experiência, acredito que nem sempre as questões mais específicas sejam as melhores. Era necessário contornar um conjunto de temas aparentemente sem importância – como os sonhos deixados e os realizados – ou questioná-los sobre os seus sentimentos, para estimulá-los a falarem sobre o tema. A palavra projeto é uma categoria analítica da pesquisa e não necessariamente um termo nativo, por isso era mais importante fazê-los falar sobre si do que perguntar claramente sobre seus projetos.

O que interessava não era a vida da pessoa em si, mas a construção social da vida, ou seja, como a pessoa reflete sobre sua existência e a conta. A análise de aspectos da biografia da pessoa é o melhor caminho, na medida em que expressa essa construção. O sentido que a pessoa dá à sua trajetória é construído a partir dos valores que possui e do projeto que tem para si. A biografia de uma pessoa é a organização dos fatos considerados mais importantes por ela e é expressa numa narrativa. E é por intermédio dela que é possível compreender os projetos das pessoas, pois são eles que vão ajudá-la a ordenar o fluxo da trajetória e a compor a memória, a partir da seleção do que é ou não importante (VELHO, 1997).

Não basta que certo número de pessoas viva sob o mesmo teto para constituir uma família; também pessoas que moram em diferentes locais, mas mantêm contatos intensos, podem pertencer a uma mesma família. É o caso, por exemplo, da avó que mora sozinha, mas almoça todos os dias com os netos, na casa deles, ou a que cuida deles, na própria casa. Ou ainda a Mãe C13 que, mesmo morando numa casa com seu marido e a filhinha ainda se vê como membro da família da Casa C12. É por isso que a pesquisa trabalha a partir da categoria casa e não da família, pois uma família pode ser composta por mais de uma casa.

²⁸ O roteiro de entrevista com os pais encontra-se no Apêndice 1 e o roteiro com os Filhos no Apêndice 2 ao final do trabalho.

Uma família indicava a outra de tal forma que sempre havia alguma pessoa conhecida de uma família para outra²⁹. Ao entrar em contato com as famílias, eu mostrava uma carta de apresentação que não só me identificava e dava o número de meu telefone e dos meus documentos pessoais, como explicava em linhas gerais o que era a minha pesquisa e que as entrevistas seriam gravadas.

O teste do roteiro foi um recurso metodológico importante, pois possibilitou verificar se o caminho traçado para a observação atingiria os objetivos buscados. O roteiro era uma adaptação do que havia sido feito no mestrado, mas a entrevista com a primeira família, de Dona Cacá, levou-me a reorganizá-lo, pois ela não compreendia certas questões. Depois, o teste com Luizinha e a entrevista ficaram tão bons que foram incorporados à análise e a casa dela foi nomeada para fins de análise como Casa C1.

Apesar do objetivo inicial ser o de entrevistar apenas pessoas com mais de dezesseis anos, a vivência com as famílias levou-me, em determinados casos, a entrevistar jovens de quinze, treze e doze anos. Durante entrevista com a Mãe C6, sua filha de doze anos naturalmente começou a participar da entrevista e dar sua opinião sobre as respostas da mãe, além de dar a própria opinião sobre os assuntos como se fosse entrevistada, de tal forma que em poucos minutos sugeri entrevistá-las simultaneamente. A partir desse ponto a entrevista ocorreu ao mesmo tempo com a mãe e a jovem sempre expressando suas próprias ideias de forma firme. O mesmo aconteceu com a filha de quatro (!) anos da Mãe C10, que se mostrou adoravelmente desenvolta. Alguns jovens, mesmo os muito novos, às vezes se expressaram melhor do que outros com mais idade, como a filha de quinze anos da mãe C9 e que respondeu as questões com um sorriso nervoso de forma monossilábica. No caso da família que morava na casa C14, entrevistei os dois irmãos ao mesmo tempo a pedido deles e ali tudo também correu bem.

²⁹Uma breve descrição de como conheci as famílias mostra o entrelaçamento das figurações. É preciso lembrar que, para entrar em contato com as pessoas foi usada a técnica da bola de neve, segundo a qual um informante indica outro. Por isso, há núcleos que se conhecem e núcleos que não se conhecem. As famílias C1, C2, C3 e C5 conhecem-se, porque a filha do casal C1 é cunhada do pai C2 e da mãe C3, que são irmãos. A mãe C3 faz faculdade e conhece a filha C5 que frequenta o mesmo curso, na mesma sala. E a mãe C1 conhece a família C5, pois moram na mesma rua. A mãe C5 é mãe da mãe C4. E a filha C5 indicou a amiga, mãe C6. Esta indicou o irmão, pai C7, que mora nos prédios (era lixeiro e ex-traficante). Sua mulher, Mãe C7, indicou a Mãe C8, que também mora nos prédios, e esta, a sua própria mãe, C9, que mora na favela. Como o jovem C10 estava na casa da mãe C9, apresentei-me a ele e pedi o seu auxílio para conhecer outras pessoas; assim, cheguei na casa da sua Mãe, casa C10, que fica em outra rua, e na casa da sua namorada, Filha C11, que fica quase ao lado da casa C9 onde o conheci. As casas C12 e C13 são indicações da mãe C10, que é vizinha da mãe C12 e que é mãe da mãe C13. A família C14 morava na parte de baixo da casa C9 e foi nessa casa que eu a conheci. Uma parte das casas está na parte alta da favela (C1, C2, C3, C4, C5, C6), outra, na parte baixa (C9, C11, C14), outras, ainda, numa parte intermediária na rua 4 de dezembro (C10, C12 e C13) e há duas casas nos prédios ao lado da favela C7 e C8.

É claro que, de uma forma geral, teria sido melhor fazer essas entrevistas separadas e sozinha, pois dessa forma poderia explorar com mais liberdade temas que as pessoas muitas vezes não querem abordar em público, mas isso não era possível. Entre deixar de entrevistar as pessoas em condições ideais e não fazer as entrevistas, a opção recaiu sempre pela primeira escolha, em parte também porque percebi que eu às vezes ficava mais constrangida com o que elas falavam tão naturalmente em público do que elas mesmas. Isso aconteceu, por exemplo, quando a Mãe C6 criticou de forma aberta e contundente as pessoas da favela, com uma vizinha ao lado que acompanhava atentamente a entrevista, mas que em nenhum momento a interrompeu para dar sua opinião (fato que não acontecia com sua filha que nos interrompia sempre, para ajudar a mãe em alguma pergunta que envolvesse a memória em relação a própria casa). O Pai C2, por exemplo, mudou sutilmente a entonação da voz e suas repostas ficaram mais institucionais como se seguisse um modelo a ser seguido, depois que sua esposa entrou na sala para acender a luz; enquanto ela estava na cozinha, ainda que não existisse uma porta separando os ambientes, suas respostas eram muito mais espontâneas.

A duração das entrevistas variou muito de entrevistado para entrevistado. No geral as entrevistas com os jovens ocorreram mais rápido do que com seus pais e duravam em média quarenta minutos. Contudo, a entrevista com a filha mais velha do casal C10 também foi demorada com pelo menos uma hora e meia de gravação. Já as entrevistas com os pais variavam de uma hora até quase duas horas e meia dependendo do entrevistado. Quase no final da entrevista com o pai C11 que durou mais de duas horas ele me disse que não era uma pessoa de muita conversa. Eu sorri para ele e disse “mas conversamos muito hoje” e ele respondeu “foi porque você me perguntou com tanta gentileza que eu fui respondendo”. Assim como no mestrado, também no doutorado as entrevistas com os homens se mostraram extremamente importantes e permitiram estabelecer uma intersecção entre suas vozes e as dos outros membros da casa.

Todas as entrevistas ocorreram num clima de cordialidade mútua. Em algumas a espontaneidade das crianças (Filha C6 com doze anos e filha mais nova C10 com quatro anos) me encantou e em outras a apatia e a falta de perspectivas de alguns jovens me assustou e preocupou. Isso ocorreu, por exemplo, na entrevista com a filha C9. A jovem, hoje com quinze anos, largou os estudos na sétima série depois de uma série de repetições e firmou que não tem sonhos para si quando questionada sobre eles. Ou o caso da Jovem C11 que também conta com quinze anos e disse que apesar de seu pai querer que ela faça uma faculdade, ela não vai tentar fazer de jeito nenhum, pois “quero apenas ter um bom emprego”.

Outros até se emocionaram ao falar sobre sua trajetória como a Mãe C5. Mulher extremamente calada e de poucas palavras, mas que deu uma entrevista muito interessante. Em outra casa, com a mãe C3 eu me emocionei tanto quanto ela e choramos juntas por razões diversas: ela por se sentir extremamente emocionada ao falar sobre sua infância e a violência sofrida pelo pai e eu pela sua generosidade em me contar detalhes tão íntimos da sua vida e permitir que eu fizesse uma boa entrevista, pois uma parte fundamental para contribuir na qualidade do trabalho dependia muito das informações obtidas em campo.

Outro recurso metodológico usado foi o de tirar fotos das casas. Nenhuma das famílias se recusou a deixar sua casa ser fotografada e mais uma vez generosamente abriram suas casas não só para os meus olhos, mas também para todos que irão ler o presente trabalho. As fotos não foram tiradas no momento das entrevistas, mas meses depois que quase todas já haviam sido concluídas. Isso foi feito dessa forma para que eu pudesse tirar fotos que me auxiliassem na análise que já estava fazendo a partir das visitas e entrevistas que havia feito. Ao tirar as fotos procurei em parte, destacar os cômodos e como se dá o arranjo de móveis neles, e em parte mostrar como também certos objetos que sistematicamente chamaram a minha atenção como os imãs de geladeira e as fotos expostas tanto nas paredes como em porta-retratos, estão sistematicamente presentes em diversas casas. Ou seja, procurei mostrar aquilo que recorrentemente chamava a minha atenção³⁰. A forma pelo qual um espaço podia ser dividido com móveis também foi algo que procurei destacar por meio das fotos. Elas expressam as escolhas que fiz em iluminar certos aspectos dos arranjos dos objetos que seriam importantes para a minha análise. Também devem ser entendidas como a forma que eu encontrei de mostrar essas casas para um público maior e o que é mais importante de tudo, o que eu vi destas casas e que gostaria de destacar como a composição dos arranjos das paredes, as cores usadas nas casas, a organização do mobiliário, entre outros.

Os arranjos familiares das camadas populares se reconfiguram com um dinamismo impressionante e por isso no intervalo de poucos meses várias das casas tinham se reconfigurado: a casa C14 não existia mais, pois os dois irmãos que moravam juntos haviam se mudado da favela, e a casa C8 também deixou de existir por conta da separação do casal. Por isso não foram tiradas fotografias destas casas. Também não foi tirada nenhuma foto da casa C6 pois conheci e entrevistei a Mãe C6 um dia dela mudar-se para um bairro mais distante. A irmã C2 deixou a casa e foi morar com a mãe. A filha C11 teve o seu bebê, uma das filhas C9 saiu de casa e o pai C8 foi morar com o irmão C9 na casa C14.

³⁰ Espero ainda que estas fotos estimulem outras pessoas a desenvolver análises do espaço das casas.

1.4 O perfil dos entrevistados

Elaborar um quadro com o perfil dos entrevistados não foi tarefa fácil, ao longo do doutorado as casas passaram por reconfigurações e assim arranjos familiares foram feitos (Jovem C12 saiu da casa dos pais para morar em casa alugada com o pai de sua filha formando a casa C13) e desfeitos (com a saída da jovem C12 de casa e de seu marido a casa C12 passou a ser composta apenas por pai, mãe e filha), pessoas se mudaram (Mãe C6 saiu da favela, Jovem C2 foi morar com a mãe que voltou do Nordeste, Filho C3 saiu de casa para morar com a avó, Jovem C9 saiu da favela para ir morar sozinha com a namorada e os irmãos C14 saíram da favela), outras nasceram (nasceu a filhinha da jovem C11) e houve até o caso de separações ocorrerem entre o momento das entrevistas e a volta meses depois para tirar fotos do local como foi o caso da casa C8. Tais alterações mostram como estas figurações são dinâmicas. Poder acompanhar tais transformações foi um privilégio e também uma grande sorte, pois me permitiu observar de perto o pulsar destas relações.

Quadro 1 Composição das casas por número de moradores, número de filhos e filhas			
Casa	Número de pessoas que moram na casa	Número de filhos	Número de filhas
C1	4	1	1
C2*	4	1	-
C3**	5	2	1
C4	2	-	1
C5	3	1	1
C6	4	1	2
C7	3	1	-
C8	3	1	-
C9***	4	2	1
C10	5	-	3
C11	4	-	1
C12 ****	3	-	1
C13	3	-	1
C14	3	2	1

* A irmã da Mãe C2 fazia parte da casa enquanto as entrevistas foram feitas ali. Mas, quando voltei para tirar fotos, fiquei sabendo que ela se mudara da casa com a volta da mãe, que estava morando no Nordeste, e deixou de integrar a casa C2. Optei por computá-la como moradora, pois, no momento das entrevistas principais com a família, ela participou, enquanto membro do grupo e moradora da casa.

** No caso da casa C3 os filhos são todos somente da Mãe C3.

*** No caso dessa família, depois de alguns meses, a filha mais velha que morava com a família mudou-se para outro bairro e não mora mais ali. No momento das entrevistas, havia conseguido conversar com todos os moradores à exceção dela. Quando voltei para terminar as entrevistas com família, fiquei sabendo que a moça havia saído de casa. E ela não está no cômputo de membros da casa.

**** No dia do meu primeiro contato, as casas C12 e C13 eram uma só, pois a Mãe C13 era filha da Mãe C12 e estava com a filhinha de dois meses e o marido morando na casa dos pais dela. Entretanto, poucos dias depois, saiu com o marido e a filhinha para morarem separados, mas ela ainda faz todas as refeições na casa da mãe, assim como lavou durante meses as roupas de sua família lá. Para fins de análise separei-os pela casa em que moram.

De acordo com o Quadro 1, acima, é possível afirmar que grande maioria das casas são compostas por três a quatro moradores.

O número de filhos que moram com os pais varia de um (Casa C2, C4, C7, C8, C11 e C13) até três (C3, C6, C10 e C9).

Ao longo das entrevistas, alguns arranjos foram modificados e foi preciso fazer escolhas (elas estão assinaladas com asteriscos). Se eu tivesse me fixado num tipo de arranjo doméstico, provavelmente não teria tido acesso a respostas que só a heterogeneidade pôde me mostrar e que serão analisadas nos capítulos que seguem.

Pela análise do Quadro 2 é possível entender que, em média, a escolaridade dos filhos é muito maior que a dos pais. Enquanto os pais, principalmente os mais velhos, com mais de quarenta anos (Pais C1, C10, C11 e C12), possuem no máximo o fundamental completo e muitos nem o terminaram, os pais mais jovens com idades entre 18 e trinta e poucos anos (C2, C3, C7, C8, C13) possuem quase todos o ensino médio completo. A exceção é o pai C7, que já foi traficante e só estudou até o ensino fundamental. Logo, é possível notar um aumento significativo da escolaridade dos pais mais jovens em relação aos mais velhos. Contudo, essa escolaridade não se traduz necessariamente sempre em ganhos maiores, em termos de rendimento médio mensal familiar. No caso do casal C2 ambos passaram por promoção em seus respectivos empregos e a renda familiar saltou de uma média de R\$1.500,00 reais para R\$2.400,00 num aumento de expressivos 60%.

No caso das Mães, foi interessante perceber uma preocupação maior com os estudos. A Mãe C1, por exemplo, conclui o curso de Pedagogia, assim como sua filha, o de Letras. As Mães C2 e C3, que são cunhadas, estão terminando o ensino superior: a primeira o de Tecnólogo em logística e a segunda o curso de Pedagogia, respectivamente. A filha da Mãe C1, formada em Letras é noiva do irmão da Mãe C3 e do Pai C2. Ou seja, a Mãe C3 é irmã do pai C2. Somente na casa C8 o casal possui a mesma escolaridade (ensino médio incompleto) em todas as demais casas onde há um casal (C1, C2, C3, C7, C10, C12, C13) a mulher possui maior escolaridade do que o marido não importa a sua idade ou a idade dele.

A Mãe C10 tem planos de entrar na faculdade de enfermagem logo que o marido tiver terminado de pagar o carro. Mas a gravidez inesperada de sua filha de 15 anos anunciada a

poucos meses pode adiar ainda mais seus planos de se tornar enfermeira. A filha C5 também está fazendo faculdade de Pedagogia. Entretanto, as filhas da Mãe C9, que é separada e cuida sozinha da casa, deixaram os estudos por conta de sucessivas repetições.

<p align="center">Quadro 2 Composição das casas, por casa, tipo de habitante, idade, escolaridade, ocupação e rendimento médio mensal familiar</p>					
Casa	Lugar na casa	Idade	Escolaridade	Ocupação	Rendimento médio mensal familiar
C1	Mãe C1	42	Superior Pedagogia	Professora	R\$ 5.000,00
	Pai C1	45	Fundamental	Dono de bar	
	Filha C1	21	Superior Letras	Professora	
	Filho C1	15	Cursando Ensino Médio	Estudante	
C2	Mãe C2	24	Cursando Tecnólogo em logística	Auxiliar operacional (hoje assistente administrativa)	R\$1500,00 (hoje R\$2.400,00)
	Pai C2	31	Ensino Médio	Ajudante de transporte (hoje coordenador de Transporte)	
	Filho C2	6	Cursando fundamental	Estudante	
	Irmã C2	15	Cursando	Estudante	
C3	Mãe C3	34	Cursando ensino superior em Pedagogia	Professora	Não informou
	Marido C3	33	Ensino médio	Não informou	
	Filha C3	13	Cursando ensino fundamental	Estudante	
	Filho C3	9	Cursando fundamental	Estudante	
	Filho C3	19	Não informou	Mecânico	
C4	Mãe C4	30	Ensino médio incompleto	Auxiliar de amoxarifado	R\$950,00
	Filha C4	12	Cursando fundamental	Estudante	
C5	Mãe C5	32		Desempregada (cozinheira)	R\$600,00
	Filha C5	50	Cursando pedagogia	Auxiliar de ensino	
	Filho C5	16	Cursando Ensino Médio	Estudante	
C6	Mãe C6	33	Médio completo	Cobradora de ônibus	Não informou
	Filha C6	12	Cursando o fundamental	Estudante	
	Filha C6	7meses	-----	---	
	Filho C6	2	-----	---	
C7	Mãe C7	31		Do lar	R\$1.800,00
	Pai C7	33	Ensino Fundamental	Lixeiro(hoje desempregado)	
	Filho C7	1ano	-----	---	
C8	Mãe C8	19	Ensino médio incompleto	Do lar	R\$850,00
	Pai C8	20	Ensino médio incompleto	---	
	Filho C8	3	-----	---	
C9	Mãe C9	39	Fundamental incompleto	Desempregada	R\$600,00
	Filha C9	15	Fundamental incompleto	---	
	Filho C9	17	Cursando o Ensino Médio	Recepção e auxiliar de produção	
	Filho C9	14	Cursando Fundamental	Estudante	
C10	Mãe C10	38	Médio completo	Cobradora de ônibus	Não informou
	Pai C10	49	Fundamental incompleto	Encanador industrial	
	Filha C10	19	Médio Completo	Desempregada	
	Filha C10	15	Cursando o ensino Médio	Estudante	
	Filha C10	4	Maternal	Estudante	
C11	Pai C11	57	Fundamental completo	Motorista	Não informou
	Filha C11	15	Cursando o ensino médio	Estudante	
	Namorado C11	18	Cursando o ensino Médio	Estudante	
C12	Mãe C12	39	Fundamental incompleto	Doméstica	R\$1.300,00
	Pai C12	48	Primeira série fundamental	Peixeiro	
	Filha C12	9	Cursando o fundamental	Estudante	
C13	Mãe C13	18	Médio completo	Do lar	R\$1.500,00
	Pai C13	22	Médio Incompleto	Entregador e auxiliar de plotagem	
	Filha C13	2meses	---	---	
C14	Irmão C14	25	Não informou	----	Não informou
	Irmã C14	22	Não informou	----	

Numa mesma moradia, a situação educacional dos filhos pode ser diferente. No caso da mãe C9, os dois rapazes estudam e as duas moças deixaram os estudos. Uma delas, com 15 anos, não estuda nem trabalha, enquanto o irmão, com dois anos a mais, tem dois empregos para ajudar a mãe com as contas da casa.

Os ganhos familiares também são muito díspares entre as residências: há desde a C1, que possui renda média mensal familiar em torno de R\$5.000,00, até outras, como as C5 e C9, que vivem com pouco mais de dez por cento desse valor.

As famílias de arranjos monoparentais chefiadas por mulheres (C4, C5, C6 e C9) estão em situação financeira muito pior do que aquelas em que os dois cônjuges contribuem, ou o caso da casa C1 em que também há um arranjo monoparental, mas chefiado pelo Pai C11, viúvo que mora com filha (agora a jovem está grávida do filho C10 e ele foi morar com eles).

1.5. Descrição das casas

Segue a descrição das casas entrevistadas. Tanto as descrições como as imagens não pretendem ser exaustivas e nem mostrar totalmente a casa. O intuito delas é fornecer um primeiro panorama descritivo e visual das casas estudadas.

1.5.1 A casa C1

A residência C1 fica atrás de um bar que é do Pai C1. As paredes dessa casa são brancas. É possível entrar tanto pela porta dos fundos do bar, que dá para uma pequena área, como pela viela lateral à casa, que também dá para a mesma área, toda murada e fechada por grades, que, na frente, funciona como um espaço de entrada, enquanto no fundo fica a lavanderia. Assim como todos os outros entrevistados, eles também possuem máquina de lavar roupa.

Fig1: Detalhe da Geladeira C1

Fig. 2: Televisão e rack da sala C1.

Fig 3: Enfeites de móvel da sala C1.

Fig. 4: Santa ceia na parede da cozinha C1.

O banheiro do térreo fica na frente da porta de entrada, ao lado da sala, que está à esquerda. A escada para o andar superior fica ao lado do banheiro e no nicho formado embaixo dela está o computador da família, com mesa e cadeira próprias.

Na frente da escada está o rack da família com a televisão, fotos e pequenos enfeites (Fig2). O que impressiona logo ao entrar é o tamanho da televisão de tela plana (na casa C11 também há uma televisão imensa na sala, mas é um modelo antigo, como o pai fez questão de frisar). Não saberia dizer quantas polegadas tem a televisão, mas ela é muito grande. A televisão fica sobre um *rack* que possui pequenos enfeites; muitos foram presentes de pessoas ligadas ao trabalho da mãe C1, num centro de jovens.

Mãe e filha fizeram questão de falar de dois em especial (uma foto de um menino e uma pequena estátua), dados pelo mesmo menino, que passou pelo local em que a mãe trabalha e até se hospedou na casa da família, mas que foi adotado por uma família italiana e hoje mora na Europa. Na sala há ainda outro móvel de madeira com pequenos bibelôs (Fig3).

Fig. 5: Quarto do casal C1.

Fig. 6: Vista da sala C1.

Fig. 7: Detalhe da parede da sala C1.

Fig. 8: Vista da cozinha C1.

Na frente da televisão está um sofá coberto por uma capa listrada e ao lado deste sofá há um outro encostado na parede que dá para a cozinha (Fig 6).

Nas paredes da sala, há fotos de familiares, flâmula do time do Pai C1, quadros com a imagem de Nossa Senhora e um quadro com a foto da Mãe C1, em sua formatura da faculdade (Fig. 7). É possível dizer que a sala desta casa é ampla, quando comparada a salas das outras casas encontradas na mesma favela e com salas de pequenos apartamentos de dois quartos (com média de 52 metros quadrados) de pessoas pertencentes aos segmentos médios, assim como a cozinha (Fig.8) pois é possível andar livremente por ambos os cômodos. Ao lado da porta da cozinha, há uma representação da Santa Ceia (Fig.4), comprada pelo pai C1 em viagem para Aparecida, assim como, em outras viagens, comprou para a mãe quadros religiosos, que se encontram na sala. Na cozinha, há até espaço para uma mesa de seis lugares, sem que ela fique encostada em lugar algum – fato que é comum em residências populares. A cozinha possui muitos equipamentos, como fogão, geladeira e forno de microondas. Há também uma porta para a área de serviço onde fica a máquina de lavar roupa e o varal usado pela mãe C1. Penduradas na porta da geladeira (Fig.1) estão lembranças que a Mãe C1 e sua filha ganharam de parentes e amigos por ocasião de festas de aniversário, batizados e nascimentos.

Subindo a escada, há o quarto do casal (Fig5), com armário e cama, além de um banheiro extremamente espaçoso (maior do que vários quartos em que entrei em outras casas), que serve mais como depósito do que como banheiro, e o quarto dos jovens. Ao contrário de outras casas encontradas na favela em que há uma dificuldade de circular pelo ambiente, os quartos dessa casa assim como a sala e a cozinha permitem a livre circulação de pessoas: o dos jovens é bem grande e é dividido por dois armários, de tal forma que cada filho possa ter o seu espaço. A filha procura personalizar o seu lado, com bonecas e bichos de

pelúcia, enquanto que o rapaz tem adesivos colados na porta do seu guarda roupa. Deste quarto, abre uma porta para o terraço, que é a área sobre o bar.

Dali há acesso para outro andar que o pai mandou construir. O espaço já tem dois cômodos e um banheiro. Ele não sabe ainda se cede esse espaço novo para a filha que está noiva ou se o aluga para conseguir ampliar sua renda. De qualquer forma, quer construir uma entrada independente para a rua.

1.5.2 A casa C2

No momento da entrevista, moravam nessa casa a Mãe C2, o marido, o filho do casal e a irmã dela (saiu de lá há poucos meses). O casal possui um filho de cinco anos e ao longo da vida a dois já moraram juntos e deixaram de morar juntos. Recentemente se casaram e isso é visto pela mãe C2 como uma conquista, pelas dificuldades enfrentadas com brigas e reconciliações e como realização do sonho de se casar.

Fig. 9: Vista da cozinha para a sala casa C2.

Fig. 10: Banheiro casa C2

Esta casa fica sobre uma parte da casa C3, cuja Mãe (C3) é irmã do Pai C2. Ambas têm mais de um andar. A casa C2 se situa acima da sala C3 e sobre a área da frente das duas casas. Dessa forma a sala C2 fica em cima da sala C3 e a cozinha e o banheiro C2 estão sobre a área de entrada das duas casas; a casa C3 cresce em cima da área da cozinha C3, que fica ao lado da sala C3 numa intrincada sobreposição de casas e cômodos muito comum nas favelas verticalizadas das grandes cidades brasileiras. Ao contrário de outras casas da favela que mesmo crescendo de forma intrincada possuem numerações ou sub-numerações diferentes como, por exemplo, 30a e 30 b para a casa da frente e dos fundos (ou para a casa de baixo e a

de cima). As casas C2 e C3 possuem o mesmo número e, portanto, é provável que dividam as contas.

Para entrar na casa C2 é preciso passar pela área da frente, partilhada pelas duas casas, que é fechada do chão ao teto por grades, e subir uma escada lateral.

A entrada da casa se dá pela cozinha (Fig9), que poderia ser retangular, não fosse o fato de o banheiro (Fig.10) situar-se ali, separado dela por uma porta de correr. Na cozinha, há um armário, fogão, geladeira, filtro, e uma pequena mesa encostada na parede. As toalhas que enfeitam o fogão, a mesa e o armário, bem como a capa para o filtro, são verdes (Fig11 e Fig 12), cor apreciada pelo casal. Os *tape-wares* também são verdes, assim como o escorredor de arroz, outros objetos da cozinha e os detalhes do armário.

Fig. 11: Cozinha casa C2.

Fig. 12: Detalhe do armário da cozinha C2.

Fig13: Computador sala C2.

Fig14: Vista da sala C2 com a família.

A sala vem logo depois, ao lado da cozinha, separada pela abertura na parede e pela parede. Suas paredes também são verdes. Perto da entrada da cozinha, ao lado da escada em

caracol que leva ao andar superior, fica o computador com uma mesa e uma cadeira (Fig13). A foto sobre a mesa mostra a família. Numa das paredes da sala, há um quadro ganho de presente da Mãe C3 (Fig.14). Há ainda dois sofás (forrados de um tecido cuja estampa é verde), e um *rack*, sobre o qual estão uma televisão e pequenos objetos.

Subindo a escada em caracol, fica o quarto do filho de quatro anos e que era também da irmã da Mãe C2 (Fig. 15), onde se encontram uma pequena cômoda e um beliche. Os brinquedos dos dois ficavam sobre o baú, anexo à cama. Hoje estão só os brinquedos do menino.

Fig. 15: Quarto do filho C2

Fig. 16: Cômoda do filho C2.

Fig. 17: Detalhe da cômoda do quarto do casal C2.

No mesmo andar, está o quarto do casal com um armário, uma cômoda, a cama de casal e uma televisão. Sobre a cômoda (Fig. 17), estão vários objetos, três fotos do filho (uma delas está atrás da imagem de nossa Senhora Aparecida) pequenos enfeites e uma estátua de um pequeno casal se casando (que enfeitou o bolo de casamento do casal).

1.5.3. A casa C3

Nessa casa, com amplas dimensões, assim como a da família F1, moravam a Mãe C3, seu marido e os três filhos dela (os três filhos são de outros relacionamentos da Mãe C3, o mais velho é de um primeiro relacionamento e os outros dois de um segundo relacionamento). Hoje, o filho mais velho não mora mais com eles, mas sim com a avó. A pintura da casa é nova e a família mudou-se para lá há pouco tempo. Toda a casa possui piso frio novo.

Fig 18: Rack e computador na sala C3.

Fig 19: Sofá da sala C3.

A sala possui móveis novos assim como piso também aparenta ser novo pois seu brilho difere muito do opaco verificado em outras casas (Fig.18 e 19). Ali ficam dois sofás e um grande rack com televisão, Bíblia e fotos da família (Fig18). Não há foto do filho mais velho na sala.

As figuras 20, 21 e 22 mostram detalhes do rack. Na figura 20 há uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, uma Bíblia aberta, um bibelô de porcelana com frases religiosas e ao lado destes elementos religiosos, significativamente está um tubo laranja com o diploma do curso de Pedagogia que a Mãe C3 recentemente concluiu e um documento de identidade para ser abençoado. Nas figuras 21 e 22 é possível observar um porta-retrato e uma estátua de uma bola. A estátua é um troféu esportivo do Marido C2. Mas chama a atenção o retrato com uma foto por cima (Fig22). A foto por cima é do filho mais novo da Mãe C3 e a foto que está por

baixo (Fig21) é da jovem C3. De acordo com a Mãe o irmão por ciúmes da foto da irmã coloca sistematicamente esta foto dele sobre a dela.

Fig 20: Detalhe do Rack C3.

Fig 21: Detalhe do Rack C3, foto da filha e troféu do pai. (Ver Fig 22 para entender que antes havia uma foto sobre esta)

Fig: 22: Mostra como estava a foto da Fig. 21 no dia em que fui tirar as fotos na casa da família. Por ter ciúme da irmã o filho mais novo costuma cobrir a foto dela com outra sua conforme mostra a figura 22.

A cozinha desta casa é muito espaçosa com aproximadamente 12 a 14 metros quadrados, possui no meio uma mesa para quatro lugares (Fig 24) e as portas dos armários brilham de tão novas que são. Não há escada de alvenaria para o andar superior, mas sim uma íngreme escada de madeira que parte da cozinha para o primeiro andar (Fig. 24) e cujos degraus são extremamente estreitos.

Fig.23: Pia da cozinha C3

Fig. 24: Vista da cozinha C3.

Subindo para os quartos, há um hall, onde ficam a cama do filho mais velho e sua cômoda de roupas. Ao lado da cama, há uma porta que dá para o quarto dos dois menores, pintado em tom de lilás, onde estão uma cômoda grande e um armário (Fig. 25). Há ainda espaço para duas camas, que ficam distantes uma da outra.

Fig.25: Quarto dos filhos C3 com filho C3 deitado sobre a cama.

A figura 25 permite observar como há toda uma construção de gênero para diferenciar o espaço do jovem do espaço da menina. Em primeiro lugar é possível observar as cores do lençol e do travesseiro dele e dela, que remetem ao masculino (azul) e ao feminino (rosa). Os enfeites também ajudam a construção de gênero seja pela sua cor ou pela forma. Pendurado na cama dele há um boneco nitidamente masculino que representa um menino cuja roupa

também é em parte azul. E ao lado da cama dela estão pequenos objetos e um bicho de pelúcia cor de rosa. Desta forma, cada um possui um espaço singularizado no quarto.

No hall do primeiro andar encontra-se o quarto do Filho mais velho C3 (Fig.26 e 27). Hoje, ele não mora mais com a família, mas mesmo quando morava ali seu “quarto” não tinha elemento algum que o personalizasse. Além disso, o quarto situa-se no hall do andar: entre a porta do quarto dos irmãos mais novos, o buraco da escada sobre a cozinha e que permite alcançar este andar e a escada em caracol que sobe ao piso superior.

Fig. 26: Cama do filho mais velho casa C3

Fig. 27: Cômoda do quarto do filho C3 mais velho.

Fig.28: Cama do casal C3.

Fig.29: Enfeites do criado mudo da Mãe C3

No terceiro piso encontra-se o quarto do casal: trata-se de uma suíte, com uma cama e um armário, além de um banheiro tinindo de novo, totalmente ladrilhado (Fig.28 e 29). O quarto do casal abre para uma ampla sacada que é partilhada com a família da cunhada, a Mãe C2.

Os únicos enfeites do quarto do casal (Fig 29) são uma foto da família, um pequeno porta-jóia e a estátua extremamente delicada e feminina de uma fada que indicam que aquele lado da cama é da mãe C3.

1.5.4. A casa C4

Entre todas as famílias esta é a que possui a menor casa um espaço de aproximadamente 2,5m de largura por aproximadamente 4 metros de comprimento. Esta casa inteira tem quase o mesmo espaço da sala da Mãe C1 e da cozinha da mãe C3. Nela moram mãe e filha em praticamente um cômodo. Na verdade, a casa tem três, todos diminutos. Logo ao entrar, há um pequeno espaço de não mais do que um metro quadrado e meio, reservado para a pia e o armário de cozinha (Fig. 33); ao lado deles, separado por uma porta de correr, fica o banheiro, com pia, privada e chuveiro.

Fig.30: Interior da casa C4 (geladeira e entrada).

Fig31: Interior da casa C4 (cama e armário).

Fig32: Interior da casa C4 (mesa ao lado do armário)

Fig 33: Vista da cozinha e da entrada do quarto.

Descendo dois degraus, está o cômodo maior que serve de quarto, sala e cozinha, pois o fogão fica ali bem como a geladeira da família e uma cadeira para sentar (Fig. 30 e 31).

As paredes são forradas de panos coloridos. A intenção da Mãe C4 ao colocá-los foi esconder as duas paredes que são de tapume (as outras duas são de alvenaria). Segundo ela o pano da parede é trocado mais ou menos uma vez por ano. O piso é de cimento. Apesar de ser a menor casa das que participaram da pesquisa, o espaço mostra a preocupação estética da Mãe C4, seja pelas paredes forradas ou pelos pequenos enfeites espalhados pelo cômodo (fig. 34 e 36).

Fig 34: Detalhe da lateral da geladeira C4.

Fig35: Enfeites sobre a geladeira

Fig36: Armário de cozinha no quarto

Fig.37: Detalhe da parede, quadro e pintura da FilhaF4

Percebe-se o zelo para deixá-lo aconchegante, que aparece não só na arrumação do cômodo, mas no cuidado em enfeitar o espaço. Ao pé da cama (Fig 31), fica uma cadeira e a geladeira. A geladeira (Fig35 e 34) possui enfeites laterais e em cima dela. Os enfeites laterais

são fotos que são imãs de geladeira que as duas ganharam de aniversários que foram e que enfeitam a geladeira. Sobre a geladeira há uma toalhinha de enfeite, um vaso de pimenta e uma boneca japonesa entre outros enfeites.

Em frente à geladeira está o fogão. Não há tanque nem espaço para lavar roupa na casa, por isso a Mãe C4 usa a máquina de lavar de sua mãe e estende suas roupas num varal em frente de sua casa do lado da rua. Em frente da cozinha e ao lado do fogão está outro armário de cozinha que também tem enfeites (Fig.36). Em cima dele estão a figura de um anjo, uma figura de Nossa Senhora Aparecida e uma estátua de São Jorge. Nos nichos laterais do armário estão dois pequenos potes que ela ganhou desta pesquisadora, uma estátua de um bebê e mais dois pingüins de porcelana. No nicho inferior um porta-tempero laranja também serve de enfeite, assim como uma pequena xícara de café decorada com flores.

Na parede ao lado da cama (Fig 37) está uma flâmula com a estampa de um dragão dourado e uma pintura de uma bruxinha, ambos feitos pela Filha C4 no colégio e em atividades recreativas extra-escolares que ela participa.

1.5.5. A casa C5

A casa C5 é composta pela mãe viúva, uma filha que tem mais de trinta anos e que cursava a faculdade de Pedagogia na época da pesquisa e o filho que tem quinze anos e que estuda e participa de uma banda. A casa passou por importante reforma há pouco tempo, pois seu teto estava prestes a desabar. A família, então, pagou a reformou a casa e construiu uma laje. De acordo com relatos dos moradores, assim que tiverem mais dinheiro, levantarão paredes sobre a laje para ampliar sua residência. Prevendo a construção do novo andar a família já deixou um buraco na laje para a escada que levaria ao segundo. Mas hoje a escada dá direto para o buraco da laje. Por isso a família cobre o buraco em dias de chuva para não ter a casa alagada. A laje já feita é aproveitada como lugar para estender roupa pela família.

Para conseguir fazer a reforma, não só a Mãe C5, mas também suas filhas se endividaram. Tanto a que mora com ela como as duas (uma delas a Mãe C4) que vivem no mesmo bairro contraíram dívidas, para ajudar a mãe a reformar a casa. Além da laje, foram feitos pilares de reforço, para agüentar a nova estrutura; a sala foi pintada, seu piso foi trocado, uma escada foi feita e ladrilhada, e o banheiro, reformado.

Entra-se na casa por um diminuto corredor lateral, que serve de área de serviço. Ao lado dele, fica o banheiro, cuja porta dá para a sala e cujos móveis são um sofá de dois

lugares, uma televisão encaixada sob a escada e uma mesa com um computador e cadeira (Fig. 38 e 39).

Fig. 38 Vista da Cozinha C5 a partir da sala

Fig 39: Sala C5: Computador, televisão e escada.

Sobre a televisão, ocupando quase toda a parede, estão fotos da família. Separando a sala da cozinha, há uma mureta, com enfeites que a família ganhou, como a lembrança que sua filha ganhou de uma amiga e pequenos presentes ganhos pela Mãe C5. A cozinha tem fogão, geladeira, uma pequena mesa com três cadeiras encostadas na parede, armários de cozinha e forno microondas (Fig.41 e 42). Sobre o armário, havia pelo menos dez garrafas, todas com água e flores artificiais dentro, embelezando o local. Numa visita posterior, meses depois, as garrafas saíram da parte de cima dos armários, uma parte delas foi para cima da mureta que divide a sala de casa e a outra a Mãe C5 deu. No lugar das garrafas estão copos floridos e garrafas pintadas com motivos florais.

Fig 40: Sofá da sala C5.

Fig. 41: Vista da cozinha C5.

Fig. 42: Detalhe dos enfeites sobre a geladeira.

E em cima da geladeira há uma série de pots cujas tampas possuem rostos e que também decoram o ambiente.

O próximo cômodo é o quarto do filho, que tem uma cama com um armário de casal, no qual ficam a televisão dele e o seu vídeo game. O último quarto da casa é o da mãe e da filha. Também tem um armário de casal, uma cama de casal compartilhada pelas duas, uma cômoda sob a janela, com várias imagens de santos (Fig 43) que forma uma espécie de altar de orações da Mãe C5.

Fig. 43: Detalhe da cômoda da mãe C5.

Há desde estátuas de Cosme e Damião, até Nossa Senhora entre muitas outras figuras religiosas. Dentro da caixa cor-de-rosa está a Bíblia ilustrada que a Mãe C5 ganhou da filha.

Embaixo das imagens há fotos de parentes queridos como uma pequena foto do segundo marido da Mãe C5 pai do seu filho mais novo e que já faleceu. Até o abajur que representa um sol e uma lua encaixados remete a espiritualidade. Ele está ali como um enfeite, como se fosse uma estátua ou escultura e não um abajur. É possível dizer isso pois em todas as visitas feitas à casa não foi colocada uma lâmpada nele. Também não há um fio que saia dele o que leva a crer que o mesmo pode encontrar-se quebrado e serve essencialmente como enfeite.

1.5.6. A casa C6

Essa casa estava praticamente toda desfeita. Lá moravam a Mãe C6 e três filhos, cada um fruto de um relacionamento diferente da Mãe C6. Ela mudou-se no dia seguinte da entrevista para um bairro distante da favela, e só as camas e a cozinha estavam montadas. Por isso foi impossível fazer uma descrição desta casa. Os cômodos eram três: dois quartos e cozinha.

1.5.7. A casa C7

O casal 7 e seu filhinho moravam há poucos meses num apartamento do conjunto habitacional que fica ao lado da favela quando eu os conheci. Quando fiz contato com o casal, eles estavam no processo de mudança, com a casa ainda para ser pintada. Por isso pude acompanhar parte do processo de decoração do apartamento. Ele conta com uma sala, dois quartos, cozinha com área de serviço e banheiro. Os cômodos são bem distribuídos e apresentam bom tamanho. O Pai C7 possui muitos planos para a casa e têm fortes idéias sobre como quer a decoração, que às vezes não coincidem com as da mulher, mas ela aceita, apesar de reclamar.

Ele permitiu que ela escolhesse apenas o lustre da sala (pois como ele mesmo me disse, de forma marota: “não é assim tão importante, então deixei ela escolher para ela ficar feliz”).

Como eles divergem entre si quanto à decoração, fui chamada a opinar, mas esquivei-me, pois não era o caso de colocar-me a favor de um e contra o outro. Não quis assumir o papel de juiz, ou de fiscal do bom gosto para o casal. Procurei elogiar a casa de uma forma

geral, sem tomar partido, mesmo que tivesse minhas preferências pessoais quanto ao que estava sendo feito³¹.

Fig 44: Parede da sala C7.

Fig 45: Detalhe dos enfeites ao lado da televisão C7.

A sala possui muitos enfeites como um aquário, uma figura do extra-terrestre do filme ET, estátuas de anjos e copos numa prateleira (Fig 44 e 45). Numa das paredes há um quadro do horizonte que o pai C7 gosta muito de observar.

Ele mandou pintar a sala em dois tons do que chamou de “marrom camurça” e me falou detalhadamente dos planos que tinha para ela como o cuidado que teve em combinar a cor do piso com a das paredes da sala e dos móveis. Sua mulher, por sua vez, tendo achado a cor que ele escolheu “sem graça”, optou por um tom de verde limão para a parede externa do banheiro que dá para o hall dos quartos.

Fig. 46: Vista da sala C7.

Fig.47: Vista da cozinha C7.

³¹ Alba Zaluar (1985) já havia há muito alertado para o pesquisador não cair nesse tipo de armadilha, que sempre deixa uma parte dos entrevistados ressabiados em relação a ele.

Fig. 48: detalhe da cômoda do quarto do filho C7.

A cozinha é toda equipada, com armários novos, geladeira, fogão, microondas e outros eletrodomésticos (Fig47). A preocupação do Pai C7 com os detalhes da casa é tão grande, que ele pagou para que fosse colocada sanca (acabamento de gesso) no teto da sala e planeja até comprar um faqueiro novo para trocar os talheres.

Fig 49: Quarto do casal C7.

Fig 50: Quarto do Filho C7.

Os quartos ainda não estavam montados no momento da primeira entrevista, porém, meses depois, já estavam prontos.

O quarto do casal é quase monástico (Fig.49), pois conta apenas com a cama e o armário do casal. Não há nenhum enfeite ou objeto que personalize o ambiente. Há ali uma sensação de monotonia dada pelas cores neutras e pela ausência de enfeites. Já o quarto do filho é absolutamente enfeitado (Fig.48 e 50) com fotos, enfeites e cremes para o bebê. Além disso, é extremamente colorido com paredes pintadas em tom de creme e enfeites e móveis em tom azul e vermelho. Ele mostra a preocupação e o esforço deles em relação ao filho.

No quarto do bebê há desde uma bíblia aberta até um quadro com o emblema do time do pai numa clara sugestão tanto de uma certa religiosidade que querem passar para o filho como também da escolha do time de futebol.

1.5.8. A casa C8

Não há imagens da casa C8, pois o casal se separou poucos meses depois das entrevistas antes que as fotos da casa pudessem ter sido tiradas. O Casal C8 também mora num dos prédios do conjunto habitacional que fica ao lado da favela e sua casa apresenta a mesma planta padrão da casa 7. Seu filho é um menino pequeno, de dois anos. A Mãe C8 é filha da Mãe C9. A casa do casal já estava praticamente toda pronta quando fui fazer as entrevistas.

A sala é lilás, assim como as cortinas. Quando questionada sobre o porquê da cor, ela afirmou que já vira as outras casas e queria que a dela tivesse uma cor diferente. A sala possui dois sofás e um *rack*/estante com a televisão. Sobre o *rack*, estão fotos do casal com o filho e um emblema de um time de futebol, feito pelo tio do esposo quando esse estava na prisão. A cozinha tem móveis brancos e conta também com geladeira e fogão. O quarto do filho é decorado com o tema de um filme infantil de sucesso sobre carros. A cama da criança é um carro estilizado e foi presente dado pelo irmão da mãe, que é padrinho da criança (filho C9, que trabalha em dois empregos e estuda).

Aqui também a decoração do quarto do casal, que tem cama e um armário, é menos cuidada do que a do quarto do menino. Fica claro que, assim como ocorreu na casa C7, os esforços de decoração foram direcionados para o quarto do filho, a sala e a cozinha.

1.5.9 A casa C9

Essa casa é maior do que os apartamentos do conjunto habitacional, assim como praticamente também o são quase todas as demais casas. Mesmo assim, a família C9 é uma das que se encontra em pior situação financeira isso é possível perceber não só pelos ganhos da mãe, mas também pelo desgaste da pintura na parede, o acabamento do banheiro e os móveis. Essa casa e as C1, C10, C11, C13 e C14 (que fica na parte de baixo dela) são as únicas que possuem um recuo em relação à calçada; em todas as demais, a porta de entrada da casa é praticamente na calçada. A exceção também é dos apartamentos C7 e C8.

Em termos de acabamento e decoração, é uma das mais simples. As paredes estão muito descascadas e a pintura é extremamente antiga. A Mãe C9 morava lá, com quatro dos cinco filhos (dois rapazes e duas moças), mas a filha mais velha, com dezoito anos, saiu recentemente de casa. Ela trabalha de doméstica e ao longo da pesquisa entrou e saiu de empregos. O filho mais velho tem dois empregos e ajuda no orçamento doméstico. Apenas os rapazes frequentam a escola, ambas as meninas desistiram de estudar – a mais nova por ter repetido duas vezes. Ao entrar na sala, chama a atenção o fato de as únicas fotos expostas, um quadro e um porta-retrato, mostrarem o filho, que tem dois empregos e se formou no Ensino Médio, com roupa de formatura. A formatura desse único filho é motivo de orgulho para a mãe.

Fig. 51: Vista parcial da sala C9

Fig.52: Banheiro casa C9.

Nas primeiras visitas foi possível observar que a sala contava com dois sofás, um pequeno *rack* para a televisão e uma mesa com um aquário. Meses depois, a disposição dos móveis mudou: o filho mais velho comprou um vídeo game e colocou-o na sala, além disso um dos sofás foi para a casa C14 que hoje é composta pelo filho mais velho C9 e pelo Pai C8

que se separou da Mãe C8 filha da Mãe C9. O aquário foi colocado sobre o armário da cozinha (Fig55) e uma das paredes da cozinha foi pintada de azul (Fig53 e 54).

Fig. 53: Vista do sofá e da cozinha da casa C9.

Fig 54: Cozinha C9.

No mesmo cômodo da sala, fica a cozinha, com um pequeno armário, o fogão num canto, e a pia em frente de quem chega. Da porta da cozinha, chega-se à laje, onde a mãe lava e estende as roupas (Fig.56). Atualmente, usa a máquina dada de presente por seu filho mais velho.

Saindo pela porta de entrada, há uma escada lateral que leva aos quartos e ao banheiro, que ficam no andar de baixo (Fig. 57).

Fig.55: Armários em frente da sala C9

Fig. 56: Vista do terraço da casa C9.

Fig. 57: Escada da casa C9.

Fig. 58 Quarto da Mãe C9

O primeiro quarto é o dos filhos, com duas camas visíveis e uma terceira, que é puxada de um box acoplado a uma delas. Há também uma cômoda e a mesa com o computador. O computador fica na sala em todas as outras casas estudadas, mas na casa C9, por ser considerado do filho (ele que comprou-o) é visto como um bem individual, que pode ser usado pelos demais, mas não como um objeto da família. Aliás, exceto esse, os computadores nunca são vistos como individuais, mas sim como objetos coletivos. Há quem o tenha colocado na sala por questões estratégicas, como a Mãe C10, que o pôs lá porque queria poder observar o filho. O computador chegou a ficar no quarto do jovem, mas a casa começou a ter um movimento incomum de rapazes que subiam as escadas para usá-lo e ela então teve a idéia de colocá-lo na sala, para melhor acompanhar o seu uso.

Do quarto dos jovens, passa-se ao quarto da Mãe C9, que é verde e não tem porta (Fig.58); há uma cama de casal, que ela reparte com um dos filhos (os mais jovens disputam entre si quem irá dormir ali; ganha o lugar aquele que se deitar primeiro). Nesse quarto há ainda um armário de casal e uma prateleira, onde ela coloca seu porta-bijuterias, desodorantes, cremes e perfume. Ao lado do armário fica a porta do banheiro precariamente acabado, pintado de um azul forte.

1.5.10. A casa C10

Na casa C10 moram hoje cinco pessoas. O pai, com quarenta e nove anos, encanador industrial, a mãe, com trinta e nove, cobradora de ônibus, e três filhas, uma com dezenove

anos que está noiva, outra com quinze (que ficou grávida há poucos meses) e a caçula com quatro anos. Por conta da profissão, o Pai C10 chega a ficar várias semanas fora de casa. Atualmente, trabalha no Rio de Janeiro e cabe à mãe C10 cuidar da casa e da família durante essas ausências prolongadas. Ela é da Igreja Batista e o pai, assim como quase todos os homens entrevistados, afirmou não seguir uma religião.

Fig.59: Vista 1 da cozinha C10.

Fig. 60: Vista 2 da cozinha C10.

Desde o anúncio da gravidez da namorada do filho, as famílias estão em suspense, sem saber se eles ficarão ou não juntos. Quando a jovem devolveu as roupas dele, o pai do rapaz disse-lhe que, se eles não ficassem juntos, ele seria mandado para o Nordeste, para ficar com as tias, pois na casa dele não ficava mais. Na verdade, o pai confessou-me que essa era a sua estratégia para fazer os dois ficarem juntos; afinal, são jovens e brigam por qualquer coisa. Entretanto, também disse que, caso não fique com ela, o filho teria mesmo de ir para Alagoas, ficar na casa de parentes. Diante da ameaça, a moça levou as roupas de volta para a casa dela.

Pelo lado da família dele, como há poucos meses ele saiu de casa e os pais não sentem muita segurança no relacionamento do jovem casal, o quarto dele está ainda com parte dos seus pertences e a cama, inclusive, está pronta com lençol e colcha (Fig 69).

Logo ao entrar, chama atenção o acabamento da casa. Ao contrário da C9, em que, evidentemente, há muito tempo não passa por uma pintura ou reforma, nesta, as paredes estão tinindo de brancas e coloridas, a escada e a sala/cozinha também possuem um brilhante ladrilhado que a distingue das demais.

Fig 61. Rack da casa C10

Fig.62: Quarto das filhas mais novas da casa C10.

A casa C10 é uma casa de fundos, com muitos andares para cima. A área de serviço fica no corredor de entrada e a mesma é feita pela sala e pela cozinha, ao mesmo tempo, pois estão juntas num mesmo cômodo. Começar a descrição dessa maneira pode dar a falsa impressão de que a casa é pequena, mas, na verdade, a sensação que se tem ao entrar é de espaço. Ao lado da porta, fica a escada que sobe para os quartos e embaixo dela, mais uma vez, um computador, numa mesa própria de informática, e uma cadeira, como pode ser visto nas casas C1 e C2. Defronte à porta ficam os dois sofás da família, um de frente para o outro, formando um corredor até a escada.

Fig. 63: Quadro com fotos da família C10 na escada do térreo para o primeiro piso.

Fig. 64: Fotos penduradas no quarto das filhas mais novas.

Ao lado do primeiro degrau, está uma estante de madeira cor de marfim e portas de vidro, onde ficam não só a televisão, mas também livros (Fig 61). Na verdade ela está abarrotada de livros, infantis e adultos. A filha mais nova, de quatro anos, fez questão de mostrar-me os seus livros, enquanto eu fazia a entrevista com a mãe. Os livros da mãe são sobre diversos temas, e muitos possuem um cunho religioso. À direita da sala, fica a cozinha, cujos armários são brancos (Fig.59 e 60). A pia fica encostada na parede, ao lado da porta de entrada da casa; ali também fica o fogão e, sobre a pia, uma janela que dá claridade ao ambiente. As paredes são de um amarelo claro e, na parede que fica em frente da pia, há dois quadros de artesanato brasileiro. Sobre o armário da cozinha, também há uma bonita escultura artesanal.

Fig 65: Quarto Do casal C10.

Fig. 66: Quarto da filha mais velha C10.

Fig.67: Porta do quarto da filha mais velha do casal C10 (Vista externa ao quarto).

Ao pé da escada, do lado da estante e pregado na parede, chama a atenção um grande quadro, com os retratos da família (Fig 63). São fotos dos parentes que aqui estão, mas muitas também são dos parentes de Alagoas. O casal mantém intenso contato com os familiares, ao ponto de, quando a filha mais velha teve leucemia na infância, enquanto ocorria o seu tratamento, os pais mandarem os dois mais jovens (na época eles ainda não tinham a caçula atual) morarem com os parentes.

Subindo as escadas, no primeiro andar, está o banheiro que a família usa e dois quartos, o do casal – que é maior, onde fica a cama de casal, que toma quase toda a largura do quarto, e um armário que fica em frente à porta – e o quarto das duas filhas menores, com duas camas no sistema uma sobre a outra, ou seja, à noite, a cama de baixo é puxada (Fig 62). O quarto do casal (Fig.65) possui um criado mudo, a cama do casal, uma televisão, uma bicicleta ergométrica e um armário de roupas. A parede atrás da cama é pintada em tom de rosa goiaba.

Já o quarto das jovens tem a parede do lado da cama pintada em tom forte de lilás. As demais são brancas. Pregado na parede lilás em cima da cama está um painel repleto de fotografias (Fig. 64). Na parede da porta estão pregadas borboletas como enfeite do quarto.

Fig.68: Frase escrita pela Filha mais velha C10 na parte interna da porta de seu quarto (1).

Fig. 69: Quarto do filho C10.

No andar de cima, que precisa ser alcançado subindo uma escada de madeira, pois ainda não há uma escada definitiva, estão os quartos dos dois filhos mais velhos: o quarto do rapaz é verde, pois ele torce para um time de futebol em que o verde é a cor-símbolo. Sua cama possui adesivos e a irmã mais velha fez um mosaico que está pendurado na parede deste quarto de presente para o rapaz com as cores do time de futebol dele, a palavra 'gol' e o número da camisa 10 (Fig 69).

Ao lado do quarto do rapaz está o quarto da Filha mais velha. A porta de entrada do quarto da jovem tem o desenho de uma bela mulher que extrapola a porta do quarto e termina na parede externa (Fig. 67).

Fig 70:Quadro com fotos da Filha C10 pregado na parte interna da porta de seu quarto (1).

Fig:71: Frase escrita pela Filha mais velha C10

Fig.72: Quadro no quarto da filha mais velha C10.

Do lado interno da porta estão escritas frases que a jovem acha ou achava interessantes como : “O valor de uma conversa pode ser melhorada muito com o uso de três palavras: eu não sei” (Fig 68) ou ainda “não se nasce mulher, se torna mulher” (Fig 71). Enfeitando o quarto da jovem ainda há um painel com fotografias (Fig. 70), assim como sua mãe tem um na parede da escada do térreo para o primeiro andar e suas irmãs também têm no quarto delas. Há ainda um quadro que foi pintado por ela com duas pessoas que estão com máscaras e uma maçã entre elas da qual sai uma sorridente minhoca verde com um laço amarelo na cabeça (Fig 72).

1.5.11. A casa C11

Quando conheci os moradores da casa C11 ali residiam somente pai e filha. A jovem com quinze anos já estava grávida do filho de dezoito anos do casal C10, mas cada um morava na casa de seus respectivos pais. Pouco antes de o bebê nascer o rapaz mudou para a casa dela e hoje mora ali. As fotos foram tiradas depois do nascimento do bebê. O pai C11 trabalha como motorista particular é viúvo da Mãe da jovem e separado de uma segunda união.

Fig. 73: Vista da estante da sala.

Fig. 74: Televisão da sala.

Vista da rua, a casa C11 parece pequena com uma porta de sala estreita. Depois de conhecê-la pude verificar que na verdade ela é bem grande e possui não uma, mas duas garagens³², rivalizando em tamanho com as casas C10, C1 e C3. Mas mesmo essas casas não possuem garagem.

Logo ao entrar, a sala chamou-me a atenção as três mesas de madeira maciça e a quantidade maior de enfeites do que nas outras, como a quase vizinha C9 (Fig74). A sala de casa C11 ainda possui duas televisões enormes (Fig 73 e 74).

Para entendê-la, começarei pela descrição de sua construção.

Fig. 75: Detalhe da estante da sala C11.

Fig. 76.: Enfeites da parede do quarto do Pai C11.

³² Hoje, as garagem são um desejo dos muitos moradores da Nova Jaguaré que possuem seus carros mas não podem guardá-los em casa.

Fig. 77 Quadros na parede em frente a estante.

Fig. 78: Jovem C11 com a filha (parede ao lado da estante)

A casa começou a partir de dois barracos comprados pelo Pai C 11, que ficavam ao lado de uma ribanceira. Ele construiu primeiro um cômodo bem grande, com quase vinte metros quadrados, na parte de baixo do terreno. Depois, fez a laje e construiu a parte de cima, composta por cozinha, um quarto, um banheiro e a sala. Durante certo tempo, o cômodo da parte de baixo, que havia sido o primeiro cômodo, ficou de acordo com o Pai C11 “esquecido” e era uma espécie de área de serviço com o tanque lá em baixo.

Depois de algum tempo que sua esposa havia falecido, ele fez ali o seu quarto e construiu um banheiro em baixo do vão da escada (Fig. 84). Na parte de cima da casa que fica ao nível da rua ele construiu a cozinha, a sala, dois banheiros, um quarto e duas garagens. O quarto que ele partilhava com a filha no térreo e que era uma suíte, ficou como quarto da jovem. Para isso ele mudou a área de serviço para cima do andar térreo, em mais uma laje que construiu sobre a casa. De acordo com ele, “o mais interessante é que eu só pedi ajuda em algumas partes do acabamento”.

Hoje, o quarto embaixo ainda é o seu quarto, mas ele possui uma cama de casal, um armário de casal e também um armário menor que divide o cômodo em dois e uma cama de solteiro, pois dormia ali com a ex-mulher e o filho dela.

Fig 79: Carro na garagem C11.

Fig 80: Armário da cozinha C11

Fig:81: Vista da cozinha C11.

Fig 82.: Quadro de fotos no quarto da jovem C11.

Nessa casa há, portanto, duas suítes e mais um banheiro que abre-se para a garagem (Fig 79).

A entrada da casa se faz pela sala e dela passa-se por uma das garagens para a cozinha e para o banheiro. Chega-se ao quarto da jovem pela cozinha e de uma garagem é possível chegar a outra por estão separadas entre si por uma parede e uma porta interna. A primeira garagem é uma espécie de cômodo de distribuição (Fig 79) dela é possível ir para a outra garagem, para a sala, a cozinha e um dos banheiros. Nessa garagem fica o carro dele e a outra está abarrotada de objetos.

O pai C11 aprecia muito enfeites e por isso sua estante e a parede da sala estão repletas deles (Fig. 75 e 77). O seu quarto no piso inferior também possui enfeites o que faz com que ele destoe dos quartos dos casais entrevistados que quase não são decorados.

Ao lado da entrada da rua, ele fez uma escada e há uma laje enorme que pega toda a área da cozinha, do quarto, dos banheiros e das duas garagens.

Chega-se ao quarto dos jovens pela cozinha. Ele é ao mesmo tempo quarto dela, do namorado e do bebê. Há ali, um móvel com o seu computador e televisão (Fig.83) repleto de enfeites, um berço, a cama do casal e um armário grande para guardar roupas.

Numa das paredes há um painel da Jovem C11 com fotografias suas e das amigas (Fig. 82).

Fig: 83: Móvel do quarto da Jovem 11

Fig 84: Banheiro de baixo da casa C11.

Na laje superior da casa cuja entrada se dá pela parte de fora fica hoje a área de serviço da família. Sobre essa laje o pai C11 construiu ainda mais um cômodo, que usa para guardar material de construção. A área deve ter pelo menos cinquenta metros quadrados, absolutamente toda ladrilhada, inclusive as paredes.

1.5.12 A casa C12

A casa C12 passava por uma espécie de “transição” no momento das primeiras entrevistas. A filha mais velha de 18 anos havia acabado de ter seu bebê que, na época, estava com apenas dois meses de vida, e ia mudar-se para sua própria casa com o namorado. Este estava morando com a família dela desde os últimos meses de gravidez e trabalhava em dois empregos. Entre uma ida e outra, para as entrevistas, ela mudou-se para uma casa no mesmo quarteirão da casa da mãe e da sogra, já que ele era seu vizinho.

No momento do contato, a residência contava oficialmente com seis moradores: os pais da jovem, sua irmã, ela, o marido, e a filha recém-nascida. Mas, em poucos dias, o casal mudou-se com a filhinha.

Fig 85: Armário da cozinha C10.

Fig 86.: Vista da sala C10.

A mudança não alterou a casa do ponto de vista físico, pois o arranjo anterior era provisório. Pude constatar, voltando meses depois, que mesmo tendo se mudado, a moça ainda ficava mais na casa da mãe do que na sua. Toda vez que eu precisava passar em frente à casa dos pais dela, a moça estava ali, entretida em afazeres domésticos. Ela passava dias inteiros na casa dos pais. Também pude ver o rapaz chegando do trabalho e procurando algo para comer no armário da casa da sogra, o que mostra não só intimidade, mas também o costume de fazer as refeições ali.

Fig. 87: Vista da geladeira C10.

Fig 88: Quarto do casal C10.

Assim como nas demais, entra-se em na casa C12 pela sala (Fig 92). Suas paredes são verdes e nelas há fotos da filha mais velha e de sua formatura; há dois sofás, um de frente para o outro, e, na parede que dá para a cozinha, há o *rack* da televisão, com pequenos enfeites. Entre a cozinha e a sala, só há o buraco da porta (Fig.86).

A cozinha é uma espécie de cômodo de distribuição, com boa iluminação, graças à grande janela que existe sobre a pia (Fig 87 e 91). Os móveis são brancos, assim como nas outras casas. De um lado fica a pia sob uma janela, o fogão e a geladeira repleta de imãs. Por ela, chega-se aos dois quartos, separados dela por panos que servem como portas e ao banheiro.

Fig 89: Detalhe da parede da sala C10.

Fig.90: Porta do armário da filha mais velha.

Fig.91: Cozinha C10.

Fig. 92: Vista da sala e da porta da rua C10.

Praticamente todos os imãs que estão na geladeira são lembranças de algum evento, em sua maioria de festas de nascimento e casamento, mas também de aniversários e até de

eventos da igreja. Na parede que dá para a sala, há um bebedor de água, daqueles cujos pés vão até o chão. Em outra, está o armário da cozinha, nitidamente novo com a pintura brilhante e o acabamento ainda impecável (presente da filha mais velha quando esta começou a trabalhar) (Fig.85). Sobre ele estão potes que o enfeitam cobertos com panos pintados. No centro da cozinha está a mesa de jantar.

O quarto das jovens é extremamente pequeno e estreito. Sua largura é suficiente para caber um beliche e o espaço para uma pessoa passar. Nele há ainda uma cômoda em frente ao beliche, alguns objetos pendurados, um pequeno espelho e um armário em cuja porta a filha mais velha escreveu (Fig.90). Na época das primeiras entrevistas, a filha mais velha ocupava o quarto com o namorado e a mais nova tinha ido dormir no quarto dos pais (Fig.88). Mas, depois de alguns meses, a mais velha passou a ter a sua casa e o quarto ficou só para a mais nova. O cama superior do beliche passou a ser usado para deixar as roupas da nenê da irmã mais velha que, mesmo tendo a própria casa, como pude verificar (quarto, cozinha e banheiro) deixa na casa dos pais a maior parte das roupas da filha.

O quarto dos pais é bem maior; tem uma cama e um armário de casal e, na parede, uma foto grande do casal e outras menores da filha.

1.5.13 A casa C13

A casa C13 é composta por um jovem casal e seu bebê. A mãe C13 é filha da mãe C12. Desde o nascimento da criança ela parou de trabalhar e o jovem possui dois empregos para sustentá-los. A casa deles é parte de uma construção maior e partilha com outras duas casas um quintal e o portão que dá para a rua. Suas paredes são brancas e entra-se nela pela cozinha (Fig.96 e 97).

Fig. 93: Cama C13.

Fig. 94: Berço e cômoda no quarto C13.

Quando fui lá a primeira vez eles já tinham o fogão e o armário de cozinha, mas não haviam ganhado ainda a mesa com quatro cadeiras que hoje tem. Entra-se no banheiro pela cozinha e é também por ela que se chega ao quarto do casal. O quarto possui uma cama, um berço, um armário e uma cômoda com televisão (Fig.93 e 94)

Fig.95: Mesa da cozinha C13.

Fig. 96: Vista da cozinha com pai C13.

Como único enfeite do quarto há uma foto num porta-retrato do nenê e que foi dado por uma das avós.

1.5.14 A casa C14

Não há fotos da casa C14 pois os irmãos venderam o apartamento que o irmão conseguiu no conjunto habitacional e se mudaram da favela poucos meses depois da entrevista. Constituída por três cômodos (cozinha, banheiro e quarto), ela chamou atenção não só por seu tamanho, pois é bem pequena, mas pela grande quantidade de móveis em espaço tão exíguo. Depois fiquei sabendo que, na verdade, esta é uma moradia provisória para os irmãos, que estão na fila para ir morar num dos apartamentos construídos pela CDHU. A casa contava com um quarto, com um beliche e uma cama, a cozinha com armário, fogão, geladeira e máquina de lavar roupa, e um banheiro cuja porta dá para a cozinha e que se encontra em condição precária por conta do mofo das paredes.

Na cozinha, havia uma foto do casal de irmãos vestidos de dançarinos (eles também trabalham com isso) e os armários tinham taças azuis muito bonitas que eram do irmão, assim como todos os enfeites da casa.

1.6 Não basta ter vontade: o papel da estrutura de oportunidades local na realização de projetos pessoais.

Cada vez mais; diferentes autores³³ têm apontado para o papel das estruturas de oportunidades como apoio na vida diária das camadas populares. A ideia de estrutura de oportunidades liga-se à conclusão de que a pobreza é heterogênea, ou seja, de que ela não só possui significados diferentes de acordo com distintos contextos, históricos, culturais e sociais, como também, num determinado país, ela não é vivida da mesma forma por todos. As favelas, locais onde reside parcela significativa das camadas populares, também são heterogêneas e possuem distintas estruturas de oportunidades, ou seja, há a possibilidade de viver sua condição social de forma mais ou menos digna, com maiores ou menores possibilidades de mudança nas condições de vida. Dessa forma, a estrutura das redes de relações sociais molda a vida das pessoas e contribui para a estrutura de oportunidades dos indivíduos. Almeida e D'Andrea (2005) mostraram que a favela de Paraisópolis localizada na cidade de São Paulo, possui uma situação peculiar, uma vez que é uma área pobre, encravada num entorno de alto poder aquisitivo, que oferece a essa favela um contexto de oportunidades relativas diferente daquele vivido por outras, cujo entorno não difere muito delas, em termos das condições que apresentam.

Na Nova Jaguaré, essas estruturas têm um papel importantíssimo. Foi possível verificar que o papel das redes de apoio e da estrutura de oportunidades local é fundamental para que as pessoas consigam alocação profissional. Muitas vezes, as entrevistas, ou uma visita a uma das casas, foram interrompidas por um vizinho, um conhecido ou um familiar, que avisava sobre uma possibilidade de trabalho, que podia ser a de um emprego remunerado ou até a de um bico para substituir um cozinheiro num restaurante, ou a possibilidade de fazer algumas faxinas numa casa de família enquanto alguém estivesse de férias.

Em várias ocasiões, entrevistas previamente agendadas não puderam ocorrer, pois a pessoa tinha saído de casa para uma entrevista de trabalho que surgiu de última hora³⁴. Praticamente todas as pessoas entrevistadas que estavam inseridas no mercado de trabalho ficaram sabendo das vagas por indicação e essas mesmas indicações levam ao agendamento

³³ Ver sobre isso a análise de Encarnación Moya sobre a mesma favela e, para uma discussão mais geral, textos produzidos pelo Centro de Estudos de Metrópole com organização de Eduardo Marques e Haroldo Torres, como, por exemplo, o livro *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*.

³⁴ Apesar de todos terem telefone, de eu lhes ter fornecido o meu número e de agendar previamente quase todas as entrevistas, poucas foram as famílias que me ligaram para desmarcar a entrevista. Em mais de um domingo fui à favela e voltei para casa sem conseguir conversar com quem eu havia, de comum acordo, agendado a entrevista.

relâmpago de entrevistas, uma vez que a pessoa fica sabendo de uma vaga quase simultaneamente à sua criação.

Absolutamente todas as pessoas entrevistadas, que gostariam de ter ocupação estão inseridas no mercado de trabalho. Elas trabalham tão próximas à favela que não precisam pegar condução para ir até lá, o tempo médio de percurso entre as casas e os locais de trabalho variam entre quinze e vinte minutos (tempo extraordinariamente curto para uma cidade como São Paulo em que parcela significativa da população fica ao menos uma hora no trânsito, quando não duas ou até três). O agendamento relâmpago ocorre, acredito, por duas razões principais: a primeira é que todas as empresas estão situadas próximas à favela; a segunda é que a Nova Jaguaré possui um número expressivo de habitantes, muitos dos quais com média (até o ensino médio concluído, para os jovens de até trinta anos) ou baixa escolaridade (sem ter o ensino médio, na maioria das vezes apenas com o fundamental incompleto, para as outras faixas de idade) prontos para assumir os postos de trabalho médios e baixos. Logo, há a confluência entre uma oferta intensa de mão de obra, as empresas e sua proximidade com a favela, o que ajuda os postos a serem rapidamente preenchidos. Como a maior parte dos postos não exige grande conhecimento anterior, o processo seletivo também não precisa ser demorado. Há os auxiliares administrativos, como as mães C2 e C4, pessoa que trabalha na gráfica local (Pai C8), faxineira (Mãe C9), auxiliar de uma das creches locais, como a filha C5, entre outros. O pai C13, que trabalha em dois empregos próximos, ou o Filho C9 (que trabalha com entregas e como ajudante numa quadra de esportes da região). A Mãe C10 é cobradora de ônibus e a empresa fica a quinze minutos de sua casa.

Mesmos as pessoas que concluíram o terceiro grau, como a Mãe C1, formada em Pedagogia, e sua filha, formada em Letras, trabalham próximas à região. A mãe trabalha num centro local de apoio aos jovens e a filha é a pessoa que trabalha mais longe dentre todos os entrevistados e a única que pega condução para chegar ao trabalho, mesmo assim num bairro próximo.

As mesmas empresas que empregam moradores possuem atividades voltadas aos moradores das favelas próximas, que foram ou são frequentadas pelos jovens.

Pude entrar em contato com esses trabalhos de forma casual. Como foi mencionado antes, minha entrada na favela ocorreu por intermédio de uma senhora que trabalha na pastoral da Igreja Católica. Por intermédio das pessoas que ela me apresentou, fiquei sabendo que a Igreja da região, com o auxílio de um colégio de classe alta, da mesma ordem do padre local da congregação de Santa Cruz, situado em bairro do outro lado das margens do rio

Pinheiros, conseguiu construir vários centros de apoio, dentro e no entorno da favela. São três Centros de Educação Infantil (CEI), atendendo um total de aproximadamente 400 crianças. O filhinho de um ano e oito meses dos pais da casa C7 frequenta um dos CEI, assim como os filhos dos casais C8 e C2. A Mãe C13 já foi inscrever a filha em busca de vagas para quando ela estiver maior.

Em meio às entrevistas e de forma casual, pois não era escopo do trabalho, pude perceber que praticamente todos os jovens de até 18 anos tinham passado por algum dos centros ou frequentado alguma das atividades tornadas disponíveis não só pelos centros de apoio construídos com o auxílio da Igreja e do colégio, mas também pelas empresas próximas que fornecem desde cursos de administração até atividades recreativas aos jovens da região.

O padre estimulou a Mãe C1 a continuar os estudos e esta estimulou a filha; a filha, por sua vez, estimulou a cunhada, que é a mãe C3, e junto com a Mãe C2, também sua cunhada, resolver cursar faculdade.

Há, portanto, nessa favela uma estrutura de oportunidades que, de várias formas, serve de auxílio para muitas das famílias.

Capítulo 2

Construção do problema de investigação

O presente capítulo tem como objetivo explicar os princípios teóricos que nortearam a construção do problema de investigação e que são base para a análise dos dados. Ele tem início com uma reflexão sobre a casa enquanto figuração, depois a analisa como resultado de um projeto e, por fim, reflete sobre a importância da análise dos objetos para o estudo das interações sociais.

2.1 A casa como teia de interdependências: como figuração

Apesar de aqui destacarmos a questão da materialidade para o estudo da casa, ela não é só isso: tijolos, cimento, brita e cal, que são misturados e unidos a outros materiais para constituírem um abrigo contra as intempéries da natureza. Ela é, principalmente, um lugar onde as pessoas moram e, para os seres humanos, morar pode significar muito mais do que um lugar que oferece proteção contra a natureza.

Nas sociedades ocidentais, particularmente, ela foi se constituindo como um lugar que muitas vezes pode oferecer proteção simbólica contra o que acontece no mundo³⁵. Não é à toa que poetas e escritores traçam paralelos simbólicos entre a casa e o útero materno, ou a consideram como refúgio, o lugar que abriga as pessoas contra tudo e todos. Ela, portanto, não é só habitação; também expressa valores, sentimentos, idéias e emoções, que podem ser positivas ou negativas (Cf. MALLETT, 2004).

Um dos pressupostos desta pesquisa é de que a casa *é o resultado dos diversos olhares e das relações dos que ali moram e interagem*, no sentido de que cada morador, ao relacionar-se com o mesmo espaço de uma forma diferente, o apreende e o dota de significados que, muitas vezes são diferentes daqueles estabelecidos pelos outros moradores. Logo, o olhar dos diversos moradores dificilmente é homogêneo; por isso, é equivocado acreditar que haja apenas um sentido ou um significado possível para uma casa.

As diferentes pessoas que ali circulam, moradores ou não, atribuem um sentido para aquilo que observam e por meio do qual estabelecem relações entre si. Por isso, mesmo a casa habitada por uma única pessoa expressa *relações*. Pode-se achar que a casa habitada por uma única pessoa seja pura expressão de um eu individual. Isso, porém, não é verdade. Primeiro,

³⁵Sobre isso ver, por exemplo, de Peter Gay *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. A coleção *História da Vida Privada*, dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby, em que muitos autores tratam a questão da vida privada e da casa como refúgio, ou o volume, *República: da Belle Époque à era do Rádio*, da coleção *História da Vida Privada no Brasil*, dirigida por Fernando Novais, cujo volume 3 foi organizado por Nicolau Sevcenko.

porque todo eu é construído numa relação com um outro (DUBAR: 2005) que não precisa ser – e muitas vezes nem é – um outro morador.

Por expressar relações, as casas podem exprimir consensos, lutas, acordos, negociações e imposições. Enfim, toda sorte de relações possíveis. Trata-se aqui de identificar como o espaço auxilia na compreensão de como as pessoas se pensam e pensam os outros e, com isso, como se constroem e são construídas por essas relações e pelos objetos que as medeiam.

É por meio da confrontação entre as diversas vozes – pai, mãe, filhos, filhas e agregados – que se torna possível esboçar uma fisionomia dessa relação³⁶ e entender processos em torno da construção da identidade desse estrato da população.

Para isso, a casa foi entendida como mais uma *figuração*³⁷ na vida das pessoas. Esse conceito foi estabelecido por Norbert Elias, para resolver o problema que muitas vezes permeia autores da Sociologia, ao tratarem “indivíduo” e “sociedade” como se fossem entidades antagônicas. Sua utilização por Elias dá-se ao longo de quase todos os seus livros, mas é em dois deles – *Introdução à Sociologia* e *Escritos & Ensaios* – que ele se debruça mais, para esmiuçar-lhe o sentido. Em *Introdução à Sociologia* (1970) Elias dedica ao conceito de *figuração* toda uma seção do capítulo quarto intitulado *Características universais da sociedade humana*³⁸. O mesmo conceito surge em subitem próprio do capítulo primeiro, *Conceitos sociológicos fundamentais*, do livro *Escritos & ensaios*, publicado postumamente, que reúne escritos desse autor feitos em diferentes períodos e organizado por terceiros.

³⁶ Há, sem dúvida alguma, influência das ideias do antropólogo Clifford Geertz na forma como se pretende analisar as interações dentro das casas. Geertz (1978) propõe um conceito semiótico de cultura, que compreende o homem como um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo tece. Para esse autor, então, a cultura pode ser entendida como uma teia de significados, um conjunto de textos, que ele vai tentar decifrar, interpretando-a e atribuindo-lhe significação. Para dar conta empiricamente disso, esse autor propõe a análise do fluxo do comportamento dos indivíduos, ou seja, buscar compreender o sentido da ação social dos sujeitos num sentido weberiano. O texto, ou a análise, surge da contraposição das diversas vozes e da capacidade do pesquisador de diferenciar os quadros desiguais de interpretação construídos pelos diferentes sujeitos. Neste caso, as referências são os moradores da casa.

³⁷ Muitas vezes surge a polêmica se a tradução correta desse conceito para o português é *figuração* ou *configuração*. Segundo Nathalie Heinich, “o próprio Elias utiliza em inglês os dois termos de *figuration* e *configuration*” (2001: 122). Para Landini (2005: 15) o autor usava ambos os termos, mas, ao que parece, no fim da vida preferiu “*figuração*”, não pelo seu conteúdo, mas por achar “*configuração*” redundante. Nas traduções mais recentes de Norbert Elias, como o livro *Escritos & Ensaios 1: Estado, processo, opinião pública*, o termo surge como *figuração*. Neste trabalho adotaremos essa forma.

³⁸ A edição usada no presente trabalho é uma versão portuguesa, das Edições 70, publicada em 1980. Nela, o conceito ainda aparece traduzido como *configuração*. Contudo, em traduções mais recentes, da década de 1990, feita pela editora brasileira Jorge Zahar, o termo já aparece como *figuração*, que aparece, inclusive, em análises recentes da obra de Norbert Elias, como, por exemplo, no livro *Dossiê Norbert Elias*. Publicado pela primeira vez em 1999, o livro reúne cinco intervenções sobre Norbert Elias, quatro delas apresentadas na mesa redonda “Norbert Elias: 100 anos”, em Caxambu (Minas Gerais), durante o XXI Encontro Anual da Anpocs (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), em 1997.

Também usaremos aqui as reflexões que aparecem em *Norbert Elias por ele mesmo* publicado pela primeira vez em 1990, ano de sua morte³⁹.

A noção de *figuração* foi desenvolvida por Norbert Elias, para quem indivíduo e sociedade não denotam dois objetos cuja existência é independente (ELIAS, 1980: 141). A Sociologia, portanto, não estuda os indivíduos como seres autônomos e nem as sociedades como se fossem entidades abstratas. Para ele: “o conceito de configuração serve, portanto, de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicos (sic) e diferentes” (Idem, 141).

Nesse sentido, não se pode estudar o indivíduo isoladamente, mas apenas enquanto membro de uma *figuração*, ou seja, um ser imerso em *redes ou teias de relações* e de *interdependência mútua*. É a partir de sua inserção nessas redes que os indivíduos devem ser entendidos, pois o ser humano só existe enquanto ser *em relação*. A *figuração* forma um entrelaçamento flexível de tensões e, para Elias, a interdependência entre os indivíduos é sua condição prévia. Ela tanto pode ser constituída de aliados como de adversários. Por isso, ele compara-a ao jogo⁴⁰, em que a ação de cada um depende das ações dos outros e só pode ser compreendida por meio desse entrelaçamento que, afinal, é o que dá sentido às ações. Por isso, os jogadores não podem ser compreendidos separadamente, pois suas ações só possuem sentido na relação que estabelecem com as dos outros jogadores envolvidos.

A casa também é uma *figuração*, como o local de trabalho, a escola, o clube, os amigos da rua, etc., na medida em que possui indivíduos que formam entre si uma rede de interdependência. Dessa forma, para Elias, ninguém deve, ou pode ser explicado em si, pois a possibilidade de compreensão da realidade só ocorre se as pessoas forem percebidas enquanto seres inseridos nas redes de relações das quais fazem parte⁴¹. Essas redes são as *figurações*.

³⁹ A exceção de Introdução à Sociologia (em que é utilizada uma edição portuguesa), todos os outros textos de Norbert Elias usados neste trabalho referem-se às suas versões em português publicadas no Brasil pela editora Jorge Zahar, cuja referência completa encontra-se ao final do trabalho.

⁴⁰ Clifford Gertz também usa o jogo (no caso o beisebol) como metáfora para a compreensão das relações sociais e igualmente aponta a necessidade de compreender-se simultaneamente uma série de fatores para a compreensão do jogo e das relações sociais: “saltando continuamente de uma visão da totalidade através das partes que a compõem, para uma visão das partes através da totalidade que é a causa de sua existência, e vice-versa, com uma forma de moção intelectual perpétua, buscamos fazer com que uma seja explicação para a outra. Tudo isso é, claramente, a trajetória, já bastante conhecida, do método que Dilthey chamou de círculo hermenêutico. Minha intenção aqui foi mostrar que ela é tão essencial para as interpretações etnográficas como para interpretações literárias, históricas, filológicas, psicanalíticas, ou bíblicas, ou até mesmo para anotações de informações sobre aquelas experiências cotidianas que chamamos de bom senso. Para acompanhar um jogo de beisebol temos que saber o que é um bastão, uma bastonada, um turno, um jogador de esquerda, um lance de pressão, uma trajetória curva pendente, e um centro de campo fechado, e também como funciona o jogo que contém todos estes elementos” (2006:105-6).

⁴¹ Em sua brilhante análise em *Mozart: sociologia de um gênio* (1995), publicada postumamente, é possível compreender de forma clara o que o autor queria dizer quando afirmava que os indivíduos não podem ser estudados e compreendidos como seres isolados. No livro ele analisa a figura de Mozart, considerado um dos

Uma pessoa só pode ser compreendida em relação à outra. No caso da casa, só é possível entendê-la pela contraposição das diversas vozes que ali interagem. Daí uma das afirmações iniciais do trabalho, de que a casa é fruto das diversas relações e olhares entre os que ali interagem. A noção de figuração entende os seres humanos como seres *em formação* (ELIAS, 2006: p.25), em constante movimento, que, ao se inserirem numa dessas redes de entrelaçamento, ingressam também no seu mundo simbólico. O indivíduo, para fazer parte de uma, deve passar pelo aprendizado de uma língua, ou não será capaz de orientar-se no mundo nem de comunicar-se com outros indivíduos. Ele adquire sua humanidade, só se torna humano, por meio de sua inserção em alguma figuração. Somos então, por definição, seres *relacionais e simbólicos*.

Além disso, as figurações não são estáticas e nem imutáveis. Na verdade, são *fluidas*, e se *constroem e reconstroem* incessantemente, por meio das teias de relações que os indivíduos estabelecem entre si e que mudam de acordo com as variações no equilíbrio de poder entre os participantes.

Com base em tal raciocínio, Elias também repensa o conceito de poder, que deixa de ser um conceito de substância e passa a ser um conceito de *relação* (1980: 143). Não há um indivíduo com e outro sem poder, mas sim um *processo* constante de *equilíbrio de poder*, ou seja, o poder deixa de ser visto como algo estático que uns detêm e outros não, para fazer parte de um jogo de tensões. O equilíbrio é flutuante e elástico pois se constrói e reconstrói por meio das relações (1980: p.80)⁴². Logo, o equilíbrio de poder faz parte de todas as relações humanas:

gênios da música ocidental e mostra que só é possível compreendê-lo se forem observadas as figurações nas quais ele circulava e participava. Ou seja, é pelo estudo das teias de suas relações que é possível compreendê-lo. Com isso, Elias consegue fazer sociologia de um gênio, justamente aquele considerado a pessoa mais incomparável que existiu, um indivíduo incomum. Pois é justamente na análise daquela que seria a pessoa mais incomparável e única que existe, e que para muitos não diria nada sobre as relações sociais de uma época, que Elias se debruça e mostra que, por meio da análise das relações de Mozart, no interior das figurações das quais fazia parte, é possível não só o conhecer, enquanto homem e gênio – pois para o autor não é possível amar o gênio sem amar o homem – mas também, entender as disposições do período histórico em que Mozart viveu, compreendendo como se davam as relações sociais naquele momento, particularmente aquelas entre o artista – que ali ainda era visto como artesão – e o seu público. Esse livro fornece algo que poucos livros de sociologia conseguem, ele dá uma *lição* de como é necessário observar os indivíduos imersos nas figurações das quais fazem parte para compreendê-los, pois não há indivíduo sozinho, os indivíduos só existem enquanto seres em relação.

⁴² Em *Introdução à Sociologia*, de 1970, Elias sugere que o conceito de “relação de poder” seja substituído por “força relativa dos jogadores” (1980:81). Mas em *Norbert Elias por ele mesmo*, de 1990, afirma de forma clara que a Sociologia deve estudar as *relações de poder* entre os indivíduos de uma dada sociedade, o que mostra o retorno ao termo: “o fato de que os outros, como a própria pessoa, tenham uma vontade própria impõe limites à vontade individual da cada um dentre eles, dá uma estrutura e uma dinâmica próprias à sua vida em comum, e não se pode compreender nem explicar essa vida social caso se considere cada indivíduo separadamente – o que só é possível se partirmos dos diversos graus e das diversas formas de sua dependência e de sua interdependência. As diferenças dessa dependência e dessa interdependência humana

Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre as pessoas. Sob este ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que ela metesse na algibeira. Essa utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e o outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de *todas* as relações humanas. (ELIAS, 1980: 81)

Afirmar, como Norbert Elias faz que todas as relações envolvem questões ligadas ao poder, e que todas possuem um equilíbrio de poder, não quer dizer que todas sejam equilibradas no sentido de um poder dividido de forma equitativa, mas, antes, que todas se equilibram num jogo de *tensões, interdependências mútuas e fluidez*.

Se a casa é uma figuração – pois possui indivíduos ligados entre si por laços de interdependência mútua – para compreender a construção da identidade de seus moradores a partir dela, é preciso observar os indivíduos que a compõem de forma cruzada, ou seja, entrevistar o maior número possível de membros do grupo para compreendê-los. Significa trabalhar essa figuração de forma *polifônica*, ou seja, dar voz às diferentes pessoas que a formam, ou melhor, ouvir as diferentes vozes, pois cada pessoa participa dela a partir de uma posição particular. Acreditar que uma voz seja mais importante que as outras é não entender que eles se formam numa *relação* e que, para compreendê-las, é preciso estudar como é sua relação com as demais. É preciso entender “a força relativa dos jogadores” (ELIAS, 1980: p.81). Mas, mais uma vez, a palavra “força” não deve ser compreendida como algo absoluto que algumas pessoas possuem e outras não. Por isso não foram entrevistadas nem só as mães, por mais importante que seja o seu papel na organização e arranjo da casa, nem só os pais. Ou, mesmo, não se pensou em falar só com os jovens, que, às vezes, são os que passam mais tempo em casa. Ou com possíveis agregados, como tios, sobrinhos ou avós⁴³. Em qualquer casa onde morem ao menos duas pessoas, o ganho individual tem um gasto coletivo e isso envolve *processos de negociações*. Nesse sentido, a contraposição entre as diferentes vozes é

são o núcleo daquilo a que se refere quando se fala das relações de poder entre os indivíduos de uma dada sociedade. O estudo dessas relações encontra-se, a meu ver, no centro da pesquisa sociológica, ou, mais exatamente, ali deveria encontrar-se. Sem definição e sem explicação das relações de poder no seio de um grupo, os grupos de macrossociologia ou microsociologia permanecem incompletos, vagos e finalmente estéreis” (2001a:154). A citação acima deixa absolutamente claro que é papel da Sociologia estudar as relações de poder entre os indivíduos para compreender-lhes as interdependências e que esta deve ser uma das suas tarefas centrais, seja ela de tendência macro ou micro-sociológica. Em *A sociedade de corte*, (2001b) ele procura justamente mostrar os laços de interdependência e as relações de poder entre o rei da França e a sociedade de corte que o cercava.

⁴³ Nos capítulos quatro e cinco, será esmiuçado o estudo das relações de poder, mediante apreensão e a apropriação do espaço da casa por meio das relações que ali se dão e seu preenchimento com móveis e objetos.

que possibilitará o entendimento de como se dão os processos que envolvem a construção da identidade para essas pessoas. Para isso, é preciso sempre levar em conta que essas *negociações* são marcadas por sua *fluidez, interdependência e jogo de tensões*. No que se refere ao arranjo da casa e a construção da identidade por meio dos objetos que ali são colocados, é necessário compreender, entre outros fatores, o que os objetos expostos dizem sobre esse jogo de tensões.

As figurações, portanto, não são estáticas, pois as relações que as pessoas estabelecem entre si, com o espaço e os objetos também não o são. No caso da casa, à medida que os filhos amadurecem, muitas vezes reivindicam a reorganização das questões relativas ao poder, o que pode ocorrer devido a uma série de fatores, muitas vezes ligados às aspirações que têm para si, nem sempre coincidentes com as aspirações dos pais em relação a eles e que podem influenciar a construção da identidade.

Na casa C10, a mãe mudou o computador de lugar para voltar a ter mais poder sobre o filho e, assim, “acompanhar” a navegação dele pela internet. Incomodava-a privacidade que ele tinha no quarto, uma vez que ela não tinha mais tanto controle sobre ele: “era um entra e sai de gente na minha casa” e ela “não estava gostando nada disso”. Também foi possível observar na casa C8, em que mora um jovem casal, que o marido “deixou” a mulher escolher tudo para sua casa, uma vez que ele afirmou ficar feliz em vê-la feliz⁴⁴. Em outra casa, a C7, ocorreu quase o contrário, quem escolhe quase tudo é o marido, e ele apenas permitiu à esposa escolher o lustre da sala como forma de concessão às reclamações dela de que não conseguia participar ativamente da decoração dos cômodos. Todos os exemplos citados, e outros mais que serão discutidos nos Capítulos quatro e cinco, mostram processos de luta, tensão e negociação por equilíbrio de poder.

Mas, como pensar a construção da identidade a partir da idéia de figuração? Em que medida compreender uma figuração ajuda a compreender os processos de construção da identidade? O trecho abaixo de *Introdução à Sociologia* pode auxiliar a compreensão disso tudo, a partir da perspectiva de Elias:

Um dos aspectos mais elementares e universais de todas as configurações humanas é o de que cada ser é interdependente – cada um pode se referir a si mesmo como “eu” e aos outros como “tu”, “ele”, ou “ela”, “nós”, “vós” ou “eles”. Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas. E designamos isso oralmente ou pensando nisto por meio de conceitos que se baseiam em pronomes ou noutros meio análogos de expressão. **A concepção que cada um de nós tem destas**

⁴⁴ Infelizmente isso não foi suficiente para a manutenção da união. Meses depois das entrevistas voltei àquela casa para tirar fotos e eles não moravam mais ali, o casal havia se separado.

configurações é uma condição básica para a concepção que cada um tem de si próprio, como pessoa isolada. O sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as “relações de nós” e de “eles” no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos por “nós” e eles”. Contudo, os pronomes nem sempre se referem às mesmas pessoas. As configurações a que habitualmente se referem podem mudar no decurso da vida, tal como uma pessoa muda (ELIAS, 1980:p.139 **negrito nosso**)

Um primeiro ponto que o trecho coloca é o de que as pessoas só existem enquanto *seres interdependentes e imersos em figurações*. A partir disso, o estudo de como as pessoas constroem suas identidades deve procurar entender essas interdependências, a partir das figurações nas quais os indivíduos fazem parte, pois “a concepção de que cada um de nós tem destas configurações é uma condição básica para a concepção que cada um tem de si próprio, como pessoa isolada” (ELIAS, 1980:139). Compreender como a pessoa entende e se relaciona com as figurações é muito importante para a compreensão de como a pessoa se pensa e é uma chave interessante para entender como ela constrói sua identidade. No caso da presente tese, o objetivo não é compreender como se dá o processo de construção da identidade das pessoas envolvidas, a partir das diferentes figurações nas quais elas se inserem, circulam ou circularam. Se fosse esse o caso, seria não só necessário, mas imprescindível, compreender sua inserção e circulação por outras figurações. De fato, a pretensão é compreender o papel de uma figuração específica – a casa de moradia – e dos elementos que a compõem – móveis, outros objetos e divisões espaciais – na construção da identidade para as camadas populares.

Também é preciso dizer que numa perspectiva eliasina o conceito de identidade está relacionado a um *processo social* (1994: p. 152). Ou seja, a identidade nunca deve ser pensada como algo acabado, mas sim como uma eterna construção que só termina com o fim da vida da pessoa. A identidade individual é construída socialmente e por isso é um processo social.

2.2 A casa como resultado de um projeto.

Em grande parte do mundo contemporâneo, particularmente nas sociedades ocidentais, as pessoas são pensadas enquanto indivíduos que têm a obrigação social – às vezes maior, às vezes menor – de estabelecer projetos para si (VELHO, 1997). Nessa direção, a presente pesquisa entende que a casa seja resultado do projeto(s) estabelecido(s) por aqueles que ali

habitam⁴⁵. Entender a casa e a família que a habita como parte de um projeto ou resultado de um projeto significa afirmar também que devem ser entendidas como *processos* em constante movimento, que sofrem ressignificações, pois não são imutáveis. Se a ideia de projeto pressupõe que o indivíduo estabeleça certas metas ou objetivos para si e sua vida, é preciso dizer que os projetos são dinâmicos. Eles ocorrem dentro de um *campo de possibilidades*. Por isso sempre sofrem reinterpretações e reorientações, em virtude das vivências e experiências acumuladas.

Desse modo, o significado dos objetos e sua importância modificam-se na medida em que mudam as relações que ali ocorrem, seja porque a família extensa se tornou uma família nuclear, seja porque ocorreu o contrário, ou porque a própria família nuclear se alterou ao longo do tempo, ou o(s) projeto(s) estabelecido(s) pelos que ali moram é(são) posto(s) em questão pelos membros mais jovens, à medida que eles crescem e passam a desenvolver outra relação com esse espaço e com as pessoas que o compõem.

A modificação pode ocorrer de inúmeras formas, não apenas pelo nascimento ou morte de um membro, mas também pela chegada de parentes não esperados (como tios, primos, avós etc.) e pela reconfiguração dos arranjos familiares (casamentos, separações, reconciliações, gravidezes, etc.). Outros fatores, que vão desde novos empregos ou o desemprego, até tragédias inesperadas, como, por exemplo, o barraco pegar fogo ou ocorrer uma inundação, podem também estar presentes. Enfim, as mudanças podem derivar dos mais diversos motivos, relacionados com as mais diferentes circunstâncias, internas ou externas às vontades dos habitantes da casa. Podem estar ligadas também com a produção de mais cômodos ou com a subdivisão daqueles que já existem.

Mas de quem é o projeto? Quem o elabora? Atualmente, ele já não é somente fruto de um casal que se une. Contribui para isso a grande heterogeneidade de arranjos familiares existentes, as constantes transformações pelas quais as famílias passam e o fato de que cada vez mais as pessoas traçam projetos individuais. Ele tanto pode ser concebido por um casal, como por uma mulher que nunca casou formalmente, mas que é a chefe de um domicílio, ou ser fruto das negociações entre vários casais que moram numa mesma casa. Ele ainda pode ser modificado por uma separação (casas, C4 e C9) ou pela viuvez (casa C5).

⁴⁵ A ideia de conceber a família e, por conseguinte, a casa, como resultado de um projeto familiar é comum na literatura sobre família; vários são os autores que destinam capítulos de seus estudos para a análise dos projetos familiares (SARTI, 2005; MACEDO, 1985; VELHO, 1997, entre outros). Mas são poucos aqueles que se lembram de apontar a dimensão cultural e histórica dessa prática. Gilberto Velho, por exemplo, é uma interessante exceção no contexto brasileiro, assim como Ulrich Beck no contexto europeu. Cf. Beck, 2009.

Enfim, muitas são as pessoas quem podem elaborá-lo ou mantê-lo. Em uma casa, vários podem ser os projetos, individuais e coletivos. De qualquer forma, nenhum projeto é totalmente individual, pois eles são sempre feitos em relação a outros projetos individuais ou coletivos (VELHO, 1997).

Ele também não precisa ser sempre claro para as pessoas. Umas podem estabelecer metas mais bem definidas e outras não. As circunstâncias também podem ajudar a desmontar ou repensar certos projetos.

Para o presente estudo, é empregada a noção de projeto desenvolvida por Velho (1997, 2003), segundo a qual se trata de uma *conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Não se trata, portanto, de um mero fantasiar, porque é pensado a partir da realidade e elaborado dentro do *campo de possibilidades* que ela proporciona. Essa é a diferença essencial entre ambos. Enquanto a fantasia não precisa acontecer, podendo permanecer na esfera subjetiva, o projeto – que até pode nascer dela – é conduta, ou seja, é ação e, portanto, tem na condição de sua existência a possibilidade de ser materializado. É ação com um objetivo pré-determinado.

Ao desenvolver a ideia de *projeto*, Velho (1997, 2003) conecta-a à de *indivíduo-sujeito*, de alguém que faz escolhas *conscientes* dentro de um *campo de possibilidades* dado pela realidade⁴⁶. Daí a importância da *trajetória* para a compreensão do *projeto*, do qual é a expressão. Compreender a biografia da pessoa em relação à casa é refazer sua *trajetória* e entender seu *projeto* atual, uma vez que ela ordena e organiza na memória o que é ou não significativo, em função da importância que atribui a certas coisas em detrimento de outras - essa importância é construída pelo *projeto*. É por meio dele que os fatos retidos na *memória* são organizados e hierarquizados.

Com isso, o *projeto* também pode ser analisado como mais um elemento que contribui na construção da *identidade* de uma pessoa. É por seu intermédio que os fragmentos da *memória* são ordenados e dotados de significados⁴⁷.

Na intersecção de sentimentos, ideias e trajetórias, é possível compreender os processos de construção da identidade. A análise da trajetória tal como aqui é compreendida permite isso, pois ela mostra não só as ações, mas os significados que lhes são atribuídos.

⁴⁶ “... é indivíduo-sujeito aquele que faz *projetos*. A consciência e a valorização de uma individualidade singular, baseada em uma *memória* que dá consciência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de *projetos*”. (VELHO, 2003: p.101).

⁴⁷ Do mesmo modo que as pessoas estão sempre imersas em teias de interdependência – figurações – sua identidade não só apresenta a mesma fluidez e elasticidade, podendo, portanto, ser revista e modificada, como é sempre construída em relação às outras pessoas, por associação ou dissociação. Desse modo, não é possível falar em uma identidade acabada, mas, sim entendê-la como estando em permanente construção.

Como já foi anteriormente dito, a trajetória de alguém não é compreendida simplesmente pelos fatos de sua vida. Na verdade, as pessoas organizam na memória esses eventos, dependendo da forma pela qual se relacionam com eles.

Pressupor que seja preciso levar em conta trajetórias para compreender essa questão é acreditar que haja distintas estratégias de construção da identidade e que elas se alteram no curso da vida de uma pessoa.

Refletir a respeito da casa enquanto projeto ou parte dele é entender que cada um de seus espaços é disputado, na grande maioria das vezes, em função do que é projetado para ela, por meio das expectativas e projetos individuais. Não raro, as expectativas dos outros membros podem não coincidir com as de quem é (são) o(s) chefe(s) daquele espaço, no sentido de ser(em) a(s) pessoa(s) responsável(is) pelo seu preenchimento com móveis, outros objetos e pela manutenção do grupo que ali reside.

Entender a maneira como é apreendido o espaço da casa por meio não só das relações que ali se dão, mas de uma análise dos objetos expostos⁴⁸ e como essa apreensão é fruto de negociações entre aqueles que nela residem é uma chave interessante para refletir sobre a questão do desenvolvimento da identidade.

As interações podem mudar à medida que os filhos crescem e que novos membros surgem no espaço doméstico (seja pelo nascimento, seja porque é um parente que vem morar na casa dos avós ou tios, ou um genro ou nora). Os anseios dos jovens muitas vezes não coincidem com o projeto elaborado. Se, em criança, integrava o projeto dos parentes (os pais, os avós ou os tios), enquanto jovem, pode desenvolver um próprio que não coincida com o anteriormente estabelecido (ROMANELLI, 1986: p.41).

Assim, se, nos termos de Erving Goffman (1995), a família for pensada como uma *equipe*, devemos pressupor que haja não só certa harmonia na representação dos atores (moradores), como também um objetivo comum⁴⁹. Caso isso não ocorra, os conflitos tornam-se praticamente inevitáveis. Não obstante, os conflitos não devem ser encarados como puramente negativos e fatores de desagregação; na verdade, eles fazem parte da própria dinâmica inerente à vida social, que é constituída tanto de aspectos positivos quanto negativos.

⁴⁸ No presente trabalho foi feita a opção de estabelecer uma análise dos objetos expostos. Sobre esta escolha e sobre a análise deles ver o capítulo 5.

⁴⁹ A necessidade de um objetivo comum deve estar relacionada à forma como cada ator (morador) compreende o projeto para a casa. Salem observou que as tensões latentes podem transformar-se em conflito aberto devido à “forma diferenciada pela qual cada ator percebe e avalia o projeto formulado pelos mais velhos” (1980: p. 191).

Um dos primeiros autores a encarar as relações sociais sob tal ponto de vista foi Georg Simmel⁵⁰ (1983), para quem o conflito não pode ser visto apenas pelo seu aspecto negativo, na medida em que não há como dissociar empiricamente os aspectos negativos e os positivos. Ele ainda introduz a idéia de que a oposição entre os membros de um mesmo grupo não necessariamente seja fator de desagregação, podendo constituir forma de estabelecer limites e garantir a sobrevivência do grupo.

O estabelecimento de limites demonstra o desejo de fixar a própria individualidade e identidade.

Trazer tais concepções para a reflexão sobre a casa enquanto *projeto*, permite vislumbrar o início do entendimento de que a apreensão dos seus espaços é dinâmica e expressa não apenas um processo, mas também possibilita a explicitação de interesses divergentes e muitas vezes conflitantes. Estes se manifestam na medida em que, por exemplo, o jovem cresce e passa a compreender de forma distinta o projeto estabelecido para aquela casa, ou quer desenvolver um projeto seu não coincidente com o esperado pela família ou, ainda, quando homens e mulheres apresentam expectativas diferentes sobre os lugares ocupados dentro do relacionamento doméstico.

A análise de Ulrich Beck (2009) das tensões estabelecidas entre homens e mulheres, no que se refere à organização da casa, traz elementos que podem ajudar a presente reflexão. Essas tensões expressam a incompatibilidade existente entre a retórica da igualdade dos sexos, cada vez mais difundida, inclusive, entre os homens, e o remodelamento das práticas sociais, que ocorreria de forma mais lenta do que o discurso. Ou seja, apesar do que é dito, ainda hoje, as mulheres cuidam muito mais do que os homens do espaço doméstico e tal fato não é típico apenas dos segmentos populares ou do Brasil enquanto país “em desenvolvimento”. Na verdade, Beck faz suas afirmações tomando como base estudos realizados em países altamente individualizados, como Alemanha e Estados Unidos. O interessante para a presente discussão é que as tensões geradas por essa ambiguidade estariam relacionadas, segundo o autor, com a incompatibilidade presente entre os *projetos individuais das mulheres* e seu desejo de *individualização* e as formas de divisão das responsabilidades que têm encontrado nas suas relações. Não que os homens desconheçam os anseios femininos ou não partilhem certos valores igualitários, mas eles, muitas vezes, não conseguem levar para sua vida prática aquilo que aceitam num plano abstrato. Portanto, o que está em jogo nas discussões dos casais

⁵⁰ “Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma ‘união’ pura (*Vereinigung*) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real” (Simmel, 1983: 124).

é muito mais do que a partilha do trabalho doméstico; trata-se de uma ideia de família e de como as relações familiares deveriam ocorrer.

As reflexões de Norbert Elias (1994) sobre a gênese do conceito de indivíduo são extremamente interessantes e pertinentes para o presente estudo. Para Elias, o conceito de indivíduo como alguém que é ou deve ser visto como uma entidade autônoma não existiu desde todo o sempre, mas é característico de sociedades em que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, são mais valorizadas do que o que elas possam porventura ter em comum, sua identidade-nós⁵¹.

Ocorreu o que ele chama de inversão na balança nós-eu e, com isso, manifesta-se a prevalência da identidade-eu sobre a identidade-nós. A ideia da balança nós-eu está ligada à de interdependência entre os indivíduos, por meio das figurações e a construção da identidade. Os indivíduos só existem enquanto parte de figurações, mas a forma pela qual se relacionam com elas mudou com o passar do tempo, à medida que o “nós”, que era mais importante, passou a ter menos importância do que o “eu” na construção da identidade. Dessa forma, a identidade do indivíduo que se confundia fortemente com a do grupo (daí a prevalência da identidade-nós), passou a não se confundir tanto.

É ainda importante destacar que o termo *prevalência* significa, portanto, que ainda há a identidade-nós; entretanto, sua força sobre os indivíduos é cada vez menor.

Ou seja, segundo Elias, as pessoas vivem o paradoxo entre querer destacar-se e querer fazer parte de algo, de algum grupo. Vivem *tensamente* essa alternância, pois a possibilidade caminha o tempo todo com a impossibilidade de realização. Há uma tensão permanente entre o ‘eu’ e o ‘nós’, característica da modernidade. Vários fatores podem atrapalhar o equilíbrio entre ambos, como, por exemplo, uma pessoa que tenha um eu exacerbado.

O problema está em que, por mais que hoje as pessoas se pensem como seres individuais, não há, nem nunca houve, uma linha entre eu e nós; na verdade, ambos se constroem numa eterna intersecção. Entretanto, muitas pessoas não se vêem assim; para elas, o eu está absolutamente separado do nós.

Contudo, não há a possibilidade de pensar os seres individuais sem levar em conta sua existência social, sem compreender suas relações com as figurações das quais fazem parte⁵².

⁵¹ Autores como Ulrich Beck (2009, 2010) e Anthony Giddens (2002) procuram refletir sobre as consequências dessas alterações na contemporaneidade.

⁵² Para Elias, caminhamos para um novo estágio de integração da humanidade em nível planetário, em que as pessoas se identificam entre si enquanto seres humanos. É um novo *ethos* que surge, ainda em estágio primitivo. De acordo com ele, emergem formas iniciais de um “crescente sentimento de responsabilidade mundial pelo destino dos seres humanos (1994: 139). Contudo, se, do ponto de vista de um processo mais amplo, realmente é possível ver o desenvolvimento dessa percepção e desse sentimento em um número cada

Essas relações só podem ser entendidas com o auxílio da memória, pois a identidade-eu tem como um de seus elementos importantes o que Elias chama de *continuidade da memória*: “a imensa *capacidade de preservação seletiva das experiências*”⁵³, em todas as idades, é um dos fatores a desempenhar papel decisivo na individualização das pessoas” (1994, p.154, *itálico nosso*).

Outro aspecto a ser analisado da existência social das pessoas é a *estrutura de oportunidades* nas quais elas estão imersas (ALMEIDA e D’ANDREA, 2005)⁵⁴. Essa *estrutura de oportunidades*, de certa forma, assemelha-se à ideia de Gilberto Velho de *campo de possibilidades* e dá-nos a pista de que, para entender as possibilidades do desenvolvimento da identidade, seria importante entender o contexto no qual esses processos podem ou não se desenvolver. Daí, mais uma vez, a importância de compreender a trajetória das pessoas.

Por mais individual que possa ser cada trajetória, a passagem por e a observação de uma casa ajuda a compreender a outra, assim como a entrevista com um morador ajuda a compreender a entrevista com outro morador. Isso ocorre porque os indivíduos só existem enquanto seres em relação, imersos em figurações. Logo, as trajetórias não são analisadas de forma individual, mas sim entrelaçadas, pois só assim é possível compreender os processos de construção da identidade.

Claude Dubar auxilia a compreensão desse processo ao reiterar que a identidade é construída por meio de processos de interdependências entre o eu e o outro: “a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar a própria identidade” (2005: 145). Esses processos são sempre marcados pela incerteza, pois as pessoas nunca podem ter certeza de que sua identidade para si coincide com a identidade para o outro (2005: 135). A identidade para si é a forma pela qual a pessoa se vê e se define e a identidade para o outro, é a maneira pela qual os outros a vêem e definem. Ambas são parte do processo de construção da identidade, pois ela surge dessa relação entre a identidade para si e a identidade para o outro. Ao mesmo tempo, essa construção é um processo que nunca acaba: o “eu” e o “outro” se constroem e reconstroem sempre por meio da comunicação que se dá pelo processo de socialização:

vez maior de pessoas, também é verdade que, cada vez mais, elas procuram fechar-se nos pequenos grupos dos quais fazem parte e estabelecer limites entre si e os outros.

⁵³ Não cabem aqui maiores digressões sobre a memória como eterna construção, pois o tema será discutido de forma mais pormenorizada nos próximos capítulos, mas é importante destacar que alguns autores serão usados mais à frente para auxiliar a reflexão a respeito do tema (POLLAK, 1989, 1992; BOSI, 1997; HALBWACHS, 1990).

⁵⁴ No caso desses autores, é importante destacar o exemplo que dão da favela de Paraisópolis, situada no meio do Morumbi, bairro de alto padrão da cidade de São Paulo e que teria uma estrutura peculiar de oportunidades.

Desse ponto de vista a identidade nada mais é que o *resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente constroem os indivíduos e definem as instituições*. (DUBAR, 2005, p.136)

A partir de tudo isso deve estar claro que o presente estudo não pretende dar conta dos processos de construção identitária na sua totalidade, mas sim examinar e destacar o papel de uma das figurações das quais as pessoas fazem parte, nesse processo mais amplo – a casa em que moram.

2.3 A importância da análise dos objetos no estudo das interações sociais

Se a casa quase não é objeto de estudo no Brasil enquanto materialidade⁵⁵, surgindo mais nos estudos de cunho histórico ou arquitetônico, o mesmo ocorre com a análise dos objetos que fazem parte dela, na busca de compreensão das relações sociais.

A definição de um objeto, como lixo, sucata, reciclado ou enfeite, é sempre uma *definição social*, ou seja, nenhum objeto tem em si um valor ligado somente as suas propriedades materiais, que, aliás, são valorizadas de forma diferente nas distintas culturas. Por exemplo, nas sociedades ocidentais – mas não só nelas – todo objeto feito de ouro tende a ser visto como um objeto especial. Nesse sentido, mesmo um objeto de uso cotidiano como uma colher, pode tornar-se especial devido ao material no qual é feito e o material pode, inclusive, mudar sua funcionalidade, de objeto de uso cotidiano, para objeto decorativo a ser exposto.

A classificação de um material como nobre ou importante muitas vezes está relacionada à sua escassez ou às dificuldades de obtê-lo e não às suas propriedades físicas ou estéticas. É esse, por exemplo, o caso do diamante. Não são suas propriedades físicas que o tornam objeto de desejo de milhares de mulheres no mundo todo, mas, sim, o fato de ser difícil de ser encontrado. Se ele existisse na quantidade em que a areia, ou a maioria dos outros minerais é encontrada, provavelmente não seria tão cobiçado. Isso não quer dizer que suas propriedades materiais não possam fazer parte de um discurso para defini-lo, mas sim, que essa explicação tem, em si, um componente social. Nesses termos, pode-se dizer que o sentido das propriedades de um objeto, são sempre *imateriais, sociais, fluidas e historicamente constituídos*. Elas são *imateriais*, pois não estão ligadas necessariamente aos aspectos físicos que a peça apresenta, mas a valores que lhe são atribuídos, valores

⁵⁵ Roberto Da Matta (1991) sugere que ela seja vista como categoria analítica o que é muito diferente de tomá-la como objeto de estudo.

socialmente atribuídos. Ao mesmo tempo, as propriedades de um objeto são também *fluidas*, pois um valor atribuído numa determinada época pode mudar em outra, da mesma forma que um objeto pode ter um valor muito grande para certo grupo de pessoas e nenhum valor para outro. Nesse sentido são *historicamente* constituídos. Nos dias atuais, uma roupa feita com pele de animais, não é mais vista como objeto de desejo por um crescente número de mulheres das sociedades ocidentais. Isso não tem a ver com o fato de terem se tornado mais baratas e fáceis de adquirir, pois isso não é verdade. E nem que o material “pele” tenha passado a ser visto como tendo qualidade inferior a outros materiais cuja base também é o couro. Essa mudança está ligada a uma série de fatores, como os tipos de animais que são mortos: focas, raposas e chinchilas. Tais animais na sua maioria não são produzidos em cativeiro, são vistos como “selvagens” e por isso passíveis de extinção. Também o fato de somente se aproveitar a pele do animal soa cada vez mais como um ato de crueldade para a sensibilidade das pessoas que passaram a valorizar não só a vida humana, mas todas as outras formas de vida na terra. Aliada a tudo isso há uma consciência ecológica mais ampla, que crescentemente vê a matança de animais como algo a ser criticado. Ou seja, as *disposições* das pessoas em relação aos materiais mudaram muito nos últimos anos, por isso as propriedades de um objeto são fluidas, pois dependem de acordos sociais em torno de um determinado material, que podem mudar de época para época.

Mas será que o material é o que fazemos dele, como acreditam alguns (Becker, 2008)?

Acertadamente, Howard Becker (2008: 72) destaca que “os objetos materiais, embora fisicamente bastante reais, não têm propriedades ‘objetivas’”. Segundo o autor, ao reconhecer que eles as possuem, atribuímos essas propriedades por razões sociais. Entende-se aqui que os objetos não possuem propriedades objetivas, pois um mesmo objeto, como um copo, por exemplo, pode significar um vaso para alguns, um simples copo para outros e lixo para terceiros. Há alguma propriedade objetiva em cada uma das nomeações? Não, se entendermos que uma propriedade objetiva é aquela que independe de quem a vê, pois ela é sempre a mesma, daí a sua objetividade.

Mas alguém poderia dizer: ora, mas em nenhum momento ele deixou de ser um copo. Entretanto, isso não é verdade, pois, das três nomeações aqui dadas, somente em uma, a segunda, o copo foi visto como tal. Enquanto lixo, ele não pode ser mais usado e não serve mais como copo. Para quem o vê desse modo, não se trata mais de um copo. E, na primeira acepção, ele é um vaso, tão bonito que não pode ser usado como “copo”. Nesse sentido os objetos não possuem propriedades objetivas. Com o exemplo acima procurou-se ir além do que Howard Becker propõe. Defende-se a ideia de que as pessoas atribuem propriedades aos

objetos por razões *sociais* e que isso não tem a ver com o *reconhecimento* a partir do que é visto – tal como ele coloca – ou seja, de alguma propriedade entendida como intrínseca, uma vez que não há propriedade intrínseca.

Os sociólogos supõem que as propriedades físicas de um objeto possam restringir seu uso e significado, mas elas só podem ser vistas como restritivas se as pessoas as usarem como a maioria espera que o façam (BECKER, 2008).

Defende-se neste trabalho que as propriedades de um objeto são *criadas e desfeitas* de acordo com o uso e os significados que lhe são atribuídos pelas pessoas. Não há, portanto, propriedades intrínsecas a eles ou extrínsecas aos significados que lhes são atribuídos.

Ao mesmo tempo, quando organizados de uma maneira ou de outra podem expressar sentidos que não eram aqueles esperados por quem os organizou.

O objeto é a encarnação física de todas as ações que foram necessárias para que ele existisse (BECKER, 2008). Acrescentaríamos: o objeto é *ao mesmo tempo a encarnação física* de todas as ações que foram feitas para a sua existência, mas pode, além disso, adquirir *diferentes significados* que *independem* muitas vezes do contexto inicial de sua produção e aquisição.

Os objetos muitas vezes são tratados como se suas propriedades fossem estáveis e servissem para defini-los para todo o sempre. Voltemos ao exemplo do copo e à ideia inicial de que um copo é sempre um copo. Por isso, talvez muitos pesquisadores, não achem que os copos (e outros objetos de uso cotidiano) mereçam um segundo olhar. Mas esperamos ter mostrado que nem sempre um copo permanece sendo um copo. Assim como uma mesa nem sempre é só uma mesa, mesmo que o seu sentido permaneça sendo o mesmo, pode sofrer adjetivações muito diferentes que auxiliam a compreensão das relações sociais que ocorrem em seu entorno.

É por isso que muitas das casas pesquisadas são constituídas por objetos que outras pessoas consideram como “lixo”, algo a ser descartado; as famílias apropriam-se deles, conferindo-lhes outros sentidos. É o caso, por exemplo, das garrafas usadas pela mãe C5 para enfeitar a cozinha de sua casa, e que não são apreciadas pela filha.

Ela usa-as como vasos, mas não dispõe as flores de forma comum. Ela submerge rosas vermelhas de plástico na garrafa cheia de água e com isso não só dá um novo sentido à garrafa, que se torna vaso, mas às próprias rosas, que por serem de plástico, não precisariam nunca ser molhadas e muito menos literalmente mergulhadas na água.

Fig. 97: Detalhe da cozinha C5.

Fig. 98: Cozinha da casa C5.

Se, na feitura de pesquisa os objetos envolvidos nas interações sociais fossem observados mais atentamente, poderiam ser obtidos resultados, não necessariamente melhores, mas de outro tipo, capazes de captar o que as pessoas não conseguem verbalizar de forma direta, mas que manifestam ao falarem sobre os objetos que as rodeiam, sejam ou não seus. As pessoas vivem o seu dia a dia, e nós, pesquisadores, a fim de compreendermos as relações sociais, estabelecemos as vias para o seu entendimento. Normalmente, as investigações envolvem entrevistas ou análise de documentos escritos, mas é preciso também observar as relações dos homens com o meio, por uma análise de sua relação com os objetos. Há toda uma área da Sociologia da Cultura voltada para a análise daqueles considerados artísticos, como livros, quadros e instalações, mas falta ainda à Sociologia encarar os objetos de uso cotidiano, com a mesma seriedade, sistematicidade e vigor conceitual.

Estantes, prateleiras e paredes são *displays* importantíssimos que, dependendo da situação, devem ser lidos, assim como pisos ou tetos. Tomemos o exemplo de um prato quando este é considerado especialmente bonito ou importante. Ele não só não é usado como recipiente de alimentos no dia a dia, como passa a ser exposto em estantes, prateleiras ou na parede. Ou pode ser guardado para ser usado em momentos considerados especiais. Isso também pode acontecer com um cocar indígena, uma lança, um instrumento musical, uma foto e tantos outros objetos, mostrados pelas pessoas em suas casas. A análise dos objetos expostos é fundamental para a compreensão da construção das identidades.

Para Howard Becker (2008) os objetos são *acordos sociais congelados*. No presente trabalho, entende-se que sejam *acordos sociais em movimento*. Como o autor está preocupado com o momento de sua produção, entende-os como acordos congelados, mas, na verdade, eles materializam acordos em movimentos. Um objeto muito valorizado numa época pode não ter

valor algum em outra. Ou ainda, numa mesma época, um grupo pode valorizar algo, e outro achar que aquilo simplesmente não é importante.

O que foi possível perceber no contato com a literatura que trata das camadas populares é que a questão do consumo como possível chave para a compreensão dessa camada da população (e de outras, diria eu) não recebeu ainda a atenção que merece. O consumo não é aqui entendido como a mera aquisição de um objeto, mas também a maneira pela qual ele é usado ou disposto (REIMER & LESLIE, 2004). Há poucos trabalhos sobre esse tema, seja em relação às camadas populares, seja referente a outros segmentos da população.

Lívia Barbosa é uma exceção à regra. Junto com Colin Campbell ela é a organizadora do livro *Cultura, Consumo e Identidade* (BARBOSA & CAMPBELL, 2006), que procura estabelecer articulações entre essas três categorias. A autora (BARBOSA & CAMPBELL, 2006) constata que, apesar do tema “consumo” ter adquirido certa relevância nas Ciências Sociais e aparecer em estudos históricos nos Estados Unidos e Europa, a partir do final da década de 70 e início dos anos de 1980, no Brasil, raríssimos pesquisadores dedicam-se a estudar o tema e sua especificidade⁵⁶. Para ela, não se trata apenas da falta de trabalho, teses, pesquisas e publicações sobre o tema:

Trata-se, na verdade, mais da exclusão de certas abordagens teóricas e enfoques metodológicos, por um lado, e da presença seletiva de temas e vieses interpretativos, por outro. Consumismo, materialismo, fetichismo, hedonismo, manipulação, entre outros, sempre foram discussões privilegiadas nas Ciências Sociais, brasileiras no que concerne ao tema do consumo, paralelamente às abordagens marxistas, da escola de Frankfurt, pós-modernas e semióticas.

Foi sistematicamente ignorado entre nós um conjunto de temas de pesquisa tão ou mais importantes para a compreensão dos atos de consumo, de seus sujeitos e contextos, como análises sobre práticas, padrões e rituais de consumo e compra de diferentes grupos sociais, faixas etárias, gêneros, religiões; mecanismos de mediação aos quais se encontra submetida a cultura material e seu papel no mundo contemporâneo; o estudo dos objetos e o que eles nos ensinam sobre a sociedade brasileira; as instituições e a cultura do capitalismo e como estas afetam as lógicas e os padrões de consumo de diferentes segmentos sociais, faixas etárias, ciclos de vida, entre outros. (BARBOSA & CAMPBELL, 2006: p.10)

Os consumidores são muitas vezes observados como sujeitos passivos do capitalismo, do *marketing* e da propaganda; os espaços de consumo são palcos nos quais transitam as várias identidades das pessoas na contemporaneidade e os corpos são entendidos como cabides de símbolos (BARBOSA & CAMPBELL, 2006, p.11). Para a autora, tal forma de

⁵⁶ A autora destaca que somente em 2004 ocorreu o I Encontro Nacional de Antropologia do Consumo na Universidade Federal Fluminense, seguido de um segundo, em 2005, e de um terceiro, em 2006.

análise é legítima, mas não a única possível. Além do mais, o próprio termo é associado à características negativas como consumista ou consumismo, sendo responsabilizado por uma série de situações que vão desde a perda do sentido da existência até a destruição de estilos de vida tradicionais. Ou seja, o consumo é visto como algo que atrapalha a vida social.

Há, de seu ponto de vista, – e concordamos aqui com ele – um grande moralismo na maioria dos estudos sobre o consumo. Para ela, consumo implica economia moral – as pessoas justificam moralmente o que consomem e tendem a hierarquizar os diferentes bens, considerando alguns lícitos e outros não tão lícitos. Entre os brasileiros, ela coloca como exemplo, que é mais lícito comprar livros e cds, de uma forma geral, do que bolsas e sapatos. Conforme a autora, no primeiro caso, somos intelectuais e, no segundo, fúteis. E o tema é tratado por esse viés moralista.

Entretanto, essa não é a primeira discussão sobre o caráter moral do consumo. Daniel Miller (2007, 2004) foi dos primeiros a discutir o tema segundo esse ponto de vista. Grande quantidade de estudos sobre o consumo, escritos nos últimos vinte e cinco anos, peca pelo moralismo com que trata o tema, pois apresenta quase sempre uma visão extremamente conservadora a respeito. Para Miller, o consumo deve merecer o mesmo respeito de outros temas e não deve ser tratado com um moralismo negativo, que só o critica e não procura compreendê-lo. A questão a colocar para as sociedades contemporâneas marcadas pelo capitalismo é a de que haveria uma estrutura simbólica rica no âmbito de nossa própria cultura material. Comprar um *jeans* de marca para um filho, afirma, pode mostrar não só o apelo da marca, mas, do lado da mãe, o sentimento de zelo para com seu filho. Segundo ele, os pobres são extremamente categóricos em afirmar a centralidade simbólica do consumo⁵⁷; logo, a cultura material ocidental, deve ser abordada com o mesmo cuidado e respeito com que é abordada quando se estuda a Melanésia ou Polinésia. Com isso, pretende resgatar a humanidade do consumidor, pois muitas pessoas usam a massa de bens justamente para agir *contra* a homogeneização do capitalismo. Por isso, o consumo pode ser visto como a maneira que muitas pessoas encontram para combater o seu sentimento de alienação no dia a dia; assim, pode ser uma forma de lutar contra ela e não ser ele mesmo uma forma de alienação. Para isso, os pesquisadores devem deixar de pensá-lo como intrinsecamente ruim ou negativo

⁵⁷ Segundo ele, os que viviam nos bairros mais miseráveis da Inglaterra eram os que conservavam o melhor cômodo da casa como um “salão” reservado quase exclusivamente para exibição. (MILLER, 2004, p.27). No estudo sobre os segmentos médios, pude verificar que a sala de jantar e a sala de visitas, muitas vezes, possuem essa função. De qualquer forma, pretende-se aqui investigar a relação entre o ganho individual e o gasto para fins coletivos que ajuda na manutenção de uma casa e que pode ser outro ponto importante na compreensão das tensões entre a ânsia de individualização e as possibilidades reais para a realização de tal processo.

e procurar compreender sua positividade, ouvir com atenção o que as pessoas têm a dizer a respeito. Compreendê-lo na sua positividade, não significa fazer-lhe uma apologia, mas sim entender como as pessoas se constroem enquanto seres sociais partir do consumo.

Desde o mestrado, quando procurei compreender os significados da casa para as camadas médias, o intuito nunca foi o de fazer crítica a esse segmento ou à forma como seus membros se relacionam entre si e com o espaço da habitação, mas, sim, de compreender os sentidos que lhe atribuem.

A proposta de Miller vem ao encontro da positividade buscada nos meus estudos e do respeito com que o pesquisador deve tratar os grupos estudados. Positividade no sentido de não encarar o consumo como intrinsecamente negativo ou positivo, mas como mais um elemento de compreensão das relações sociais. Ele sugere que o consumo seja estudado como cultura material. Sua hipótese é a de que ele pode ser encarado como resgate da humanidade. Ou seja, consumir pode ser a forma encontrada por muitas pessoas, de não perder a sua humanidade, mas de resgatá-la, pois nesse momento elas podem estabelecer quem são (2004, p.29). Nesse sentido *O mundo dos Bens* de Mary Douglas e Baron Isherwood (2006) e *A Distinção* de Pierre Bourdieu (2007) são exceções à maioria dos estudos sobre consumo, pois ambos procuraram mostrar que, definitivamente, ele não está relacionado apenas ao gosto pessoal. Bourdieu procurou mostrar que os bens não são apenas reflexos das distinções de classe, mas uma forma de reproduzi-las e expressá-las. Douglas e Isherwood, por sua vez, procuraram ver os bens como um sistema de comunicação; assim, em ambos, é possível “ler” a sociedade por meio do padrão formado pelos bens.

Com isso, os objetos são compreendidos na sua positividade, ou seja, como elementos que ajudam a nortear as relações sociais e não necessariamente como expressão de um processo de alienação.

Autores ligados à Psicologia destacam que os objetos ajudam a estabilizar a consciência (CSIKSZENTMIHALYI: 1993) e por isso a dependência das pessoas em relação a eles não é só física, mas também psicológica. O eu é uma frágil construção da mente e os objetos ajudam a objetivá-lo, auxiliando no desenvolvimento da ideia de sua continuidade no tempo, levando as pessoas a terem a sensação de permanência.

A casa também é repositório de objetos cuja familiaridade e concretude ajudam a organizar a consciência de seu proprietário.

A escolha, a compra e a disposição de objetos são fruto de processos de negociação que expressam o modo como as relações ocorrem dentro de casa e como as pessoas se pensam e pensam os outros (sejam estes moradores ou visitas), a partir dos objetos. Compreender a

aquisição, exposição e uso de um objeto como parte de um processo significa entender que a relação da pessoa que o adquiriu, expôs, bem como das demais que o observam ou utilizam nunca é estática. Muito pelo contrário, a relação das pessoas com os objetos muda com o passar do curso de vida; o que é importante numa fase pode não o ser em outra. Assim, modifica-se o próprio papel daquele objeto nas relações sociais. Um mesmo objeto pode ter sentidos muito diferentes para uma mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida, da mesma forma que cada pessoa numa casa pode ter uma relação distinta com um mesmo objeto. Para uma pessoa, ele pode ser um símbolo de emancipação; para outra, apenas algo velho que pode ser jogado fora. O que num momento era expressão do amor, pode em outro ser expressão de ludibrio. Daí a importância dos objetos como forma de compreensão das relações sociais.

Capítulo 3

Entre os dados censitários, o imaginário popular e a pesquisa de campo:

Onde estão e quem são as camadas populares?

A favela não é o único local de moradia das camadas populares, mas é cada vez mais, uma das alternativas possíveis, assim como são os loteamentos periféricos e clandestinos, os cortiços e outros locais como os conjuntos habitacionais e as cidades satélites ao redor dos grandes centros urbanos. Esse estrato, assim como os outros que compõem a sociedade brasileira, é extremamente heterogêneo. Daí a dificuldade enfrentada em querer estabelecer alguma forma de definição. Afinal, para fins de compreensão das relações sociais, um pesquisador pode reunir as pessoas que quer compreender a partir dos critérios os mais diversos, como renda, cor, idade, local de moradia, entre outros. Todas essas possíveis formas de classificação são construções empreendidas pelos pesquisadores para conseguir compreender uma determinada parcela da população.

No caso da presente pesquisa, para o estudo empírico das camadas populares, foram escolhidos domicílios pertencentes à favela Nova Jaguaré⁵⁸ em São Paulo. A escolha de estudar as camadas populares a partir de uma favela deu-se porque, cada vez mais, parcelas significativas desse estrato da população habitam esse tipo de espaço no Brasil. Isso não ocorre apenas na cidade de São Paulo, mas também em outras grandes cidades, entre elas Rio de Janeiro, Fortaleza, Belo Horizonte e Belém. Todas têm passado nas últimas décadas pelo que vários autores chamam de processo de favelização, de acordo com o qual porcentagens cada vez maiores da população estão morando em favelas.

Para explicar essa e outras escolhas o capítulo está subdividido em várias seções. Na primeira, “*Definindo camadas populares*”, é estabelecida uma definição e feita breve contextualização do que se entende por camadas populares neste trabalho. O objetivo é explicar o porquê da utilização desse termo para definir o estrato da população que se pretende estudar. Para tanto contraponho a ideia de *camadas populares* a outras que comumente são usadas pela literatura antropológica e sociológica para definir essa parte da população como “trabalhadores”, “favelados” ou “pobres”.

Na segunda, “*Porque na favela*”, procura-se explicar e contextualizar o processo de favelização pelo qual as grandes cidades acima citadas têm passado, com base em dados fornecidos por pesquisas realizadas por diversos autores e institutos como o Instituto de

⁵⁸ Ela também é conhecida pela denominação “Vila Nova Jaguaré”.

Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Centro de Estudos da Metrópole (CEM) que há muito tempo se dedicam a compreender o problema.

A terceira seção, “*As favelas na cidade de São Paulo*”, procura desmistificar o imaginário estabelecido desde o século XIX e presente até hoje nos estratos médios, de que as favelas são ocupadas principalmente por bandidos e traficantes. Para isso, resgata o momento de nascimento das primeiras favelas no Brasil na cidade do Rio de Janeiro e depois, na cidade de São Paulo, na década de 1940, para mostrar que em ambos os casos as favelas nasceram compostas por trabalhadores que não tinham onde morar – e não por bandidos. No caso da cidade do Rio de Janeiro, o seu nascimento deu-se em grande parte devido às desocupações forçadas dos cortiços da área central, no final do século XIX e início do século XX; na cidade de São Paulo, estão relacionadas à Lei do inquilinato, promulgada em 1942, que, ao congelar os aluguéis das moradias para locação, promoveu verdadeira revolução (negativa) nas moradias paulistas. A seção quatro “*Quem são os moradores das favelas*” procura caracterizar os moradores das favelas de uma forma geral.

Por fim, a quinta seção, “*A favela Nova Jaguaré em dados*”, procura estabelecer uma primeira apresentação do perfil geral da favela Nova Jaguaré comparando-a tanto com outras favelas na região, como com as maiores favelas de São Paulo e dados anteriormente apresentados que mostram as condições de vida dos moradores de favelas da cidade de São Paulo.

3.1. Definindo camadas populares

As sociedades, como a brasileira, que passaram pelo processo de industrialização apresentam uma heterogeneidade cultural cada vez maior e que pode ser entendida “como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc” (VELHO, 1997, p.16). Tal pluralidade de tradições contribui para a heterogeneidade cultural, pois faz com que as pessoas participem de forma distinta das diversas figurações pelas quais circulam ou fazem parte. Outro fator que contribui para a heterogeneidade cultural é a maior mobilidade social que estas sociedades apresentam quando comparadas com outras que não passaram pelo processo de industrialização. Nas sociedades em que a heterogeneidade se faz presente de forma marcante, o mesmo ocorre com a mobilidade social e nesse sentido, é preciso relativizar um determinismo de classe (VELHO, 1997). As possibilidades de deslocamento social (pela mobilidade entre diferentes estratos numa mesma sociedade) e físico (decorrente de processos migratórios que também podem

contribuir para que a situação de alguém mude ao longo de sua vida seja em termos de ascensão ou não) são importantes fatores que contribuem para a sua heterogeneidade. Aliadas a todos os fatores anteriormente citados estão as redes sociais virtuais que permitem o estabelecimento de redes de sociabilidade que podem tanto contribuir para o alargamento dos espaços de sociabilidade, como para a heterogeneidade que marca tais sociedades e também para uma fluidez de relações, pois permitem novas possibilidades de interação e inserção em figurações distintas. “Twiteiro”, “blogueiro”, jovem, pobre, casado, separado, do grupo dos divorciados, do *hip hop*, do *rap*, do *rock*, do samba, etc. O sentimento de pertencer a uma determinada classe, cada vez mais é diluído em meio ao pertencimento a redes amplas e gerais. As pessoas, podem definir-se não somente por sua inserção no mercado de trabalho, mas também de acordo com estilos de vida distintos. Outros autores (Cf. Quintas, 2000) também evitam utilizar o termo “classe” por considerá-lo um tanto quanto monolítico.

A ideia de camada social dá mais conta da fluidez de relações que marcam as sociedades que passaram pelo processo de industrialização do que a de classe. Isso ocorre, pois a camada social pode ser estabelecida por meio de múltiplos indicadores para a definição das pessoas como a sua profissão, o seu local de moradia, o tipo de residência em que as pessoas moram e a sua escolaridade, entre outros, como o estilo de vida acima citado.

No caso do presente trabalho, o universo da pesquisa foi definido inicialmente como sendo o das “camadas populares” e o definimos primeiro somente a partir da inserção das pessoas no mundo do trabalho, por meio de uma contraposição à ideia de camada média, comum na bibliografia sobre famílias, segundo a qual os segmentos médios foram definidos como sendo constituídos por ‘trabalhadores não manuais assalariados ou não’ (ROMANELLI, 1986; OUTHWAITE e BOTTOMORE, 1993). Por oposição à definição de camadas médias presente na bibliografia sobre famílias, as camadas populares foram definidas, a princípio, como “trabalhadores manuais, assalariados ou não”. Mas a ida a campo permitiu observar que a definição por oposição não era a mais adequada, mesmo que parte considerável dos entrevistados exerça algum tipo de trabalho manual ou braçal como peixeiro (Pai C12), doméstica (Mãe C9), cozinheira (Mãe C5), lixeiro (Pai C7) entre outros. Outra parcela significativa era composta por pessoas que exerciam ocupações não manuais e inclusive havia pessoas formadas ou cursando o ensino superior. Logo, também foram encontrados um dono de bar (Pai C1) que é empresário, uma professora (Filha C5) que cursa Pedagogia, uma Pedagoga (Mãe C1), uma auxiliar de expedição (Mãe C2), um auxiliar administrativo, entre outros. Portanto, defini-los todos como trabalhados manuais era impreciso.

Em termos religiosos, as pessoas entrevistadas também são muito heterogêneas entre si: alguns são da Igreja Quadrangular (membros da casa C10), outros espíritas (casa C2 e C3), espiritualistas (C4 e C5), batistas (C12 e C13), católicos (C1, C8, C9), evangélicos em geral (C6, C7) e outros não têm religião (C11). Quanto ao estilo de vida, não foi possível observar a inserção destas pessoas em grupos que as diferenciasses entre si. Os mais jovens freqüentam as festas organizadas na própria favela e os casados freqüentam a casa de amigos. Algumas das famílias como as das casas C1, C2 e C3 quem têm laços entre si de parentesco alugam sítios para passar o final de semana, feriados e datas importantes como o casamento do casal C2.

Quando questionados sobre o lazer muitos disseram que quando podem vão ao *Mac Donalds* comer fora ou pedem uma pizza por entrega. Poucas famílias afirmaram freqüentar um grande parque que existe atravessando a avenida marginal e que se situa bem próximo as suas casas. Os jovens costumam freqüentar as festas que ocorrem na própria favela e vários pais afirmaram que não têm muito lazer:

Lazer eu não tenho muito tempo para isso. Eu gosto de limpar... o divertimento em casa é pouco, televisão é pouco, passo mais tempo navegando na internet. (Pai C1)

Eu não tenho lazer... O fim de semana é a minha folga... Eu tenho que lavar em cima tudo, cuidar de tudo, por roupa na minha máquina para lavar. Lavar as minhas roupas, por exemplo.

A (Filha C11) não ajuda em casa?

Ela ajuda sim. Ela faz comida. Mas a minha roupa não posso deixar para ela. Sou eu que lava. Eu tenho as minhas obrigações. Eu não tenho lazer, praticamente eu tenho que roubar um tempinho para fugir aqui de casa. (Pai C11)

O pai C1 é dono do bar que fica em frente a sua casa e administra o negócio sozinho e o Pai C11 é motorista particular. Ambos destacaram a limpeza da casa como algo que fazem nos seus momentos de lazer e afirmam que não têm lazer. A limpeza da casa é atividade importante para praticamente todas as famílias e foi destacada também por outros entrevistados.

O problema para definir esse estrato da população não é somente desta pesquisa. Outras investigações com segmentos populares em outros períodos definiram-nos ora como “operários” (MACEDO, 1985), ora como “pobres e trabalhadores” (SARTI, 2005). Problema terminológico, aliás, que já havia sido discutido em outros trabalhos e que acompanha os cientistas sociais no Brasil desde o início do século XX (SARTI, 2005). Como a percepção da pobreza é relativa, Cinthia Sarti (2005) mostrou que, muitas vezes, os estudos apontaram

muito mais como os cientistas sociais lidavam com ele do que o fenômeno da pobreza em si. A partir de uma análise da literatura produzida sobre a pobreza no Brasil ela mostrou que até a forma de designação dos pobres nos estudos mudou ao longo do tempo:

Valladares (1991) analisou o discurso (médico-higienista, jurídico-político) sobre o pobre que se elabora na virada do século XX com base na contraposição entre “trabalhador” e “vadio”. O pobre é identificado como o “vadio” e esta categoria remete justamente ao mundo do não-trabalho: quem não trabalhasse em fábrica ou oficinas de artesãos ou nos serviços públicos, enfim, no mercado de trabalho formal, era “vadio”. O pobre ou “vadio” era precisamente aquele que não havia se integrado ao assalariamento, a ordem industrial que começava a se instituir. Da mesma forma, nos anos 50 e 60, a partir de um novo discurso, o do cientista social, essa contraposição se fará em termos de “trabalhadores” versus “desempregados” e “subempregados” (2005, 40).

Incorporando a análise de Valladares ela mostra como o discurso sobre o pobre no início do século XX era marcado pela contraposição entre o “trabalhador” e o “vadio” e na década de 1950 o pobre era visto como “o desempregado”. Por traz da idéia de “desempregado” estava outra que deixava de ver a pobreza como um problema moral e passava a entendê-la como parte das transformações do país e assim eles passaram de “vadios” à “desempregados”. E a pobreza deixou de ser vista como problema *moral* pelos pesquisadores e passou a ser um problema *social*. Mas a mudança fundamental ocorreu quando os pobres passaram a ser vistos como “trabalhadores” e isso ocorreu à medida que a própria categoria trabalho foi ampliada (Cf. VALLADARES, 1991 apud SARTI, 2005, 40-1)

Sarti ainda mostra que as Ciências Sociais sempre tiveram uma relação ambivalente com os pobres, ora glorificando-os, ora criticando-os. Houve o que ela denomina de uma espécie de “círculo vicioso” na imagem dos pobres. Ora foram vistos como ‘alienados’, ora como classe revolucionária. Entretanto, a autora aponta que estudos mais recentes procuram vê-los de outra forma, não mais pelo que não possuem, mas sim pelo que eles têm, ou seja, como se pensam e se constroem. Nas ciências sociais de uma forma geral, escreveu-se muito mais sobre a pobreza do que a respeito do pobre (SARTI, 2005, p. 36). Na grande maioria das vezes, o pobre é visto pelo que não tem, ou seja, pelo lado da falta, da ausência, da negatividade.

Entende-se hoje que a pobreza tem muitas faces e dimensões. Ela é *relativa*, ela é tanto um fato, quanto um sentimento (SALAMA e DESTREMEAU, 1999), ou seja, tanto tem uma dimensão objetiva, como uma subjetiva. Escolher uma dimensão ou outra para medi-la é cair numa visão reducionista do fenômeno. E ela pode adquirir várias formas, por isso é uma

categoria relativa, ela tanto muda de uma sociedade para outra como numa mesma sociedade ao longo do tempo⁵⁹.

Num estudo sobre famílias pobres de uma rua de Salvador, Bahia, Michel Agier (1990) encontrou pessoas que viviam diferentes situações econômicas, apesar de todas serem definidas como pobres e de assim se definirem. Havia nessa rua, na década de 1990, desde famílias cuja renda familiar estava próxima do zero até aquelas cuja renda familiar era de 9 salários mínimos — o que, em termos puramente econômicos, as situaria nas camadas médias da população. Isso mostra que a pobreza não é vivida da mesma forma por todos e que nem está somente relacionada à renda familiar — apesar de ela ser um importante componente de sua medida, na maioria das vezes.

Almeida e D’Andrea (2005) sugerem que ela é vivida de forma diferente dependendo da *estrutura de oportunidades* que as pessoas têm. A ideia de estrutura de oportunidades parte do princípio de que “os caminhos para o bem estar estão vinculados entre si de modo que o acesso a determinados bens e serviços leva ao acesso a outros bens e serviços” (2005: 196). Há um entrelaçamento de fatores positivos ou negativos que pode, de um lado, ajudar as pessoas a conseguirem o que querem, ou, de outro, diminuir a probabilidade ou ao menos dificultar a obtenção de determinados bens e serviços. A partir da ideia de que há uma estrutura de oportunidades que pode ajudar ou dificultar a vivência de uma pessoa, pode-se dizer que as pessoas pertencentes às camadas populares não têm todas o mesmo grau de vulnerabilidade à pobreza.

A pobreza é, portanto, um fenômeno relativo e difícil de ser medido, tornando mais complexa a questão de como compreender as pessoas que vivem essa situação, pois nem sempre é fácil classificá-las desse modo. A renda familiar da casa C1, por exemplo, é de R\$ 5.000,00 o que, pelos termos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a coloca, certamente, na posição de classe média tanto por este como por muitos institutos de pesquisa. Sua casa é ampla com talvez mais de cem metros quadrados, composta por quarto, suíte, banheiro, sala, cozinha, área de serviço e terraço. O que seria a área da garagem é ocupada pelo bar do pai e em cima da casa ainda foram construídos outros cômodos que a família não usa. O pai tem seu próprio negócio (um bar), sua mulher é pedagoga, a filha é formada em letras e o filho mais novo frequenta o ensino médio.

⁵⁹ Os desafios metodológicos para a medição da pobreza são muitos e inúmeros autores se debruçam constantemente sobre o tema. Sobre uma discussão das diferentes formas de medir o fenômeno Cf. *O tamanho da pobreza* de Pierre Salama e Blandine Destremau (1999).

Será então correto chamar essa família de pobre apenas porque mora numa favela em que outras famílias estão em situação de pobreza?

Tomemos por exemplo o caso da família da casa C5: é pobre uma família cujo filho de quinze anos não trabalha, participa de uma banda, joga videogame o dia todo, enquanto a irmã trabalha e faz faculdade e a mãe está desempregada à procura de emprego? Essa é situação da casa C5. Se não tivéssemos avisado que a família mora numa favela, a descrição poderia assemelhar-se à de muitas outras que pertencem aos segmentos médios. Ou, ainda, o caso da família da casa C7, cujo pai, apesar de atualmente desempregado – era lixeiro e comprava e vendia objetos – tem uma casa alugada em Osasco e comprou dois barracos com o dinheiro da venda do carro, por conta do desemprego, que aluga por respectivamente R\$450,00 e R\$350,00, juntos, os três aluguéis lhe dão uma renda de R\$1800,00 para ele, a mulher e o filho pequeno. Se de acordo com o IBGE é considerado pobre aquele que vive com menos de $\frac{1}{2}$ salário mínimo per capita por mês. A família C7 que possui o dobro de rendimentos não é pobre do ponto de vista econômico.

Todos são exemplos de famílias entrevistadas, que muitos diriam tratar-se de famílias pertencentes aos segmentos médios, caso não soubessem o seu local de moradia – a quinta maior favela da cidade de São Paulo.

Contudo, muitos deles se vêem como pobres e estigmatizados por morarem numa favela, enquanto outros não se pensam mais como pobres. Para entender essa variação no entendimento do fenômeno é preciso compreender também que a pobreza também é uma *construção social*:

(...) já que as sociedades sancionam coletivamente o conjunto de bens e serviços ao qual todos os seus cidadãos devem ter acesso. Essa construção é definida historicamente e está associada aos patamares de direitos humanos que cada sociedade, em cada momento de seu desenvolvimento, delibera. (MARQUES, 2005, p.40)

Ela é tanto uma construção social, como *histórica*, uma vez que esses patamares mudam. O que significa ser pobre num determinado período histórico, provavelmente não terá o mesmo significado em outro. Isso também pode variar numa mesma época, de uma sociedade para outra. Se o pobre pode ser genericamente definido como aquele que não possui o mínimo necessário para viver com dignidade, os patamares desse mínimo necessário variam entre sociedades e culturas e até no interior de uma mesma sociedade, entre diferentes camadas da população. Há, portanto, múltiplas dimensões da pobreza. Uma família pode ser vista como pobre pelo resto da população apenas porque habita uma favela. Há o imaginário disseminado, no Brasil, de que as pessoas que moram em favelas são todas pobres e sem

recursos, o que não é verdade. Há desde famílias abastadas até famílias que não possuem quase renda alguma. Como também há famílias que habitam casas espaçosas e outras que moram em locais extremamente insalubres.

Poderíamos ainda ter definido as camadas populares a partir do local de moradia de muitos que é a favela e assim defini-los como “favelados”, afinal, optou-se por entrevistar essas pessoas a partir do contato com moradores de uma favela – a favela Nova Jaguaré. Entretanto, o termo “favelado” possui conotação negativa na sociedade brasileira e não é usado apenas como um indicativo do local de moradia de alguém, mas, principalmente, como forma de xingamento. Uma das entrevistadas, inclusive, relatou que, estando uma vez num ônibus da região, pediu a um rapaz, sentado no banco destinado aos idosos, que se levantasse, pois havia representantes desse grupo etário no ônibus que estava lotado. O rapaz, tendo percebido o ponto em que ela subiu – ao lado de uma das saídas da favela –, mandou-a ficar quieta e disse que não receberia ordens de uma “favelada” – o que deu início a uma discussão entre os dois sobre favelados e educação.

O fato ocorrido mostra como as pessoas que moram nas favelas são estigmatizadas até por pessoas que talvez não estejam em situação muito melhor; afinal, o rapaz também estava no mesmo ônibus.

Por isso, recuso-me a utilizar essa tipificação, em parte pela conotação pejorativa que o termo *favelado* possui na sociedade brasileira e em parte porque as camadas populares não se restringem, do ponto de vista da moradia, apenas às pessoas que moram nas favelas.

Outra opção era a designação “pobre” ou “trabalhador”, ambas muito utilizadas pelos estudiosos sempre como sinônimos (SARTI, 2005; ZALUAR, 1985). Mas denominar as crianças que eu havia entrevistado como “trabalhadores” não me parecia adequado, mesmo porque, há “trabalhadores” em todos os segmentos da população. Não só o membro das camadas populares é trabalhador; uma pessoa rica também pode sê-lo. Mas o termo é usado no Brasil para designar os segmentos que do ponto de vista econômico estão situados nos patamares mais baixos.

As pessoas entrevistadas poderiam ser designadas ainda como pobres – várias das famílias enquadra-se nessa categoria do ponto de vista econômico – e a questão da pobreza e da falta de recursos se faz presente em muitas das casas. Seus rendimentos muitas vezes são inferiores a ½ salário mínimo per capita por domicílio o que os define oficialmente como pobres pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo governo brasileiro.

Mas, se a pobreza é relativa, medi-la apenas pela renda de uma pessoa não é o suficiente, uma vez que hoje se entende que ela possui múltiplas dimensões, relacionadas não

só aos rendimentos, mas também às condições de moradia, de acesso a bens e serviços, a certo padrão de consumo, à inserção no mercado de trabalho, entre outros fatores. De acordo com o próprio IBGE as definições do que é ser pobre variam não só de país para país, mas também entre os diferentes institutos:

As estatísticas de pobreza nem sempre são comparáveis, pois as metodologias utilizadas para definir se um indivíduo é ou não pobre podem ser diferentes. Por exemplo, a CEPAL, o Governo Brasileiro e o Banco Mundial adotam em seus estudos referências diferentes para traçar o limite abaixo do qual uma pessoa deve ser considerada pobre ou indigente (pobreza extrema). A Cepal utiliza o custo de uma cesta de alimentos que, geograficamente definida, contemple as necessidades de consumo calórico mínimo de uma pessoa (linha de pobreza); o Banco Mundial, por sua vez, utiliza o dólar PPC (paridade do poder de compra) que elimina as diferenças de custo de vida entre os países; no Brasil, a metodologia oficial usa como referência o Salário Mínimo, isto é, 1/4 do salário mínimo familiar per capita e 1/2 do salário mínimo familiar per capita, limites abaixo dos quais se define uma família extremamente pobre (indigente) e pobre, respectivamente⁶⁰.

Logo, o fato de um estudo adotar uma linha de pobreza com base na renda também é uma opção entre outras como o dólar PPC, ou seja, paridade do poder de compra (Banco Mundial) ou a utilização do custo de uma cesta básica (CEPAL).

Mesmo assim não é possível negar que grande parte das camadas populares encontra-se em situação de pobreza e que observar as estatísticas sobre a população pobre ajuda a compreendê-las. Mas o termo *camadas populares* é mais fluido no sentido em que não designa as pessoas como *necessariamente pobres*, ele é suficientemente pouco preciso para abarcar tanto pobres como não pobres e consegue com isso caracterizar melhor essa parcela da população.

As camadas populares são aqui definidas como compostas predominantemente por pessoas que exercem trabalhos manuais e que, do ponto de vista socioeconômico, se situam, na maioria das vezes na condição de pobres. Distinguem-se dos segmentos médios pelo local e tipo de moradia. No caso da cidade de São Paulo, muitos se encontram nas periferias, nos loteamentos irregulares, em favelas ou cortiços. Parcela significativa ainda possui baixa escolaridade, quando comparada a outros estratos da população, mas os indicadores de escolaridade para esse grupo estão se modificando e cada vez mais se aproximam daqueles encontrados em outros estratos. O grau de escolaridade dos jovens com mais de dezoito anos é o do ensino médio completo ou incompleto, ao passo que o da maioria dos pais fixa-se no

⁶⁰ Retirado do site do IBGE disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/glossario/pobreza.html>. Acessado em 06 de agosto de 2010.

ensino fundamental. Utilizam de forma maciça, e muitas vezes exclusiva, os serviços da rede pública, como hospitais, postos de saúde e escolas. Fator este que os diferencia de porcentagem significativa dos segmentos médios que opta pelos serviços privados. Os jovens estudam em escolas públicas, ou ligadas a projetos assistenciais e sociais, como o Sesi e o Senai, por exemplo. Os mais novos frequentam creches públicas ao passo que as crianças de famílias de camadas médias ou ficam na casa de parentes ou em “escolhinhas maternais”, denominação muito comum entre os segmentos médios para as creches pagas. E mesmo que seja possível observar casos em que um jovem ou outra pessoa de sua família consiga chegar ao ensino superior, muitos são aqueles têm dificuldades para terminar o ensino médio (na casa C9 nenhum dos cinco filhos terminou o segundo grau e alguns desistiram de estudar – a filha mais velha, porque ficou grávida; a outra filha repetiu duas ou três vezes a mesma série e simplesmente desistiu de ir a escola e uma filha do meio saiu de casa para viver com a namorada; só os dois filhos homens ainda estudam). Mas ao mesmo tempo, das quatorze casas estudadas, quatro delas tinham mulheres que ou frequentavam ou já tinham terminado o ensino superior, o que mostra uma mudança significativa do ponto de vista educacional. Sem contar que há o caso da mãe C10 que pretende estudar enfermagem assim que possível⁶¹.

Tal caracterização de camadas populares não tem certamente o objetivo de definir um grupo fechado e preciso da população, mas sim um estrato muito amplo que ora é definido como composto por “trabalhadores”, ora por “pobres”, “moradores da periferia” ou “favelados”. Denominações usadas por especialistas nas mais diversas áreas para definir esse estrato da população, mas que não nos parecem adequadas, dadas a fluidez e a heterogeneidade que marcam os estratos de sociedades industrializadas como o Brasil, marcadas por uma grande divisão do trabalho e diversidade cultural.

3.2. Porque na favela

A escolha de buscar em uma favela os dados para refletir sobre as camadas populares não é aleatória. A cidade de São Paulo passa pelo que vários autores (PASTERNAK, 2002; TORRES, MARQUES e SARAIVA, 2003; DA MATA, LALL E WANG entre outros) chamam de processo de favelização e é nesse espaço, a favela, que parcela significativa das

⁶¹ Numa das últimas visitas as famílias fiquei sabendo por meio de outra família e isso foi confirmado por terceiros que a filha de 15 anos da Mãe C10 está grávida de um rapaz que não é visto pela família como bom elemento. De acordo com relatos de terceiros a gravidez da moça surpreendeu a todos. Os gastos extras que virão por conta desta gravidez com certeza dificultarão a realização do sonho de ser enfermeira desta mãe. Ela estava esperando o marido terminar de pagar o carro para tentar prestar o vestibular. Mas a gravidez da filha adiou os seus planos de entrar num curso superior.

camadas populares mora. Pasternak (2002) também denomina esse processo de aumento substancial da “cidade abandonada”.

Muitas das habitações das favelas são marcadas pela precariedade e pela autoconstrução, vão desde barracos até casas de alvenaria totalmente acabadas. No caso das casas pesquisadas, poucas são aquelas construídas pela própria família. Na maioria das vezes, a família, para construí-la, pagou um pedreiro que mora no bairro e que não é necessariamente um amigo ou conhecido.

Como muitas residências são pequenas e não há possibilidade de aumentá-las lateralmente, já que as favelas hoje são áreas densamente ocupadas, as famílias, quando podem⁶², verticalizam sua construção.

Um dos problemas da verticalização de um espaço pequeno é o de que ela exige uma escada que não tome muito espaço.

Fig.99: Escada casa C10.

Fig.100: Visão do buraco da escada (casa C10).

A melhor alternativa é a escada em caracol. Entretanto, se, de um lado, há o aspecto positivo de não ocupar muito espaço, por outro, trata-se de escada em que a pessoa pode facilmente se acidentar, uma vez que os degraus são mais estreitos. Por conta disso e pelo fato de que a escada em caracol atrapalha o subir e o descer de móveis, a maior parte das famílias

⁶²Se a laje não é da família ela não tem o direito de verticalizar a casa. Mas entre as 14 casas estudadas, 12 eram casas na favela e dois são apartamentos no conjunto habitacional construído pela CDHU. Dessas doze casas, somente três não eram verticalizadas.

opta por construir escadas de alvenaria (Fig 99 e 100). Mas os degraus são sempre muito altos e estreitos para um pé adulto. É quase sempre necessário subir a escada de lado, pois é impossível escalá-la de frente, tão estreitos eles são⁶³.

Fig 101: Buraco da escada segundo piso da casa C10.

Na casa C10, o pai havia construído dois andares superiores, um primeiro piso superior com seu quarto, o quarto de duas filhas e o banheiro que a família usa e um segundo piso superior com mais dois quartos para os filhos, banheiro e área suficiente para a mãe estender roupa. Mas eles não tinham feito a escada para o segundo andar, só há a escada do térreo para o primeiro (Fig. 99 e 100). Era necessário subir numa escada de madeira para alcançar o segundo piso superior (Fig.101).

A filha de cinco anos da dona da casa galgou os degraus com destreza invejável, mas fiquei muito preocupada que ela pudesse cair, já que em nenhuma das casas há uma proteção para o vão da escada e nem para subir a mesma como um corrimão. Uma pessoa que tropece ou se distraia no andar de cima pode nele sofrer gravíssimo acidente.

Se subir do térreo para o primeiro piso não foi complicado, o mesmo não ocorreu quando precisei subir do primeiro andar para o segundo. Como tenho medo de altura, não foi fácil subir os degraus. Fiquei envergonhada tanto com a minha falta de jeito, como com o meu medo de altura, diante da intrepidez da pequena e desenvolta menina. Ante a minha dificuldade, de um lado, a mãe se desculpava por não ter feito a escada, e eu, por outro lado, pedia desculpas afirmando que o problema não estava nessa falta, mas no meu medo irracional de altura para uma pessoa da minha idade. Enfim, o que o momento teve de bom – além do fato de eu ter de confrontar meu medo, um psiquiatra diria que foi um grande

⁶³ Apesar de ter prometido para mim mesma tomar cuidado ao subir as escadas, várias vezes bati minha cabeça na laje superior das casas, pois o vão da escada é sempre estreito de forma a ocupar a menor área possível e assim fornecer mais espaço para o andar de cima.

progresso – foi que serviu para descontrair o momento da entrevista e humanizar a pesquisadora. No final, foram duas horas e meia de conversa, regadas a uma sopa deliciosa.

Além da precariedade das escadas, outro problema existente nas casas das favelas diz respeito à ventilação e à iluminação. A especulação imobiliária chegou há muito tempo nesse espaço e, em muitas das casas entrevistadas, a janela dos cômodos dá para a parede da casa vizinha numa distância de não mais do que trinta ou quarenta centímetros. Ou seja, as janelas dão para um paredão e entre os dois paredões o chão normalmente forma uma espécie de calha para a água correr. Dessa forma, muitos cômodos são mal iluminados e ventilados, os banheiros e quartos muitas vezes possuem grandes manchas de bolor e, em virtude disso, uma porcentagem enorme de pessoas possui algum problema respiratório ou alérgico, como bronquite, rinite, sinusite e outras ‘ites’ mais.

A despeito dos problemas acima citados, a situação encontrada nas casas das favelas melhorou muito em relação à décadas atrás. Se, em 1973, 65,3% das casas em favelas no município de São Paulo não possuíam vaso sanitário, ou usavam um coletivo, essa porcentagem caiu para 12,6% em 1991 (PASTERNAK, 2002). Vinte anos depois, entre as casas das famílias entrevistadas, todas possuíam ao menos um banheiro com vaso, pia e chuveiro, quando não dois, como foi o caso das casas C1, C3, C10 e C11. O que muda em termos de banheiro de uma casa para outra é o seu grau de acabamento.

Fig.102: Banheiro da suíte do casal C1.

Fig. 103: Banheiro casa C10.

Encontrei desde banheiros de piso de cimento, sem nenhum ladrilho⁶⁴, até banheiros totalmente ladrilhados, alguns, inclusive, de fazer inveja aos segmentos médios. Também encontrei desde banheiros muito pequenos até aqueles tão grandes que possuíam armários e uma bicicleta grande guardada ali (Fig. 102)!

Entretanto, nem a precarização da habitação no município de São Paulo surgiu com as favelas, nem esse problema, hoje, refere-se somente ao morador da favela como será possível compreender a seguir.

3.3 As favelas na cidade de São Paulo

Sempre existiram habitações precárias na cidade de São Paulo, mas elas só se caracterizaram como problema depois da metade da década de 1880, quando um contingente impressionante de imigrantes chegou à cidade.

Entre 1886 e 1900, chegaram à cidade por volta de 900 mil estrangeiros (CANO, 1979 Apud BONDUKI, 1998), que, nesse momento, viveu sua primeira crise habitacional. Os problemas iam desde a falta de moradias, até de esgotamento sanitário, água e transporte público eficiente a preços acessíveis. Nessa época, eram os cortiços que preocupavam as autoridades.

Ao contrário da cidade do Rio de Janeiro, que, desde a virada do século XIX, apresentou suas primeiras favelas, em São Paulo, elas só apareceram por volta da década de 1940 na Lapa, Mooca, Ibirapuera, Barra Funda e Vila Prudente, ou seja, em bairros dispersos, das zona oeste, leste, sul e próximos à zona central, o que mostra que as favelas surgiram em lugares bem distintos e espacialmente separados da cidade. (Cf. PASTERNAK, 2002)

O seu surgimento está relacionado à Lei do Inquilinato promulgada em 1942 e o aumento consecutivo dos aluguéis:

Elas significavam uma resistência dos inquilinos em deixar as áreas mais centrais e mudar-se para a periferia. Sem alternativa de moradia compatível com sua renda em local próximo ao emprego, famílias despejadas ou recém-chegadas passaram a ocupar terrenos baldios, onde confeccionavam barracões de madeira e outros materiais improvisados. (BONDUKI: 1998, 261-2)

As primeiras favelas foram formadas por pessoas despejadas de suas casas, que não queriam morar longe do centro da cidade. Eram ocupadas principalmente por assalariados,

⁶⁴ O ladrilho não possui apenas uma função estética nos banheiros; seu revestimento ajuda a prevenir o aparecimento e a disseminação de mofo e umidade, tanto nesse recinto como nos demais da residência.

que, na sua maioria, haviam nascido na própria cidade. Os próprios jornais da época justificavam as invasões pela falta de moradia na cidade, como o Diário Popular numa matéria sobre a favela da Baixada do Penteado:

Na nossa capital não se conhecia a improvisação da “favela”. [...] Não é assim de se estranhar que aquele conglomerado de tugúrios impressionasse o paulistano habituado à pobreza encoberta, à miséria recolhida nas saturações dos porões e cortiços do Bexiga e do Brás. Era o índice da falta de casa, do descuido em dar um telhado aos mais necessitados. Revelava até um certo ponto, o espírito empreendedor dos seus habitantes. Com tábuas de caixotes, uns sarrafos e latas velhas improvisou-se um bairro [...] E em pleno Centro, no terreno onde o IAPI projetara um soberbo conjunto de apartamentos[...] não tardou a encher-se de casebres. Aquilo pareceu mal. Mas com tamanha falta de casa tudo era possível e justificável. (DIÁRIO POPULAR, 7/11/1946 *apud* BONDUKI, 262)

Conseguir montar uma casa com tão poucos recursos, podia até ser visto por alguns como sinal do empreendedorismo que existia em São Paulo, mas de uma forma geral, as favelas foram extremamente mal recebidas pelas autoridades e pela elite.

Para Nabil Bonduki (1998) esse fator, ligado à repressão, à discriminação e à grande oferta de lotes periféricos, fez com que seu crescimento na cidade de São Paulo se mantivesse restrito até a década de 1970. Tanto isso é verdade que apenas na década de 1970 a população favelada atingiu 1% do total da população ao passo que em Salvador e no Rio de Janeiro, desde as décadas de 1940 e 1950, havia percentagens muito maiores, de população residente em favelas.

Em 1973, em São Paulo, foi feito um cadastro das favelas, pela Secretaria Estadual do Bem Estar Social, que permitiu sua mensuração exata e o número de domicílios nessas áreas. Entre os anos de 1973/74, a população favelada da cidade girava em torno de 72 mil pessoas.

Pasternak (2002) comparou os dados de 1957, que contabilizaram 141 favelas em São Paulo, com os de 1973, que chegaram a 525 favelas, e comparou-os ao número de unidades habitacionais (8.488 em 1957 e 14.500 em 1973), constatando que enquanto o número de favelas mais que triplicou, o de unidades habitacionais dobrou. Ou seja, nessas primeiras décadas, as favelas se dispersaram pela cidade e seu tamanho médio diminuiu de uma média de 60 barracos por favela, em 1957, para 30, em 1973.

Entretanto, ao longo da década de setenta, seu crescimento ocorreu de tal forma que, em 1980, de acordo com registros da Eletropaulo e de pesquisa realizada pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), a população favelada já era de 439.721 pessoas perfazendo um total de 5,2% da população.

De lá para cá seu número só aumentou, numa proporção muito maior do que a do resto da cidade. Mas mensurar o fenômeno não é algo simples, nem fácil. Isso está relacionado à própria definição do que seja uma favela. Domicílios precários ou com problemas de construção, por si só, não caracterizam uma favela; afinal, toda a cidade de São Paulo é marcada por eles⁶⁵.

O processo de favelização não acontece apenas em São Paulo. Estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em parceria com o Banco Mundial (DA MATA, LALL e WANG), que usa os dados do Censo como base para quantificar e analisar o processo de favelização das cidades brasileiras entre 1980 e 2000, verificou que, se, em 1980, pouco mais de dois milhões de pessoas moravam em favelas no Brasil, esse número passou para mais de seis milhões, em 2000. Ou seja, o número de favelados triplicou sem que tenha ocorrido uma alteração na mesma escala da população como um todo. Elas cresceram a uma taxa anual de 5,5% ao ano, na década de oitenta, e de 3,9% ao ano, na de 1990.

O estudo verificou também que a favela é um fenômeno predominantemente urbano. A Tabela 1 apresenta o crescimento da população nos aglomerados urbanos, no Brasil, por região, e o crescimento da população residente em favelas e mostra que o crescimento das favelas, de 4,77%, foi mais do que duas vezes maior do que a taxa de crescimento da população, que foi de 2,20%.

TABELA 1						
	Crescimento da população e da população em favelas das cinco regiões*					
Taxa anual de crescimento em 1980-2000 (%)	Norte	Nordeste	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Total
População	3,86	2,50	1,88	2,34	3,20	2,20
Número de residências	4,95	3,74	2,93	3,53	4,51	3,30
População em favelas	5,40	5,95	4,41	6,24	0,83	4,77
Número de favelas	6,59	6,87	5,34	7,01	2,31	5,70

Elaboração de Da Mata, Lall e Wang (2007), a partir dos dados dos Censos de 1980 e 2000.
Obs.: * Para 123 aglomerações, que incluem 447 AMCs (Áreas Mínimas Comparáveis).

À exceção da região Centro-Oeste, em todas as demais macrorregiões do Brasil, o crescimento da população residente em favelas foi maior do que o do resto do montante de habitantes, o que também aponta para um processo geral de favelização no Brasil.

⁶⁵ A definição de favela que o presente estudo utiliza será definida ainda neste capítulo.

Para o período entre 1980 e 2000, a região Sudeste apresentou o maior crescimento da população favelada, de 6,25% ao ano, seguida da região Nordeste, com taxa de 5,95% ao ano.

Mesmo que o crescimento dessa população, nos vinte anos estudados, tenha sido maior na região Sudeste e, em termos absolutos, ela apresente o maior número de moradores de favelas, ainda é a região Norte, que em termos relativos, possui a maior porcentagem da população total vivendo nesse tipo de agrupamento. As tabelas 2 e 3, sobre as cidades com maior percentual de pessoas vivendo em favelas em 1980 e 2000, apresentam dados interessantes para a compreensão do desenvolvimento do problema.

TABELA 2			
Cidades com maior percentual da população vivendo em favelas em 1980			
1980			
Cidade	Região	Valor absoluto	Percentual
Fortaleza	Nordeste	174.885	10,23
Santos	Sudeste	96.229	10,01
Vitória	Sudeste	70.158	9,93
Rio de Janeiro	Sudeste	724.779	8,26
Belo Horizonte	Sudeste	201.471	7,69
Manaus	Norte	62.384	7,07
Recife	Nordeste	101.315	4,18
Campo Grande	Centro-Oeste	11.969	4,10
Salvador	Nordeste	68.574	3,75
São Paulo	Sudeste	466.486	3,71

Elaboração de Da Mata, Lall e Wang (2007), a partir dos dados dos Censos de 1980 e 2000.

TABELA 3			
Cidades com maior percentual da população vivendo em favelas em 2000			
2000			
Cidade	Região	Valor absoluto	Percentual
Teresópolis	Sudeste	33.291	24,11
Macaé	Sudeste	21.237	13,72
Santos	Sudeste	19.035	12,89
Fortaleza	Nordeste	361.101	11,77
Rio de Janeiro	Sudeste	1.246.430	11,44
Belo Horizonte	Sudeste	430.404	10,08
Teresina	Nordeste	95.437	9,92
São Paulo	Sudeste	1.666.033	9,32
Manaus	Norte	170.851	9,16
Ilhéus	Nordeste	38.067	8,93

Elaboração de Da Mata, Lall e Wang (2007), a partir dos dados dos Censos de 1980 e 2000.

Em 1980, Fortaleza, com 10,23%, Santos, 10,01% e Vitória, 9,93%, eram as três cidades brasileiras com maior porcentagem da população morando em favelas. Nessa época, São Paulo ocupava a décima posição, com apenas 3,71% de sua população residindo neste tipo de agrupamento. Contudo, vinte anos depois a situação mudou, e as cidades que

possuíam a maior proporção de residentes em favelas em relação ao total da população urbana eram as cidades de Teresópolis, com 24,1% de sua população morando em favelas, Macaé, com 13,72%; Santos continuou na terceira posição, agora com 12,89%. São Paulo pulou da décima para a oitava colocação, com 9,32%. Ou seja, em vinte anos, o percentual de moradores de favela mais do que dobrou na capital paulista. Em termos absolutos ele mais que triplicou, passou de 466.486 para 1.666.033⁶⁶.

No caso da cidade de São Paulo (MARQUES e SARAIVA, 2004), apesar do aumento da proporção, houve desaceleração da taxa de crescimento das favelas, assim como da população do resto do município. Se, em 1980, as favelas cresciam a uma taxa de impressionantes 20,16% ao ano, em 2000, o seu crescimento era de 2,97%; mesmo assim, a população favelada ainda cresceu três vezes mais do que o do resto da população do município, que teve aumento de menos de 1% ao ano, o que mantém a ideia da favelização, mas num ritmo menos acelerado. A favela é, portanto, um dos locais de moradia das camadas populares.

O estudo do IPEA trouxe outras conclusões interessantes. Ele verificou que as maiores cidades são as que apresentam maior contingente favelado, tanto em números absolutos quanto em termos relativos mesmo não havendo relação entre crescimento populacional e aumento da porcentagem de habitantes que moram em favelas. Ou seja, apesar de a população favelada estar concentrada em grandes cidades, não é o crescimento urbano, por si só, que explica o crescimento dessa população.

O estudo também verificou que quanto mais rica em renda per capita é a cidade, maior a porcentagem de seus habitantes que moram em favelas.

O IPEA toma favela como sinônimo de *aglomerado subnormal*, designação estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a contagem do Censo, que define “aglomerados subnormais como conjuntos de residências que ocupam terreno alheio (público ou privado), (...) organizados de forma desordenada, com elevada densidade populacional e com carência de serviços públicos essenciais (IBGE *apud* DA MATA, LALL, WANG, 2007, p.48)”.

Há uma série de problemas em tomá-los como sinônimos (Cf. TORRES, MARQUES e SARAIVA, 2003; MARQUES e SARAIVA, 2004): em primeiro lugar, o setor censitário é uma unidade de captação construída pelo IBGE para o Censo; os setores censitários subnormais também são unidades de captação e são definidos antes da realização do Censo

⁶⁶ Vale lembrar que todos esse dados foram retirados da pesquisa feita por Da Mata, Lall e Wang e que para isso foi usada a contagem do Censo e sua definição de aglomerado subnormal.

propriamente dito, com o uso de mapas fornecidos por secretarias, prefeituras e outros órgãos públicos. Logo, o IBGE depende da atualização desses mapas, o que significa que nos municípios onde a cartografia é mais recente os dados são mais fidedignos.

Um segundo ponto está relacionado à metodologia de captação dos setores subnormais, pois, para esse fim, só é considerado setor subnormal aquele que contar com ao menos 51 domicílios contíguos. Nesse sentido, as favelas muito pequenas, que são muitas vezes as que mais carecem de infraestrutura, são subestimadas pela contagem do Censo, pois não são classificadas como aglomerados subnormais, mas como domicílios dentro de outros setores censitários que, como tantos outros na cidade de São Paulo, apresentam problemas construtivos, mas que não se encontram em favelas. Isso não invalida o estudo feito pelo IPEA, mas mostra que as porcentagens apresentadas devem sempre ser vistas como estimativas.

Como forma de melhorá-la, no início da década de 90, a FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) chegou ao impressionante número de 1,9 milhão de pessoas residentes em favelas na cidade de São Paulo, o que equivaleria a 19,8% da população. Mas, em 1996, a contagem da população pelo IBGE chegou a outro montante, bem diferente, no qual a população favelada giraria em torno de 747.322 pessoas, o que representa 7,6% da população da cidade e não os quase 20% assinalados pela FIPE. A variação gritante de dados gerou intensos debates que não cabe aqui discutir (Cf. PARTERNAK 2002; MARQUES e SARAIVA, 2004).

Dessa discussão interessa entender que, segundo estimativas atuais, de 9 a 11% da população da cidade de São Paulo vive em favelas (Cf. TORRES, MARQUES e SARAIVA, 2003)⁶⁷. Fala-se em estimativas, pois o último censo das favelas foi feito em 1987 e de lá para cá pesquisadores e autoridades governamentais trabalharam apenas com estimativas.

⁶⁷ Insatisfeitos tanto com a subcontagem feita pela IBGE como com a contagem do estudo realizado pela FIPE, pesquisadores do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) procuraram desenvolver outra metodologia para estimar a população que mora em favelas, aplicável a outros contextos urbanos para além da cidade de São Paulo. Foi feito um *overlay*, ou sobreposição cartográfica, entre o sistema de informações geográficas (SIG) produzido pela prefeitura de São Paulo e o desenho dos setores censitários das contagens do IBGE; os autores verificaram que da mesma forma que há favelas totalmente sobrepostas aos setores subnormais, existem favelas sobrepostas a setores considerados normais pelo IBGE e setores normais não registrados como favelas pela prefeitura. Esse último dado chama a atenção, pois os pesquisadores sempre se preocuparam com a subcontagem do IBGE, dados os 51 domicílios mínimos para a contagem do setor subnormal, mas não previram que a prefeitura deixasse de registrar uma favela e que o IBGE a tomasse como setor subnormal. Logo, os dois registros provocam sub-registro nas áreas não coincidentes. Feitas as estimativas, concluíram que tanto a proporção de pessoas que vivem em favelas, como a sua taxa de crescimento anual foram inferiores ao que a literatura considera, pois foram utilizados os dados produzidos pela FIPE, claramente sobre-estimados. Não há, portanto, explosão da população favelada na cidade de São Paulo. O que não quer dizer que ela não cresça a taxas superiores ao do resto da população do município. Houve um aumento tanto da área total das favelas, que

Neste trabalho utiliza-se a definição proposta por Torres, Marques e Saraiva (2003) segundo a qual as favelas estão associadas à *não propriedade da terra*, que é a corrente para análise do fenômeno no município de São Paulo. Logo, a área denominada de favela é aquela onde moram pessoas que não têm a posse da terra; as pessoas até compram moradias (uma casa, cômodos ou um barraco), mas não possuem o terreno, que pode ser tanto uma área pública como particular, ocupada de forma irregular e sem permissão. Assim, o elemento definidor de favela é a ilegalidade na propriedade da terra⁶⁸.

Os pesquisadores concordam entre si que as favelas, independentemente de serem subcontadas, como no caso dos dados fornecidos pelo IBGE ou pelo IPEA, ou sobrecontadas, como o estudo da FIPE-USP, são parte expressiva da paisagem urbana das grandes cidades do Brasil e que a cidade de São Paulo, assim como outras, passa por um processo de favelização.

Afirmar isso não significa dizer que as cidades estão se transformando numa grande favela e muito menos que os indicadores de infraestrutura urbana tenham piorado, mas sim, que o crescimento das favelas é maior do que o da cidade como um todo (DA MATA, LALL, WANG, 2007). Além disso, cada vez mais, parcelas significativas da população – que aqui estão sendo denominadas de *camadas populares* – habitam esses locais.

3.4 Quem são os moradores das favelas?

Se parcela significativa da população habita as favelas, fazendo parte das camadas populares, algumas questões se colocam: Quem são os moradores das favelas? Como se

cresceu 24%, entre 1991 e 2000, como também de sua densidade, que passou de 360 habitantes por hectare para 380 ou, seja, houve aumento de 6% para o mesmo período (Cf. TORRES, MARQUES E SARAIVA, 2003)

⁶⁸A ilegalidade não é um fenômeno atual e nem se restringe apenas aos domicílios situados em favelas. Vários autores (BONDUKI, 1998; TORRES, MARQUES e SARAIVA, 2003) afirmam que, na verdade, a ilegalidade marca parcela significativa das construções e habitações da cidade de São Paulo há muito tempo. Torres, Marques e Saraiva (2003) apontam os quatro tipos mais comuns de ilegalidade: a) quanto à legislação para as edificações (ou seja, um imóvel construído de tal forma que não respeite as especificações para a construção naquela área, como por exemplo, os recuos laterais); b) quanto ao uso do solo (imóveis construídos ou usados para fins que não aqueles permitidos pela lei de zoneamento); c) quanto ao parcelamento do solo (loteamentos clandestinos, ou seja, quando o loteador não procurou as autoridades para a aprovação do parcelamento do solo ou loteamentos que apresentem algum tipo de problema e que não foram aprovados) e d) quanto à propriedade. Todos eles são extremamente comuns na cidade de São Paulo. Os dois primeiros tipos não impedem a propriedade da terra e são muito comuns em todas as regiões da cidade, inclusive nas áreas mais nobres, o que mostra que a ilegalidade não marca apenas as moradias em favelas.

Os loteamentos com irregularidade são comuns nas áreas periféricas que ainda não passaram pelo processo de parcelamento do solo, mas isso não impede a propriedade da terra desde que os moradores mostrem que pagaram por ela. É o quarto caso, em que pessoas ocupam um terreno que não lhes pertence e passam a residir ali que estão as favelas. É também nessa situação que estão as pessoas com menor renda e em situação de maior vulnerabilidade social.

caracterizam? Quais são suas condições de vida? Essas são algumas das questões que procuraremos responder aqui.

Fig. 104: Imagem do morro da favella no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional Brasil (Backheuser 1906) Apud (Valladares 2008)

Quando surgiram as primeiras favelas no Rio de Janeiro⁶⁹ os jornais da época diziam que ali moravam as piores pessoas, bandidos de toda ordem, mendigos e vagabundos:

Se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo o morro um só bico de gás. (relatório de um delegado na época, BRETAS apud VALLADARES, 2008)

A Figura 105 expressa de forma contundente os preconceitos que, no início do século XX, cercavam os moradores das favelas no Rio de Janeiro: ela apresenta Oswaldo Cruz com um pente, representando a Delegacia Sanitária, que retira piolhos de uma grande cabeça. A cabeça é o morro da Favella e os piolhos os moradores.

⁶⁹ Ver sobre isso *A invenção da favela* de Lícia do Prado Valladares, em que a autora mostra como, de uma forma geral, as autoridades cariocas foram extremamente preconceituosas com as pessoas que passaram a morar em favelas.

Fig 105: Oswaldo Cruz limpando o morro da favela
Fonte: Oswaldo Cruz Monumenta Histórica, tomo 1, CLXXXVIII Apud (Valladares 2008).

Infelizmente, um imaginário muito parecido ainda hoje povoa grande parte do senso comum, tal como alguns autores. Suzana Pasternak é estudiosa da área do urbanismo e mesmo ela que procura desmistificar uma série de preconceitos existentes em relação as favelas afirmou:

Como se viu, a favela é **hoje** local menos precário que há 2 décadas: é habitada por trabalhadores empregados, não por *lumpen*; tem certa infraestrutura, suas casas são predominantemente de alvenaria, enfim, integram-se ao espaço urbano, seus moradores são trabalhadores pobres que produzem e consomem e que não encontram na metrópole local acessível de moradia no mercado formal. Sobra, para eles, a ocupação de terras públicas ou privadas. (2002, p16, negrito nosso)

Sua afirmação que *hoje* as favelas são melhores do que há vinte anos é corroborada quase totalmente ao longo do texto por dados estatísticos que a autora apresenta. Contudo, sua afirmação de que a favela é *hoje* habitada “por trabalhadores empregados, não por *lumpen*” não é sustentada anteriormente por nenhum dado que mostre que *anteriormente* as favelas de São Paulo eram habitadas por *lumpem*. O *Lumpen* (WRIGHT apud SOLLA) pode ser entendido como um segmento marginalizado da classe operária constituído por trabalhadores permanentemente desempregados. Em trecho anterior a própria autora aponta para uma

diversidade de perfis entre os moradores das favelas e procura mostrar que elas são espaços heterogêneos:

Os estudos têm reconhecido distinções entre favelas grandes e pequenas, estruturadas e não-estruturadas, consolidadas ou precárias, situadas em vales ou morros, no centro ou na periferia, em zonas de risco e em zonas de proteção ambiental. Mas a esta variação geográfica e/ou temporal não costuma ser agregada uma variação demográfica e/ou sociológica. Oculta-se a diversidade de perfis, tanto entre favelas como dentro da favela. Os habitantes da favela são sempre “os favelados”. Isso tem conduzido as intervenções a serem projetadas de forma padronizada, num espaço homogêneo, correspondente a um único tipo de realidade social. (PASTERNAK, 2002, p.15)

Se ela acertadamente procura destacar a heterogeneidade de perfis entre a população que mora nas favelas, por outro lado, se equivoca ao dar a entender que em décadas anteriores a favela era composta por *lumpen*. Autores como Valladares (2008) que escreve sobre o contexto carioca e mesmo Bonduki (1998) que escreveu sobre o contexto da cidade de São Paulo mostram que as primeiras favelas eram compostas por trabalhadores e não por *lumpem*.

Até hoje, o preconceito também é perpetuado no imaginário das camadas médias. Os moradores das favelas são muitas vezes vistos como pessoas da pior espécie, “vagabundos que não querem pagar o aluguel”, “gente que não liga em se amontoar e viver de qualquer jeito”, “gente que parou na vida”, ou ainda, um lugar cheio de bandidos de toda espécie, desde ladrões até traficantes. Ouvi esses e outros comentários como: “como você tem coragem de ir para um lugar desses?!” “Deus me livre!!”, toda vez que, em diferentes lugares frequentados pelos segmentos médios (mas fora do ambiente acadêmico), comentava por alto que minha pesquisa de doutorado envolvia entrevistas com moradores de favela. Não foram poucas as pessoas que os fizeram, dos segmentos médio e médio alto. Ora eu era vista como coitada e me perguntavam: “você precisa *mesmo*, ir a esse tipo de lugar?”. Ora eu era vista como parva e ingênua (“Logo você que é loira e tão branquinha... como vai fazer para entrar?”), como se minha cor fosse um chamariz para os bandidos e eu não tivesse esperteza suficiente para entender isso.

Para essas pessoas, não só o habitante da favela é negro – o que, para eles, é sinônimo de perigo, pois associam a população negra à bandidagem – como não é educado, como se a má educação estivesse vinculada à residência nas favelas. Diante de minha afirmação de que a pesquisa de campo era importantíssima para o meu trabalho e que a realidade da favela não era igual à pintada pelo senso comum, muitos davam de ombros como a dizer: “depois não diga que eu não te avisei”, “coisa de sociólogo”, “coisa de antropólogo”...

Desde o início do século XX, quem realmente se dispunha a ir até as favelas e conhecer as pessoas que ali moram constatava que não se tratava de bandidos ou vagabundos. Essa foi a opinião do engenheiro técnico-sanitário Everaldo Backheuser contratado pelo então ministro da Justiça e Negócios Interiores J.J. Seabra para emitir parecer sobre as habitações populares do Rio de Janeiro nesse momento:

Para alli vão os mais pobres, os mais necessitados, aqueles que, pagando duramente alguns palmos de terreno, adquirem o *direito* de escavar as encostas do morro e fincar com quatro moirões os quatro pilares do seu palacete. Os casebres espalham-se por todo o morro; mais unidos na base, espaçam-se em se subindo pela rua(!) da Igreja ou pela rua(!) do Mirante, euphemismos pelos quaes se dão a conhecer uns caminhos estreitos e sinuosos que dão difícil acesso à chapada do morro.

Alli não moram apenas os desordeiros e os facínoras como a legenda (que já a tem a Favella) espalhou; alli moram também operários laboriosos que a falta ou a carestia de cômodos atira para esses logares altos, onde se goza de uma barateza relativa e de uma suave viração que sopra continuamente, dulcificando a rudeza da habitação (BACKHEUSER, 1906:111 apud VALLADARES, 2008: 38)

Fig.106: Casa no morro da favella no Rio de Janeiro
Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (Backheuser 1906) Apud Valladares 2008.

Em São Paulo ocorreu o mesmo (Cf. BONDUKI, 1998). Os primeiros moradores de favelas eram de um estrato muito parecido com aqueles que construíram sua casa própria em

lotes na periferia. Para corroborar isso Nabil Bonkui apresenta o levantamento feito pelo deputado Alves Palma, em 1946, na favela da Baixada do Penteado, segundo o qual:

[...] cerca da metade dos moradores era proveniente da capital e 37% declararam explicitamente que haviam se mudado devido a ações de despejo ou demolição do prédio em que moravam. Dos 172 moradores, apenas nove (5%) estavam desempregados, contando-se 47 operários, 31 empregados de serviços diversos, 27 de serviços domésticos, 22 serventes de pedreiro, seis pedreiros, além de carpinteiros, tintureiros, motorneiros, encanadores, motoristas e sapateiros. Apenas 13% das famílias tinham renda inferior a um salário mínimo da época, enquanto 40% recebiam de um a dois e 33% mais de três salários mínimos” (BONDUKI, 1998: 264).

Tratava-se, portanto, de uma parcela de trabalhadores que, não tendo encontrado moradia já construída que pudesse pagar com seus salários, passou a ocupar esses terrenos⁷⁰. Tudo isso ocorreu por conta da crise da habitação, nos anos 40. A Lei 4.598 de 1942, conhecida como Lei do inquilinato – que nasceu para dar apoio aos trabalhadores –, está relacionada a tudo isso. Ela congelou os aluguéis por dois anos, proibiu a cobrança de qualquer importância a título de taxa e relacionava casos em que era permitida a retomada do imóvel pelo proprietário⁷¹.

A desculpa usada para sua criação eram as condições adversas que o país vivia devido à Segunda Guerra Mundial. A lei foi posta em execução como forma de oferecer moradia mais barata para aqueles que não tinham condições de enfrentar o aumento do custo de vida provocado pela guerra. Entretanto, Nabil Bonduki (1998) aponta que seu objetivo não explícito era transferir o dinheiro empregado na construção de moradias para o parque industrial que se desenvolvia.

Com o congelamento dos aluguéis – a moradia de aluguel até então era um investimento certo e fácil para muitas pessoas – a locação deixou de ser um negócio lucrativo. Ao mesmo tempo, a nova lei não ordenava de modo claro como seriam os novos aluguéis. Foram beneficiados, a princípio, aqueles que tinham estabelecido contratos antes de 1942, pois esses não seriam aumentados. Os novos contratos, entretanto, passaram a ter preços abusivos, na medida em que os proprietários começaram a levar em conta a queda que o congelamento no ato de contratação provocaria em seus rendimentos.

⁷⁰ E uma parcela maior foi para a periferia atrás do sonho da casa própria por meio da compra de lotes e da auto-construção.

⁷¹ O proprietário poderia retomar o imóvel nos seguintes casos: a) falta de pagamento por parte do inquilino; b) falta de cumprimento por parte do inquilino de qualquer obrigação estabelecida pela lei; c) necessidade de reformas urgentes no prédio; d) desapropriação do imóvel; e) necessidade de usar o prédio como residência do locador. (BONDUKI, 1998: 213).

Os inquilinos antigos foram protegidos até certo ponto, pois os proprietários logo começaram a usar as brechas na legislação para expulsá-los. A lei permitia o despejo em caso de uso do imóvel para moradia própria ou da família, ou para a demolição e construção de outro, de “maior vulto”⁷². Dessa forma, os despejos se deram aos milhares:

Assim, quando ficou claro que lei de proteção ao inquilinato não era uma medida de emergência e permaneceria em vigor por muito tempo, os despejos cresceram e tornaram-se um tormento para quem vivia em moradia alugada. Conforme estatísticas do Fórum, em 1945, apenas no município de São Paulo, foram assinadas 2.614 ações de despejo; em 1945, foram 5.121; e, somente em janeiro de 1947, 491 casos – num período de 25 meses, houve a concretização de um total de 8.226 despejos! O número é significativo, pois uma única ação podia significar o despejo de várias famílias (no caso dos cortiços) e essas ações chegaram a julgamento, sem contar os despejos realizados de maneira informal.

Considerando apenas uma família por despejo, as 8.226 ações representavam cerca de 45 mil pessoas desalojadas no curto período de dois anos, numa conjuntura de absoluta carência de moradias na cidade: “A quem deve recorrer o infeliz que fica sem teto?[...] Não há casas! Não há cômodos!” (*Correio Paulistano*, 23/8/1946). Os despejados não tinham nenhuma perspectiva de conseguir outra moradia por um preço sequer próximo ao que vinham pagando: “O despejo equivale a uma sentença de morte contra dezenas de inocentes”, clamava um advogado numa petição pela permanência dos moradores de um cortiço (*Correio Paulistano*, 27/9/1946). Num cortiço na rua Barão de Piracicaba, “[...] 86 pessoas foram postas na rua, sem mais aquela, não tendo possibilidade de maneira alguma de arranjar um teto para se abrigar” (*Correio Paulistano*, 14/7/1946); “algumas dezenas de inquilinos do cortiço da Rua Fortaleza, 160, vêem-se na contingência de serem postos hoje ou amanhã na rua sem ter para onde ir” (*Correio Paulistano*, 27/8/1946); “pois se eles não tem para onde ir, como poderão desocupar o prédio onde moram?” (*Correio Paulistano*, 13/10/1946). (BONDUKI, 1998: 257)

Com a Lei do Inquilinato, ser inquilino deixou de ser algo atraente para as pessoas, pois mais cedo ou mais tarde ela perderia a vantagem do aluguel antigo e não teria onde morar, uma vez que os novos aluguéis não eram compatíveis com seu salário. Da mesma forma, os proprietários puderam perceber que essa lei – apresentada como exceção – se manteve mesmo depois da guerra, o que levou muitos a sentir insegurança com essa forma de investimento.

Os preços altíssimos dos aluguéis e a abundância de terrenos na periferia da cidade levaram os trabalhadores a buscarem lotes longe do centro ou a ocuparem terrenos alheios e a

⁷² Lembro-me das histórias de família contadas por minha mãe; uma delas era sobre uma irmã da minha avó que morava na rua São Joaquim: ela foi despejada no meio da noite e bateu à porta da casa de meu avô, em busca de abrigo temporário. Esse despejo teve como justificativa a demolição da casa para a abertura da Avenida 23 de Maio, entre o final da década de 1940 e o início da década de 1950, que, no entanto, só veio a ser construída muitos anos depois; entretanto, o despejo foi feito na calada da noite, desnecessariamente. Apenas, foi usada a desculpa permitida pela lei do inquilinato, da obra de vulto a ser construída no terreno.

construir favelas (Cf. BONDUKI, 1998), que, assim, surgiram na cidade de São Paulo, como a solução encontrada por parte dos trabalhadores para o problema de sua moradia.

Vista pelas autoridades e jornais como lugar de malandros e arruaceiros de toda ordem, na verdade, elas eram compostas – assim como hoje continuam sendo –, na sua imensa maioria, por trabalhadores que não tinham como pagar os elevados aluguéis. Porém, hoje, a situação das favelas cada vez mais se assemelha ao resto da cidade e, assim, há muito tempo, a especulação imobiliária também as atingiu. Atualmente, os trabalhadores ou são donos de suas casas ou as alugam pelos preços os mais variados. É o caso, por exemplo, na presente pesquisa, das famílias que moram nas casas C2 e C3.

No caso da casa C2, o casal já morava na favela e alugava um pequeno cômodo com banheiro. A atual moradia conta com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um terraço, que simultaneamente é utilizado como área de serviço e é compartilhado com a casa vizinha, da cunhada (casa C3), expressa a ascensão do casal. Já no caso da família que mora na casa C3, no projeto de vida de sua mãe, a volta à favela é vista como um passo para trás. A casa em que moravam estava localizada a poucos quarteirões da favela, mas fora dela. Separadamente, os dois membros do casal C3 já haviam sido moradores de favela, mas, desde sua primeira união, a Mãe C3 morava fora dela. Entretanto, questões financeiras – como a necessidade de pagar a faculdade que está fazendo – os levaram a voltar; suas impressões sobre esse retorno são muito diferentes das do marido.

Ela vê essa volta com vergonha e sinal negativo em sua vida, algo que emperra seu projeto. Afirmou categoricamente que não gostou de ter de voltar para lá (mesmo que sua casa seja extremamente bem acabada, assemelhando-se a uma residência de camada média fora da favela, e que sua mãe também more lá). A favela provoca-lhe medo, não é segura e a traz de volta a um passado que deseja deixar para trás. Já ele, também ex-morador de favela, mostrou-se genuinamente feliz e satisfeito por estar lá, pois não se sentia bem longe desse ambiente. Disse que gostava da vista da casa nova para o morro e que as pessoas de fora viviam muito sozinhas, sem sair às ruas. Afirmou que se sente mais seguro na favela do que na rua, solitário em sua casa.

A Mãe C3 não tem preconceito contra as pessoas da favela, já que seu marido veio de uma, além dela mesma e sua mãe morarem ali. É a situação que a desagrada. Na mesma casa, há duas percepções muito diferentes sobre a segurança da favela – o que mostra a dimensão subjetiva do “sentir-se seguro” e de como isso pode variar, não só entre famílias, mas no interior de um mesmo grupo.

De uma forma geral, a situação das favelas no país melhorou muito da década de 1980 para cá. De acordo com dados do Censo⁷³, se, em 1980, apenas 15% de suas casas possuíam água encanada, em 1991, essa porcentagem subiu para 89,6%. Entre as famílias estudadas, todas têm acesso a esse benefício. Dados comparativos, entre indicadores que medem infraestrutura, escolaridade, renda e estrutura etária, mostram que as condições nas favelas de São Paulo ainda precisam melhorar, quando comparadas às do resto da população, mas também apontam para mudanças significativas nas condições de vida da população que mora nas favelas como um todo, como mostra a Tabela 4.

TABELA 4					
Comparação em termos de infra-estrutura, escolaridade, rendimento e estrutura etária entre a população que mora em favela na cidade de São Paulo e o restante da população 1991-2000					
Indicador		Número relativo (em %)		Número relativo (em %)	
		Favelas (1991)	São Paulo (1991)	Favelas (2000)	São Paulo (2000)
Infra-estrutura	Domicílios com água	89,7	98,3	96,0	97,6
	Domicílios com esgoto	25,1	81,2	49,2	87,2
	Domicílios com coleta de lixo	63,3	95,2	82,0	96,5
Escolaridade	Pessoas analfabetas	38,1	19,3	15,2	7,3
	Chefes com 0 a 3 anos de estudo	55,1	22,5	38,4	17,8
Rendimento	Chefes com 0 a 3 salários mínimos	77,9	42,7	73,2	40,1
	Chefes com 3 a 5 salários mínimos	15,7	17,9	18,0	17,9
	Chefes com 5 a 10 salários mínimos	5,6	20,2	7,6	20,9
	Chefes com 10 a 20 salários mínimos	0,6	11,4	0,9	11,6
Estrutura etária	Pessoas de 0 a 14 anos	41,2	28,6	35,5	24,8
	Pessoas de 65 anos ou mais	1,2	5,2	1,7	6,4

Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1991 e 2000. Elaboração pelo CEM.

Ela mostra que, de uma forma geral, as condições de vida nas favelas de São Paulo, em 2000, ainda eram piores do que as do resto da população da cidade. Um exemplo é a porcentagem de domicílios com esgoto: apesar de quase ter dobrado em 10 anos – passou de 25,1% para 49%, ainda está muito longe (expressivos 38%!) dos 87,2% para o resto da

⁷³ Os dados sobre coleta de lixo, por exemplo, também mostram uma melhora geral significativa da infraestrutura das favelas de São Paulo. Em 1973, apenas 15,1% dos domicílios nelas localizados tinham coleta pública regular e, em 1991, essa proporção subiu para 63,8%. A respeito de uma comparação entre os indicadores encontrados nas favelas em contraposição aos do município de São Paulo, ver o trabalho de Suzana Pasternak, *Espaço e População nas Favelas de São Paulo*, apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais -ABEP, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, de 4 a 8 de novembro de 2002.

população. Ou seja, ainda é preciso dobrar a taxa para que ela se aproxime dos patamares do resto da população.

O aumento da coleta de lixo nas favelas também subiu quase 19%, e passou de 63,3%, em 1991, para 82,0%, em 2000; mesmo assim, ainda permanece 14,3% abaixo da taxa do resto da cidade que era de 96,5%, em 2000. Contudo, como esses dados possuem mais de dez anos e ainda não foram publicados outros novos para a década que passou, é possível dizer que, provavelmente, tenha havido outras melhoras, uma vez que isso tem ocorrido de forma expressiva nas últimas décadas. No caso das casas estudadas na favela Nova Jaguaré, há coleta de lixo em todas as elas.

É na proporção de domicílios com água que as taxas encontradas nas favelas (96,6%) mais se aproximam do restante da cidade (97,6%).

Outro ponto a ser destacado é o fato de que, mesmo uma favela que passou pelo processo de urbanização, não possui as mesmas condições de salubridade de outras áreas da cidade que nunca foram faveladas. Isso ocorre, devido, principalmente, aos problemas de ventilação e iluminação das moradias que a implementação de infra-estrutura urbana não consegue sanar. (Cf. PASTERNAK, 2002). Problemas ligados ao esgoto, à coleta de lixo, à iluminação pública e ao abastecimento de água podem ser sanados; mesmo assim, muitas casas apresentarão mofo e outros problemas decorrentes da má ventilação e iluminação.

Outro problema dificilmente resolvido é o da falta de áreas públicas de todo tipo, sejam elas destinadas ao lazer ou à circulação de pedestres e veículos. Durante minha pesquisa de campo, pude acompanhar o processo de urbanização, com o asfaltamento de ruas e calçadas e a implantação de esgotamento sanitário, pelo qual a favela Nova Jaguaré está passando. Mesmo assim, o processo é bastante problemático, pois se, de um lado, é positivo para a população não ter de lutar mais contra o barro dos dias chuvosos e a poeira dos dias secos, por outro lado, as calçadas que foram feitas com cinquenta ou sessenta centímetros de largura, mal permitem a passagem de uma pessoa, e as ruas, como também são muito estreitas, não permitem a passagem de dois carros. Na verdade, na maioria das vezes, quando há dois estacionados um de cada lado da rua, até a passagem de um carro é extremamente difícil. Nos finais de semana o estacionamento de automóveis, é praticamente impossível; também é muito difícil andar nas calçadas, pois as pessoas estacionam os carros sobre elas, para aumentar o espaço de passagem dos veículos. E a própria circulação de veículos é muito complicada. Isso tem contribuído, inclusive, para gerar tensão e briga entre os moradores. Certa vez, ao ir até uma das casas entrevistadas, estacionei meu carro ao lado de um muro e fiz como os moradores, ou seja, subi o carro na calçada deixando-o absolutamente rente à

parede, de forma a dar passagem aos outros veículos. Qual não foi minha surpresa ao sair horas depois da entrevista e encontrar dois moradores se xingando, aos berros, pois o dono da casa em que fica o muro queria a retirada do carro para que uma pessoa com criança pudesse circular pela calçada. Muito constrangida, eu rapidamente apresentei-me, pedi muitas desculpas e disse que havia estacionado como eu via que os outros faziam. O filho do dono da casa logo entendeu que eu não era moradora, que havia feito o que achava ser o correto, e acalmou o pai. Pedi mais desculpas – afinal, sabia que não podia ter estacionado na calçada, mas achava que, se não o fizesse, poderia levar uma bronca, pois aí eu pararia o trânsito.

Como pesquisador não perde a oportunidade de virar uma situação a seu favor e obter mais informações, aproveitei para puxar conversa com ele, que reclamou da prefeitura. De acordo com sua opinião, o correto teria sido desapropriar um lado da rua, demolir as casas e torná-la mais larga. Intimamente, imaginei o que ele acharia se a desapropriação ocorresse do seu lado da rua. Afinal, esses processos são extremamente complexos e as pessoas não querem sair de suas casas, mesmo por conta do bem público.

A rua também não pode mais ser apropriada pelas crianças como espaço de lazer. É impossível jogar bola, empinar papagaio ou brincar de qualquer outro jogo em ruas tão congestionadas. Do mesmo modo, a rua também não consegue servir as pessoas que precisam circular por ali, sejam elas pedestres ou motoristas. Além disso, não há uma única praça ou quadra onde os jovens possam se reunir para se divertir, elemento importantíssimo para uma população que mora em espaços compactos – como pude constatar nas visitas que fiz aos entrevistados. Nas casas C10 e C12, há quartos tão pequenos, que mal comportam uma cama e um pequeno armário. No caso da casa C10, a opção da família foi construir quatro quartos muito pequenos, ao invés de dois ou três maiores, para que os dois filhos mais velhos, um rapaz e uma moça, pudessem ter cada qual o seu quarto.

Há ainda quartos que não possuem janelas, seja porque estão situados em áreas de distribuição, como é o caso do quarto do filho C5, entre a cozinha e o quarto da mãe e da irmã, ou o do filho mais velho da casa C3, que fica ao lado da escada, como se estivesse num hall de distribuição de um andar. Também há moradias sem janela: é o que ocorre na casa C4, que possui praticamente dois cômodos, e a ventilação ocorre pela abertura da porta da rua. Ou, ainda, de quartos pequenos, cuja parede lateral é partilhada pelo vizinho e assim não há um recuo, como o quarto das jovens C12.

Quanto à questão da escolaridade, é possível afirmar que ela melhorou, se forem considerados os chefes de domicílio das favelas. Caiu expressivamente a porcentagem dos

chefes de domicílios analfabetos, de 38,1%, em 1991, para 15,2%, em 2000. Mesmo assim, ainda é mais do dobro dos 7,3% encontrados, em 2000, para o resto da cidade de São Paulo.

Quanto ao rendimento, é possível observar uma pequena melhora em todos os indicadores, para a população que reside em favelas, como a pequena diminuição de chefes com rendimentos de 0 a 3 salários mínimos de 77,9% para 73,2% ou o aumento de 2% de chefes ganhando de 5 a 10 salários mínimos, que passou de 5,6%, em 1991, para 7,6%, em 2000.

Dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) para 2004 apresentados na Tabela 5 mostram que, em comparação com 1995 (Cf. TORRES, BICHIR E CARPIM, 2006), houve aumento significativo no consumo de bens e serviços por parte dos pobres e uma melhora do índice de GINI em escala nacional concomitante a um aumento da população pobre.

Tabela 5			
Proporção dos domicílios com renda per capita de até 1/2 salário mínimo. 10 Regiões Metropolitanas, 1995, 2003 e 2004.			
Regiões metropolitanas	1994	2003	2004
Belém	16,6	29,2	26,5
Fortaleza	33	33,9	34,0
Recife	30,5	32,4	32,2
Salvador	27,2	30,2	27,1
Belo Horizonte	15,3	16,5	14,7
Rio de Janeiro	10,9	10,4	10,2
São Paulo	6,0	11,2	11,2
Curitiba	9,2	11,1	9,3
Porto Alegre	9,9	10,1	9,3
Brasília	11,7	15,9	15,4
Total	12,6	15,5	15,0

Fonte: PNADs 1995, 2003 e 2004. apud TORRES, BICHIR E CARPIM, 2006

Nota: Os dados foram ajustados conforme o valor do salário mínimo de 2003 a partir do IPCA/Brasil, IBGE.

A linha oficial de pobreza estabelece que domicílios com renda per capita de até ½ salário mínimo são considerados ocupados por pobres. A Tabela 5 mostra que a proporção de domicílios nessa situação nas dez regiões metropolitanas pesquisadas pela PNAD passou de 12,6% em 1995 para 15,%, em 2004. Porém, o crescimento não foi igual para todas as

regiões. Os dados desagregados por região metropolitana mostram que elas vivem situações distintas. Há desde casos que não apresentaram grandes alterações, mantendo-se praticamente estáveis ao longo do período, como as regiões de Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro, até outros em que houve aumento expressivo, como Belém, que passou de 16,6%, em 1991, para 26,5%, em 2004, ou São Paulo, que subiu a porcentagem de 6%, em 1991, para 11,2%, em 2004. De qualquer forma, as variações na proporção de domicílios com renda per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo variam bastante entre as regiões metropolitanas. A região de Fortaleza, com 34% de domicílios nessa situação, seguida de Recife (32,2%) e Salvador (27,1%) são as que apresentam as maiores taxas em 2004. Em compensação, Curitiba e Porto Alegre, com 9,3%, e o Rio de Janeiro, com 10,1%, estão entre aquelas que apresentam as melhores condições entre as dez regiões metropolitanas pesquisadas, com uma proporção menor de domicílios com renda per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo. Os resultados também apontam uma mudança no perfil de consumo dessas famílias, mostrando que houve ampliação do acesso a esses bens (Gráfico 1).

GRÁFICO 1

Evolução no consumo de bens entre as famílias com renda familiar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo.

10 Regiões Metropolitanas, 1995, 2003 e 2004.

Fonte: IBGE, PNADs 1995, 2003 e 2004. Elaborado por Torres, Bichir e Carpim (2006).

O aumento ocorreu em praticamente todos os bens a exceção do fogão que, desde 1991, já abrange a quase totalidade dos domicílios nessas regiões, mas foi mais significativo no relativo aos itens telefonia, máquina de lavar e geladeira. Os resultados sugerem que a

pobreza está assumindo contornos diferentes dos que predominavam há poucas décadas e que é preciso compreender que esses setores não estão mais excluídos do mundo do consumo. (Cf. TORRES, BICHIR E CARPIM, 2006; PASTERNAK, 2003).

Há uma série de razões que ajudam a explicar o aumento do poder de compra dessa parte da população, como a queda no preço do vestuário e nos bens duráveis, além de um aumento na oferta de crédito (ligado ao crédito direto ao consumidor), como, por exemplo, o grande crescimento do crédito consignado em conta corrente, a maior proporção de pessoas com conta bancária e o crescimento do microcrédito, fruto da política do governo Lula. Outro fator apontado pelos autores é a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho. De acordo com dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED Seade/Dieese), a proporção de mulheres que participam do mercado de trabalho subiu de 43%, em 1990, para 55%, em 2005. Isso não significa que essas mulheres passaram a ter necessariamente um poder de compra maior, mas, com certeza, a nova situação deve ter modificado as tomadas de decisão no interior das residências quanto ao consumo (Cf. TORRES, BICHIR E CARPIM, 2006). No caso das famílias estudadas, é significativo que em quatro (C1, C2, C3, e C5) das quatorze casas existam mulheres cursando ou que já tenham concluído o ensino superior, o que, com certeza, aumentou os ganhos das famílias, já que muitas já estão assumindo melhores posições no mercado. É o caso da Mãe C2 que antes mesmo de concluir a faculdade foi promovida, de auxiliar de expedição para auxiliar administrativa, e passou a trabalhar na parte administrativa da empresa e não mais próxima à linha de produção⁷⁴.

É verdade que a renda de algumas das famílias entrevistadas é superior a ½ salário mínimo per capita, mas muitos possuem renda inferior a esse patamar. Dessa forma, os dados aqui apresentados podem ser usados para refletir a seu respeito. Em quase todas as casas estudadas, há máquina de lavar roupa (a exceção são as casas C4 e C13⁷⁵, cujas mulheres moram muito próximas de suas mães e usam as máquinas delas quando precisam. Todas também possuem geladeira (a única exceção é a casa C13, que foi montada há poucos meses) e fogão. O forno de microondas também é um equipamento comum em pelo menos metade das casas visitadas. Em mais da metade delas há computadores. Não há computador nas casas

⁷⁴ Em uma ida a campo eu havia notada a mudança de textura do cabelo e de corte e elogiei o novo cabelo da entrevistada. Ela então me disse que havia sido promovida e que agora estava exatamente onde queria, ou seja, na parte administrativa. O alisamento do cabelo é extremamente significativo e mereceria um estudo mais profundo. Com a introdução de modernas técnicas de alisamento, um número enorme de mulheres, que não necessariamente possuem cabelos crespos, mas levemente ondulados, os têm alisado. Sem deixar de mencionar, é claro, pessoas como a Mãe C2, que possuíam efetivamente cabelos crespos e também passaram a alisá-los. Para muitas mulheres, isso é um sinal de *status*, qualquer ondulação devendo desaparecer.

⁷⁵ Na última ida a campo o casal C13 já havia comprado a própria máquina de lavar roupa. Só não possuem ainda geladeira.

C7 e C8, na casa dos irmãos C14, que moram sozinhos sem os pais (eles usam o da família da casa C9 que fica na casa de cima), e nem nas casas C4 e C6, compostas por arranjo monoparental de mãe com filhos. Mesmo assim, a jovem C4 usa o computador da casa da avó, Mãe C5, que mora em frente à sua casa.

Há, portanto, uma melhora nos indicadores sociais, assim como naqueles ligados à infra-estrutura, anteriormente apontados.

O salário mínimo no Brasil, apresenta, desde 2002, um saldo positivo em relação à inflação. Isso significa que houve aumento do poder de compra dessa parcela da população cujos ganhos são contados em relação ao salário mínimo. De acordo com estudo feito pelo DIEESE⁷⁶ (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), o ganho real acumulado pelo salário mínimo, de 2002 a 2010, foi de 53,67%. Ou seja, o poder de compra das famílias melhorou substantivamente no período, o que ajuda a compreender porque, em 2004, os dados já mostravam uma melhora do poder de compra de bens de consumo. Essa constatação demonstra que os contornos dessa camada da população já não correspondem ao imaginário que outros segmentos têm deles, como não possuidores de bens de consumo.

Entretanto, isso não quer dizer que o seu consumo seja semelhante ao dos segmentos médios. Entre as casas estudadas, as roupas ocupam, na maioria das vezes, um espaço exíguo nos guarda-roupas (duas gavetas em média); também o número de sapatos é reduzido, o que mostra haver ainda grande distância entre os estratos nesse sentido⁷⁷.

Outro ponto a ser destacado para a compreensão das camadas populares é o de que as favelas *não são espaços homogêneos*. Logo, a simples classificação de um espaço como favela não significa que seja possível prever os conteúdos associados à moradia e às condições de vida de seus moradores. Os autores que procuram entender o fenômeno buscam sempre frisar sua heterogeneidade (Cf. PARTERNAK, 2002; MARQUES e SARAIVA, 2005; TORRES, MARQUES, FERREIRA, BITAR, 2003; VALLADARES, 2000, entre outros). Pasternak, por meio de análise fatorial, chegou a quatro tipos de favelas na região metropolitana de São Paulo: o primeiro é aquele em que predominam as ocupações agrícolas entre os moradores (situam-se na periferia metropolitana); o segundo diz respeito às que ela denomina de “superiores”, pois apresentam forte presença de segmentos médios e

⁷⁶ Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/notatec86SALARIOMINIMO2010.pdf>. Acessado em 4 de agosto de 2010.

⁷⁷ Nas famílias de camadas médias que foram objeto de estudo no mestrado, os armários, principalmente das jovens, eram absurdamente abarrotados de sapatos, bolsas e roupas, numa discrepância tremenda em relação às casas presente neste estudo. Além disso, a quantidade de bichos de pelúcia guardados e expostos era impressionante. Entre as famílias agora estudadas, são poucos os objetos expostos.

empregados de nível superior (são apenas duas, situadas na região do Butantã, em São Paulo); ela ainda verificou as “favelas proletárias”, aquelas situadas, sobretudo, no ABCD, em Mauá e Guarulhos, (compostas predominantemente pelo que ela chama de proletariado secundário) e por fim, as “populares” (com predominância do sub-proletariado – domésticas, ambulantes, biscateiros – muito presentes na capital). É possível observar que ela utilizou a inserção do chefe de família no mercado de trabalho, como fator relevante para caracterizar diferentes tipos de favela.

Já Marques e Saraiva (2005), a partir da concepção partilhada pelo presente trabalho, de que a pobreza tem *múltiplas dimensões*, não se restringindo à inserção no mercado de trabalho, também desenvolveram uma tipologia para as favelas (sua base foi a região metropolitana de São Paulo) e utilizaram os seguintes indicadores sociais médios, para o ano de 2000: domicílios com água, domicílios com esgoto, domicílios com coleta de lixo; pessoas analfabetas; chefes com 0 a 3 anos de estudo; chefes com 5 a 10 salários mínimos; chefes com 10 a 20 salários mínimos; renda média do chefe em reais, pessoas de 0 a 14 anos; pessoas com 65 anos ou mais. A partir desses indicadores chegaram a 5 tipos de favelas conforme o Quadro 3.

Quadro 3		
Grupos de favelas por número de casos e condições		
Grupo	Número de casos	Condições
Grupo 1	564	Possuem as piores condições sociais e de infra-estrutura. A renda do chefe é a mais baixa de todos os grupos.
Grupo 2	829	A infra-estrutura do grupo é um pouco melhor, apesar de ser aquele com os piores índices de esgotamento. As condições sociais são levemente melhores.
Grupo 3	728	Ótima infra-estrutura, mas condições sociais ainda precárias.
Grupo 4	727	Infra-estrutura e condições sociais boas.
Grupo 5	131	Melhores condições sociais e de infra-estrutura. A renda do chefe é a maior em todos os grupos.

Fonte: Marques e Saraiva, 2005.

Do total de 2.979 núcleos para a região metropolitana de São Paulo, em 858 (quase 29%) a condição da infra-estrutura é boa e as condições sociais não são tão precárias, apesar de a renda ainda ser baixa. Entretanto, há também percentual significativo de 18,9% dos núcleos em condições muito precárias (são 564 favelas em péssimas condições). A existência

desses grupos aponta que uma melhora dos indicadores médios convive com a manutenção de condições sociais e de infra-estrutura muito precárias.

O estudo ainda apontou que não há relação entre a idade da favela e a situação de seus moradores. A heterogeneidade das favelas em parte pode ser explicada pela microrregião em que elas se localizam: em áreas próximas a indústrias, há a possibilidade de acesso a empregos perto da residência para a população, ou a proximidade de áreas que sofrem enchentes e alagamentos, pode dificultar a melhora das condições de vida da população, por exemplo. A cobertura de infra-estrutura, portanto, independe da idade da favela. Segundo Saraiva e Marques (2005) o padrão recente pode ser entendido como o de uma melhora em termos médios, ainda que apresente condições muito adversas em determinadas favelas. Há tanto uma *heterogeneidade espacial*, pois elas estão espalhadas pelo município em diferentes áreas, como uma *heterogeneidade social*, a situação das populações que residem em favelas pode ser muito diferente de uma para outra, independente de sua idade.

3.5. A favela Nova Jaguaré em dados

A favela Nova Jaguaré (cuja população foi objeto deste trabalho) insere-se no grupo 2 (ver Quadro 3) proposto por Saraiva e Marques (2005), o que a coloca numa situação pior dos que as dos três sub-grupos subsequentes. As favelas desse grupo têm melhor infraestrutura do que as do tipo 1, mas suas condições de esgotamento são as piores de todos eles; suas condições sociais também são levemente melhores em relação ao primeiro grupo, mas piores em relação aos demais.

De acordo com dados obtidos junto à Secretaria Municipal de Habitação,⁷⁸ o índice de abastecimento de água da favela Nova Jaguaré era de 47,85% e o de esgotamento de apenas 6,04%. Em termos de vulnerabilidade social, 75,33% de sua população têm o nível muito alto nesse item, o que é preocupante. A Nova Jaguaré é a quinta maior favela da cidade, com 4.070 imóveis. Ela perde para Heliópolis (1ª), Paraisópolis (2ª), Pantanal 2 (3ª) e São Francisco Global (4ª)⁷⁹ em número de imóveis e de habitantes. Entre as cinco maiores, ela é a

⁷⁸ Ver *site* da Secretaria Municipal de Habitação. Por ele é possível encontrar, em mapas, as favelas do município de São Paulo, assim como dados sobre cortiços, loteamentos e processos de urbanização de áreas degradadas. Ver: www.habisp.inf.br. Como a secretaria não informou a data dos dados o pressuposto é o de que eles estejam atualizados.

⁷⁹ Heliópolis conta com 18.080, Paraisópolis com 17.159, Pantanal 2 com 6.800 e São Francisco Global com 4.102 imóveis.

segunda mais antiga, pois sua formação data de 1965⁸⁰; só fica atrás de Paraisópolis, de 1960. Entre as dez maiores, fica em terceiro lugar como mais antiga, atrás de Paraisópolis, em segundo, e a favela do Jardim Colombo, de 1942, em primeiro.

Esses dados revelam que o tamanho das favelas não está necessariamente relacionado com a idade do assentamento. A favela Recanto do Paraíso, em sexto lugar entre as maiores, surgiu apenas em 1992.

Ainda pelos dados da Secretaria de Habitação, é possível dizer que a idade da favela também não influi na renda dos moradores. Favelas mais antigas não apresentam renda média per capita mensal maior do que favelas mais novas. A renda média mensal per capita na Nova Jaguaré é de R\$435,00 reais⁸¹.

O Quadro 4 apresenta dados sobre favelas e loteamentos no distrito do Jaguaré onde se situa a favela Nova Jaguaré e por meio dela é possível dizer que esta é a favela que nesse distrito possui chefes que possuem a menor renda de uma forma geral. Entretanto é incontestavelmente a maior favela da região seja em número de domicílios (4.070 habitações) ou em tamanho (168.359,91m²). Ela também é uma das mais antigas e é possível dizer que a maior parte de loteamentos e favelas nesse distrito é de ocupação antiga uma vez que a imensa maioria existe pelo menos desde a década de 1970.

Quadro 4					
Dados sobre as favelas e loteamentos no distrito do Jaguaré					
Nome	Tamanho	Propriedade do terreno em que se encontra	Ano de ocupação	Número de domicílios	Renda do chefe em reais
Beira da Linha	8266,1	Estatual	1972	250	475,88
Diogo Pires	15220,053	Municipal	1973	505	1295,78
Do Areião	18037,215	Particular	-----	307	3696,17
Jardim Wilson	6631,166	MUNICIPAL PARTICULAR	1991	200	2315,13
Miguel Frias de Vasconcelos	1242,442	Particular	1973	30	3510,1
Nossa Senhora Das Virtudes I	7757,56	Municipal	1962	219	688,12
Nossa Senhora Das Virtudes II	2466,119	Municipal	1962	70	1392,12
Nova Jaguaré	168359,911	Municipal	1965	4070	435,68
Tancredo Coutinho	261,055	Municipal	1996	5	3696,17
Torres de Oliveira	3698,391	Estatual	1975	70	990,36

Fonte: Secretaria Municipal de Habitação. Disponível em: www.habisp.inf.br. Acessado em 6 de agosto de 2010.

⁸⁰ De acordo com informação obtida no *site* da Secretaria Municipal de Habitação. Entretanto, há autores (Cf. MOYA, 2009) que afirmam ter ela surgido na década de 1940.

⁸¹ Não há indicação da data de coleta dos dados; se pressupõe que eles estejam atualizados.

De acordo com Moya (2009), a escolaridade média dos chefes de domicílio da favela Nova Jaguaré para 2000 era de 4,1 anos de estudo, ou seja, a maioria teria apenas da primeira à quarta série do ensino fundamental. Por volta de 23% dos chefes eram analfabetos e 38% haviam concluído o ensino fundamental da primeira à oitava série. Crianças com menos de 4 anos compunham 12,7% da população, 38% da população tendo se autoclassificado como preta ou parda.

Já em relação ao seu tamanho ela teria passado de 301.746,69 metros quadrados, em 1991, para 192.602,69, em 2000. A população da favela teria diminuído: de 15.000 habitantes, em 1991, para 12.784, em 2000,⁸² ao passo que o número de habitações – de 3.431, em 1991, para 3.341, em 2000 – teria permanecido praticamente estável. Poder-se-ia cogitar que a densidade domiciliar diminuiu, mas ela aumentou, tendo passado de 0,011, em 1991, para 0,017, em 2000 (TORRES, MARQUES E SARAIVA, 2003).

Várias hipóteses podem ajudar-nos a compreender porque apesar do número de pessoas ter diminuído, o de residências se manteve e a densidade aumentou. A hipótese deste trabalho para isso é a de que isso ocorreu porque a área que passa pela urbanização não consegue atender ao número de pessoas que ali moravam e estas se deslocam para outros lugares na mesma favela, tornando-a mais densa do ponto de vista populacional. A área diminuiu, mas a população não diminuiu na mesma proporção; novos domicílios são feitos para atender tanto as pessoas que já viviam na área, mas não foram morar no conjunto construído com dinheiro público, como também aquelas que querem constituir um novo lar na favela, entre elas, os casais de jovens que querem ter seu próprio lar, separado dos de seus pais (como foi o caso das casas C8 e C13, formadas por jovens das casas C9 e C12, respectivamente, que ficaram grávidas e se separaram dos pais, para constituírem um novo lar).

⁸² Dados retirados de Torres, Marques e Saraiva (2003). Entretanto, Moya (2009) que também está ligada ao CEM assim como os autores anteriormente citados, afirma que em 2000 a população de Nova Jaguaré era de 10863 habitantes e que a favela contabilizava 2.838 domicílios. Impossível saber quem está correto, a inexactidão marca os dados sobre as favelas no Brasil. Moya utiliza os dados do censo de 2000 produzidos pelo IBGE que subestimam a população que mora em favelas. E Torres, Marques e Saraiva (2003) cientes disso elaboraram estudos que procuram estimar o tamanho dessa população de forma mais refinada. Mesmo assim, todos dados devem ser entendidos como estimativas aproximadas que auxiliam a reflexão mais do que como uma contagem precisa.

Capítulo 4

As casas são boas para pensar

Há no presente trabalho uma inspiração simmeliana, no sentido de haver uma atitude de profundo respeito com os objetos e fragmentos do real, enquanto propiciadores da possibilidade de uma reflexão mais profunda. Em Simmel, “tudo é digno de ser conhecido em sua profundidade metafísica” (WAIZBORT, 2000, 25) expressando sua convicção – compartilhada também aqui – de que tudo é passível de interpretação. A questão não é “*o quê observar*”, mas “*como olhar*”, que, no caso de Simmel, é processual.

A ideia, que encontra guarida no procedimento desse autor (Cf. Waizbort, 2000: 26), de que o entendimento de algo passa pelo sentimento de ter girado o objeto em mãos foi perseguida por este trabalho, quando, nos capítulos anteriores, se procurou mostrar quem era a população entrevistada, o quão heterogêneas e complexas são as camadas populares das quais ela faz parte, e a questão da formação das favelas e do perfil de seus moradores. Essa inspiração continua presente neste e no capítulo seguinte.

Também Wright Mills, em *A imaginação Sociológica* (1975), faz a mesma sugestão, quando afirma:

Devemos usar vários pontos de vista – essa é a minha ideia central. Perguntaremos, por exemplo, como um cientista político que lemos recentemente abordaria tal ponto, ou como o abordariam tal psicólogo experimental, ou tal historiador? Procuramos pensar em termos de vários pontos de vista, e assim deixamos que nossa mente se transforme num **prisma móvel**, colhendo luz de **tantos ângulos quanto possível**. (1975, p.230, negrito nosso)

É preciso ainda dizer que a ideia de observar algum aspecto da realidade como se estivesse sendo girado em nossas mãos não significa que haja a pretensão de compreender totalmente a realidade ou sua possível essência. A mesma inspiração simmeliana envolve afirmar que o intuito deste trabalho foi sempre o de fazer uma interpretação *possível*, porém nunca a *necessária*.

Essa intenção envolve tomar o objeto do presente trabalho, a relação das pessoas com a casa e os objetos que a preenchem e girá-la tanto quanto possível, para mostrar que se trata de mais um elemento a auxiliar no entendimento dos processos de construção da identidade das pessoas. Para isso, ela está sendo analisada sob diferentes perspectivas: *temporal* – dos diferentes tempos e relações com a casa, nos diferentes momentos dos moradores; *situacional* – a relação dos jovens contraposta à dos adultos, dos segmentos populares em relação aos

médios e *espacial* – pela observação da relação que as pessoas têm com os objetos dispostos no espaço e pela leitura de elementos espaciais, como o papel das paredes enquanto mais um suporte, por exemplo, na construção das identidades. Para isso, procura-se mostrar que, mesmo objetos aparentemente banais, como um imã de geladeira, a foto de um parente, o quadro de uma baleia ou uma cama, podem ser tomados para a análise, podem ser “lidos”, no sentido de interpretados, e identificados os motivos porque eles são usados pelas pessoas, ora intencionalmente, ora inconscientemente, para “falarem” sobre os que ali moram tanto aos que vêm de fora e os visitam de alguma forma como para os outros moradores.

A possibilidade dessa leitura de relações e objetos é suscitada também pela influência de Clifford Geertz, que defende um conceito semiótico de cultura:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (1978, p.15)

A busca do significado repousa no fato de a cultura, entendida como sistemas de signos (percebidos como símbolos) entrelaçados, pode ser lida e interpretada, na medida em que é compartilhada e pública.

As propostas de Clifford Geertz e George Simmel aproximam-se, apesar de terem sido estabelecidas em contextos distintos, em áreas distintas e com preocupações diversas, na medida em que os dois defendem uma análise microscópica (ainda que explicada de forma diferente) e a utilização do *ensaio* como a melhor forma de expressão dos pesquisadores das relações sociais, sejam eles sociólogos ou antropólogos. Ao mesmo tempo Geertz, Simmel e Wright Mills compreendem a necessidade de buscar múltiplos pontos de vista para a compreensão da realidade. Por fim há a influência de Daniel Miller (2001, 2008, 2010a, 2010b) que trabalha com a temática casa x objeto e que entende que a melhor forma de compreender e apreciar a nossa humanidade é por meio de nossa fundamental materialidade (2010b, p.4). Mas mais importante do entramos numa discussão estéril sobre se a análise de nossa materialidade é “a” melhor maneira de compreender nossa humanidade é frisar que a análise da materialidade para a compreensão da humanidade é *também muito importante* e que não levá-la em conta no estudo das interações humanas é deixar de lado um aspecto revelador das interações. Partilha-se aqui com ele a certeza de que é preciso compreender as consequências de nossa materialidade para uma compreensão mais profunda de nós mesmos.

Para buscar dar conta disso, o presente capítulo está dividido em cinco seções: a primeira, *A casa: espaço público e privado*, procura relativizar a ideia de que a moradia das camadas populares pertence exclusivamente à esfera privada. Para isso, discute entre outros temas o significado da categoria *visita*, contrapondo-a às noções *ser de casa* e *ser da casa*. Na segunda seção, *Quando a casa vira lar*, o objetivo é estabelecer uma reflexão a respeito dessa transição. Entender que são as relações e o sentimento de pertencimento em relação àquele espaço que faz dele um lar, e não o mero habitar. A terceira seção é dedicada a uma reflexão acerca dos vários sentidos que o termo “casa” pode ter, sem a pretensão de esgotá-los. A quarta seção: *As casas, seus limites e a agência familiar sobre o espaço doméstico*, procura iniciar a discussão sobre a complexa relação que existe entre a agência das pessoas sobre o espaço da casa e a influência do espaço sobre as pessoas. Por fim, a última seção, *Privacidade e singularidade nas casas*, procura refletir sobre como as pessoas entrevistadas usam mecanismos mentais para a construção da privacidade e também sobre o papel da cor na singularidade das moradias.

4.1A casa: espaço público ou privado?

Inúmeros autores, ligados às mais diferentes correntes teóricas e áreas do conhecimento, têm apontado a dicotomia existente entre a casa e a rua, significando dois mundos distintos, expressão de um processo ocorrido nas sociedades ocidentais, de separação entre as esferas pública e privada que antes estavam integradas. A própria ideia de que existem esferas da vida é uma construção cultural, histórica e social. Na Europa com o passar do tempo, particularmente com a separação do local de trabalho do local de moradia e, principalmente, com a formação dos estados nacionais (NOVAIS, 1997), cada vez mais passou a se desenvolver a ideia de que as sociedades ocidentais estavam passando por um processo de separação entre as esferas pública e privada, que assumiriam regras, disposições mentais e maneiras de agir que as distinguiria das demais. Phillipe Ariès em *Por uma história da vida privada*, por exemplo, aponta três fatores para essa ocorrência: a) o novo papel do estado, b) o desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura e c) as novas formas de religião que se estabeleceram a partir dos séculos XVI e XVII. Para ele talvez, a história da casa “resume (...) todo o movimento dessas constelações psicológicas...” (2001, p.13) e a casa passou a ser entendida como sendo *por princípio* espaço de uma vida privada. Todavia, a despeito da ideia dominante, de que há mundos ou esferas separadas, outros autores procuram alterar esse esquema analítico e mostrar que tal separação pode até existir, mas não da forma

tão radical, clara e limpa que alguns procuraram destacar. Na verdade, em diferentes contextos nacionais, autores têm procurado, se não desconstruir totalmente tal visão, porque analiticamente ela pode ser interessante, ao menos mostrar que tudo não é assim tão preto no branco, havendo grandes áreas cinzentas.

No caso do Brasil, em particular, a ideia de uma não diferenciação ou pelo menos de intersecção e fricção constantes entre essas esferas aparece em autores que procuram tratar temas das esferas pública e privada (Da MATTA, 1997, MARTINS, 1998). Para alguns, a distinção público-privado só pode ser aplicada ao Brasil no final do século XVIII e início do XIX, mas, mesmo assim, de forma tênue (ALGRANTI, 1997).

Defende-se neste trabalho que as casas estudadas não são espaços de uma esfera privada totalmente separada de uma esfera pública, mas, antes, que se tratam de um palco de tensões, negociações, apreciações e ações, que tornam as cores muito mais borradas do que a princípio se poderia achar.

Muito se discute atualmente, em nossa sociedade, sobre a invasão do público pelo privado e vice versa, seja nos jornais por meio de matérias que mostram os meandros da política brasileira, seja por autores que, sensíveis a essas áreas cinzentas, mostram como as pessoas tornam privado espaços que são públicos, ou como o público invade o privado por intermédio dos meios de comunicação⁸³.

No caso das camadas populares brasileiras, residentes em áreas urbanas das grandes cidades, há uma dimensão pública da casa que é muito forte. Por exemplo, muitas são invadidas por policiais, em batidas, sem que haja um mandato autorizando essa incursão no privado pelo público. As portas da rua abertas, em várias das casas estudadas, também mostram isso, assim como o constante entra e sai de pessoas que não são *da casa*, mas são considerados *de casa*. São adultos e crianças, vizinhos e parentes, que entram e saem das casas de uma forma tão dinâmica que nenhuma descrição conseguiria adequadamente expressar. Em muitas das entrevistas que realizei parentes e vizinhos entravam e saíam do cômodo. Isso ocorreu, por exemplo, durante entrevista na casa C4 em que a filha da Mãe C4 acompanhou com olhos atentos toda a conversa; também ocorreu quando na casa C5 durante a entrevista com o filho, familiares iam e vinham; no caso da casa C6 a vizinha acompanhou atentamente a entrevista sem emitir uma palavra e a Filha mais velha da Mãe C6 começou a participar de forma tão ativa na entrevista da Mãe que em pouco tempo a inclui na entrevista de forma a alterar a dinâmica para uma entrevista a três; em algumas das entrevistas na casa

⁸³ Como, por exemplo, José Guilherme Magnani (1996) que, por meio da categoria *pedaço*, mostrou a existência de intersecção das esferas pública e privada, em espaços públicos.

C9 os olhos do entrevistado estavam mais pousados na pessoa as minhas costas do que em mim mesma; na casa C10 a filha de quatro anos⁸⁴ dava sua própria opinião durante a entrevista da Mãe e na casa C13 o pai foi entrevistado na casa da Mãe da esposa que praticamente ficou na sala conosco durante toda a entrevista.

As entrevistas ocorreram em diferentes ambientes, uns mais privados do que outros, mas, em todas as casas, foi possível perceber a curiosidade em ouvir o que o parente ou vizinho tinha a dizer. Contribui para isso a falta de portas de separação entre os cômodos, em praticamente todas as casas, seja entre sala e cozinha ou entre a cozinha e os quartos. Porta mesmo, só na entrada da casa e nos banheiros; nos quartos, nem sempre elas estavam presentes (C3, C4, C5, C9, C12, C14).

Essas pessoas que freqüentam a casa, mas não moram ali são os “*de casa*”. Os *de casa* são as pessoas que a frequentam sempre e são considerados muito chegados⁸⁵ pelos moradores, podendo ser parentes ou vizinhos. Em estudo anterior, sobre famílias de camadas médias, já havia verificado que o significado da categoria *visita* para as famílias pesquisadas era diferente do que eu entendia como visita (SCHRIJNEMAEKERS, 2002). Criada numa família de raízes europeias muito recentes (meu pai era holandês; minha mãe é neta de italianos e portugueses), definia visita como sendo toda pessoa que não mora numa casa, mas vai até ali com a intenção de ficar algum tempo, para um encontro social. Todavia, pude verificar que, para aquelas famílias, a categoria *visita* tinha outro sentido. Isso foi descoberto casualmente, quando perguntava às pessoas se elas costumavam receber visitas e elas, invariavelmente, diziam que não. Minha preocupação não era discutir a categoria visita, mas saber se a casa era frequentada por outras pessoas além dos moradores e onde essas eram recebidas. Os entrevistados sempre afirmavam que não costumavam receber visitas. Contudo, antes ou depois dessa questão, seja andando pela casa e me mostrando os cômodos ou no decorrer da entrevista em profundidade demonstravam receber amigos, parentes, amigos dos filhos e vizinhos. Na concepção que trazia de minha experiência pessoal, todo aquele que não mora numa casa e chega para ficar algum tempo era visita. Mas não é esse o significado do termo visita, seja para os segmentos médios anteriormente estudados, seja para as famílias da presente pesquisa. Com isso abria-se para a minha pessoa uma forma de compreender o

⁸⁴ A área dos estudos antropológicos sobre a infância ainda é uma área que engatinha em nosso país. No caso da Sociologia, então é quase inexistente. Entretanto os pesquisadores deveriam ouvi-las mais para compreender as interações em sociedade. No caso das camadas populares, e particularmente das pessoas que moram nas favelas, é impressionante como as crianças circulam pelas casas com uma liberdade de trânsito impressionante. Mesmo o estudo de Claudia Fonseca (2000) sobre o tema da fofoca, não explora o papel das crianças nessas redes de interações e comentários. Mas as crianças e jovens circulam pelas casas de forma extraordinária.

⁸⁵ “Chegado” é a pessoa que pode participar da vida íntima do outro.

segmento pesquisado por meio da categoria visita. Muitas vezes é justamente por meio da compreensão daquilo que não faz sentido ou não compreendemos no outro que é possível estabelecer uma chave possível para compreendê-lo⁸⁶.

Vizinhos, amigos e parentes não são *visitas*. Eles são *de casa*. Por isso, podem entrar e sair das casas sem grandes rituais. Para essas pessoas, a visita é o que eu nomeio hoje de *visita formal*, ou seja, alguém que é recebido, mas que não costuma frequentar muito a casa. Nesse sentido, um parente distante é uma visita, assim como também é um chefe com quem não se tem muita liberdade. O parente é considerado distante não porque do ponto de vista do parentesco esteja estruturalmente distante da pessoa. Ele é distante porque sua presença ali é rara. O parente também não é distante porque mora longe, mas sim porque não costuma visitar o outro. Se o chefe virar amigo, ou o que é mais importante, começar a frequentar sempre a casa de um subalterno, e começar a “bater o cartão aqui em casa” – modo como as pessoas se referem àqueles que estão reiteradamente presentes na casa de alguém e que é uma analogia ao ritual de entrada que havia nas empresas em que os funcionários deviam bater o cartão de entrada⁸⁷ – ele deixa de ser *visita* e passa a ser *de casa*. Logo, são os laços de sociabilidade que servem como classificatórios e não o parentesco ou o tempo em que se conhece alguém. Uma pessoa pode ser conhecida de outra há mais de trinta anos e ainda ser uma *visita*, ao passo que outra com quem ela mantém intensos laços de sociabilidade já é *de casa*.

A partir da compreensão desse jogo sutil de nomeações, fiz uso dele com resultados extremamente positivos para me aproximar das pessoas. Quando alguém pedia desculpas pela bagunça de um cômodo ou tentava arrumar algo, eu rapidamente afirmava que “você não deve ter frescura comigo”, “eu já sou *de casa*” e a pessoa de forma quase imperceptível relaxava. Às vezes ela até sorria e quase sempre deixava a pequena “bagunça” aos meus olhos

⁸⁶ O historiador Robert Darton professor da Universidade de Princeton assim como também foi professor desta universidade Clifford Geertz nos mostra isso em seu livro *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. De acordo com ele, encontrou uma descrição de um massacre de gatos como um dos momentos mais engraçados que aconteceu na gráfica em que trabalhavam alguns operários franceses do século XVIII. Como não entendeu a graça no massacre, passou a estudar o ocorrido para entender porquê aquilo foi achado tão engraçado. Ele percebeu que a não compreensão imediata daquilo mostrava-lhe diferenças entre a forma dele de pensar e a daquelas pessoas e que a oportunidade de compreender o episódio o ajudaria a compreender melhor como elas pensavam. Moral da história, as vezes aquilo que parece estranho ou sem sentido pode me possibilitar uma chave interessante para a compreensão do outro: “Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significado estranho” (1986, p.XV). Apesar de suas reflexões estarem situadas na área da história, servem para compreender que eu não poderia deixar de lado o fato de que não entendia o que era “visita” para aquelas pessoas. Era preciso compreender porque para elas, aquelas pessoas que entravam na casa sempre não eram *visitas*.

⁸⁷ Hoje, não se “bate mais o cartão”, mas um cartão é muitas vezes passado num terminal de leitura óptica para registrar o horário de entrada e de saída de uma pessoa no seu emprego. Há empresas ainda que trocaram o cartão óptico pela leitura da digital da pessoa.

como por exemplo, uma pilha de roupas amontoadas para passar. Nesse momento eu tinha a confirmação para mim mesma de que ali eu já era *de casa*.

Ser considerada visita, longe de mostrar *status* e ser símbolo de prestígio, na verdade, constrange a maioria das pessoas, pois a visita é recebida com uma formalidade que as incomoda e que muitas vezes incomoda também quem recebe. As pessoas que freqüentam uma casa querem ser *de casa* e os *da casa* querem que elas se sintam *em casa*. Ser *visita* significa que você não é um amigo, não é alguém querido, não há sentimentos afetivos em relação a você. Fazer com que as pessoas que freqüentam a casa sintam-se em casa é uma preocupação constante nas casas brasileiras e mereceria um estudo mais pormenorizado dos pequenos rituais e frases que são ditas para estabelecer o sentimento que gera a certeza que alguém é *de casa*. Assim, há as pessoas *da casa*, que ali moram e há também os *de casa*, que sempre costumam visitar a família e há as *visitas*, pessoas que ocasionalmente vão até aquela casa.

Acredito que haja no Brasil íntima relação entre a limpeza das casas e a recepção de pessoas de fora. Com isso não desejo dizer que quem não recebe pessoas de fora não limpe a casa, pois creio que o hábito está por demais internalizado e generalizado. Só estou sugerindo serem duas categorias (limpeza da casa x receber pessoas) que valem a pena ser cruzadas do ponto de vista analítico. As famílias dos dois segmentos estudados (camadas médias, no mestrado e populares, no doutorado) preocupam-se muito com a limpeza da casa: ela deve ser limpa e a faxina, feita religiosamente uma vez por semana. Entre os segmentos médios, normalmente, era será feita pela faxineira, e, entre os populares, pelos próprios moradores. Em ambos os casos, os entrevistados desculpavam-se por qualquer coisa que estivesse fora do lugar durante as entrevistas, como uma cama desfeita, uma louça por lavar, ou a porta de um armário aberta a denunciar desorganização. A limpeza e a organização das casas refletem, para as famílias, a limpeza e organização das famílias. Logo, a moradia é vista como um reflexo da família e é usada para avaliá-la, demonstrando ser mais um elemento a compor a identidade das pessoas. Isso ocorre mesmo que de fato uma casa mais limpa não reflita necessariamente que ali mora uma família mais organizada ou feliz.

Muitos entrevistados dos segmentos médios afirmaram categoricamente a importância de conhecer a casa de alguém para conhecer melhor quem é essa pessoa, pois acreditam que é possível conhecer a pessoa por sua residência. No caso dos segmentos populares, pelo fato de suas casas expressarem seu lugar baixo na hierarquia social, a maioria dos entrevistados afirmou que a casa não reflete o que é uma pessoa ou uma família, pois o que importava não eram os bens materiais possuídos, mas quem a pessoa é. Mesmo assim, há entre eles a mesma

preocupação – ou até mais – encontrada nos segmentos médios em relação à limpeza. Creio que isso ocorre porque eles também recebem em sua casa, o tempo todo, pessoas de fora, muito mais do que entre os segmentos médios. Por isso, não importava a hora do dia em que eu passava e o quão de surpresa aparecesse para dar um abraço, dificilmente encontrava uma casa muito bagunçada. Também era sintomático que, em todas as idas formais para as entrevistas, a casa não apresentasse um cisco fora do lugar. Muitas vezes, mal se via um copo de água sobre a pia o que mostrava a preocupação das famílias com um julgamento que eu poderia fazer sobre sua limpeza e sobre elas⁸⁸.

No caso das camadas populares, a casa sempre aberta e a falta de portas tornam-na um espaço intermediário entre a privacidade do quarto (mesmo sem portas) e a rua. Talvez nem mesmo o banheiro permita um estar íntimo. Seu tamanho reduzido e o fato de ser o único da casa fazem com que seu uso seja controlado pelos outros moradores que também querem utilizá-lo. Logo, as pessoas não podem se fechar ali, livremente, pelo tempo que quiserem⁸⁹.

A limpeza nas camadas populares se estende inclusive para as ruas. Chamou a atenção durante a pesquisa que mesmo as vielas, até as mais estreitas são escrupulosamente varridas pelas famílias e apresentam uma limpeza muito maior do que ruas de outros bairros.

As casas servem também como forma de comunicação e interação entre os que lá residem e os que a visitam ou por ali circulam. Seus objetos, forma de preenchimento e como as pessoas da casa se relacionam com eles estimulam determinados tipos de interação. O diálogo é mais difícil, por exemplo, numa casa em que o único sofá fica virado para a televisão, uma vez que as pessoas não podem se sentar umas de frente para as outras e com isso o contato visual fica prejudicado. O fato de a cozinha ser um cômodo de distribuição para os outros ambientes também torna esse espaço menos usado para conversas mais longas e íntimas. Por isso é possível dizer que o espaço e os objetos da casa também influenciam as interações entre as pessoas como será mostrado nas próximas seções.

4.2 Quando a casa vira lar

As casas são produtos de condições históricas, sociais, culturais, ambientais e regionais, por isso mudam no tempo e no espaço. Vários são os pesquisadores que já se

⁸⁸ Infelizmente, não pude aprofundar-me na questão da limpeza e higiene pessoal, mas pude constatar que, em todas as casas da presente pesquisa, as cômodas ou outros locais eram repletos de artigos de higiene pessoal o que demonstra preocupação muito grande com a limpeza e a aparência, mesmo nas famílias de menor poder aquisitivo como a da casa C9. Em várias das fotos de quartos e banheiros, é possível ver que esses objetos cobrem pias, balcões e áreas sobre as cômodas.

⁸⁹ Sobre a privacidade do quarto sem portas ver o próximo capítulo.

debruçaram sobre o tema, em áreas tão diversas quanto a Geografia (STASZAK, REIMER & LESLIE, 2004), a Arquitetura (LE MOS, 1978, 1989, 1996; RYBCZYNSKI, 1996, entre muitos outros), a História (ALGRANTI 1997; ALVIM, 1998; MARTINS, 1998, entre muitos outros) e as Ciências Sociais (ATTFIELD, 2006; MILLER, 2001, 2010a; CIERAAD, 2006; CLARKE, 2001; DOLAN, 2006, MARCOUX, 2001, MARTINS, 1998, entre muitos outros) e fazem isso a partir da análise de diferentes contextos. No caso da Sociologia, a casa aparece muito associada à família, não constituindo muito um tema em si; do mesmo modo, aparece como problema em discussões mais amplas sobre políticas públicas e problemas habitacionais, mas não para ser entendida como o objeto em análise. Recentemente, com o desenvolvimento de uma Antropologia *at home*⁹⁰, estudos de temas ligados à casa têm dado frutos em vários países, como Holanda (CIERAAD, 2006, 2010), França (CHEVALIER, 2006; MARCOUX, 2001), Inglaterra (MILLER, 2001) e Finlândia (LAHELMA & GORDON, 2003) por exemplo.

Em diferentes contextos, alguns autores (LEVI STRAUSS 1987; DA MATA, 1991) procuraram, inclusive expandir o significado do termo *casa*, enquanto categoria analítica. Os pesquisadores, independentemente de suas respectivas áreas de concentração e preocupações de pesquisa, concordam que dormir num lugar não o torna uma casa, no sentido de um lar.

Se, como discutido em capítulo anterior, a casa deve ser entendida como uma figuração e se as figurações se caracterizam por serem entrelaçamentos de relações, só há casa nesse sentido onde *relações* estão presentes. É por isso que o mero dormir ou comer num lugar não faz dele um lar: existe uma dimensão subjetiva que deve ser levada em conta.

Isso pode ser mais facilmente compreendido a partir da análise do caso da jovem Mãe C13, filha da Mãe C12. Quando entrei em contato com sua família, a moça estava de mudança marcada, para o dia seguinte para sua nova casa, localizada no mesmo quarteirão que a da mãe. A brancura da casa C13 que expressa a pintura recente e o brilho de seus azulejos que mostram como os mesmos são novos nos fazem crer que a moça começou sua vida de casada numa situação muito diferente daquela da maioria das pessoas que moram ali. Diferente, inclusive, da situação de seus pais e dos outros entrevistados, das casas C1, C4, C5, C10, C11,

⁹⁰ Antropologia *at home* (Antropologia *em casa*) é o termo usado por muitos antropólogos, principalmente europeus, para designar a análise antropológica que hoje é feita no interior da própria sociedade do pesquisador. Alguns ainda usam o termo para designar a Antropologia que é feita na Europa dentro de grandes centros urbanos. O termo não significa uma *Antropologia da casa*, mas sim, o que está por traz da idéia do *at home* é de que se trata de uma *Antropologia feita em casa*, ou seja, no próprio país do pesquisador. *Home* neste caso se refere à pátria mãe do pesquisador, ou seja, *homeland*, e não a uma *Antropologia da casa* enquanto espaço de moradia, ainda que nada impeça pesquisadores de uma Antropologia *at home* de pesquisar casas.

que começaram sua vida a dois em barracos de madeira e que tiveram que construir sozinhos ou com a ajuda de um pedreiro a própria casa.

Havia o dilema sobre onde entrevistá-la – se na casa nova ou na dos pais – e resolvi utilizar os dois lugares, pois me parecia o mais proveitoso a ser feito. Achei que, por intermédio dessa família, poderia entender um pouco mais a questão da mudança. Comecei a entrevista na casa dos pais e, depois, ela mostrou-me a sua. Foi extremamente acertado fazer isso, pois pude captar tanto o momento da mudança física, como o de permanência afetiva.

Nesse caso, depois de poucas semanas da mudança, a relação da moça com a casa nova era de total distanciamento. Até a forma de apresentar a dos pais era diferente da apresentação da própria casa. Havia um distanciamento na voz e no olhar no momento de apresentar a nova habitação, sutil, mas indiscutivelmente diferente, da forma de apresentar a casa paterna, mostrando que ela permanecia emocionalmente ligada a casa dos pais muito mais do que à própria. Indícios dados mais tarde por meio de casuais visitas minhas a casa dos pais também mostraram isso. Boa parte das roupas de sua nenê não estavam na casa nova, mas sim, praticamente cobriam sua antiga cama. Esta se tornou um armário improvisado. Outro indício foi descobrir que, além do casal mais novo comer na casa dos pais da moça, até o banho da criança é dado lá. Logo, sua casa é o espaço onde ela e o marido podem dormir e ter intimidade sexual, mas ela não sente ainda aquele espaço como seu lar; para isso é necessário construir um elo afetivo com ele.

Essa impressão foi confirmada em outras visitas que fiz à favela: sempre que passava em frente à casa da mãe da jovem para cumprimentá-la, encontrava a jovem mãe C13 entretida com os afazeres domésticos. Também chamou a atenção a ligação da avó com a criança; ela é tão grande que a neta parece ser sua filha.

É equivocado achar que todo local de residência é uma casa, no sentido de lar; para isso ocorrer, é necessário que seja uma figuração, *relações* devem ocorrer ali, entre as pessoas e destas com o espaço, não *apenas* no sentido de uma interação em termos weberianos⁹¹, ou mesmo eliasiano, de ações recíprocas intencionais ou não, mas no de um *relacionamento*. Estou afirmando que é necessário um contexto que envolva mais do que ações interdependentes dos atores, conscientes ou inconscientes. Ou a probabilidade de que as pessoas se comportem de maneira determinável. A ideia de *relacionamento* com a casa significa que há uma dimensão subjetiva, dada pelo *sentimento* de pertencimento e por laços emocionais, normalmente de afeição. Ver um lugar e afirmar que ali é a sua casa passa por

⁹¹ Para Max Weber “a relação social **consiste**, assim, inteiramente na **probabilidade** de que os indivíduos comportar-se-ão de uma maneira significativamente determinável (1989, p.45).

sentir-se em casa. Há, então, em relação à casa uma dimensão emocional, que faz dela uma figuração específica.

As figurações podem existir sem que necessariamente esse sentimento esteja presente; entretanto, a casa o exige. De acordo com Norbert Elias, as figurações caracterizam-se por laços de interdependência mútua, estabelecidas ou não por meio de sentimentos, que, no caso desta pesquisa, é a base da relação das pessoas com a casa.

Em relação ao casal C13, falta – ainda que estabeleçam formas de interação com o local – um *sentimento de pertencimento*, essencial para que sua habitação se transforme numa casa, num lar, o que não necessariamente se relaciona ao tempo de permanência nela.

Tal sentimento existe, por exemplo, no pai C10, que, apesar de trabalhar como encanador industrial no estado do Rio de Janeiro e ficar sem ver a família por quase um mês, sente a sua casa como seu lar. Durante a maior parte do mês, ele passa suas horas de lazer e de descanso nos alojamentos da empresa, mas a sua *casa*, tal como aqui a estamos concebendo – e ele também –, é onde estão seus filhos e sua mulher.

O sentimento de liberdade que as pessoas têm em casa é um componente que ajuda a estabelecer esses sentimentos, mas não é condição *sine qua non*. Vários dos jovens entrevistados sentem sua casa como seu lar e acham que ela é o lugar mais importante que têm; contudo, não acham sempre que ali é o lugar onde têm mais liberdade, diferentemente dos pais que de forma quase unânime afirmam possuir mais liberdade em casa do que em outros espaços.

É muito provável que, com o passar do tempo, a jovem Mão C13 ingresse no mercado de trabalho (afinal, ela trabalhava antes de ter a filha e está à procura de um lugar na creche local para poder voltar a fazê-lo) e consiga comprar uma geladeira para poder estocar alimentos perecíveis. Depois disso, ou até antes (em caso de alguma briga sua ou de seu marido com seus pais), é provável que sua relação com a casa da mãe se modifique e sua moradia passe a ser considerada um lar, na medida em que o sentimento de pertencimento seja construído por meio de práticas cotidianas e sentimento.

4.3 Os vários sentidos da casa

A palavra casa pode adquirir vários sentidos. Isso pode ser melhor entendido a partir da análise das casas das famílias estudadas, da idéia de George Simmel de *espaço* e da reflexão de Edward Evans Pritchard sobre o temo Nuer *Cieng*.

Começamos por Georg Simmel, em *Sociologia: estudios sobre las formas de socialización* (1939), ele dedica todo um capítulo ao tema do espaço e da sociedade. E esse texto ajudar-nos-á em nossa reflexão sobre a questão do espaço, os sentimentos e a casa. Não é o caso aqui de resumi-lo, mas sim de aproveitar parte de suas digressões para a presente reflexão sobre os vários sentidos da casa. Simmel subdivide-o em três digressões: sobre a limitação social, que é particularmente interessante para o presente estudo, sobre a sociologia dos sentidos e sobre o estrangeiro. Aqui interessa aproveitar as ideias que auxiliam a compreensão da casa enquanto um espaço. Logo nos primeiros parágrafos do texto, ele afirma que “El espacio es una forma que en si misma no produce efecto alguno”. Para explicar o sentido dessa afirmação, o autor dá alguns exemplos: uma extensão de muitas milhas quadradas não basta para constituir um grande império, pois “este depende de forças psicológicas para manter unidos os habitantes desse território, partindo de um ponto central dominante” (SIMMEL, 1939, vol2., p.207-8). Do mesmo modo, “não são as formas da proximidade ou distância espaciais que produzem os fenômenos de vizinhança ou o sentimento de ser estrangeiro, por evidente que isso pareça” (SIMMEL, 1939, vol2., p.208). Para ele, todos esses fatos são produzidos exclusivamente por *factores espirituales* que se verificam dentro de uma forma espacial. Tais fatores são as forças psicológicas e por isso complementa: “lo que tiene importancia social no es el espacio, sino el eslabonamiento y conexión de las partes del espacio, producidos por factores espirituales” (1939, p.208).

Como ele afirma que o espaço é atividade da alma e não tem nenhum sentido em si, pois ele é fruto do espírito humano e das forças psicológicas alguém pode achar de forma equivocada que então ele não é importante para a compreensão das interações entre os seres humanos. Mas o que Simmel justamente quer dizer é o contrário, o espaço por ser fruto da atividade humana é *fundamental* na compreensão dos seres humanos. Uma vez que ele só existe por meio dos seres humanos. A questão é a de que ele não pode ser observado em si, pois não tem um sentido em si. O exemplo do império é muito interessante para a compreensão disso, pois não é o tamanho do espaço que faz de uma área um império, mas são as forças psicológicas nele envolvidas. Da mesma forma é possível compreender então porque a Mãe C13 apesar de ter a própria casa, não a sente como seu lar, e por outro lado compreender porque de forma oposta o pai C10 apesar de quase não ficar em casa entende aquele espaço como seu lar. Nos dois casos não é o tempo de permanência ou o fato de ter um espaço para si, que faz uma moradia ser entendida como um lar.

Alguns parágrafos depois, ele se apropria da definição de Kant de espaço como “a possibilidade da coexistência”:

Kant define em uma ocasión el espacio como “la posibilidad de a coexistência”. Esto es el espacio también, desde el punto de vista sociológico. La acción recíproca convierte el espacio, antes vacío, em algo, en un lleno para nosotros, ya que hace posible dicha relación. La socialización há producido, em las distintas clases de acción recíproca entre dos individuos, otras posibilidades de convivência (em sentido espiritual); pero muchas de ellas se realizan da tal modo, que la forma especial en que, como todas, tienen lugar, justifica su acentuación para nuestros fines de conocimientos. Así, al tratar de conocer las formas de socialización, hemos de inquirir la importância que las condiciones espaciales de una socialización tienen em el sentido sociológico, para sus demás cualidades y desarrollos” (SIMMEL, 1939, v.2, p.209 -10)

A ação recíproca dos indivíduos preenche o espaço que antes era vazio e por isso que a compreensão das formas de socialização deve passar pelo estudo das condições espaciais de uma socialização. Nesse sentido o espaço que antes parecia não ter importância numa análise sociológica passa a ser central a fim de melhor compreender as formas de socialização.

Infelizmente, nem sempre isso é feito. A grande maioria dos pesquisadores faz entrevistas, fotografa e até filma os grupos que pesquisam, mas ainda são poucos os que levam a fundo e genuinamente a sério a dimensão espacial em suas análises.

Para ele as formas de vida social devem contar com certas qualidades fundamentais do espaço são elas: a) a exclusividade do espaço, b) a divisão do espaço em pedaços que se consideram como unidades e estão rodeadas de limites, c) a fixação de seus conteúdos e d) a proximidade e distância sensível que coloca entre as pessoas que se encontram em qualquer relação mútua (SIMMEL, 1939, v2, 210-237). Não cabe aqui a descrição de todas, mas destacar aquelas que no ajudam em nossa reflexão sobre as casas: são elas a exclusividade do espaço e a divisão do espaço em pedaços que se consideram como unidades e estão rodeadas de limites.

A ideia de exclusividade do espaço quer dizer que cada parte dele é de certo modo única. Por isso, certos tipos de associação só podem realizar sua forma sociológica quando, no espaço em que se desenvolvem, não há mais lugar para outra. O caso mais puro de exemplo disso é o do Estado, pois em cada território pode existir somente um Estado. Ao final do capítulo acrescenta ainda que algumas unidades sociais se vertem em produtos do espaço. Ou seja, há associações que tem seus locais fixos, sua “casa” (Ibidem, p.286)

Mas, e a família? A família para ele é o exemplo de um grupo social que tem sua “casa”, assim como, por exemplo, a universidade e o regimento, entre outros. É o exemplo de unidade social que é produto do espaço. Acertadamente para Georg Simmel, a família no sentido mais amplo pode ser uma união de várias casas particulares. Mas há também o caso

em que várias famílias podem habitar um mesmo espaço, é o caso, dos cortiços em que cada cômodo de uma casa é habitado por uma família diferente. Na favela estudada, não foi encontrada nenhuma família que coabitasse com outra o mesmo espaço. Não porque isso não venha ocorrendo mais no país, mas porque as famílias têm procurado resolver isso cada vez mais rápido, como foi o caso da filha C12, já mencionado, que dois meses depois de se tornar mãe, mudou-se com o namorado para uma casa só deles e se tornou para fins analíticos da presente pesquisa a mãe C13. Ou, ainda, o exemplo da casal C8 que, no momento das entrevistas, morava num dos prédios colados à favela, mas que antes dele ficar pronto, morou vários meses com a Mãe C9, que é mãe da Mãe C8. Essa coabitação entre filhos com filhos e os pais, que caracteriza as chamadas famílias extensas, ainda é muito comum no Brasil. Mas dada a facilidade maior que hoje existe para conseguir ter um espaço próprio, aliada à disseminação cada vez maior de valores ligados à individualização e à ampliação do número de creches onde deixar as crianças, diminui bastante o tempo dessa coabitação de famílias, principalmente em se tratando de casais; quando há o arranjo monoparental, a possibilidade de morar com a família é maior.

Antes, morar com os pais ou outros parentes era algo que se podia estender por anos ou por toda uma vida – mesmo entre membros dos segmentos médios, pois a coabitação não está relacionada apenas a uma questão financeira, de conseguir ou não manter-se, mas também ao auxílio nos cuidados com os filhos entre outros fatores – agora pode durar apenas alguns meses, até que as pessoas consigam uma moradia para si e sua prole.

Em boa parte das casas entrevistadas – C1, C4, C5, C6, C7, C8, C10, C12, C13 –, o início da vida a dois se deu ou na casa dos pais de um dos cônjuges⁹² (C1, C4, C5, C6, C7, C8 e C13) ou na de parentes, pois eram migrantes (C10 e C12).

Particularmente nos dois desdobramentos que pude acompanhar (C13 como desdobramento da C12 e C8 como desdobramento da C9), a casa de acolhida foi a da mulher. Pode ser mera coincidência que, nas famílias em que ocorreu gravidez (C9, C11 e C12), as jovens tenham ficado na casa dos pais ou da mãe. Mas, talvez isso mereça investigação mais cuidadosa, que ajude a compreender melhor as relações de parentesco nas camadas populares, particularmente, o papel que as avós têm no cuidado dos netos. Estudos sobre o contexto

⁹² Na grande maioria das vezes casas dos pais da mulher. No caso das pessoas entrevistadas, ficava-se na casa dos pais do marido somente quando a família da mulher não reside em São Paulo ou quando a mesma não se dava com a mãe (C2). O que não deixa de ser interessante pois nos segmentos médios até poucos anos atrás, e em algumas famílias com valores mais tradicionais, cabe ao marido ou a família deste conseguir a casa para o casal. Hoje, com a disseminação de valores de igualdade e com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, bem como o achatamento dos salários masculinos que torna cada vez mais difícil aos homens serem os provedores da casa, o casal em conjunto compra e financia a própria casa.

francês procuram frisar a importância desses cuidados, ainda que as avós morem separadas (Cf. PEIXOTO, 2000)

A pesquisa mostrou que, no caso das famílias pesquisadas, ao mesmo tempo em que elas se pensam enquanto famílias nucleares, também é verdade que ainda se sentem parte de círculos familiares mais amplos. Se, na juventude dos pais, há vinte ou vinte cinco anos, esses círculos podiam ajudá-los no momento de constituir suas próprias famílias, como ocorreu nas casas C10 e C12, em que os casais ficaram na casa de primos ou tios no início da vida a dois, hoje, os novos núcleos (C2, C3, C4, C6, C7, C8, C13e C14) contaram apenas com o auxílio dos parentes mais próximos ou se viraram sozinhos, como ocorreu na casa C7 – os pais da Mãe C7 eram claramente contra sua união com um ex-trafficante – ou no caso dos dois irmãos C14. O sentimento de pertencimento a um círculo mais amplo de apoio é maior entre as famílias em que os pais são mais velhos (C1, C10 e C12) do que entre aquelas em que eles são mais jovens (C2, C3, C4, C6, C7, C8 e C14). Isso se reflete nos objetos da casa, conforme será discutido mais à frente, no próximo capítulo. Há ainda o caso, como o do Pai C11, que não conta com nenhum parente na cidade e fez questão de frisar que a filha tinha parentes aqui, mas que ele não tinha ninguém.

Voltando a Georg Simmel pode-se dizer que embora a família não seja um tipo de associação que só pode realizar-se se em seu espaço não houver lugar para outra, há muitas famílias que se confundem com a casa em que moram, ou a casa é confundida com família que ali mora ou morou. Uma casa pode, por exemplo, tornar-se lugar de mau agouro se lá morou uma família em que morreu alguma criança e os corretores podem ter muito mais dificuldade de vendê-la por conta de acontecimentos desse tipo.

Em suas reflexões sobre espaço, ele ainda amplia o significado do termo casa, que não se refere apenas à moradia, mas também ao local onde se dão determinadas relações (Ibidem, p.287). Pode-se inferir a partir disso que ela é a materialização de relações sociais; é, portanto, sua expressão *física*.

Ao afirmar que as formas de associação possuem uma expressão física, estamos propondo que grande parte das relações sociais (mas não necessariamente ou obrigatoriamente todas, vide, por exemplo, as chamadas relações virtuais por computador que se dão no que se costuma denominar espaço virtual) podem ser expressas fisicamente, isto é, materialmente.

A segunda qualidade do espaço que para Georg Simmel influi sobre as ações recíprocas é o fato de que ele se divide em pedaços que se consideram como unidades e estão

rodeados de limites (Ibidem: 213). O espaço ocupado por um grupo social é visto como uma unidade, que ao mesmo tempo expressa e sustenta a do grupo.

A partir da pesquisa, é possível dizer que o espaço da casa pode tanto favorecer potencialmente relações positivas que levem à manutenção e a certa harmonia do grupo, quanto relações negativas, que evidenciam disparidades nas relações de poder. De acordo com relato do Pai C8, a vivência na casa da mãe da esposa no início da vida a dois foi extremamente difícil e quase levou à separação do casal. Ele acredita que se tivesse sido necessário passar mais tempo na casa da família dela, talvez isso levasse ao colapso da união.

Para o pai C8 a falta de privacidade, que se expressava na interferência das pessoas na sua vida e que se manifestava até em pequenos problemas, como não poder comprar algo só para si ou sua mulher e ter de partilhar tudo com todos, foi apontada por ele como a principal razão para sua insatisfação e quase fim da união.

É claro que a existência de uma casa para um casal por si só não é suficiente para a manutenção de um casamento. Se fosse esse o caso, muitos divórcios que ocorrem não teriam porque acontecer. Há muitos outros fatores ligados à manutenção ou ao fim de uma união para além de haver um espaço para os dois. Não é possível dizer que a falta de espaço ou de privacidade sejam os únicos pontos a considerar, muito pelo contrário; há outros fatores também envolvidos que não interessa discutir aqui. Entretanto, é possível levantar a hipótese de que a falta de espaço e de privacidade são fatores que também devem ser considerados em estudos sobre separações e tensões.

Claramente, o pai C8 não estava preocupado com o bem estar coletivo da casa C9, mesmo que esta seja uma das que estão em piores condições financeiras entre as estudadas. A sua preocupação focava-se única e exclusivamente nele e em *suas* necessidades alimentares, de privacidade ou de outra ordem.

O termo casa pode designar o local moradia de alguém como ter seu significado expandido. Ela pode ter vários sentidos como o de abrigo ou refúgio, ou ainda pode designar um país entendido enquanto casa. O pai C1, por exemplo, afirmou sentir-se “guardado” em casa. Ou seja, ela pode proteger as pessoas do que acontece na rua. De forma geral, os autores que lidam com o tema da casa a tratam como contraposição da esfera pública; por isso, ela é muitas vezes vista como um refúgio contra a esfera pública e tudo o que ocorre no âmbito da rua. Mas ela também pode adquirir conotação negativa em casos de violência e abusos cometidos contra os que ali moram, sejam as cometidas por pessoas que também lá residem, seja por qualquer um que possa ali entrar. Por isso, abusos e violência podem suscitar sentimentos bem adversos em relação à casa, como os de medo e abandono. Tal aspecto é

ressaltado por Shelley Mallet (2004) em sua revisão crítica da literatura sobre a ideia de *home* (lar) que tanto pode ser entendido, como a casa enquanto moradia ou o local da liberdade diante das exigências da vida pública, como também como um espaço de opressão e violência.

É por isso que ao contrário do Pai C1 que se sente “guardado em casa”, a Mãe C3 que teve um pai extremamente violento não queria lembrar-se de sua casa da infância. Ou ainda há o caso do Pai C7 que quando garoto fugiu de casa por conta de seu envolvimento com drogas e o tráfico e não consegue falar sobre a casa da infância, pois ele não teve uma, mas sim sobre suas experiências na rua com drogas e com o tráfico. É equivocado estabelecer adjetivações *a priori* em relação à casa. Como figuração que é, ela só pode ser entendida se os fios que ligam as relações das pessoas que ali moram forem escrutinados.

A casa, portanto, designa relações que não são fixas, e por isso o sentido do termo varia de acordo com o local em que é pronunciado. A discussão de Edward Evans Pritchard, em *Os Nuer* (1978), seu estudo de um grupo nilota do sul do Sudão, sobre como os valores são incorporados em palavras e como estas mostram uma das características mais fundamentais dos grupos sociais – sua relatividade estrutural – é exemplar. Para tal empreitada, ele reflete sobre o sentido da palavra *Cieng* para os Nuer. Ela não mostra a incoerência da língua, mas sim, a *relatividade* do sentimento de pertencimento que é uma característica de todos os grupos sociais e não só desse.

A palavra *cieng* significa “lar”, significado que pode variar, dependendo da situação em que é dita; entretanto, esse sentido não é específico da sociedade nuer, na medida em que, também para um inglês, a palavra “lar” tem o mesmo sentido relativo:

O que quer dizer um Nuer quando diz: “sou um homem do *cieng* tal”? *Cieng* significa ‘lar’, mas seu significado preciso varia com a situação em que é dito. Se encontrarmos um inglês na Alemanha e perguntarmos onde é o seu lar, ele pode responder que é a Inglaterra. Se encontrarmos o mesmo homem em Londres e fizermos a mesma pergunta, ele nos dirá que seu lar é em Oxfordshire, enquanto que, se o encontrarmos naquela região, ele dirá o nome da cidade ou da aldeia onde mora. Se fizermos a pergunta em sua cidade ou aldeia, ele mencionará o nome da rua, e, se perguntado na rua em que mora, ele indicará sua casa. O mesmo ocorre com os Nuer. Um Nuer encontrado fora de sua terra, diz que seu lar é *cieng Nath*, a terra dos Nuer. Pode ser que ele também se refira à região da sua tribo como seu *cieng*, embora a expressão mais usual para isso seja *rol*. Se perguntarmos, em sua tribo, qual é seu *cieng*, ele dirá o nome de sua aldeia ou o nome de sua seção, conforme o contexto. Em geral, ele dirá o nome ou de sua seção tribal terciária ou de sua aldeia, mas ele também pode dar o nome de sua seção primária ou secundária. Se perguntado dentro da aldeia, ele mencionará o nome de sua aldeola ou indicará sua casa ou a extremidade da aldeia onde se situa a casa. Portanto, se um homem disser “Waciengda”, “vou para casa”, fora de sua aldeia, ele quer dizer que está voltando a ela; se for dentro da

aldeia, que está indo para sua aldeola; se dentro da aldeola, que está indo para a sua casa. Assim, cieng quer dizer casa, aldeola, aldeia e seções de várias tribos. (1978, p.148)

Ainda que tenha escrito isso para a nossa compreensão dos Nuer, o próprio Evans Pritchard, nos dá a entender com o exemplo inglês que essa relatividade do significado do termo “lar” pode ser expandida para a compreensão de outros contextos culturais.

4.4 As casas, seus limites e a agência familiar sobre o espaço doméstico

Se, como afirmado há pouco, o espaço em si não diz nada, pois ele é fruto das relações que ali se dão e uma das suas qualidades é o fato de que ele se divide em pedaços que se consideram como unidades e estão rodeados de limites, é preciso compreender que esses limites são *arbitrários* (Cf. SIMMEL, 1939, v2, p.213). O limite é um acontecimento sociológico, no sentido de que é estabelecido pelos seres humanos e fornece clareza e segurança à relação mútua, além de concorrer, com frequência, para uma certa rigidez (Ibidem, p. 217). Eles são arbitrários, pois são sempre *construções sociais*, nunca são dados. Os limites de um bairro, por exemplo, são dados pelo tamanho da gleba no momento do arreamento e não seguem nenhuma ordem além daquela que fez com que um terreno, do governo ou particular, fosse arruado e se transformasse em bairro. Por isso, se corta diferentes bairros, uma mesma rua pode mudar de nome várias vezes, ainda que quem a percorra continue andando em linha reta. As fronteiras entre os países também são arbitrárias e por isso é muito comum que certas cidades fronteiriças tenham uma identidade ambígua, tendo, muitas vezes, mais semelhança com a das cidades do país vizinho do que as do próprio país.

Isso também é verdade no caso da casa, pois apesar dela, a princípio, possuir limites que parecem bem definidos, como as paredes, as entradas e saídas impostas por portas e janelas, esses limites são arbitrários na maioria das vezes e independem da vontade dos moradores, a maior parte das casas, mesmo no contexto das favelas, não foi construída pelo próprio morador e ele deve sujeitar-se ao que foi estabelecido por quem a construiu. Nesse sentido, a casa se impõe sobre as pessoas. Sua materialidade e a ordem imposta por ela se impõem sobre os novos habitantes. Ela exerce uma influência sobre as pessoas. O humor das pessoas pode alterar-se quando mudam de casa, pois esta, tanto quanto o bairro em que se localiza, pode influenciar as pessoas.

Achar que a casa é um espaço neutro em que se dão as relações é não levar em conta a influência dela sobre as pessoas. A mudança de uma casa para outra pode influir positiva ou negativamente nas relações familiares. Foi o que ocorreu de certa forma com o casal C3. A mudança para a casa C3 trouxe alteração no humor e na sensação de bem estar dos pais C3, mas fez isso de forma diferente, pois cada um se relaciona com o fato da casa estar localizada na favela de forma diferente. Os sentimentos suscitados foram contrários: ele ficou feliz em voltar a morar numa favela e ela ficou muito triste, por esse mesmo motivo.

Já para o casal C2, a casa nova, que está entrelaçada à C3, é expressão do seu sucesso escolar e de melhora de condições de vida. A mudança ocorreu quando a Mãe C2 estava prestes a se formar no ensino superior. Ao mesmo tempo a família saiu de uma casa que tinha apenas um cômodo para outra com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, além de sacada.

Outro exemplo da influência do espaço sobre as pessoas foi o fato de o pai C1 ter permanecido deprimido por um tempo em decorrência de sua mudança para a favela depois de casado:

O que causou a minha depressão foi logo no começo, há quinze anos atrás. Aqui era um lugar muito violento, tinha muita violência e eu não era acostumado com esse tipo de coisa. ...quando eu cheguei aqui eu presenciei ...algumas violências, algumas coisas muito pesadas e aí, é, eu fiquei em depressão e fiquei com medo.

Mas se, de um lado, as pessoas são influenciadas pelo espaço em que estão, por outro, elas agem sobre ele, e podem alterá-lo, apesar dos limites impostos pela construção.

Estudos empreendidos na Grã-Bretanha (DOLAN, 2006; ATTFIELD, 2006), que nos ajudam a refletir sobre essa questão, mostram claramente a relação das pessoas com as casas em que foram morar e o seu desejo de personalizá-las na medida do possível. Judy Attfield (2006) em seu estudo sobre moradores de conjuntos habitacionais constatou que paredes foram construídas pelos moradores para separar a sala da cozinha. Isso ocorreu porque as casas haviam sido projetadas num único plano pelos arquitetos do governo inglês, no que se convencionou chamar de *open plan* ou plano aberto.

Criado conceitualmente por Le Corbusier, o plano aberto é uma forma de pensar a composição do espaço doméstico e foi incorporada, como sendo expressão da modernidade, por arquitetos de diferentes partes do mundo e usada na Grã-Bretanha, em muitos conjuntos habitacionais construídos depois da Segunda Guerra Mundial, não só como forma de construção mais barata, mas também para eliminar paredes internas, promover a flexibilidade, a eficiência e integrar não só os espaços, mas também as pessoas. Acredita-se que ele

estabeleça relações entre o interior e o exterior de um prédio. Para que isso seja possível muitas das construções que incorporam o plano aberto também usam vidro nas fachadas como forma de estabelecer uma relação entre interior e exterior de uma construção.

No Brasil, um exemplo notório desse tipo de construção que, ao menos teoricamente, procurou promover a integração entre exterior e interior foi o prédio do Museu de Arte de São Paulo (MASP), projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi. Hoje totalmente descaracterizado em relação à proposta original, o prédio, que é revestido por longas placas de vidro, deveria estabelecer conexão entre quem passa na rua e as obras de arte no interior do museu, de forma a dessacralizar a arte e deixá-la mais próxima das pessoas comuns. Para isso, o museu não tinha praticamente nenhuma parede que servisse como divisória interna e as obras eram expostas em lâminas de vidro para que cada pessoa pudesse fazer o seu próprio caminho entre elas sem seguir assim uma linha de curadoria específica. A ideia era de que as pessoas pudessem aproximar-se e apropriar-se do que está ali exposto da forma mais livre e individual possível.

Fig.107: Museu de arte de São Paulo (MASP).

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/6e70_arq112-01-08.jpg&imgrefurl=http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/22&usq=gQRtYDyG8YyZnjTV5LoLFoZdR8g=&h=200&w=300&sz=29&hl=ptBR&start=15&zoom=1&tbnid=33h6uje38TFiRM:&tbnh=113&tbnw=144&ei=dBJTfKoKcXegQeb0_zpDw&prev=/images%3Fq%3Dimagem%2Bmasp%2Binterna%26hl%3DptBR%26sa%3DX%26rlz%3D1W1SUNC_ptR%26biw%3D1003%26bih%3D516%26tbs%3Disch:10%2C215&itbs=1&iact=hc&vpx=460&vpy=261&dur=3907&hovh=160&hovw=240&tx=134&ty=123&oei=bpBJTcyqGsP7lwf_1PDyDw&esq=2&page=2&ndsp=16&ved=1t:429,r:3,s:15&biw=1003&bih=516 Acessado em 2 de fevereiro de 2010.

A lógica do olhar deveria ser estabelecida pelo visitante que poderia seguir o que ver, de acordo com suas preferências. Os quadros davam a impressão de quase flutuar no espaço (Fig. 107)⁹³. Ele passava a mesma ideia de modernidade que os arquitetos ingleses tentaram

⁹³ Por conta de uma série de problemas, como por exemplo, a questão da luz natural sobre os quadros, que poderia estragá-los, e um jogo de forças sobre a falta de um projeto de curadoria, hoje, o MASP é uma pálida

imprimir nos conjuntos habitacionais da Grã-Bretanha, estudados por Judy Attfield. No caso europeu, os moradores não aceitaram passivamente o estilo estético de *design* e moradia que os arquitetos queriam impor como uma nova forma de morar. Por isso, paredes foram construídas fechando o plano aberto, numa clara tentativa de separar os ambientes. A mobília colocada também não seguia, necessariamente, nem a estética e nem a forma de arranjo espacial proposta pelos profissionais.

As pessoas ainda ficaram insatisfeitas com o tamanho dos cômodos e com as propostas envolvidas na construção, pois faltava espaço, por exemplo, para os seus eletrodomésticos e aparelhos de última geração. Por isso, muito tiveram de colocar as geladeiras no *hall* de entrada ou na sala de estar. A desconsideração em relação ao que as pessoas possuíam no momento de projetar os apartamentos causou considerável indignação entre os moradores, pois houve o pressuposto de que eles não teriam acesso a esses bens.

Muitas das famílias estudadas neste trabalho afirmaram não terem intenção de mudar para os conjuntos habitacionais porque ali os apartamentos são muito pequenos. Poucas foram as casas pesquisadas (C4, C13 e C14) cuja área era menor do que a desses apartamentos. As casas C5, C6 e C12 eram de tamanho similar. Mesmo assim, com a laje construída na casa C5, é só uma questão de tempo (talvez alguns anos, é verdade) para que a família possa ter uma casa com o dobro do tamanho de um desses apartamentos. Já as casas C1, C2, C3, C9, C10 e C11 são bem maiores do que eles, em alguns casos chegando a ter o dobro ou mais do que isso de sua metragem.

Outra questão é a divisão do espaço e a busca por certa privacidade pelas famílias. A casa C10 conta com quatro quartos; na C1, foram colocados dois armários para estabelecer a distinção clara entre a parte do filho e a da filha na divisão do quarto; na C3, a mãe conseguiu inventar um terceiro quarto, no hall do segundo andar, para o filho mais velho. Ainda vale a pena ressaltar que em duas (C9 e C10) das três casas (C5, C9 e C10) em que a cozinha está integrada à sala, não havendo paredes que as separem – no caso da C5, só uma pequena mureta – há o desejo expresso pelas mães de fazer essa separação.

Esse desejo não deixa de ser interessante, assemelhando-se ao que aconteceu na Grã-Bretanha entre as casas estudadas por Attfield (2006) e que também no Brasil vai na contramão das propostas arquitetônicas que estão hoje na moda e que aparecem nas revistas

sombra em termos arquitetônicos do que foi. Há paredes cortando as grandes áreas, os quadros não ficam mais “pairando no ar” e seguem uma linha de curadoria, entre outras mudanças. Do ponto de vista da interação entre interior e exterior, também ocorreram mudanças e hoje é impossível apara uma pessoa que está na rua observar um obra, da mesma forma que é impossível para um visitante olhar a cidade estando dentro do museu.

especializadas e nos suplementos dos grandes jornais destinados ao tema onde a ordem do dia é “derrubar paredes para integrar espaços”⁹⁴. Há até um novo adjetivo usado nas revistas especializadas para a cozinha integrada, que é a cozinha *gourmet*⁹⁵.

A preocupação de Attfield não era a de lamentar a descaracterização dos apartamentos, mas entender o plano aberto como cultura material – mais do que como algo que não deu certo na teoria do *design* – mostrando, assim, como os usuários desses espaços promoveram uma adaptação popular para assimilar mudança e modernização. A autora procurou mostrar as diferenças de entendimento, pelos arquitetos e pelas pessoas comuns, do que é modernidade e como as expressões materiais dela, em consequência, são diferentes para ambos.

Outro autor que também mostra a agência das pessoas é John Dolan (2006). Ele mostrou como ex-locatários da Grã-Bretanha, quando puderam comprar as habitações de baixo custo produzidas pelo governo local, procuraram estabelecer mudanças nas fachadas de suas casas para diferenciá-las das casas aluguel dos distritos residenciais em que passaram a morar. Essas casas, a princípio, haviam sido construídas apenas para locação. Ao alterarem as fachadas, não só individualizaram seu espaço, como também estabeleceram um marcador de *status*.

A agência também pode ser observada entre as famílias estudadas. Um cômodo que, para um observador externo, mais se parece com um corredor de passagem, no caso do filho C5, é visto como “quarto” e não corredor, por ele e sua família. O mesmo ocorre com o quarto do filho mais velho na casa C3 (Fig.26 e 27 no capítulo1), que se situa claramente numa área de distribuição entre o fim da escada e o quarto dos filhos menores (talvez não seja mera coincidência que esse filho mudou-se meses depois das entrevistas na sua casa para a da avó). A Mãe C3 colocou uma cama e uma cômoda num cômodo que, a princípio, poderia servir de

⁹⁴ Infelizmente não é possível aprofundar tal discussão, mas seria um tema de pesquisa muito interessante compreender para que tipo de pessoas é feita essa proposta e em qual fase da vida elas se dispõem a quebrar paredes e produzir espaço e como isso nos pode ajudar a compreender as relações afetivas de uma parte da população que pode e opta por arcar com esse tipo de despesa. No encarte semanal do jornal O Estado de São Paulo dedicado ao tema casa & decoração, toda semana é mostrada uma casa e há comentários sobre ela. É instigante verificar que em muitos dos casos a cozinha foi aberta e integrada à sala. Seria interessante realizar um estudo que verificasse até que ponto isso promove ou não a integração entre as pessoas da casa.

⁹⁵ A cozinha *gourmet* e a ideia do terraço *gourmet* são extremamente interessantes desse ponto de vista, pois levam a crer que a cozinha e o terraço não eram espaços de sociabilidade – o que necessariamente não é verdade – e que o fato de se tornarem *gourmets* os transforma em novos espaços de sociabilidade para as famílias. Eu mesma, no início da vida conjugal, fui morar num condomínio feito para casais jovens em que os apartamentos tinham dimensões extremamente reduzidas. Não só a sala era integrada à cozinha como, na área comum do prédio, havia ainda uma cozinha *gourmet* com sala, além do salão de festas para adultos e do salão para as crianças, de forma que os moradores pudessem receber poucos amigos nesse espaço, como se estivessem na própria casa. A cozinha desse espaço era aberta, de forma a reproduzir, em maior escala, a sala que as pessoas possuíam nos apartamentos.

corredor ou área de circulação e assim transformou-o num quarto. Algo parecido fez sua cunhada a Mãe C2 para criar o quarto da irmã e de seu filho (Fig. 15). Também situado numa área de circulação ao lado da saída da escada, ela “fechou” a área com um armário e uma cômoda e dentro do espaço criado colocou um beliche ali.

Desta forma seu filho e sua irmã passaram a ter um quarto para os dois. Essa é uma das estratégias usadas pelas famílias para criarem espaços minimamente privados.

Fig 15: Quarto do filho C2.

Fig. 108. Cama da filha C1.

Fig109: Cômoda da filha C1.

Tais estratégias mostram que os limites são construídos socialmente pelas relações e pela apreensão do espaço por meio das práticas sociais e por isso são arbitrários. Não estão dados, mas são feitos e refeitos pelas práticas, de acordo com as possibilidades e as

necessidades. É isso o que se observa na casa C1, em que um quarto foi dividido por três armários, um com as portas viradas para o lado do filho, fazendo parte “do quarto do filho” (Fig.110 e 111); os outros dois, com as portas viradas para o lado da filha, estabelecendo “o quarto dela” (Fig. 108 e 109).

Ali os armários têm muitas funções, pois são ao mesmo tempo guarda-roupas, paredes, porta para cada espaço e espaços utilizados para a construção de gênero. Cada um dos jovens procura individualizar o espaço que tem e imprimir ali a sua marca. Entre os dois armários, foi deixado um espaço que serve de entrada. No lado dela, os tons de rosa predominam, seja na cor dos lençóis, na colcha sobre a cama, no armário de pano lilás que serve de criado mudo e até na cor da roupa das bonecas e até numa caixa de madeira sobre a cômoda. As bonecas sobre a cômoda completam o ar feminino do ambiente. Já no dele há decalques nos armários com motivos masculinos e uma bicicleta. Vale lembrar que no quarto do filho C10 os decalques colados sobre a cama (Fig. 69 no capítulo1 e Fig.112) também auxiliam a construção de gênero.

Fig.110: Divisão do quarto da filha e do filho C1.

Fig. 111: Quarto do filho C1.

Coincidência ou não, até a cor dos armários ajuda a estabelecer distinções no quarto dos filhos da casa C1. O dela é muito claro em tom marfim e combina com a cama, a cômoda e as bonecas que também são claras; o dele é mais escuro, num tom de mogno, e também combina com os pés da cama, igualmente escuros, como é possível observar pela Figura 111.

Fig. 112 Detalhe da cama do Filho C10.

Tudo isso ocorre num ambiente que, em termos arquitetônicos, é apenas um único cômodo, mas que, do ponto de vista das relações que ali se dão e da apreensão do espaço, designa dois cômodos de gêneros distintos. Nesse caso, o espaço arquitetônico não se impõe sobre as pessoas, mas se dobra à preocupação com a individualização e a privacidade, e ao desejo de cada filho ter “seu próprio espaço”. Mais uma vez, estamos lidando com a agência das pessoas sobre o espaço e as privacidades possíveis.

Além dos exemplos acima discutidos há o caso da laje do pais C11 que tanto pode ser vista como um terraço por uns como um salão de festas ou uma área de serviço por outros. Todos esses exemplos mostram a arbitrariedade dos limites. Por isso a concordância com Georg Simmel (1939), quando afirma que o limite não é um fato espacial com efeitos sociológicos, mas um fato sociológico com efeitos espaciais. São as *relações* que estabelecem fronteiras e limites.

Fig.113: Banheiro da suíte C1.

Fig.114: Banheiro 2 casa C10.

Há ainda o caso em que um cômodo foi construído pela família para ter uma serventia, mas que o espaço é usado pela própria família que o construiu de forma diferente da estabelecida de início. É o caso em particular do segundo banheiro feito na casa C10 (Fig. 114), usado pela família como depósito, e também, em parte, do segundo banheiro da casa C1 (Fig. 113), que conta até com um sapateiro e uma bicicleta!

A utilização do banheiro como depósito é extremamente significativa para a reflexão sobre como membros das camadas populares podem copiar, em suas casas, os modelos próprios das casas de camadas médias, mesmo que não tenham necessidade de usá-los. Nas duas residências mencionadas, foi construído um segundo banheiro que não foi totalmente finalizado; ele não tem todos os azulejos ou falta algum equipamento. Poder-se-ia supor que isso ocorreu pelo fato de o banheiro ser, muitas vezes, o cômodo cujo acabamento é o mais caro em qualquer construção e as famílias não terem a quantia de dinheiro necessária para completá-lo. Entretanto, essa é uma conclusão equivocada e precipitada.

As famílias das casas C1 e C10 são das mais abastadas entre as entrevistadas. No caso da C10, o pai está acabando de pagar o próprio carro e sua esposa tem planos de entrar na faculdade quando isso acabar, pois assim o dinheiro pagará a mensalidade do curso de enfermagem que ela quer fazer. Além disso, ele tem planos de montar um salão de beleza para a filha de quinze anos. Entretanto, ao referir-se aos planos de terminar o banheiro, sua fala é extremamente lacônica como se não soubesse muito bem o que fazer com o cômodo que construiu. Já a família da casa C1, rateia o aluguel de um sítio, com a família do noivo da filha, costumando viajar nos finais de semana. Nenhuma das duas famílias, portanto, está com problemas financeiros. O não acabamento do banheiro não tem relação com questões ligadas a problemas de ordem financeira, mas ao projeto do casal.

Eles estabeleceram outras prioridades para além desses banheiros. Ambas as famílias poderiam pagar a conclusão da obra; não o fazem porque não têm a necessidade de também individualizar esse espaço, como existe, por exemplo, entre as pessoas pertencentes aos segmentos médios (SCHRIJNEMAEKERS, 2003) ou o pai C11 que faz questão de dar um ótimo acabamento para os banheiros de sua casa. Eles construíram o banheiro extra porque tinham espaço, mas não o utilizam porque apenas um já satisfaz as necessidades da família. Ao mesmo tempo, a foto (Fig. 113) do segundo banheiro da casa C1 mostra que não é o seu término que o tornará utilizável. Nesse caso, ainda faltam alguns elementos, como os azulejos da parede, mas mesmo assim ele é utilizado pela família como banheiro e depósito.

Não se pode nem dizer que, dado o seu alto custo, os banheiros sejam símbolos de *status* entre as famílias estudadas, pois não há investimento para reformar os que são usados e nem para acabar os incompletos. Se uma família das camadas populares tem dinheiro e espaço sobrando, ela verticaliza a sua casa e pensa em alugar os cômodos como forma de complementar a renda, mas não há a preocupação em reformar banheiros ou salas para o uso da própria família. Foi o que ocorreu na casa C1, em que foi construída quase outra casa sobre ela.

Isso também acontece porque todos têm consciência de que o terreno não lhes pertence e que, mesmo remotamente, há a possibilidade de despejo. Dessa forma, é mais rentável construir um novo cômodo e alugá-lo para obter renda, do que reformar algo que pode ser depois demolido. Mesmo que tudo vá abaixo, o dinheiro trazido pelo aluguel não só pagou os custos da construção como também rendeu dividendos.

Por isso, o banheiro construído, mas não usado para o seu fim primeiro, foi transformado em depósito ou o que é denominado popularmente de “quartinho da bagunça”, aquele cômodo em que as famílias juntam tudo o que normalmente não usam ou usam pouco, como ferramentas, restos de material de obras, bicicletas, entre outros itens.

Observou-se nas casas uma relação em que os indivíduos agem sobre as casas reformando-as, construindo-as, ao mesmo tempo em que as casas influenciam os indivíduos numa relação de influência mútua.

4.5 Privacidade e singularidade nas casas

Nas casas pesquisadas, o lugar mais importante para as pessoas são seus quartos. Desde as jovens (Filho C5) até as mais velhas (como o Pai C11) destacaram o prazer que sentem em relação ao próprio quarto e /ou a importância do estar só para sentir-se feliz ou livre.

Como estão as suas emoções? Me fale um pouco sobre elas.

Mal. A minha emoção minha é péssima....

Me explica melhor.

Eu trabalho um pouco nervoso, eu trabalho... angustiado, às vezes, com o meu salário, com o meu ganho. O horário em que eu trabalho é muito. Eu ganho pouco, né? A única coisa que... me traz um pouco de tranquilidade... é a hora em que eu tô deitado na minha cama pensando na minha vida, olhando a tv, sossegado, sem enchêção (sic) de saco... Sozinho... Gosto muito de ficar sozinho. .. e não gosto de falar muito também. (Pai C11)

Liberdade para mim é ficar eu sozinho e a minha esposa.
Liberdade para mim é ficar à vontade em casa. (Pai C1)

O filho C5 chegou a descrever o próprio quarto como *aconchegante*.

Fig. 115: Cama do filho C5.

Fig. 116: Quadros na parede do quarto do filho C5.

Mas o que faz esse cômodo ser *aconchegante*? Witold Rybczynski (1996), em seu livro *Casa: pequena história de uma idéia*, mostra que tanto a ideia de aconchego como a de conforto foram construídas historicamente no Ocidente. A ideia de que uma cadeira deve ser confortável e que você pode relaxar nela é fruto de uma construção histórica e cultural. Culturas diferentes relaxam de forma diferente e a própria ideia de que é preciso relaxar também não é comum a todas as sociedades. Philippe Ariès (2001), na tentativa de mostrar como se deu o desenvolvimento histórico da vida privada no Ocidente, também procura destacar como isso se expressou nas condições materiais propícias ao desenvolvimento da interioridade; segundo ele, as transformações pelas quais as casas passaram expressariam esse processo, como a diminuição das dimensões dos cômodos, sua especialização e a proliferação de pequenos cômodos, a criação dos espaços de comunicação, como o *hall* e o corredor, a distribuição de luz e calor nas casas.

Será que faz sentido, a partir de tudo isso, refletir sobre privacidade nas camadas populares, cujos lares não possuem boa distribuição de luz e calor, nem corredores que propiciem o desenvolvimento da privacidade, já que não há um espaço que permita ir de um cômodo a outro de forma independente, onde as salas às vezes são tão pequenas que a família não consegue nem se reunir? Será que há sentido em discutir isso, uma vez que em seção anterior deste mesmo capítulo se afirmou que as casas entrevistadas são uma intersecção entre

o público e o privado? Na verdade, vale sim a pena refletir sobre isso, pois as famílias dos segmentos populares criam estratégias as vezes espaciais e em outras vezes mentais para a construção da privacidade, o que mostra a importância que atribuem a ela. A partir dos recursos que possuem, elas procuram resolver questões ligadas a esse tema da melhor forma que podem.

Logo, o que torna o quarto do Filho C5 aconchegante e nos ajuda a estabelecer uma reflexão sobre a ideia de aconchego e iniciar uma reflexão sobre privacidades possíveis?

O quarto é esparsamente mobiliado – possui apenas a cama do jovem num canto e um armário no outro – e ainda serve de corredor para o quarto da mãe e da irmã. Se as portas estivessem paralelas, facilitaria a circulação, pois uma porta poderia ficar de frente para a outra. Mas os batentes das portas estão colocados de tal forma que, para ir da cozinha ao quarto da mãe e da irmã, o quarto dele deve ser literalmente cruzado. O espaço, aparentemente, também não tem muitos elementos decorativos que o singularizem e individualizem; além disso, não possui nem uma janela para a ventilação.

Mas acima de tudo, o espaço é *dele*, é um ambiente que pode reivindicar e chamar de seu, mesmo não apresentando os elementos de singularização comuns encontrados nos quartos de outros estratos da população (Cf. SCHRIJNEMAEEKERS, 2003) ou mesmo no quarto de outros jovens entrevistados, como o do jovem C1, que tem seus adesivos, ou o do filho C10, que tem um grande emblema do seu time preferido. O que é aconchegante é a *posse* de um espaço *próprio*, pois, mesmo sem portas, a mãe ou a irmã não ficam ali. Aquele é o *seu* espaço, onde ele sabe que pode ficar *sozinho*. É claro que a sua solidão não é a mesma de uma pessoa que pode fechar a porta do próprio quarto, mas é a solidão possível dentro das condições de sua casa.

Antes ele dormia com a mãe e aquele era o quarto da irmã. Como o jovem cresceu e virou um adolescente, a mãe achou melhor que tivesse o próprio espaço e os irmãos trocaram de lugar. Se, de um lado, ele está muito feliz com o arranjo, a irmã se ressentia por não ter mais um espaço só para si.

O sentimento de ter um espaço para si é muito importante na construção da individualidade e da privacidade. No estudo com famílias pertencentes às camadas médias, pude observar que a necessidade de um banheiro individual era destacada sobretudo entre os segmentos mais abastados; como exemplo, dois dos três filhos de uma dona de metalúrgica invejavam o banheiro individual de um dos irmãos que dormia sozinho. As brigas eram constantes e eles achavam quase insuportável precisar dividir o banheiro. Entre outras famílias, porém, isso não era uma necessidade. Em várias das casas anteriormente estudadas,

o banheiro não é apenas um local para o alívio das necessidades fisiológicas ou para a higiene do corpo de uma forma geral; nem é somente espaço de *individualização e privacidade*, onde a pessoa possa se fechar e ficar sozinha, conforme relatos que ouvi. Os banheiros das camadas médias podem ser também lugares de *sociabilidade e comunicação*, quando as pessoas partilham o seu uso ao mesmo tempo e até conversam ali, ou quando uma mãe prega *post its*⁹⁶, na altura de quem senta no vaso sanitário, contendo desde recados do dia a dia até frases com mensagens edificantes, que ela gostaria que os filhos lessem. Os filhos leem-nas, acostumados com essa forma de comunicação, que acham muito útil. Esse caso mostra como os usos do espaço podem ser dinâmicos e como as famílias, criativamente, estabelecem relações e formas de comunicação independentes da função primeira do local.

Na presente pesquisa, o banheiro, definitivamente, não é um local de sociabilidade, por conta de seu tamanho diminuto. Em muitos casos, mal cabe uma única pessoa nele. Em todas as casas, ele é o espaço mais privado, pois, em muitas das casas pesquisadas, não há portas entre as passagens dos cômodos, somente o buraco da passagem. Em várias delas (C4, C5, C9, C12), o banheiro é a única porta da casa, à exceção das portas da rua e do eventual quintal, quando alguém o possui⁹⁷. É por isso que, para vários entrevistados, ele é um local de *reflexão*. Alguns especificaram o momento do banho como aquele em que podem desligar-se do mundo e ficarem inteiramente sós; todos fizeram questão de destacar o prazer dessa solidão.

A solidão e a privacidade que a possibilidade de fechar-se no banheiro ou eventualmente num quarto propiciam são necessidades que, em seus depoimentos, as pessoas apontaram como óbvias e importantes. Ter um momento ou espaço para pensar na vida e em si foi colocado por todas elas como uma necessidade, independentemente de sua idade, gênero ou posição no agrupamento doméstico.

No contexto das camadas médias anteriormente estudadas, os espaços que chamaram a atenção enquanto locais de reflexão foram as *janelas* e as *sacadas*. Ao andar pelas casas, algumas pessoas espontaneamente explicavam que gostavam de pensar na vida numa janela específica da casa e outras, as que as têm, gostavam de refletir sobre a vida nas sacadas. Recorrente e invariavelmente, pessoas de diferentes famílias faziam os mesmos comentários sem que isso fosse questionado e vi que era necessário refletir sobre esses dois espaços.

⁹⁶ Há o trabalho de Desjeux e Garabuau-Moussaqui (2000), sobre a comunicação por meio de *post its*, entre pais e filhos, na França, que mostra a relação entre proximidade e distância das pessoas em sua vida cotidiana.

⁹⁷ Nenhuma das famílias entrevistadas possui quintal. Existem lajes ou pequenas áreas de serviço muitas vezes cobertas por lajes, mas o quintal desapareceu.

A janela serve aos segmentos médios como lugar de reflexão e também de exposição.

Todavia, ao contrário da sacada, que faz a pessoa se sentir ora parte do mundo, ora parte da casa – como se a casa não fizesse parte do mundo – a janela traz mais ainda consigo a certeza de que se está *em casa*. A exposição de alguém numa janela, é sempre menor do que a de alguém numa sacada. A janela não mostra o corpo todo, ela preserva mais a imagem da pessoa do que a sacada. E ela ainda traz outras possibilidades, pois pela janela fechada com o vidro, é possível ver o mundo estando totalmente fechado em casa. Seu grau de abertura é outro. As possibilidades de exposição são outras. O vidro, dada a sua transparência, traz consigo a ideia de que pode unir as pessoas. Mas como elemento de vedação que é, ele une, mas o faz apenas aparentemente, porque, na verdade, o que faz é separar as pessoas. (SCHRIJNEMAEEKERS, 2002: p.159-60)

A janela, portanto, carrega consigo certa ambiguidade: a do estar em casa e sentir-se de uma certa forma fora de casa. O vidro e sua transparência confortam as pessoas de certa forma, pois podem olhar o mundo estando em casa, mantendo-se resguardadas da rua. Contudo, é falsa a impressão que o vidro dá, de união entre as pessoas, já que ele é um elemento de vedação que separa a casa do exterior.

Entretanto, não é qualquer janela que pode ser usada para refletir, só aquela que permite à pessoa olhar para além dos muros da casa; isso era feito nas janelas que davam para a rua. Outro ponto importante era que essa janela para a reflexão não era a janela da sala, invariavelmente situada no nível da rua, mas a do andar superior, que possibilita tanto o sentimento de suspensão em relação à rua, como também maior privacidade. A sala é local de sociabilidade, não de reflexão. Já a janela suspensa permite observar sem ser observado, pois é mais difícil para quem passa na rua saber que há alguém observando num nível acima. Coincidentemente, muitas dessas janelas não eram as dos quartos dos jovens, que quase sempre davam para o interior das casas, mas sim a do quarto dos pais, o que não a impedia de ser o lugar preferido para a reflexão.

Naquela época, não pude compreender um ponto que a atual pesquisa, com os segmentos populares, me permitiu; pude agora compreender que, mesmo entre os segmentos médios, em que as pessoas têm um quarto para e portanto, privacidade para suas reflexões,

elas *também desenvolvem estratégias mentais de reflexão sobre si*. Elas não usam apenas o próprio quarto como local de reflexão.

A sacada, mais ainda do que a janela, é uma espécie de suspensão entre a casa e rua. É o sentir-se em casa, sem estar literalmente dentro dela, ao mesmo tempo que permite à pessoa sentir-se fora de casa e refletir sobre a vida olhando o mundo:

O cultivo da interioridade, como já foi dito, está ligado a um espaço próprio para a reflexão. É por isso que os jovens gostam tanto de ir para as sacadas, além de ficar nos seus quartos. As sacadas são lugares que carregam uma grande *ambigüidade*. Se, de um lado, são *parte* da casa, estão, contudo, *fora* da casa, sua única ligação com o interior é a *porta* que os separa da casa. Ao mesmo tempo, a sacada é o lugar na casa que mais se abre para o mundo, mas esse fazer parte do mundo exterior é uma ligação ilusória, já que ela *faz* parte da casa. Ela é, portanto, revestida da ambigüidade de ser ou não parte da casa. Ela é, mas não parece, parte da casa; parece fazer parte do mundo exterior, mas não faz. É essa ambigüidade que a torna um bom lugar para pensar, sobre o mundo e sobre a casa. Ao mesmo tempo em que a pessoa se distancia da casa, ela tem a certeza de que está protegida do mundo, pois sabe que no fundo esse lugar é parte da casa. É um lugar, onde, literalmente, se pode *pairar no ar*. E isso contribui para sua ambigüidade, esse estar dentro/fora, fazer e não fazer parte. (SCHRIJNEMAEKERS, 2002:159)

A sacada, portanto, também é marcada pela ambigüidade do estar e não estar.

Entre as casas das camadas populares estudadas, poucas tinham lajes (C1, C5 e C9) e só duas (C2 e C3) possuem sacada. A imensa área superior da casa C11 funciona mais como área de serviço e local para guardar o cachorro do que como terraço ou sacada. No caso das lajes, elas não são lugares de reflexão; quando muito, podem ser consideradas espaços de sociabilidade. É isso o que ocorre na casa C1, em que às vezes a mãe fica ali com a filha e suas irmãs. Nas casas C5 e C9, elas funcionam como áreas de serviço. O terraço das casas C2 e C3, assume, assim como nos segmentos médios, o lugar de espaços de reflexão. Os homens gostam de refletir sobre a vida ali. Já a Mãe C3, que não gosta de seu retorno à favela, não usa o local desse modo. A Mãe C2, por sua vez, prefere refletir sobre a vida quando está tomando banho.

Aliás, entre as pessoas pertencentes às camadas populares, que foram entrevistadas, os lugares e os momentos mais diferentes foram usados para falar sobre onde cada um gosta de

refletir sobre a vida. Houve quem dissesse que gostava de fazer isso no banheiro, na hora do banho (Mãe C2, por exemplo), outros que gostavam do momento em que colocavam a cabeça no travesseiro (Pai C1), ou que o faziam na sacada (Pai C2), ou na escuridão da sala ou do próprio quarto, quando todos vão dormir (Pai C3 e Mãe C1) ou, até, num parque ou praça (Pai C7 e Pai C11).

A solução encontrada pela Mãe C2, de refletir sobre a vida no momento do banho, mostra como as pessoas, criativamente, desenvolvem mecanismos mentais que estão ligados a aspectos sensoriais, como o barulho da água do chuveiro, ou a escuridão do próprio quarto à noite (como a Mãe C1 entre muitos outros entrevistados) e até ouvir música no último volume para que os outros – moradores e vizinhos – não o escutem e que você também não os escute.

A água do chuveiro é algo extremamente sutil e pode até ser vista como uma alternativa poética, assim como a escuridão da noite no próprio quarto; entretanto, a música alta pode irritar muito as outras pessoas, ainda que o barulho da música das diferentes casas, ou de uma igreja evangélica vizinha de uma delas não pareça aborrecer muito as pessoas acostumadas com ele. Porém, um visitante que não esteja acostumado com isso, ou, pior, uma pesquisadora que precisa gravar entrevistas em som audível... pode ficar extremamente aborrecida. Mas, mais importante que o aborrecimento individual, é procurar compreender porque pessoas que moram em casas tão próximas, muitas com janelas a menos de meio metro do muro do vizinho ou nas quais a janela dá para o quintal do vizinho, ouvem música num barulho tão alto? A princípio me parecia mais lógico que todos procurassem fazer o menor barulho possível para manter sua privacidade e que a música alta seria expressão da falta de privacidade das pessoas, obrigadas a ouvir a música alheia. Entretanto, na verdade, com paredes tão próximas e janelas tão reveladoras, ouvir música bem alto cria mais privacidade em torno da pessoa para fazer o que quiser, do que a tentativa infrutífera de não fazer barulho para garantir a privacidade. Em locais onde as paredes são tão estreitas todo o barulho será ouvido e assim não haverá privacidade, fazer muito barulho é a chave encontrada pelas pessoas para a construção de uma privacidade mínima que o pouco barulho não consegue estabelecer. Em muitas das casas, é possível ouvir perfeitamente os vizinhos, como se estivessem no mesmo cômodo, pois as janelas estão todas sempre muito próximas umas das outras.

As janelas das camadas populares também não são espaços interessantes para a reflexão, pois não possuem uma vista mais ampla da rua como as das casas das camadas médias. Logo, não contribuem para criar o sentimento de suspensão necessário à reflexão.

As estratégias das pessoas mostram como elas, criativamente, procuram contornar a situação física e também assinalam que a privacidade é importante para esse estrato da população. As diferentes camadas da sociedade dispõem de diversos mecanismos para o cultivo da privacidade porque, hoje, ela é de alguma forma buscada pelas pessoas e essa procura independe das condições materiais. Portanto há, sim, a procura por privacidade e também, de acordo com suas condições de vida, as pessoas elaboram estratégias próprias, sejam as acima relacionadas, ou a de separar um quarto com três armários, como foi observado no quartos dos filhos C1, a de ter um quarto próprio, mesmo sendo passagem, como é o quarto do Filho C5, ou a de fechar-se no seu quarto, como o pai C11, ou a de tomar banho da Mãe C2 ou pensar no escuro, conforme assinalado pela Mãe C1. A escuridão também ajuda criar a atmosfera necessária à privacidade.

Isso não quer dizer que o quarto não seja espaço próprio para reflexão; de acordo com o Pai C1, ele é: “eu nunca pensei em parar num canto assim para pensar. No meu quarto, quando eu tô deitado e ponho a cabeça no travesseiro, é quando vêm os pensamentos”.

Sua fala é muito interessante, pois mostra como esse pensar não ocorre de forma intencional. Ninguém planeja: ‘vou para o banho’ ou ‘vou para a sacada para pensar’. Na verdade, as pessoas vão para esses lugares e simplesmente pensam. Mas ao mesmo tempo, os lugares usados para pensar não são aleatórios. Há uma lógica de espaço para que a possibilidade de pensar ocorra.

O que o banho de chuveiro, a sacada, a escuridão da noite (no quarto para a Mãe C1 ou na sala para o Pai C3) ou próprio quarto (para o Pai C1) têm em comum? Aparentemente nada, mas isso não é verdade. São todos momentos e espaços que contribuem para que a pessoa possa estabelecer o jogo de *sentir-se* e *não se sentir* em casa a fim refletir sobre si. Se, intimamente, ela sabe que em todos esses lugares e momentos está em casa, também, diferentes mecanismos como o barulho, a ausência de luz, ou sentir-se pairando no ar, ajudam a pessoa a sentir-se sozinha para pensar na vida⁹⁸. São momentos em que as pessoas se percebem em suspensão e é essa *sensação*, esse *sentimento* ambíguo de estar e não estar, propiciado por certos *espaços* e *momentos*, muito mais do que *um* espaço propício para ela, que leva as pessoas a refletirem sobre si e desenvolverem a privacidade. No caso do quarto, é emblemático que o Pai C1 afirme que isso se dá especificamente quando põe a cabeça no

⁹⁸ Deve ser por isso que provavelmente muitas pessoas utilizem o tempo de deslocamento de casa para o local do trabalho como momento de reflexão. O carro, o ônibus, o trem, o metrô ou outros meios de transporte também ajudam a desenvolver o sentimento de alheamento em relação ao entorno, pois, ao deslocar-se, a pessoa está em trânsito e, ao transitar, a auxilia a sentir-se dentro e fora de um espaço ao mesmo tempo. Logo, a questão não é o tempo para pensar, mas, sim, os espaços que o propiciam; os espaços de locomoção assim como os meios de transporte fornecem a ambiguidade necessária para a reflexão.

travesseiro. Ou seja, não é qualquer momento de estada no quarto o usado para pensar, mas precisamente aquele; logo, não é o quarto enquanto espaço físico que abre essa possibilidade, mas a *sensação de suspensão*, no sentido de parar por um momento, que o ajuda a pensar. Ao mesmo tempo, nesse caso, “parar” não significa apenas “não locomoção”, pois isso pode acontecer ao longo do dia, em diferentes espaços, sem que a reflexão ocorra. Para isso, é necessário haver uma intrincada combinação entre *parar* e a *sensação de suspensão* que se traduz pelo sentimento de *sentir-se só*.

Se, historicamente (Cf. ARIÈS, 1991; RANUM, 2001), as alterações no espaço da casa propiciaram essa sensação e durante um certo tempo “ter uma vida privada era um privilégio de classe” (PROST, 1990, p.19) hoje, ela está tão presente na vida das pessoas que os espaços não são mais tão necessários como antigamente. Conforme os próprios historiadores, a existência de divisões não significava necessariamente a de uma vida privada ou de cultivo do sentimento de privacidade (RANUM, 2001: 228), porque são necessárias as *disposições mentais*. São elas que podem ser encontradas nas práticas das famílias de camadas populares aqui estudadas.

Historicamente, o desenvolvimento da privacidade relaciona-se à questão da individualidade, cuja construção se dá em parte por meio da reflexão sobre si e em parte como algo que externamente expressa certo sentimento de singularidade e diferenciação. Em sociedades pautadas pelo capitalismo, isso ocorre muitas vezes pela compra de objetos que possam expressar de alguma forma a pessoa singular que alguém tenta ser; de um lado, roupas, carros, mas, de outro, também podem estar relacionados com o espaço da casa. É nela que a pessoas têm mais chances para buscar construir-se, por meio dos objetos usados para compô-la, na medida em que os escolhem e os arranjam. Em outros locais onde ocorrem relações sociais, como o ambiente de trabalho ou as escolas, por exemplo, há uma lógica de organização do espaço que exige a adequação das pessoas.

A casa é expressão da construção da individualidade, que se pode dar de diferentes formas. No caso das famílias dos segmentos médios e abastados, por meio de móveis com estilos diferentes de *design*. Entre as camadas populares, muito mais do que o desenho ou tipo de acabamento dos móveis e dos cômodos, um dos elementos que mais contribui para a singularização das casas são as *cores*. As casas das camadas populares são coloridas.

Fig117: Cozinha C5.

Fig.60: Cozinha C10

Fig.118: Sala C12

Fig 119: Detalhe da parede do quarto do filho C10.

Fig120: Quarto das filhas mais novas C10

Fig 121: Parede da sala C11.

Fig 122: Parede do quarto da Mãe C9.

A cor das paredes possui papel importantíssimo na personalização do espaço, bem como na decoração. Em quase todas as casas pesquisadas, as famílias utilizam cores nas paredes, mesmo que a tinta acabe no meio da pintura como em muitos casos (Fig117). Na casa C 4 as cores nas paredes vem dos panos pendurados e que escondem o fato de que uma

parte delas é de madeira, nas casas C5, C9 e C11 o azul é a cor que aparece na sala, na casa C10 é possível observar nos quartos variações de rosa e lilás e no quarto do filho o verde, já a sala possui um tom creme quase amarelo, na casa C7 as paredes da sala são bege e do hall dos quartos é verde, na casa C3 o quarto dos filhos é lilás, etc.

Fig 123: Sala C7.

Fig 124: Quarto da Filha C3.

Em contraposição, há casas em que as paredes são brancas. Quais são elas? Coincidentemente, são quase sempre as alugadas (C13, C14); as exceções são a casa C1 que também é branca, mas não é alugada, e um dos apartamentos no conjunto habitacional (C8). Mesmo a casa C7, também situada no conjunto habitacional, já foi pintada (a cor no caso é um marrom camurça segundo a denominação do Pai C7 que a escolheu) e as casas alugadas C2 e C3 também possuem paredes coloridas.

Às vezes a parede pintada é a de um dos quartos (casa C3 Fig.124) e em muitos outros a da sala ou da cozinha. Em algumas casas a mesma cor predomina em vários cômodos (C5 com o azul e C12 com o verde) e na maioria delas varia de cômodo para cômodo (casa C7 do bege ao creme, casa C10 vários tons de rosa, mas também verde no quarto do jovem e amarelo na cozinha, casa C9 Azul na cozinha e no banheiro e verde no quarto da mãe, entre outros).

As cores usadas expressam o gosto dos moradores e também são um elemento de diferenciação. No caso da casa C12, por exemplo, o verde, de acordo com depoimento do pai C12 simboliza esperança. Já na casa C10, a paleta de cores, em torno de variações do lilás, mostra uma escolha feminina, um consenso entre a Mãe C10 e suas filhas que a ajudaram a pintá-la. Nessa casa, o pai fica muito tempo fora, por conta da profissão, e as filhas são consultadas pela mãe nas decisões sobre a decoração, o que não ocorre com tanta frequência em residências onde o pai está presente. É interessante verificar que nessa casa, de quatro quartos, a mãe teve a preocupação de pintar cada um com uma cor diferente, de forma a

personalizá-los (Fig.61, 62, 65, 69, 119, 120,). Nas camadas populares, com a ausência de um cônjuge, as relações de poder se modificam; por isso, mesmo sendo casada, a mãe C10 deu voz ativa aos filhos.

Objetos aparentemente banais, como as cortinas, também podem expressar processos de singularização e auxiliam as famílias a construírem sua identidade em relação às demais. A diferenciação do espaço não se dá apenas pela cor das paredes, mas também as das cortinas e dos pequenos enfeites, da toalha da mesa, dos potes, ou numa sequência de estampas florais, mesmo que em potes e vidros muito diferentes entre si, como é o caso da casa C5.

Fig.125: Vista 1 do armário de cozinha C5.

Fig 126: Vista 2 do armário de cozinha C5.

Nessa casa, é possível observar no alto do armário da cozinha uma série de potes, garrafas e copos, cuja unidade é dada pelo fato de todos terem estampa florida. À exceção de uma garrafa de licor, todos os demais têm essa característica e estão enfileirados, formando uma unidade de um mesmo tipo de estampa, numa fila de objetos diferentes (garrafas, potes e copos), um ao lado do outro.

Ao passar pelos corredores dos prédios, eu podia ver cortinas das mais variadas cores. A fala da Mãe C7 ajudou-me a compreender porque, a partir de uma conversa sobre a cor de suas cortinas. O lilás não é a sua favorita, mas ela a escolheu porque ninguém ainda a havia usado. Sua preocupação, portanto, não era a de colocar a cor favorita, mesmo que fosse igual à de outra pessoa, mas a de estabelecer um marcador, por meio das cores, que a diferenciasses dos demais.

Mas por que as cortinas? Por que não singularizar a casa pelo tipo de móvel ou de armário? Os membros das camadas populares possuem poucas opções de compra dentro de seus orçamentos, por isso suas compras se restringem a duas ou três grandes lojas que possuem móveis muito parecidos.

Nesse caso, mais importante do que ter um móvel com *design* diferente é tê-lo novo. Entre os segmentos populares, eles são comprados em poucas lojas; as famílias muitas vezes

não se sentem à vontade para ir até outras, que não conhecem, pois, ao fazer o cadastro para a compra, o fato de morarem numa favela gera uma série de preconceitos, como, por exemplo, o vendedor se recusar a continuar o atendimento. Além de tudo isso, as parcelas das lojas em que estão acostumados a comprar e que dividem o pagamento de um móvel em até vinte ou vinte e quatro vezes são menores, mesmo que o preço final seja maior, enquanto as outras dividem uma compra em no máximo quatro ou cinco vezes, no cartão. Por isso, os móveis são muito parecidos. Dessa forma, criativamente, as famílias exploram outras possibilidades de diferenciar e singularizar o espaço com o uso da cor, seja nas paredes, nas cortinas, no estofado ou no pano que cobre o sofá.

A participação nos processos de decisão até certo ponto cabe aos pais, pois, à medida que os filhos crescem, eles também querem dar sua opinião sobre os arranjos. Foi isso o que aconteceu com a filha C5, que já tem trinta e dois anos e ainda mora com a mãe, e da filha C1, com vinte e um anos, que também mora com os pais. No caso da casa C10 a ausência do pai por longos períodos mudou de forma interessante o equilíbrio de poder na família, as filhas participam ativamente dos processos de escolha, inclusive a pequenina, de quatro anos, que mostrou desenvoltura ao expressar sonhos e vontades, que não encontrei, por exemplo, em jovens maiores com quinze anos, como os filhos da Mãe C9.

Como as casas pesquisadas são ocupadas por famílias e não por indivíduos sozinhos, elas expressam o jogo de relações que ali ocorre, das interdependências entre eles que expressam aquela figuração. Tudo isso depende de como se dão as relações de poder naquele espaço. A tendência é que a casa expresse primeiro o projeto dos pais e o que eles querem, mas, na medida em que aquela figuração se transforma, seja pelo crescimento dos filhos seja pela nova forma que pode adquirir com uma separação ou um novo casamento, alteram-se as relações. Dependendo de como essas opiniões são ou não negociadas e incorporadas no espaço da casa, os jovens sentem que aquele também é um projeto seu.

Capítulo 5

Processos de construção da identidade

Nos capítulos anteriores procurou-se uma primeira aproximação com as famílias das casas estudadas por meio de uma breve descrição das casas, depois foi feita uma reflexão sobre os eixos teóricos mais gerais que norteiam a presente tese (a casa compreendida como figuração, a idéia de que ela é fruto de um projeto e uma discussão sobre a importância dos objetos na análise das interações). Discutiu-se ainda a idéia de camadas populares e as favelas na cidade de São Paulo. No capítulo anterior a ênfase se deu sobre a discussão entre as esferas pública e a privada, a questão da agência familiar, os sentidos da casa e a questão da privacidade e da singularidade. O presente capítulo dá continuidade a análise feita nos anteriores com particular ênfase para a questão da identidade. Ele está dividido em cinco seções profundamente entrelaçadas entre si para dar conta de elementos que estão presentes nas casas e que são importantes para compreender alguns dos mecanismos de construção da identidade. A seção um *A identidade e a casa* é dedicada a discussão sobre a casa enquanto espaço de construção da identidade, para isso reflete sobre a casa e seu papel nos processos de socialização, seja ele na socialização primária ou secundária. Já as seções dois e três “*A casa da infância*”, “*Os projetos pessoais*”, procuram problematizar essa construção a partir de uma compreensão da casa da infância dos entrevistados contraposta aos seus projetos pessoais. Por fim as duas últimas seções “*Os objetos e a casa*” e “*As fotos como objetos*” procuram fazer uma articulação final entre a casa, os processos de construção da identidade e os objetos que a compõem. As fotos também são objetos, mas dedicou-se as fotos toda uma seção por acreditar que seu papel na construção da identidade merece ser discutido com mais cuidado.

5.1. A identidade e a casa

A hipótese deste trabalho é de que a casa e seus objetos são mais um elemento na construção da identidade de uma pessoa. Para compreender isso, é preciso antes entender o processo de socialização e o seu papel na construção da identidade das pessoas. George Herbert Mead foi o primeiro autor que descreveu a importância da socialização para a conformação identitária (Cf. DUBAR, 2005: 115). Segundo ele, esse processo ocorre em três etapas, da seguinte maneira: a primeira é a “‘assunção’, pela criança dos papéis desempenhados por seus (...) ‘outros significativos’”, em que ela “começa a se socializar”, não pela imitação passiva dos papéis, mas sim, recriando-os por meio de brincadeiras. (Cf. MEAD

Apud Dubar, 2005: 116-117) Na segunda, ela passa “do jogo livre para o jogo com regras”, isto é, não há mais a recriação criativa dos papéis no brincar, mas o respeito a “uma organização que vem de fora”. (Cf. MEAD apud DUBAR, 2005: 117) Por fim, a terceira etapa é aquela em que a pessoa é reconhecida como membro da comunidade. Ela não é apenas a reprodutora passiva de um papel incorporado, dos valores do grupo, mas é também um ator que preenche no grupo um papel reconhecido. O processo de socialização e, portanto de construção da identidade, termina quando há um equilíbrio e união das duas faces do Si-mesmo: o “mim” que interiorizou o grupo e o “eu” que permite a pessoa se afirmar positivamente no grupo. Por meio desse raciocínio há o entendimento de que se os indivíduos de um lado se apropriam subjetivamente do mundo social, por outro, ao mesmo tempo fazem isso por meio da identificação com papéis previamente estabelecidos socialmente. Isso pode ocorrer de forma tensa uma vez que há sempre o risco da “dissociação do si-mesmo” no processo de socialização, pois pode existir uma dissociação entre um “mim” que está relacionado ao esforço de fazer parte de um grupo e conformar-se a ele e um “eu” individual que é enfraquecido, não se concretiza, pois é totalmente absorvido pelo mim (Cf. MEAD apud DUBAR, 2005 117-119).

Mas, se Mead entende a socialização e, por conseguinte, a construção da identidade, por meio de *etapas* que um dia acabam, Peter Berger e Thomas Luckman, por outro lado, em *A construção social da realidade*, concebem-na por meio de *tipos* de socialização que podem continuar durante toda a vida de uma pessoa. A partir disso, eles deram um passo além das primeiras teorizações estabelecidas por Mead, e introduziram a ideia de que a *socialização nunca é totalmente bem sucedida e que também nunca acaba* (BERGER e LUCKMAN apud DUBAR, 2005, 121-2), pois não é formada por etapas de um processo fechado que chega a um fim, mas por um *processo que nunca termina*. Eles partem de uma visão dialética da sociedade para estabelecer tais formulações. A sociedade é entendida como um processo dialético composto por três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização que não se dão numa sequência temporal, mas ocorrem simultaneamente (BERGER e LUCKMAN, 1985, p.173). Por isso, o membro individual da sociedade ao mesmo tempo “exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva”. Em outras palavras, estar em sociedade significa participar de sua “dialética” (Cf. BERGER E LUCKMAN, 1985, p. 173). O indivíduo não nasce membro de uma sociedade, mas sim, com potencial para tornar-se um membro por meio da sociabilidade. Por conseguinte, ele é induzido a tomar parte na dialética da sociedade, mas, para isso, precisa passar pela interiorização que é tanto a compreensão dos semelhantes, como a apreensão do mundo como uma realidade dotada de

sentido, ou seja, o indivíduo “assume” o mundo no qual os outros já vivem como seu mundo também. É por meio dessa interiorização que um indivíduo se torna membro de uma sociedade. Esse processo de interiorização, pelo qual um indivíduo é introduzido no mundo objetivo de uma sociedade, chama-se socialização e é dividida por Berger e Luckman em socialização primária e socialização secundária (Ibidem, p.174-5).

A socialização primária consiste na incorporação por parte da criança de um “saber básico” que se dá no e com o aprendizado da linguagem por meio do qual ela incorpora os papéis sociais, ou seja, os modelos de agir e os códigos que lhe permitem agir de acordo com um papel (Cf. DUBAR, 2005:120-121). Ela só termina quando o outro generalizado está completamente estabelecido na consciência de um indivíduo. A partir desse momento, a pessoa é vista como um *membro da sociedade*, possui uma personalidade e um mundo. (Cf. BERGER e LUCKMAN, 1985: 184).

A ideia de outro generalizado já havia sido desenvolvida por George Herbert Mead e foi incorporada por Peter Berger e Thomas Luckman, para refletir sobre a socialização primária. De acordo com esses autores, durante a socialização primária a criança desenvolve uma “abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes *em geral*” (Ibidem, p.178). Por meio dessa abstração, a generalidade das normas são estendidas subjetivamente. Para explicar melhor esse processo simultâneo de abstração e interiorização dos papéis e atitudes, eles dão o exemplo da expressão “mamãe vai ficar zangada comigo agora”, quando a criança derruba a sopa, para a seguinte progressão “mamãe fica zangada comigo toda vez que eu derramo sopa”, até a generalização da norma “não se deve derramar sopa”. Essas frases mostram uma gradação na internalização e abstração de papéis, pelos quais a criança não se identifica apenas com os outros concretos, mas com uma “generalidade de outros”, ou seja, com uma sociedade. Ele passa assim a não ter apenas uma identidade em face deste ou daquele outro significativo, mas sim da identidade em geral. Daí o nome “outro generalizado”.

Tanto a sociedade como a identidade e a realidade se cristalizam subjetivamente por meio do processo de interiorização (Ibidem, p.178-9), segundo o qual o outro generalizado está relacionado a uma abstração progressiva de papéis e atitudes dos outros particulares. Esse processo permite que a criança se identifique com outros significativos e com isso construa sua identidade. Mas é preciso dizer que o indivíduo não assume apenas os papéis e atitudes dos outros, mas assume também o *mundo* dos outros. Por isso “a identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo. Dito de outra maneira, todas as identificações realizam-se em

horizonte que implica um mundo social específico” (Ibidem, p.177). Desenvolver uma identidade implica em estabelecer um lugar no mundo. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam-se subjetivamente num mesmo processo de interiorização.

De qualquer forma, o mundo da infância, concluem Berger e Luckman, “permanece sendo o ‘mundo doméstico’, por mais longe que o indivíduo se afaste dele mais tarde na vida, indo para outras regiões onde absolutamente não se sente em casa” (Ibidem, p.182).

No caso das sociedades ocidentais e particularmente do Brasil, o mundo da infância tanto pode ser apenas o mundo da própria casa, o da “escolinha” ou “creche” que a criança frequenta, bem como o da casa das outras pessoas que ela eventualmente pode ou não frequentar – a dos vizinhos da rua em que mora ou a área social de um prédio⁹⁹. É cada vez mais comum que ele seja construído por meio de uma mescla desses diferentes lugares. De qualquer forma, a própria casa é lugar central no processo de socialização primária e isso é tido como indiscutível pelos autores.

Já a socialização secundária é a interiorização de mundos institucionais especializados e a aquisição de saberes específicos, “é qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (1985, p.175). Ela pressupõe a socialização primária. Em todas as sociedades conhecidas há alguma *divisão do trabalho* e concomitante a isso alguma *distribuição social do conhecimento*. Ao afirmarem isso Berger e Luckman não queriam dizer que é só por meio do trabalho que uma pessoa pode adquirir novos saberes, mas, sim, que numa sociedade em que há divisão do trabalho, há também uma divisão dos saberes. Como em todas as sociedades há algum tipo de divisão do trabalho, há também uma divisão dos saberes. O texto deixa subentendido que a entrada numa determinada profissão influencia a socialização secundária, mas a definição dos autores é deveras abrangente e não se limita apenas ao mundo do trabalho. Seus exemplos para tratar o tema são o do religioso, o músico e o militar.

Claude Dubar (2005) procurou ir além das proposições de Berger e Luckman, e denomina esses saberes especializados de *saberes profissionais*. Essa denominação não vai ao

⁹⁹ No Brasil é cada vez mais comum que nos prédios habitados por pessoas pertencentes aos segmentos médios ou membros da elite tenham o que se convencionou chamar de área social, esta consiste geralmente numa subdivisão de boa parte da área térrea do prédio em subáreas de lazer para os que ali moram, como a sala de jogos ou o salão de festas. Na década de setenta surgiram os primeiros prédios-clubes, com grande infraestrutura de lazer para a família, para além das acima citadas e nos últimos anos dez anos se desenvolveu uma multiplicação nunca antes vista destes espaços que hoje podem englobar salão de festas para os adultos, salão de festas infantil, berçário, sala de jogos para os jovens, salão gourmet para os que quiserem cozinhar para seus convidados, atelier, para o desenvolvimento de atividades artísticas, sala com acesso a internet e até sala para lavar o próprio carro ou espaço de passeio e exercícios específicos para os cachorros da família bem como para o seu banho.

encontro daquela estabelecida inicialmente por Peter Berger e Thomas Luckman, tal como ele procura mostrar, mas, na verdade, vai de encontro com a estabelecida por eles, pois fecha os “saberes especializados” que Berger e Luckman acertadamente, não especificam, na categoria “saberes profissionais”, que remete especificamente ao mundo do trabalho.

Ele faz isso por conta da sua preocupação em refletir sobre a construção da identidade a partir das identidades profissionais. E, ao fazê-lo, afasta-se dos dois autores que não procuram fechar esses saberes entre aqueles relacionados ao trabalho.

Essa discussão é importante para este trabalho, na medida em que o seu objetivo é mostrar que a casa é fundamental na construção da identidade das pessoas, não apenas no momento da chamada socialização primária, mas também durante a secundária e nesse sentido, seu papel na construção da identidade de alguém é importante durante toda a sua vida e não apenas na infância.

A socialização secundária nunca acaba, pois cada vez que as pessoas se confrontam com novas situações em que saberes precisam ser apreendidos, passam por este processo.

Quando duas pessoas resolvem estabelecer uma vida em comum e com isso passam a morar juntas, seja ou não com o objetivo de constituir família, elas também estão entrando num outro mundo da socialização secundária pois novos saberes serão construídos a partir dessa outra forma de vivência que pode se prolongar até a morte de um dos cônjuges ou a separação do casal. Se isso é verdade, e acreditamos que sim, a casa é um dos lugares mais importantes da socialização secundária, e portanto, de novos saberes. Por isso, é extremamente equivocado entender a casa apenas como lugar da reprodução social, ou como depositária seja da tradição ou de valores, práticas e ideias que não mudam. Ela é extremamente dinâmica e as pessoas se constroem por meio dessas relações. Não há a reprodução mecânica do que foi internalizado na infância. A vida a dois faz com que valores, ideias e práticas sejam testados, adaptados ou deixados de lado por meio dessa dinâmica que nunca é a mesma daquela da casa da infância. Mesmo porque, na infância, a inserção na casa se dá por meio da categoria criança, na adolescência, trata-se ainda de um jovem, que continua a ser filho, e mesmo que esse filho(a) continue morando com seus pais ainda assim será apenas filho. Mas quando duas pessoas resolvem constituir um lar assumem a posição de cônjuges, da qual só tinham uma ideia do que é, mas que nunca tinham vivenciado de fato. Mesmo quando uma pessoa estabelece uma segunda relação, a “bagagem” que ela traz do relacionamento anterior com experiências e expectativas pode ajudá-la ou não na nova relação. De qualquer forma a dinâmica de qualquer relacionamento é única e novos saberes

são sempre estabelecidos. Nesse sentido, a fala do Pai C1¹⁰⁰ é paradigmática sobre a questão do casal ter ou não as mesmas expectativas quando se uniu: “Acho que sim, no começo, sim. Só que com o passar do tempo a gente vai vendo, né... Mas aí o que eu pensei, acho que está dando certo”. O seu hesitar mostra como isso pode ser difícil. Ele *acha* que sim... no *começo*... mas percebe com o *passar do tempo* que isso não é tão fácil...e continua apenas *achando* que está dando certo. Em nenhum momento mostrou certeza. Ele achava no começo e continua achando agora. É quase como se ele torcesse para que o casamento esteja dando certo já que eles permanecem juntos. Mas a sua incerteza final mostra como a vida a dois é uma eterna construção.

Isso não quer dizer que todos hesitem ao falar sobre suas expectativas; há casais, como o C12, que conseguiram permanecer convictos de que tinham as mesmas expectativas, e há outros casos, como os das Mãe C4 e C9, em que o fim da união lhes deu a certeza de que as expectativas eram diferentes. Entretanto, todas as situações particulares mostram como passar a residir com outra pessoa, não pertencente à família de origem, faz parte da socialização secundária, da incorporação de novos saberes para além daqueles aprendidos anteriormente.

É por isso que as expectativas da vida a dois, nem sempre se concretizam. O que cada um espera sobre o que seria a nova vida pode diferir, tornando-se necessário repensar ideias e valores, aprender novos saberes, bem como lidar com a situação e manter a união e, para isso, a negociação é fundamental:

A vida a dois é sempre meio complicada né? Sempre há divergências. Mas a gente foi se adaptando e...mas... hoje a gente trabalha bem essas divergências.... é o gênio um diferente do outro. As vezes a gente diverge por isso.... (Pai C1)

Aquilo que o Pai C1 chama de “gênio” pode ser compreendido em parte como a maneira com que cada um lida com questões do dia a dia e, em parte, por meio das expectativas individuais que podem ser diferentes. Tanto a forma de lidar com as expectativas do outro quanto a maneira de orientar as próprias estão fundamentalmente relacionadas ao processo de socialização de cada qual e de como sua identidade se configura a partir daí.

¹⁰⁰ Refazer cada um dos momentos de construção das identidades dos entrevistados, por meio de suas relações com os outros moradores e com a casa em que moram é tarefa impossível, seja num doutorado ou numa outra pesquisa qualquer. Além disso, é improdutivo do ponto de vista de uma possível contribuição teórica que este trabalho possa dar aos estudos de identidade. Por isso, ao longo do texto, o que se tentou foi mostrar, a partir de alguns exemplos, como esses processos se dão e não reconstituí-los. Ou seja, o objetivo é compreender os mecanismos *gerais* de construção da identidade, por meio da casa e dos objetos, independentemente da *forma* que tomam em *cada casa*, com *cada pessoa*. Por isso casas, pessoas e objetos aparecem ou não, na medida em que podem auxiliar a compreensão de mecanismos gerais de construção das identidades e não com o objetivo de reconstruir algum processo particular de construção da identidade.

Na vida de uma pessoa pode haver um dinamismo muito grande na relação dela com a(s) casa(s) em que mora. Não só porque muitas podem ser as casas pelas quais uma pessoa pode viver, porque isso por si só não garante o dinamismo a que me refiro, mas sim ao fato de que a porcentagem de pessoas que ao longo da sua vida assume diferentes papéis em relação ao local de vivência é enorme. Raros são os casos de alguém que permanece no papel de filho(a) morando com os pais até a sua morte. Na maioria das vezes as pessoas saem de casa pelas mais diversas razões e mesmo entre os que permanecem em casa, muitos se unem a outras pessoas ou tem filhos e se tornam pai ou mãe e com isso há uma mudança no papel que desempenham.

Em compensação, no mundo do trabalho, caso a pessoa não tenha uma vida profissional muito dinâmica, é possível que assuma poucos papéis durante sua permanência no mercado de trabalho. Estruturalmente ainda, pode assumir o papel de empregado durante toda a vida (mesmo que um empregado com diferentes atribuições e poderes).

Na casa, contudo, a pessoa pode assumir papéis radicalmente diferentes, de acordo com cada relacionamento que tem. Pode tornar-se padrasto, madrasta, ou ainda, quando tiver filhos, haverá transformações significativas de desempenho segundo os diferentes papéis que vier a assumir, como pai, pai separado e avô, por exemplo. Além disso, é preciso entender que um mesmo papel é vivido de forma muito diferente, de acordo com o momento em que a pessoa está. Ser filho com dois anos, com vinte anos, ou com cinquenta anos exige da pessoa uma maleabilidade muito grande na vivência do *mesmo* papel de filho; ocorrem situações semelhantes com ser pai ou mãe e com outros papéis relacionados a questões de parentesco. A relação que se estabelece com os filhos muda de acordo com mudanças na condição de vida, da pessoa e dos próprios filhos.

Entretanto, tais transformações não ocorrem de forma mecânica e estática; a passagem para outra faixa etária não leva necessariamente a alterações na vivência do papel. Esta se relaciona mais às mudanças que ocorrem na situação de vida. É por isso que certos pais podem continuar a ter com os filhos o mesmo tipo de relacionamento de quando eles eram pequenos; outros, porém, precisam adaptar-se às situações novas, caso não queiram ver rompidos os laços existentes. Da mesma forma, há filhos que não entendem porque a relação com seus pais mudou com o passar do tempo e sentem certa nostalgia do relacionamento que tiveram em alguma época da vida.

Em outras situações, como por exemplo, no trabalho ou na escola, há quem oriente as pessoas para novos contextos, seja um colega, um professor ou um chefe. No caso da moradia, entretanto, principalmente quando o casal vai morar só, ninguém está lá para instruí-

lo diretamente sobre como agir – seu relacionamento depende do esforço de ambos os parceiros. Eventualmente, eles podem conversar com amigos e parentes sobre o que ocorre e pedir dicas e conselhos, mas a vivência do cotidiano é muito solitária. Não dá para ligar para alguém para perguntar sobre a melhor forma de proceder no meio de uma briga e acionar a rede de relacionamentos, profissional (como um terapeuta ou psicanalista) ou afetiva (amigos e parentes), sobre como agir naquele momento específico. Isso só pode ser feito depois que ela ocorre.

A casa é o *locus* privilegiado desse dinamismo e de todas essas transformações. Compreendê-la como local estático não só é ter uma visão equivocada a seu respeito, mas também implica deixar de lado o dinamismo inerente às relações sociais de uma forma geral.

No caso das famílias entrevistadas, há tanto casais que foram morar sozinhos em um local só para eles (C2, C3, C6, C8, C9 e C11) quanto aqueles que foram morar na casa de parentes antes de constituir o seu próprio lugar (C1, C4, C5, C7, C10, C12 e C13)¹⁰¹.

Entre os segmentos populares, no Brasil, é muito comum que os recém-casados morem com seus parentes antes de terem um espaço para si. É verdade que, muitas vezes, essa convivência pode durar a vida toda e esse casal nunca venha a ter a casa própria, mas, de forma geral, a tendência é que, em algum momento, ele monte sua própria casa. No caso das famílias estudadas, ninguém permaneceu na casa de pais ou de outros parentes. Muito pelo contrário. Todos os relatos mostraram a preocupação de conseguir constituir uma casa só para si como algo presente desde o início do matrimônio.

Foi planejado (o casamento), só que a gente namorou pouco tempo e também casou pouco tempo muito rápido e casou muito rápido e não teve muito tempo... namorar, namorar mesmo, a gente namorou um ano...

Quando a gente casamos eu estava empregado e tinha uma renda razoável e dava para gente se manter. Só que ela teve a idéia de morar com a mãe dela por uns tempos, entendeu? Só que assim eu...nunca éééé ... assim. Mas não é como a casa da gente. (Pai C1)

O Pai C1 procurou frisar que morar com os pais dela não foi ideia dele, mas de sua esposa, e que logo procurou mudar porque “não é como a casa da gente”.

A Mãe C5 relatou que teve graves problemas de relacionamento com seu parceiro e que morar próxima da família dele também não foi uma experiência muito boa.

Conforme discutido em trabalho anterior (SCHRIJNEMAEKERS, 2003), o casamento dificilmente é um nó que não possa ser desatado; são cada vez mais comuns os *laços* do

¹⁰¹ Lembremos que a casa C14 não é constituída por um casal, mas por dois irmãos, por isso ela não aparece aqui.

matrimônio, que precisam ser atados e mantidos sistematicamente, para que não se soltem. Hoje, cada vez mais pessoas se casam com a *esperança* de que a união dure para sempre e não mais com a *certeza* de que seja um nó indissolúvel. O casal C1 admite, como anteriormente mostrado, que negociações e concessões de ambas as partes precisam ser feitas até hoje, mesmo com mais de vinte anos de união.

Morar junto com alguém mostra que o processo de socialização nunca termina e que a casa é um dos lugares onde a socialização secundária ocorre. Morar com alguém envolve todo um processo de negociação, que precisa ser bem resolvido para a manutenção do casal. A construção da identidade, portanto, é extremamente flexível:

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em formação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas ações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a (BERGER e LUCKMAN, 1985, p.228).

Nesse sentido, ela é concebida a partir dessa perspectiva como um processo que nunca termina. A partir disso, compreender a casa e os objetos como parte dos elementos que contribuem para a construção da identidade de alguém significa dizer que eles estão envolvidos em um processo que não acaba.

A casa está envolvida na socialização primária e na secundária; a relação das pessoas com ela e, por conseguinte, com seu espaço e os objetos que a compõem é dinâmica, uma vez que a identidade não é construída apenas na infância, mas refaz-se continuamente por meio das vivências e das diversas casas pelas quais a pessoas passaram.

Foi preciso questionar as pessoas não só sobre sua relação com a casa atual, mas também sobre a casa da infância. Entender como se lembram e pensam a respeito da casa da infância e recordam sua trajetória de vida ajuda a compreender melhor o que é a casa atual para elas e que importância tem na vida das pessoas e nos projetos que estabelecem ou estabeleceram para si.

5.2 A casa da infância

Algo que chamou minha atenção nos segmentos populares em contraposição aos médios anteriormente estudados foi o fato de que quase a totalidade dos homens e mulheres

mais velhos (no caso desta pesquisa, todos os que possuem mais de 38 anos) e que, coincidentemente, tem origem rural, não conseguiu descrever onde moraram na infância. É também verdade que, mesmo entre os segmentos médios anteriormente estudados, muitos diziam lembrar mais do quintal do que da própria casa. Mas todos conseguiram estabelecer descrições.

O entrelaçamento entre as diferentes vozes desses homens e mulheres das camadas populares possibilita a compreensão dessa dificuldade.

No caso desta pesquisa, praticamente todos os entrevistados que são pais, principalmente os homens com mais idade (Pai C1, com 45 anos; Pai C10, com 49 anos; Pai C11, com 57anos e Pai C12, com 48 anos) tiveram dificuldade em descrever sua casa da infância, como se ela fosse um grande vazio e que não há nada a ser dito. Sua origem é rural e eles vieram de distintos estados do Brasil, como Minas Gerais (Pais C1 e C11), Alagoas (Pai C10) e Pernambuco (Pai C12). Nas primeiras entrevistas, cheguei a achar que havia perdido a capacidade de realizar boas entrevistas, pois os relatos eram tão mais curtos e os silêncios tão maiores em relação aos depoimentos do estudo anterior sobre os segmentos médios, a respeito do mesmo tema, que isso chamou minha atenção.

O que me intrigava era o fato de eles não descreverem as casas em si, na sua materialidade, mas as famílias e a roça. Essa era a casa: a família e a roça. Da moradia, a única característica destacada era o fato de ser grande: “Ah.. lá era grande...grande mesmo...viche (sic) a casa tinha com uns cinco quarto!A casa era enorme” (Pai C12). A memória de aspectos positivos da casa da infância está relacionada com o seu tamanho, sempre descrito como grande. A fala do Pai C1 auxilia ainda mais a compreensão dos silêncios: “A gente não tinha motivo para ficar no quarto. A gente ficava brincando lá fora no terreno. No quarto era mais para dormir. Não tinha nada para diversão.”

Ainda de acordo com ele as pessoas ficavam na cozinha e na área. Ele mesmo não ficava dentro de casa. Não havia ‘diversão’, não havia ‘motivo’ para ficar no quarto. As brincadeiras ocorriam sempre fora, nunca dentro da casa, o que, de certa forma, lembra um pouco os relatos dos segmentos médios anteriormente estudados que também faziam o mesmo. Mas se, nas camadas médias, o local era o quintal, entre esses pais, que vieram de ambientes rurais, era a área em volta da casa. Contudo, com o decorrer das entrevistas, ficou claro que as semelhanças param por aí e a razão dos silêncios começou a fazer-se presente:

A minha casa **era uma casinha simples**, entendeu? É,,, **não tinha** assim uma estrutura.;.. uma casa muito simples e... os móveis era assim, tudo simples,**tudo diferente**. A gente na época na minha infância **nem televisão** a gente tinha. Eu me lembro que para tinha um jogo importante que a gente

queria assistir pegar um carro e andar muitos quilômetros para ir até a outra cidade para ver o jogo pela televisão, *pela televisão*, nem ao vivo era. Hoje não, hoje tem tudo, hoje melhorou tudo na minha cidade.

E como era a casa? Como ela era dividida?

Ela era dividida em cômodos, mas **não tinha cômodo** para todo mundo. Ela tinha quatro cômodos, entendeu?... Tinha dois quartos, uma varanda e a cozinha... A gente dormia na varanda e na cozinha. (Pai C1)

O pai C1 vai definindo sua casa pela negação “era uma casa simples” começa ele, em que tudo era “diferente” porque tudo era “simples”. Mas o que era “simples” e o que é esse “tudo diferente”? E ele continua a descrevendo na negação, “não tinha televisão”, “não tinha cômodo para todo mundo”. A televisão para ele é uma forma de diversão e a casa sem televisão não tinha diversão. Outro ponto importante é o fato de a casa não ter cômodos para todos, isso significando que, mesmo sendo grande, o tamanho da casa não a tornava confortável para a família, pois faltavam cômodos para abrigar a todos, o que é muito significativo nesta discussão, pois a necessidade de cômodos, entre outras razões, está relacionada com a construção da privacidade, conforme foi discutido no capítulo anterior apesar de não ser condição *sine qu non* para a mesma. Também foi possível compreender que, mesmo não tendo o espaço necessário, as pessoas desenvolvem estratégias mentais. Contudo, isso não significa que as pessoas não quisessem dispor de espaços apropriados para o cultivo da privacidade. Na casa do Pai C1 só havia dois quartos: um para os pais e outro para os filhos. Este, apesar de ser grande (de acordo com a descrição dele) e comportar três camas, não era suficiente para acomodar todos os filhos e, assim, alguns dormiam na cozinha. Logo, o próprio quarto não era um local em que a privacidade fosse possível, pois era muito comum os irmãos dividirem não só os quartos, mas também as camas. No caso descrito, o Pai C1 chegou a dividir a cama não com um, mas com dois irmãos!

Ao dizer que sua casa era *simples* e que tudo *era diferente*, ele dá-nos uma pista de que sua casa atual na favela não é simples e que é muito diferente das casas em que essas pessoas viveram no interior de um Brasil rural, marcado pela extrema pobreza. De fato, é diferente; agora eles possuem água encanada, energia elétrica, televisão, geladeira, máquina de lavar roupa, forno de micro-ondas e até computador; têm também, ainda que de forma muitas vezes precária, acesso a hospitais na própria cidade, o que era antes impensável no campo e, além disso seus filhos podem estudar em escolas que ficam a poucos quarteirões de suas casas e não a vários quilômetros de distância, como muitas vezes ocorreu com eles. Portanto, não apenas sua casa é diferente, ou os bens que possuem, mas suas próprias condições de vida são muito distintas daquelas da infância. Mesmo assim, muitos podem ser classificados como

pobres, que é como se sentem. Porque moram em favelas, porque suas ruas não são asfaltadas, porque as escolas que os filhos frequentam às vezes não são muito boas, porque os hospitais a que têm acesso estão superlotados e o atendimento não pode não ser digno muitas vezes. O que expressa a relatividade da categoria pobreza.

Se as fotos das casas às vezes mostram interiores que aos olhos de outros segmentos podem ser vistos como simples, pois há paredes descascadas, banheiros inacabados, móveis com o estofado rasgado, não há imagens para mostrar o que era a casa da infância de muitos deles. Porém, podemos saber por meio de suas próprias vozes, que elas eram “muito diferentes”, eram “simples”, o que as atuais não são. Ingenuidade daquele que vai até as favelas e pensa encontrar casas simples, pois não tem ideia do quão simples uma casa pode ser.

O que o Pai C12 fala sobre esse assunto ajuda a entender o que já ouvira do pai C1, quando questionado: “Você imaginava que sua vida seria o que é hoje? Que você teria o que tem hoje?” e sua resposta é um eco das respostas dos outros pais: “Não imaginava que ia ter isso. Eu não imaginava nem ter isso aqui. É, imaginava ter uma vida mais **simples** ...com certeza”. Mais uma vez o destaque para o fato de que esperava uma vida mais simples isso feito agora por outro pai.

Todos destacaram que a vida no campo era muito mais difícil do que na cidade e que não esperavam alcançar tudo o que têm hoje. Mesmo um pai mais jovem, como o Pai C7, que tem trinta e pouco anos e já nasceu em São Paulo, contou a vida de extrema pobreza que teve com a mãe e a irmã ao ponto de precisar pegar as sobras de frutas e verduras no CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo), para ter o que comer. A extrema pobreza, aliada à revolta pelo abandono do pai, em melhor condição financeira, e a vontade de possuir os mesmos bens de consumo que via em propagandas, televisões e casas alheias de acordo com seu depoimento levou-o não só ao vício, pois passou a drogar-se aos sete anos, fumando maconha, e aos nove, com cocaína, como também ao mundo do crime e a abandonar a casa materna. Ele foi preso várias vezes e até cumpriu pena mais de uma vez, mas conseguiu lagar o vício e se desvincular do tráfico. Para isso foi trabalhar como lixeiro. Hoje ele se encontra desempregado, foi demitido poucos dias depois que eu o conheci e vive do aluguel de uma casa que tem em Osasco e de dois barracos que comprou com a venda do carro depois da demissão.

Se, entre os segmentos médios anteriormente estudados, muitos diziam que não conseguiam lembrar-se tanto da casa da infância, porque passavam o maior tempo que

podiam na rua brincando, para os entrevistados atuais, a questão é outra, pois a sua foi uma vida de *privações*.

As reflexões de José de Souza Martins, sobre a vida privada dos pobres do campo em regiões de fronteira, aliadas às falas posteriores dos entrevistados, ajudaram-me a compreender os silêncios e a dificuldade de descrever. De acordo com Martins (1998:674), a vida privada dos pobres do campo é uma vida de *privações* e não de *privacidade*. São privações de toda ordem, como a privação de direitos. As pessoas entrevistadas foram, por exemplo, privadas de sua *infância*.

Como esses homens poderiam descrever a casa da infância se não tiveram infância? Todos eles entendem a infância não como uma época em que se tem pouca idade, mas sim, como um período da vida em que se brinca e não trabalha. Logo, sua compreensão da infância é profundamente sociológica, já que a entendem como uma fase marcada por práticas sociais e não apenas por um intervalo de idade. Todos trabalharam e por isso não tiveram infância. Infância aqui não significa somente ter determinado número de anos de vida, mas, mais do que isso, a forma de vivê-los faz com que uma pessoa tenha ou não infância.

O historiador Phillipe Ariès, em sua discussão sobre o contexto europeu, mostrou que a ideia da infância, enquanto uma fase da vida distinta de outras, é uma produção histórica. Esses homens não leram esse historiador, muitos deles, aliás, não leram um livro em suas vidas, mas entendem que não tiveram uma infância:

Como você descreveria a sua casa da infância? Fale-me um pouco sobre ela. Não. **Eu não tive infância. Eu não...** Infelizmente **eu não tive infância**. Eu sou nascido da roça... né? E ... você começou a abotoar as calças já tá agarrado num cabo de enxada limpando um pé de feijão, limpando um matinho dali, plantando alguma coisinha. **Eu não tive infância**, não. Eu sempre... sempre trabalhei. (Pai C11)

E continua:

Eu comecei a trabalhar com nove anos de idade puxando boi para os outro (sic), para arrumar uns troquinho para comprar uma camisa, comprar um tecido... um chicão(sic) para fazer uma calcinha curta.

Para ajudar a família?

Para ajudar a família não dava, né? Mas pelo menos vestia.

Ah,entendi. Para ajudar a família não sobrava.

Eu trabalhava o dia inteiro para ganhar, naquela época, 20 centavos, por exemplo, e o metro de pano era vinte dois vinte e três centavos, então... eu recebia no fim de semana comprava duas camisas de reia...Você lembra aquelas camisas de meio fechada? Eu acho que você não lembra. Quantos anos você tem?

Tenho 34.

Então você não lembra, não, não, não.

Não?

Não. Aquelas camisa antiquinha fechada, camisa de meia fechada.
Sei, camisa branca.

“Eu não tive infância” é a frase que o Pai C11 usa para explicar a casa da infância. E ele não diz isso uma, mas três vezes. Em seu depoimento, ele explica que começou a trabalhar com nove anos para comprar a própria roupa.

Para ele, o trabalho que executou desde a mais tenra idade não ajudava a família. Entretanto, para muitas pessoas, trabalhar para comprar o que ela precisa sem dar despesas para os pais é uma forma de ajudar. Mas, para as famílias pesquisadas, o entendimento não é esse. A fala acima do pai C11 deixa muito claro que para ele cuidar de si não significa ajudar a família. Mesmo que tenha começado a trabalhar numa idade (nove anos) em que, de acordo com a legislação brasileira¹⁰², os pais deveriam prover totalmente o seu sustento, para ele, ajudar a família significa contribuir sistematicamente para pagar as contas da casa. Trabalhar para conseguir ter o que vestir não significa, de acordo com sua lógica, ajudar em casa.

Essa forma de pensar é partilhada pelas pessoas entrevistadas. Como, em todas as casas, os filhos ajudam financeiramente os pais a pagar as contas quando, eventualmente, eles precisam de auxílio, muitos entrevistados (mãe, pais e filhos) fizeram questão de frisar que a ajuda dos filhos não é sistemática e nem essencial para o orçamento doméstico. Em nenhuma das casas há um valor fixo estipulado, que deva ser pago pelos filhos que trabalham. Isso não quer dizer que sua ajuda não seja importante para balancear as contas domésticas; à medida que o dinheiro deles acaba no decorrer do mês, os filhos ajudam a pagar as contas que faltam. Não há uma conta que seja sistematicamente paga por este ou aquele filho, nem uma quantia que deva ser dada todo mês para auxiliar no orçamento doméstico. Os problemas parecem ser resolvidos na medida em que vão surgindo.

Foi isso o que aconteceu com a família que mora na casa C5. Devidos as chuvas fortes a casa ameaçava cair, eles se endividaram, mas conseguiram pagar um pedreiro para resolver o problema. Foram construídos pilares de apoio nas paredes e uma laje foi concretada. O ocorrido, entretanto, não foi apenas um problema, pois trouxe novas possibilidades de uma

¹⁰² Na sociedade brasileira, por lei, as pessoas só podem ser oficialmente empregadas a partir dos 16 anos. Entre os 14 e os 16 podem eventualmente trabalhar como aprendizes, mas não têm os mesmos direitos trabalhistas das pessoas com 16 anos ou mais. Há o pressuposto de que até essa idade o jovem não deva trabalhar. Mesmo assim, ainda há uma porcentagem significativa de famílias que, por uma série de razões, têm filhos que trabalham com idade bem inferior àquela estabelecida pela legislação. No caso do Pai C11, que hoje conta com 57 anos e que foi criança muito antes de existir a legislação hoje vigente, era muito comum – como é até hoje em certas áreas rurais do Brasil – os filhos ajudarem seus pais na roça, logo que podiam aguentar o peso de uma enxada. Nas zonas urbanas, como as crianças não são empregadas para o trabalho, é comum vê-las pedindo esmolas desde cedo nos semáforos das grandes cidades. Sem dúvida alguma, ambas são formas de exploração do trabalho infantil.

casa melhor. Hoje a casa está mais bem acabada (a família aproveitou a reforma e ladrilhou o chão de todos os cômodos bem como reformou o banheiro) e maior.

Na verdade, os projetos não são estáticos; eles são estabelecidos de acordo com o campo de possibilidades em que vive a pessoa, que permite ou não sua concretização. Nesse sentido, é preciso lembrar o que já foi dito em capítulo anterior, que os projetos não são fixos, vão sendo constituídos ao longo da vida das pessoas e podem sofrer todo tipo de constrangimento para sua realização, independente da vontade delas. Com base no campo de possibilidades, estratégias são pensadas, refeitas ou abandonadas em função de outras. Certos projetos também podem mudar assim como as expectativas. Foi o que aconteceu com a família que mora na casa C5 e com muitas outras. Tanto os pais C10 como o pai C11 não esperavam que seus filhos enfrentassem tão cedo uma gravidez. Ambos tinham planos para os filhos. No caso do Pai C11, ele queria que sua filha terminasse ao menos o colegial antes de começar a namorar:

Eu perdi a graça.. eu gostaria muito.. Olha, para ser honesto com você, a minha filha, para filho de pobre...a minha filha, teve tudo. **Ela teve o localzinho dela sossegada**¹⁰³. Aqui na rua a primeira que teve computador foi minha filha. Não é querendo ser.. não sou, não sou melhor do que ninguém. Não tenho nada. Também não devo nada a ninguém. Tudo o que você tá vendo aqui, foi tudo certinho. Até agora, no momento, eu não tenho dívida de 200 reais. Dívida eu não tenho. Eu ganho pouco, mas eu ponho minha mão até onde eu alcanço. Eu não passo ... eu só faço aquilo que eu posso fazer.

Olha, eu era contente, porque sabia que ela era uma menina espontânea, uma menina de, de... nunca foi uma menina de sair... eu esperava... eu achava... e pelo modo como eu criei ela, para mim foi uma surpresa. E eu não tô contente. Eu falei para a mãe do Filho C10 aqui.. sexta...foi sexta..foi ontem que ela veio aqui em casa. Desculpe, mas não pergunta se eu tô contente porque eu não tô. E vou ser honesto, eu pedi para ele e para ela: dá um tempinho. Ajuda. Termina pelo menos o ensino fundamental. Termina...pelo menos o ensino fundamental. E vocês já estão mais maduro. Já tem 18, né? Ela tem, ela tá com 15. Termina pelo menos o ensino fundamental, não é? Primeiro. ... dá um tempo. Eu falei para eles vocês tem que terminar pelo menos os estudos. Eu tive isso?

Mas não foi isso o que aconteceu e hoje ela está grávida com quinze anos. A frase final “eu tive isso?” mostra que a vida que ele procurou dar para a filha foi muito diferente daquela que ele mesmo teve. Mesmo com esses percalços eles se sentem orgulhos do que conquistaram:

Aqui tudo isso (aponta para a própria casa) foi feitos pelas minhas mãos. Eu era sozinho, aqui não tinha ninguém. (Pai C11)

¹⁰³ Mais uma vez, a questão da privacidade de certa forma está colocada, quando ele afirma que a filha teve o seu “localzinho sossegado”.

Eu sinceramente me sinto muito orgulhoso de estar na situação em que eu estou. Eu me sinto bem... privilegiado... com relação aos meus familiares, da forma que a gente foi criado., da dificuldade financeira que meus pais teve, da vida que a gente levou na infância na adolescência. Eu me sinto, sei lá, muito feliz de ter uma família, e está sendo tudo encaminhado, tudo melhor. Me sinto muito orgulhoso. (Pai C1)

Já as mulheres não têm a mesma relação com o passado, pois a divisão do trabalho no campo não as levou para a roça e sim para os afazeres domésticos e talvez por isso elas não enfatizem como eles a falta de uma infância. O trabalho feminino doméstico é encarado como natural, como um ajuda aos pais, ao passo que o trabalho masculino, que também procura ajudar os pais, é visto como perda da infância.

5.3 Os projeto pessoais

No Brasil, é pouco usual que filhos numa certa idade deixem a casa dos pais para constituírem um lar próprio antes de se casarem. Sair da casa dos pais em busca da independência é prática bastante comum em muitos países europeus, principalmente depois da década de sessenta do século passado. O aumento da escolarização, aliado a uma série de fatores, como a maior liberdade sexual, tornaram a saída de casa prática não só comum como socialmente esperada.

O filho que continua vivendo com os pais depois de certa idade não é bem visto pela sociedade, de forma geral, e pode ser até motivo de piada¹⁰⁴. Há, inclusive, estudos que discutem a questão da saída da casa antes do casamento em diferentes perspectivas locais, como a análise de Irene Ciraad (2010), sobre os jovens holandeses, e a de Elina Lahelma e Tuula Gordon (2003), entre os jovens finlandeses. Ambos os trabalhos mostram que é socialmente esperado que os jovens saiam da casa dos pais tendo atingido certa faixa etária, independentemente de terem ou não companhia.

Bem diferente foi a saída de casa dos pais e mãe estudados. Se boa parte das mães mais velhas (C5, C10 e C12) vieram de outros estados, porque acompanharam seus parceiros, todos os homens entrevistados com mais de quarenta anos - Pai C1 (45anos), Pai C10 (49

¹⁰⁴ O tema aparece de forma sistemática, por exemplo, em filmes e seriados norte-americanos. *Friends* foi um seriado que fez muito sucesso, na década de noventa, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil, e eles faziam piada sobre o tema. No caso, uma das protagonistas era ridicularizada pela amiga por estar se relacionando com um homem que ainda morava com os pais, depois dos vinte anos.

anos), Pai C11(57 anos) e Pai C12 (48 anos) - vieram para São Paulo em busca de uma vida melhor, sem estar casados. Quase todos voltaram para a terra natal a fim de se casar¹⁰⁵.

É importante destacar que suas falas mostram que, ao contrário do que acontece no contexto europeu anteriormente citado, não era socialmente esperada essa saída de casa. No Brasil, ocorre muitas vezes o contrário; é esperado pela maior parte da população que filhos solteiros morem com os pais até seu casamento, da mesma forma que filhos separados, homens ou mulheres, voltem a morar com os pais depois de uma separação, independentemente de sua condição financeira.

Foi a busca por melhores condições de vida que impulsionou esses homens. Para a imensa maioria das pessoas entrevistadas, a casa é o maior projeto de vida, junto com a ideia de constituir família. Estudos realizados na década de 1980 já apontavam isso (Cf. WOORTMAN, 1982; C. MACEDO, 1985), bem como os da década de 1990 (Cf. SARTI, 2005). É verdade que isso também ocorre para muitas famílias de camadas médias (Cf. SCHRIJNEMAEEKERS, 2002). Mesmo assim, o estudo anterior mostrou que havia uma porcentagem de jovens que pensavam em ir morar sozinhos. Cresce ano a ano no Brasil a porcentagem de pessoas que moram sozinhas em suas casas. Contudo, para a imensa maioria da população, casa e família estão indissociavelmente unidos.

Em outras sociedades industrializadas, como em muitos países europeus e nos Estados Unidos, o mesmo não ocorre. Ainda que nesses locais a maioria das casas seja também habitada por famílias, há uma parcela significativa da população que mora sozinha. Mesmo entre os países latinos, como Portugal e França, é cada vez maior a proporção de pessoas que mora sozinha em relação ao total da população. Isso ocorre devido à conjunção de uma série de fatores, como o envelhecimento da população e a existência de um estado de bem estar social, que facilita a existência individual, concedendo as vezes até uma ajuda de custo para os jovens tornarem-se independentes (CIERAAD: 2010).

Também no Brasil, dados estatísticos têm apontado para o aumento da população que mora sozinha. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

As unidades unipessoais tiveram crescimento contínuo nos últimos dez anos, atingindo quase seis milhões em 2005. Na região Norte, esse tipo de arranjo é menos freqüente, e sua presença chama atenção nas regiões metropolitanas de Porto Alegre (15,0%) e Rio de Janeiro (13,8%). A maior parte dos que moram sozinhos é de pessoas de 60 anos ou mais (40,6%) e mulheres (50,1%). (IBGE, Síntese de indicadores sociais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/pre>

¹⁰⁵ A exceção são os pais C11 e C1, que conheceram suas esposas em São Paulo, apesar de nenhuma delas ser paulista.

sidencia/noticias/noticiavisualiza.php?id_noticia=774. Acessado em 25 de fevereiro de 2011)

Ou seja, há uma proporção cada vez maior de pessoas que moram sozinhas, mas quase a metade dessa população possui mais de sessenta anos e é feminina. Apesar das alterações, o perfil da pessoa que mora sozinha ainda é o da mulher, com sessenta anos ou mais, provavelmente separada ou viúva.

A saída de casa empreendida pelos pais entrevistados nesta pesquisa deve ser interpretada de forma muito diferente daquela que ocorre em outros contextos culturais ocidentais, onde é comum o jovem sair de casa para estudar ou simplesmente para morar sozinho. Na Holanda (CIERAAD, 2010), por exemplo, é comum que pais e filhos muitas vezes escolham juntos os objetos que irão compor o novo lar dos últimos. No caso dos pais entrevistados, a situação não poderia ser mais distante; lembremos que o Pai C11 começou a trabalhar com nove anos para poder comprar a própria roupa.

Todos os pais entrevistados, quando saíram de seus estados, não contaram com o apoio financeiro dos pais ou de quaisquer expectativas paternas e maternas. Entrevista após entrevista, ouvi-os afirmarem que os pais não nutriam expectativas a seu respeito. Alguns se mostraram até surpresos em relação à pergunta, mas todos foram muito firmes ao responder pela negativa:

Eu tinha, né, expectativas para a minha filha, mas **meus pais não tinham nenhum expectativa por mim. Eu fui nascido lá na roça.** A expectativa deles é eu ficar lá jogando terra no pé de mio, criando cabrito, correndo atrás do vizinho. Inclusive, essas terras ainda estão lá, é a fazenda do meu avô, pai do meu pai. (Pai C11)

A explicação do Pai C11 para isso é a de que, por ter nascido na roça, seus pais nada esperavam dele. Em fala anteriormente citada, ele havia afirmado: “Eu não tive infância. Eu não... Infelizmente eu não tive infância. **Eu sou nascido da roça...** né?” (negrito nosso). Em vários outros momentos das entrevistas, ele repete a mesma coisa: a “roça” é a justificativa para a falta, seja da *infância*, seja de *expectativas*. Mais uma vez, trata-se da *privação*, da falta, o que parece contraditório, pois na roça se *planta*; porém, parece que se *colhe* pouco. A falta, a ausência, está sempre presente.

Da parte dos pais, não havia projetos para os filhos, mas sim uma luta básica pela sobrevivência do dia-a-dia, num trabalho sem fim no campo: “o desejo dos meus pais era ver

a gente feliz, casado com família e graças a Deus, né? Nós dois temos família¹⁰⁶, (Pai C1).
Havia apenas o desejo de que eles fossem felizes.

A vinda para São Paulo era parte de um projeto ou foi fruto do acaso? Às vezes ela era fruto do acaso, como ocorreu com o Pai C12, que não era de planejar o futuro, como ele mesmo disse, e não pensava em vir para São Paulo. Só veio para cá, porque um tio da esposa o trouxe:

A primeira vez, o tio dela veio para cá e aí foi para o Nordeste.
E ele falou bem daqui?
Ah, quando ele voltou, ele falou. A primeira vez ele voltou e falou:
quando eu voltar, eu vou te levar. Eu nunca tinha pensado em ir para São Paulo, eu sempre tinha trabalhado na roça.

Depois da proposta, ele pegou dezoito sacos de feijão e vendeu-os, para poder comprar a passagem e fazer seus documentos.

Eu vim para São Paulo. A primeira vez eu passei oito meses, nem um ano aqui, aí eu disse “aí eu vou me embora”, eu tinha sempre morado em sítio e num tava acostumado. Eu disse “eu vou me embora”. Primeiro que, quando eu cheguei aqui, eu cheguei à noite. E quando amanheceu o dia eu queria voltar. (Pai C12)

Na adolescência eu fiz 16 anos por aí eu já comecei a pensar. A gente tinha uma vida muito dura, né? Meu pai batalhava muito para criar os filhos e eu com 16 anos de idade já tinha três anos de carteira assinada. E eu já começava a pensar em ter a minha a minha vida particular....

No começo, eu pensei em morar sozinho, entendeu? Eu não tinha pensamento nenhum de casar. Eu tinha planos de ir para São Paulo para trabalhar e estudar, entendeu? Só que quando eu cheguei aqui eu pensei em estudar, mas não tinha como eu estudar, eu tinha que ficar trabalhando. Eu tinha que trabalhar e me virar. A carga horária... aí eu fiquei sem estudar

... Eu achei que era mais fácil, entendeu? Eu estava acostumado com o interior, com a casa dos meus pais. E eu achei que a vida sozinho não ia ser tão dura, tão difícil....(Pai C 1)

Vir para São Paulo não foi fácil para ninguém. Todos os relatos são de dificuldades, mas em outros locais do país elas eram maiores do que as que tiveram de aguentar aqui:

Por que o senhor voltou para São Paulo? (O pai C12 veio uma vez não se adaptou, voltou para Pernambuco, mas logo depois veio de novo para São Paulo e ficou aqui definitivamente)

Não estava fácil de ganhar dinheiro lá. Por que aqui era mais fácil de ganhar dinheiro do que lá. Lá você trabalha na roça e ganha vinte reais, você ganha vinte reais. Trabalhando na roça fica 20 reais. Aqui... qualquer coisa que você faz e você coloca 50 conto no bolso. Lá no Nordeste é difícil.(Pai C12)

¹⁰⁶ Vários autores que estudam os segmentos populares, já verificaram a importância da família (Cf: SARTI, 2005)

Falta de emprego, né?
Falta de solução de...de...de viver, né? Porque na época o emprego era muito complicado, né. Eu já trabalhei então em carvoeira, né? É pesado pra caramba, né? Opa!! Você pegar machado cortar mato, tirar a madeira, né? Carregar carro de boi... leva...desenforna carvão...eu já fiz tudo isso. (Pai C11)

Apesar de serem pessoas que às vezes não se conhecem, para o pesquisador suas trajetórias se comunicam pois uma ajuda a compreender a outra e o cruzamento delas permite compreender melhor essas pessoas. As trajetórias são muito parecidas e mostram não só os desejos, ou seja, a vontade, o querer, mas principalmente um *projeto* para melhorar de vida. Se entendermos a ideia de projeto, de acordo com Gilberto Velho, como uma “conduta organizada para alcançar uma finalidade específica” (1997), é possível afirmar que esses homens tinham projetos para si. Havia ali não só o desejo ou a fantasia de uma vida melhor, mas eles também executaram uma série de ações para consegui-la. Estabeleceram projetos para si, pois o projeto está ligado à ideia de *ação*.

Velho destaca o caráter consciente dos projetos, mas eles também possuem uma dimensão inconsciente. Além disso, podem ser mais (ou não tão) bem delineados. Para ele, os mais bem delineados estão relacionados à consciência de si enquanto individualidade singular. Entretanto, pessoas profundamente ligadas a identidades coletivas podem também estabelecer projetos muito precisos, dada a pequena margem de manobra individual que possuem. Na maioria das vezes, seu projeto mescla-se profundamente com o(s) do grupo do qual faz parte. Não há projeto puramente individual; eles são construídos em relação com outros, individuais e/ou coletivos. Não sendo imutáveis, eles alteram-se ao longo da vida das pessoas.

O caso do Pai C11 ajuda a compreender isso. Quando ele saiu de Minas Gerais, era padeiro de profissão; contudo, depois de passar por um processo seletivo para um grande hipermercado em São Paulo, achou que o salário pago na própria profissão era muito baixo e, por isso, mudou de emprego, para assistente de pedreiro, em São José dos Campos. Ele tinha a preocupação em conseguir um emprego que o remunerasse melhor, independentemente de sua profissão, pois buscava uma vida melhor do que a que vivia antes. Na verdade, exercer uma determinada profissão para a sua satisfação pessoal não era parte de seu projeto; a profissão estava subordinada ao projeto maior de uma vida melhor. Por isso, não hesitou em mudar de profissão, sempre que surgia uma oportunidade mais promissora.

Dizer isso não significa que essas mudanças tenham sido fáceis ou que eles tenham sempre pensado em vir para São Paulo. Conforme já foi mostrado, o Pai C12 veio a primeira vez por estímulo do tio de sua mulher, que falou bem da cidade e o estimulou a migrar.

De fato, todos os entrevistados que migraram fazem questão de frisar que sua vida não foi fácil. Apesar de ganharem muito mais em São Paulo do que na própria terra natal, muitas foram as dificuldades. É fácil perceber isso, pela grande quantidade de ocupações que alguns tiveram; o pai C1, por exemplo, trabalhou com reflorestamento, como porteiro, como *office boy*, auxiliar de almoxarifado, encarregado de almoxarifado, auxiliar de compras, encarregado de compras, metalúrgico e hoje é dono de um bar.

Esses homens vieram não só do Nordeste – pai C10 de Alagoas e Pai C12 de Pernambuco –, mas também da própria região Sudeste – caso dos pais C1 e C11, vindos de Minas Gerais. O que há de comum entre todos é que vieram de áreas extremamente pobres, em busca de uma vida melhor:

Vou ser honesto com você. Trabalhar numa carvoeira, eu vou ser honesto com você. É *muito* mais pesado do que trabalhar como assistente de pedreiro (Pai C11)

O relato do Pai C11 mostra que a questão não estava relacionada apenas à falta de emprego, mas também ao tipo de trabalho que havia nas regiões. Mesmo tendo vindo trabalhar em São Paulo como assistente de pedreiro, ou seja, um trabalho também braçal, para ele, nada se compara ao seu trabalho numa carvoaria em Minas Gerais.

A importância que um espaço na construção da identidade de uma pessoa não está relacionada necessariamente com a atuação da mesma sobre ele. Ao serem questionados se “a sua casa tem a sua cara?” vários responderam que a casa atual não é a sua cara, mas depois afirmaram que ela é tudo para eles. Isso pode talvez parecer paradoxal para alguns, afinal se ela não tem “a minha cara”, então por que é importante para mim? Por que tantos afirmam que ela é “tudo”? Isso ocorre pois o grau de identificação de alguém com um espaço não está necessariamente relacionado à possibilidade que a pessoa tenha de atuar sobre ele. Isso é fácil de ser entendido, se imaginarmos o profundo sentimento de identidade que algumas pessoas comuns estabelecem com seus países ou cidades mesmo que elas não mal possam participar da organização do estado por meio do voto. E mesmo assim sentem-se parte de uma nação. Quando se reflete sobre a casa muitos podem ser os equívocos interpretativos. Alguém poderia acreditar que só uma pessoa que mora sozinha ou alguém que pode preenchê-la totalmente pode identificar-se de forma tão profunda. Mas isso não é verdade, as casas são fruto das interações entre as pessoas e das relações que elas estabelecem entre si e para isso

não é necessário viver sozinho para achar que ela é “tudo” na sua vida. Elas são permeadas por lutas de poder, que podem ser mais ou menos intensas, dependendo da forma pela qual os membros com menos poder se relacionam com aqueles que possuem mais poder. Quanto maior a convergência de ideias, maior é a probabilidade de identificação com o espaço. É claro que, quanto maior a possibilidade de atuar sobre o espaço, seja pelo seu preenchimento com móveis ou objetos ou por meio da expressão da opinião sobre como deve ser arranjado, mais fácil poderá ser a relação entre as pessoas. Quando os filhos contribuem de alguma forma para o preenchimento do local de acordo com as expectativas dos pais, mais estes podem sentir um misto de orgulho e carinho especial pelos jovens.

Encontrei, na favela da Nova Jaguaré, a heterogeneidade de condições de vida que buscava e que sabia caracterizar as camadas populares¹⁰⁷. Há desde um casal recém formado por adolescentes, como os da casa C11, com quinze e dezoito anos, até outros em que o casal está na faixa dos quarenta (C1, C10 e C12). Há casais com filhos pequenos (como os C2, C3, C7, C8 e C13) e num arranjo monoparental (C5), a filha com mais de trinta anos ainda mora com a mãe. Além disso, em muitas delas, há jovens na faixa dos doze anos aos vinte anos (C2, C3, C6, C9, C10, C11 e C14).

Entre as famílias com arranjos monoparentais, há as chefiadas por mulheres, como as das casas C4, C5, C6 e C9, ou por homem (C11). Isso pode ocorrer porque a pessoa é viúva – caso da mãe C5 – ou porque os casais estão separados, como nas famílias das casas C4, C9 e C11 (neste caso, o pai é viúvo da Mãe C11 e separado da segunda esposa). No caso da casa C6, a mãe estava prestes a casar-se e mudar-se da favela. Há ainda a casa C14, onde dois irmãos moram juntos, sem o pai ou a mãe, apesar do pai morar na favela.

Também há heterogeneidade do ponto de vista da habitação, pois pude encontrar desde casas muito simples, de quase um cômodo, como as casas C4 e C14, até outras tão espaçosas quanto as casas dos segmentos médios como a casa C1; também encontrei casas conjugadas (C2 e C3), casa com quatro quartos, como a C10, e outra em que só o terraço tem quase cinquenta metros quadrados como a C11. Há também aquelas cuja divisão é muito comum no Brasil (dois quartos, sala, cozinha e banheiro), como as casas C2, C3, C12, C5 e C9. Ou ainda os apartamentos em conjuntos habitacionais (C7 e C8).

Do ponto de vista da inserção no mundo do trabalho foi verificado que um número muito grande de homens e mulheres possuem emprego com carteira assinada e constituem a

¹⁰⁷ A heterogeneidade não existe apenas nas camadas populares; ela marca todos os segmentos da população. Num país de dimensões continentais e grande população, como o Brasil, é de se esperar encontrar heterogeneidade de ideias, valores e estilos de vida.

quase totalidade dos chefes e cônjuges das casas. Destacarei apenas os que não possuem vínculo empregatício e os que estão desempregados. Desempregado, hoje, apenas o Pai C7, que era lixeiro e foi mandado embora na época em que eu o conheci, e a Mãe C5, que deixou o trabalho de faxineira por motivo de saúde. Trabalhando, mas sem vínculo formal, estão as mães C9 e C12 que são empregadas domésticas. O Pai C1 tem um comércio, é dono de um bar, e os demais estão empregados. Dentre eles, há desde pessoas que só fizeram até a primeira série do fundamental, como o Pai C12, até outros, como a Mãe C1, que é formada em pedagogia.

Com essa heterogeneidade, é possível dizer que as trajetórias são tão individuais que uma não ajuda a compreender a outra? Será que cada família deve ser olhada de forma fechada como um todo? A resposta é não para as duas questões. A heterogeneidade de condições de vida, que se reflete numa gama muito grande de tipos de residência, arranjos familiares, idades, momentos de vida, rendimentos mensais e escolaridade é parte das figurações.

Apesar dos governos construírem conjuntos habitacionais, além destes não serem construídos em escala suficiente para atender a demanda da população – o que contribui para aumentar o déficit habitacional¹⁰⁸ – eles ainda têm uma taxa de evasão muito grande, seja porque parte das famílias não tem renda para pagar o que é pedido, seja porque os apartamentos são pequenos e não podem ser ampliados como as casas em que as pessoas moram. Outras razões que influem para a evasão dos conjuntos habitacionais podem estar

¹⁰⁸ Pude acompanhar de perto, em parte, a discussão sobre o déficit habitacional quando trabalhei para a Fundação Seade. Havia a discussão com outros institutos e fundações que fazem esse cálculo sobre o número exato de habitações necessárias para as famílias. O maior problema em relação ao cálculo do déficit não estava ligado a definição de família porque as definições entre os institutos eram muito parecidas. Mas o problema maior era com a metodologia de captação. Mas, como definir uma família? Do ponto de vista conceitual, não havia dúvidas para os centros de pesquisa: uma família é um grupo de pessoas que se relacionam entre si por meio de laços de parentesco, amizade ou consanguinidade. O problema maior estava na captação das famílias, ou seja, ao ir a campo verificar o que é encontrado sob essa definição geral. A mais importante discussão da Fundação Seade com outras instituições, como a fundação João Pinheiro, passava por uma forma de arranjo familiar muito comum no Brasil que é a de um casal com filhos, morando numa casa em que um desses filhos não tem um cônjuge, mas tem pelo menos um filho seu morando com ele e sua família. No entendimento da Fundação Seade, tratava-se de uma única, mas na captação da Fundação João Pinheiro, tratava-se de duas famílias: uma do casal com filhos e outra da filha do casal com sua própria prole. Em virtude dessa divergência de captação, para a Fundação Seade, tratava-se de contar uma; e, pela João Pinheiro, duas famílias. Essa diferença de interpretação gera números muito distintos sobre qual é o déficit de moradias real e quantas casas e dinheiro público são necessários para sanar o problema habitacional no Brasil. De qualquer forma, para esta pesquisa, o que é importante nessa discussão é entender que um contingente muito grande da população brasileira mora em condições inadequadas, do ponto de vista da salubridade. Muitas das residências não possuem ventilação ou iluminação adequadas e é comum a existência de pessoas com problemas respiratórios. Outras vezes, as casas não possuem água encanada, esgotamento sanitário adequado ou acesso à eletricidade. Há ainda as que estão situadas em áreas de risco, como locais que alagam, encostas de morros, ou próximas a aterros sanitários (quando não são construídas sobre antigos aterros), dentre outros problemas.

ligadas, por exemplo, com o não *querer*¹⁰⁹ arcar com esse tipo de custo. Essa atitude pode ocorrer pela possibilidade de serem feitas ligações clandestinas (de canais a cabo, da rede elétrica e de água, entre outras) na casa atual da família, muito menos possíveis num prédio, o que encarece o custo da mudança para o conjunto habitacional. Até mesmo a preferência por morar numa casa pode ser um dos motivos que ajuda a explicar a alta rotatividade de moradores dos conjuntos habitacionais.

Por isso, parcela significativa da população constrói sua casa, que se torna se não seu maior projeto, um dos mais significativos e de longo prazo¹¹⁰.

À exceção da casa C6, que se desenvolveu sobre a laje da mãe da Mãe C6, e das casas alugadas (C2, C3, C13 e C14) ou dos apartamentos no conjunto habitacional (C7 e C8), todas as demais surgiram de barracos: “Quando eu comprei isso aqui era tudo barraco de madeira” (Pai C11).

O barraco é a moradia de parte significativa da população urbana no Brasil. Ele se caracteriza pela insalubridade, pois muitas vezes não é servido de atendimento de água e esgoto, além de ter problemas na sua construção, entre outros fatores anteriormente discutidos. Junto com os cortiços é uma alternativa de moradia para a população das camadas populares. Barraco é a casa feita por algum outro material que não seja alvenaria. Usualmente, ele é feito de madeira. Ele pode transformar-se numa casa, tanto metaforicamente, no sentido de lar, quanto fisicamente, quando deixa de ser barraco e passa a ter paredes. Uma casa não é um barraco, mesmo aquela que tenha apenas um cômodo, desde que feita de alvenaria.

Entretanto, apesar da nomenclatura diferente, se entendermos por casa um espaço em que as pessoas moram, estabelecem vínculos e o sentimento de pertencimento, o barraco deve ser assim considerado. Isso depende da relação com o espaço de quem mora ali.

A casa provoca um sentimento aparentemente paradoxal na vida das famílias pertencentes às camadas populares: ao mesmo tempo, é fonte de *realização* e de *orgulho* – por materializar tudo o que se conseguiu conquistar – e fonte de *insatisfação*, pois é eterna construção a ser melhorada. Assim, as pessoas têm com ela relação contraditória e ambígua. Identidade e casa são construídas e reconstruídas o tempo todo. Ambas são construídas, não

¹⁰⁹ Dada a heterogeneidade existente, entre os segmentos populares, há desde as pessoas que não *podem* arcar com os custos da moradia num conjunto habitacional (na cidade de São Paulo, como há falta de terrenos, os conjuntos são praticamente todos constituídos por prédios e requerem certas contas divididas entre as famílias) e outras que não *querem*, seja por várias das razões acima citadas ou por não querer arcar com os custos. Infelizmente, discute-se demais o problema dos que não *podem*, sem dúvida nenhuma muito importante, mas é negligenciado o debate sobre o não *querer*, tão fundamental quanto o não poder, para diminuir as taxas de evasão.

¹¹⁰ A preocupação aqui não era a de fazer uma espécie de escala e ver onde a casa se situa, se ela é o maior ou único projeto das famílias, mas sim mostrar como é importante para as pessoas e por isso merece ser mais cuidadosamente estudada.

só mentalmente, pela relação que existe, mas também fisicamente, pelas práticas, reformas e reconstruções.

A casa é a materialização dos sonhos possíveis – aqueles que podem ser realizados, pois fazem parte de projetos. Nesse sentido, sua importância na vida das pessoas é tão grande que é difícil explicá-la adequadamente.

Pelas próprias condições dessa camada da população, acima explicadas, usualmente seus projetos envolvem a construção, o acabamento e a reforma constante das casas. As famílias que não tinham intenção de reformar ou remobiliar as suas eram as das casas C2, C3, C12 e C14. A casa C14 era instalação provisória dos irmãos até sair o apartamento nos prédios, e as casas C2 e C3 eram alugadas. A casa C12 ficou com mais espaço, depois da saída da filha para constituir a casa C13. Às vezes, esses projetos são capitaneados pelo pai, em outros casos pela mãe. Os filhos, quando não se casam ou vão morar em outro lugar, participam ativamente dos projetos familiares, com uma ajuda de custo. É assim que o Filho C9, de dezessete anos, sistematicamente tem comprado equipamentos para a casa, que proporcionam mais conforto e lazer para todos. Ele já comprou uma máquina de lavar roupa para a mãe, uma televisão, um computador para si, usado por toda a família (os irmãos utilizam-no muito mais do que ele, que tem dois empregos) e um videogame; além disso, participa de forma ativa das despesas da casa. Antes de ficar grávida e constituir casa própria, a Mãe C13, mal começou a trabalhar, comprou um armário novo de cozinha, para sua Mãe C12. Também as filhas C1, C5 e C10 ajudam nas despesas familiares.

A casa é a realização de uma vida junto com outros pontos a serem alcançados, como a aposentadoria. É o sonho que pode ser realizado. É por isso que o Pai C11, quando questionado sobre se tinha sonhos, respondeu:

Sim, penso. Meu sonho é...agora que graças a Deus, eu realizei um que era aposentar,. Agora, o meu sonho é comprar o meu cantinho, ir para lá para o meu cantinho. Um carrinho assim velho como o que eu tenho. Ir pescar, passear com os meus amigos. (Pai F11)

Ele quer sair de São Paulo e voltar para Minas Gerais, para ali poder passar a velhice com tranquilidade. Mesmo assim, ele tem projetos bem concretos para a sua casa em São Paulo, como o de pintar certas áreas que ainda faltam e reformar outras. Há então o sonho de voltar para Minas Gerais e ter o seu “cantinho”, mas há também uma série de ações pontuais em relação à casa atual, que demonstram que ela é parte de seu projeto. Isso mostra que a casa é eterno *sonho*, *projeto* e, ao mesmo tempo, eterna *construção*. Ela está presente tanto no plano das ideias (sonho), como nos das ações (projeto) e da materialização (construção).

Praticamente todas as famílias, desde as que estão em melhores condições financeiras, como as das casas C1 e C10, até as que estão em situação mais precária, como as das casas C4 e C5, estabelecem planos para a própria casa, que podem ser concretizados por meio de ações, por isso são projetos pontuais, e são parte de um projeto mais amplo de “viver bem”.

Na casa C1, o pai já construiu praticamente outra em cima da sua, com dois quartos, cozinha e banheiro e agora quer construir uma entrada independente para esse espaço. Sua filha está noiva, mas nem para ele e nem para ela está claro que a casa nova ficará para ela. Ele está tentado alugar a casa de cima e assim conseguir mais uma fonte de renda para a família quando ele e a mulher se aposentarem. No caso da C10, o pai também tem muito planos para ela: com a saída do filho para morar na casa C11, o quarto do rapaz está desocupado e, em breve, esse e o da irmã, que vai se casar, servirão como espaço para a irmã mais nova ter seu próprio salão de beleza. Para isso, o pai C10 pensa em construir uma saída dos dois quartos para a rua, de maneira que sua filha, que está terminando o curso de cabeleireira, possa receber as clientes num salão independente.

Conforme destacado anteriormente no início do capítulo, a família da casa C5, por problemas com as chuvas, recentemente foi obrigada a reforçar a estrutura que não tinha pilares e a fazer uma laje sobre toda a casa. Agora, mãe e filha têm planos de aumentá-la, quando se desfizerem das dívidas com a laje. Enquanto isso, sua sala tem um buraco no teto, para a escada que foi feita, e que vai dar na laje. Como por enquanto só a laje existe, à noite e quando chove, o buraco é fechado com tábuas de madeira e pedaços de telhas para que a casa não seja inundada. De qualquer forma, a laje já está sendo aproveitada pela família como local para estender roupa. Como já foi dito, para construí-la, a mãe, que agora está desempregada por problemas de saúde, contou não só com o dinheiro da filha que mora com ela (que não pôde ajudar muito uma vez que está fazendo faculdade), mas também com o apoio financeiro das outras: a Mãe F4 e a outra que não participou da pesquisa.

As famílias das casas C7 e C8, que moram nos prédios há poucos meses, também têm planos para as suas casas que, em sua maioria, estão voltados para o quarto dos filhos, o que será discutido nos próximos itens.

5.4 Os objetos e a casa

Os objetos são reveladores das relações sociais. É muito comum as pessoas afirmarem que a decoração de suas casas foi feita só para *si*, como se quem decora não pensasse num *outro* ao decorar. Esse é o discurso do senso comum. Contudo, para entender as casas, é

necessário ir além desses discursos. É preciso compreender que a decoração também é feita para o *outro*, para *comunicar* algo de si para os outros e como elemento da *construção* do si. Ou seja, ela é feita ao mesmo tempo para *si mesmo* e para o *outro*. Pois, conforme discutido anteriormente, não há construção de si sem o outro. A casa auxilia as famílias na elaboração de sua identidade, e por isso comunica algo sobre suas intenções, conscientes ou inconscientes, para aqueles que a frequentam, para a teia de pessoas que faz parte daquela figuração e que ali pode entrar.

Para começar a compreender melhor isso, é preciso entender que um objeto nunca é nada por definição. Ou seja, não se deve pressupor que uma estátua seja um objeto decorativo, ou que um prato seja para comer, ou que um *tupperware* seja um recipiente para guardar coisas. Muito menos que todos esses objetos sempre sejam mercadorias, porque não é o que acontece. A mercadoria é essencialmente intercambiável e um objeto que nasceu como mercadoria pode perder esse sentido se deixar de ser algo que possa ser trocado, seja porque se tornou valiosa demais, ou porque não tem mais valor algum (KOPYTOFF, 2008, p.102). Da mesma forma, uma estátua pode virar só objeto e não ter uma função decorativa, dependendo do local da casa em que é exposta, conforme já mostrei em pesquisa anterior sobre os segmentos médios (Cf. SCHRIJNEMAEKERES, 2003). Apesar de feita essencialmente para a decoração, ela só se torna decorativa, se for colocada onde possa ser vista pelos de fora, ou seja, aqueles que não moram ali, sejam eles *visitas* ou *de casa*. Isso ocorre porque decorar é tanto uma forma de buscar um olhar do outro como também comunicar algo de si para o outro, como elemento na construção si.

Para compreender isso é preciso ter em mente que o lugar onde um objeto é colocado dirá se ele é ou não parte da decoração. Se for colocado num cômodo que só os membros da casa podem observar ele deixa de ter sua função decorativa e se transformou num objeto qualquer ainda que apreciado pela família. O processo inverso também pode ocorrer e nos ajuda a explicar melhor o que se quer dizer. Um objeto aparentemente banal como um prato, se considerado muito bonito, pode deixar de ser somente uma louça do dia-a-dia e tornar-se quase um quadro, quando é exposto na parede e assume um papel decorativo. Ou um *tupperware* pode deixar de ser um recipiente para *guardar* alimentos e tornar-se recipiente para *servir* alimentos, ao assumir a função de prato – fato que ocorre na casa C11 em que o Pai C11 não gosta de comer sobre pratos, mas sim com esse objeto. A função de um objeto não está dada no momento de sua produção, as pessoas criativamente fazem uso deles e isso muitas vezes pode não ter nada a ver com as intenções de quem o criou. O momento da utilização, assim como o da venda ou compra, é só um dentre outros possíveis na trajetória de

um objeto (KOPYTOFF, 2008). Por isso, ele deve ser entendido no contexto de sua utilização.

No início do século vinte, artistas compreenderam isso muito bem, razão pela qual Marcel Duchamp pôde dizer que um urinol era um objeto artístico (Fig. 127), como forma de expressar que arte é aquilo que é nomeado e reconhecido como tal, seja lá qual objeto for.

Fig. 127: Urinol de Marcel Duchamp.

Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://farm4.static.flickr.com/3055/2963060946_d0580119ac_z.jpg&3Fzz%3D1&imgrefurl=http://www.flickr.com/photos/7354280%40N04/2963060946/&usq=EdgKWHM2zh5L7nc3V6BDpJhvMM=&h=640&w=542&sz=104&hl=ptBR&start=0&zoom=1&tbnid=SAb722icwucYpM:&tbnh=120&tbnw=120&e_i=h_BoTeUgiMuBB_WN6coK&prev=/images%3Fq%3Da%2Bfonte%2Bduchamp%26um%3D1%26hl%3DptBR%26sa%3DX%26rlz%3D1W1SUNC_ptBR%26biw%3D1003%26bih%3D516%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1&iact=hc&vpx=548&vpy=177&dur=1859&hovh=244&hovw=207&tx=136&ty=135&oei=XvBoTZmPEMP38Ab7-5CmCw&page=1&ndsp=19&ved=1t:429,r:10,s:0

Todavia, raros sociólogos tratam os objetos de uso cotidiano com o mesmo respeito com que observam aqueles outros ditos artísticos. Muitos foram os livros produzidos na área de Sociologia do consumo que entenderam as pessoas apenas como meros consumidores alienados, vítimas do mundo capitalista. Contudo, nos últimos vinte cinco anos, há autores de diversas áreas que têm procurado ter outra postura em relação ao que é produzido em massa (Cf. MILLER, 2001b, 2010a, 2010b, APPADURAI, 2008; KOPYTOFF, 2008; BOURDIEU, 2007; DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006: entre outros). Há estudos que compreendem os objetos como mecanismos por meio dos quais as pessoas fixam de forma consciente ou inconsciente fronteiras (SEGALEN e LE WITA, 1993, p.17). A privatização do espaço está acompanhada de forte individualização dos habitantes e isso é parte de um entrelaçamento dos projetos individuais dos moradores e de um ou mais projetos coletivos. Logo, entender a *criação familiar* (entendida como a construção criativa de suas relações no espaço da casa, por meio dos produtos e objetos que são comprados) é recusar a visão segundo a qual o objeto

comprado é inteiramente determinado pelo fabricante e suas intenções¹¹¹ (Cf. SEGALEM E LE WITA, 1993). Na verdade, os moradores das casas estabelecem criativamente diferentes apreensões dos mesmos objetos.

Este trabalho insere-se nessa linha de pesquisa. As casas das camadas populares, mais do que ter uma decoração elas são, acima de tudo e literalmente, construções. Pois mais do que comprar ou ganhar objetos e usá-los como enfeites que comunicam para os outros algo sobre si, as suas casas estão sempre em construção, são permanentemente inacabadas. Nesse sentido são muito diferentes daquelas encontradas em países europeus, onde membros das chamadas classes trabalhadoras têm não só a própria casa como também uma pequena casa de verão “*summer cottage*” (LAHELMA & GORDON, 2003) e mesmo das casas dos segmentos médios que, no máximo, constroem um cômodo ou uma edícula numa construção que já existe. Essa permanente construção significa que os objetos não são importantes, ou que eles não dizem nada sobre as pessoas que ali moram? Dificilmente é possível observar em suas casas grandes elementos decorativos, além de móveis e eletrodomésticos, como a televisão ou o computador. Quase não há grandes objetos ganhos de presente, como um vaso, uma escultura ou qualquer outra peça de decoração. Aliás, eles mesmos afirmam que não costumam ganhar muitos presentes:

É muito difícil a gente ganhar alguma coisa. Quando ganha, a gente deixa aqui, a gente não dá para ninguém não. (Pai C1)

Para bem dizer a verdade. É muita pouca gente que dá presente para alguém, né. A única coisa que eu ganhei *mesmo* de presente, para falar bem a verdade, a não ser bijuterias, foi essa televisão e esse jogo de mesa que eu adoro!! Não é em qualquer lugar que você vai entrar e vai ver esse jogo de mesa, concorda? (Pai C11)

Nesse sentido, a fala do Pai C11 é muito significativa. O que são essas “bijuterias”? Em outro momento de sua fala, ele afirmou que já ganhou vários presentes de sua mãe, “Eu tenho aqui muita coisa que a minha mãe me deu: eu tenho jogo de panela, fogão, jogo de cama”. Por que o *jogo de panela*, o *fogão* (que é caro) ou o *jogo de cama* são “bijuterias”, mas a *televisão* e o *jogo de três mesas* de sala de madeira maciça que ganhou do patrão não são? Será uma questão de valor monetário? O presente é caro e a bijuteria barata? A bijuteria, é um tipo de enfeite barato, entretanto, o fogão é caro e também foi visto como “bijuteria”.

¹¹¹ Sobre a questão da relação dos habitantes da casa com os bens produzidos em massa há a tese de doutorado de Sophie Chevalier. *Ethnologie d'une vraie-fausse banalité: l'Aménagement et le décor intérieur dans un milieu populaire urbain*, defendida na Université de Paris X-Nanterre, em 1992 e analisada por Martine Segalen como um exemplo de estudo que mostra como as pessoas se apropriam dos bens produzidos em massa de forma única por meio das estratégias de decoração dos casais em seu livro sobre Sociologia da Família (CHEVALIER, 1992 apud SEGALEN, 1999)

Pois aí “bijuteria”, significa menos enfeite, mas mais algo que pode ser substituído e que paradoxalmente não enfeita. *Fogão, jogo de panelas e roupa de cama*, para ele são apenas objetos de uso cotidiano e não enfeites. Nesse sentido são “bijuterias”, porque não são importantes, ao menos não para enfeitar. Já a gigantesca televisão e o jogo de mesa (Fig.74), são presentes “de verdade” porque são enfeites. Por isso ele não tem não uma, mas duas (Fig.73 e 74) televisões na sala. Ambas estão ligadas à eletricidade e são objetos de uso cotidiano, mas ambas também são enfeites. O tamanho extraordinário de uma das televisões (em relação ao tamanho do cômodo) chama a atenção na sala, assim como as mesas maciças.

Em casas onde os móveis que compõem o mobiliário são feitos de folhas de compensado encontrar uma que tenha um mesa de madeira maciça é algo incomum. Logo, a importância delas é significativa para o Pai C11.

Fig.74: Televisão da sala

Fig. 73: Vista da estante da sala.

Por outro lado, do ponto de vista analítico, essas “bijuterias” aparentemente sem valor são muito importantes na compreensão das pessoas, de suas relações e do processo de construção das identidades. O fato de a mãe do pai C11 dar-lhe presentes mostra que, mesmo morando tão longe, ainda hoje eles mantêm estreitos laços entre si, da mesma forma que os presentes que ganhou do ex-patrão são importantíssimos, não só porque são caros, ou porque enfeitam, mas também porque foi esse patrão que o ajudou no momento mais difícil de sua vida, quando sua esposa morreu e ele ficou com a filha de oito meses para criar. Lembremos que durante anos, ele levou sua filha a essa casa e a babá das crianças cuidava também dela. Até hoje esse ex-patrão paga o convênio médico da filha, que hoje está com quinze anos.

A partir disso, é possível avaliar a importância que aquelas mesas e a televisão dada pelo patrão têm para esse pai. Ao mesmo tempo em que mostram sua relação positiva com um antigo patrão, também mostram que ele foi um pai zeloso com a filha. Numa situação como essa, ele poderia ter deixado a menina com parentes, o que é muito comum nos círculos populares (Cf. FONSECA, 2000).

De acordo ainda com seu relato, sua preocupação com o bem estar da nenê era tão grande, que ficou mais de cinco anos sem ter relações sexuais. Sua vida era o trabalho e a filha.

O exemplo acima nos mostra como os significados dos objetos podem ser lidos. Também Anu Kannike (2002), no contexto estoniano, compreende a decoração doméstica como processo de criação de significados que podem ser lidos, pois sua principal função é a interpretação. A questão da hierarquia dos objetos é vista como extremamente importante. Kannike é mais um autor que procura relativizar a homogeneização atribuída, muitas vezes, ao consumo de massa. Ele propõe a compreensão das estratégias usadas pelas pessoas para criar e preservar sua individualidade na moderna sociedade. Ou seja, mais do que compreender o consumo como homogeneização, adota a postura proposta por Miller (2007) de vê-lo na sua *positividade*. Para ele, há uma hierarquia entre os objetos. Por isso, centra sua análise nos chamados *objetos especiais*. Em sua pesquisa, perguntou às pessoas entrevistadas se possuíam objetos especiais, quais eram e por que adquiriram esse significado. Pôde verificar, a partir disso, que há diferenças de gênero e idade no uso e na semântica dos objetos domésticos. Jovens informantes, com menos de 35 anos e com alto grau de escolaridade, consideram especiais objetos relacionados à família e à história da família, em primeiro lugar. Ele verificou que o mesmo ocorre entre os jovens que possuem apenas o ensino médio, mas uma parcela significativa deles respondeu que não possui nada de especial em casa. De qualquer forma, em comparação com a pesquisa empreendida nos Estados Unidos por Mihalyi Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Halton (1981), ele pôde verificar que os jovens estonianos, independentemente de sua escolaridade, preferem os objetos que ativem a continuidade com os laços familiares e as antigas gerações, ao passo que os jovens norte-americanos preferem sempre um objeto que traga prazer pessoal sem estar relacionado com a memória ou a história da família.

O que isso pode interessar num estudo sobre as camadas populares no Brasil?

Na verdade, estudos comparativos como esse empreendido por Kannike apontam a necessidade de verificar a especificidade local e mostram-nos que os significados atribuídos aos objetos da casa, bem como a relação que as pessoas estabelecem com eles, mudam não só

de acordo com a idade ou o sexo dos entrevistados, mas também de acordo com o contexto no qual estão inseridos, como ocorreu em nossa análise dos objetos do pai C11.

No contexto francês, há a análise comparativa dos processos de apropriação dos objetos produzidos em série, nas casas das camadas médias inferiores das periferias das cidades de Londres e Paris, para mostrar como eles expressam identidades coletivas e individuais. (CHEVALIER, 2000) A autora centrou sua análise na sala de estar. Ela observou que, em cada país, existe uma base comum, em termos de mobiliário, mas que há diferenças entre aqueles que são considerados essenciais e necessários para os indivíduos franceses e ingleses, o que mostra que é preciso olhar com cuidado o tema da globalização cultural e da massificação. Ela verificou que os objetos que participam da decoração materializam diferentes dimensões da identidade e que, por isso, toda decoração pode ser compreendida como uma articulação entre o individual e o coletivo, uma vez que a identidade sempre se estabelece numa relação entre indivíduo e coletividade. (Ibidem, p.121) Além disso, Chevalier faz interessante análise das diferenças simbólicas entre os objetos comprados e os herdados ou ganhos. Os franceses valorizam seu grupo de pertencimento, sua linhagem e seu lugar de origem, ao passo que os ingleses dão mais importância ao casal. A casa inglesa mostra “para onde nós vamos” e a francesa “de onde nós viemos”. Ela pôde perceber que os informantes usam objetos em série, mas que isso não faz com que se desfaçam as diferenças culturais na relação com esses objetos. Nas casas inglesas, a diferenciação sexual de papéis, a continuidade de uma linhagem familiar e as origens geográficas exprimem-se menos pela cultura material do que nas residências francesas. Para os ingleses, as primeiras materializações do casal e seus laços com a residência são mais importantes. Chevalier destaca que mais importante do que a constatação de que existem diferenças entre ingleses e franceses, é a de que considerações econômicas sobre a uniformização do capitalismo não definem completamente as dimensões culturais e sociais das práticas de consumo.

Esse ponto é importante para a presente investigação, pois as casas populares também estão repletas de objetos produzidos em série, que, teoricamente, ou à primeira vista, parecem não ter nada de especial. Não são caros ou feitos de material nobre. Entretanto, isso não os torna iguais. É a combinação de móveis e objetos e das relações que os moradores têm com eles que torna cada casa única e expressão da organização e das relações que ali se dão.

Ao iniciar as entrevistas e visitas, pude verificar, inicialmente, que eram poucos os objetos decorativos comprados ou ganhos. Todavia, com o passar das entrevistas, pequenos objetos começaram a chamar a minha atenção – eram as chamadas “bijuterias” pelo Pai C11, ou seja, pequenos objetos sem importância aparente, como os imãs e as pequenas estatuetas

que vemos, aos montes, sendo vendidas nas lojas populares da rua vinte e cinco de março (maior rua de comércio popular do Brasil) e nas famosas lojas que existem em São Paulo conhecidas pelo nome de “loja de um e noventa e nove”, que afirmavam vender produtos que custassem no máximo R\$1,99¹¹².

Fig1: Detalhe da Geladeira C1.

Fig34: Detalhe lateral da geladeira C4

Fig: 128: Geladeira C10

Fig 82.: Quadro de fotos no quarto da jovem C11.

Reiteradamente, pude verificar que os ímãs não serviam só para guardar o endereço de algum serviço de *delivery*, mas também como marcadores das relações sociais mais amplas das pessoas. Conforme pode ser observado por meio das fotos (Fig. 1, 34, 82, 128, 129, 130), além dos ímãs que podem ser encontrados em qualquer casa com propagandas ou o telefone de estabelecimentos, há também vários outros que são *lembranças* de festas de aniversário ou de batizados frequentados pela família. E eles não apareciam apenas em uma casa, mas em várias.

¹¹² Hoje, essas lojas não têm mais quase produtos nesse valor, mas elas se firmaram como estabelecimentos comerciais onde é possível encontrar desde *tupperwares* até brinquedos infantis, ferramentas, vasos, cachepôs, sementes e outras utilidades, como cadernos e canetinhas, ou até material de limpeza doméstica, por um valor acessível aos bolsos mais vazios.

Fig.129: Detalhe do quadro do quarto da Jovem C11.

Fig. 130: Detalhe da geladeira C12.

Alguns representam *objetos de uso cotidiano, animais ou crianças*, como o pequeno ímã na lateral da geladeira da mãe C4 (Fig34) que se parece com um leque, ou alguns que estão na geladeira C1 (Fig.1) e que representam uma roupa de nenê, um nenê e um gatinho. No quarto da filha C11 (Fig 82 e 130) há um quadro com fotos e ímãs que ela ganhou como um que representa uma tábua de madeira com um pão e um queijo ou outro mais acima que representa a imagem de um bebê de fraldas dormindo.

Outros são pequenos cartões magnéticos com a foto do aniversariante ou do bebê que nasceu (Fig. 131). Só na geladeira da Mãe C12 (Fig.131) foi possível contar dezessete ímãs diferentes (pois alguns estão repetidos) com representações ou figuras que marcam algum evento em que ela participou. Todos foram ganhos por ocasião de algum evento

comemorativo. É interessante verificar que em alguns casos é possível até acompanhar as festas que foram dadas, pois as pessoas não guardam um objeto de cada pessoa que conhecem, mas sim, quantos forem ganhos. É por isso que na geladeira da Mãe C4 (Fig. 34) é possível ler o nome de uma mesma jovem em mais de um imã. Praticamente todos os imãs têm marcadores de gênero muito acentuados: invariavelmente os do gênero feminino são cor de rosa e os masculinos são azuis. Da mesma forma há uma marcação de gênero também nos objetos representativos: o leque, a nenê, a gatinha e a roupinha cor de rosa, só para citar alguns, são de meninas. E a pipa, o carrinho, a figura de um menino, são convites e lembranças de rapazes.

Todos são lembranças. Lembrança é um substantivo que tanto pode denotar um pensamento, uma *ideia*, como por exemplo o ato de lembrar, como também um *objeto*. Nos casamentos, aniversários, batizados e outras festas as pessoas costumam ganhar lembranças (Cf. SCHRIJNEMAEKERS, 2002).

No caso dos segmentos populares, suas geladeiras são muitas vezes depositárias da rede de relações da família e das lembranças dessas redes, expressas nos imãs. É possível notar ainda que, na sua maioria, esses imãs de lembranças têm a imagem do rosto do homenageado. Por isso, pode-se dizer que as geladeiras funcionam quase como se fossem álbuns de família, mas, enquanto os álbuns se encontram entre os objetos *não expostos*, os imãs podem *ser vistos*. Eles são o que chamarei aqui de *álbuns públicos*. O álbum se caracteriza por reunir as imagens de uma pessoa ou de uma coletividade. No caso das camadas populares além dos álbuns que guardam em armários ou gavetas, eles também possuem álbuns públicos. Suas memórias e lembranças são públicas e construídas publicamente por meio da exposição desses objetos. Dificilmente será encontrada numa casa de camada média uma lembrança deste tipo grudada na geladeira. Isso não quer dizer que os membros dos segmentos médios não ganhem lembranças de nascimento ou de festinhas de criança, porque ganham. A questão é que essas lembranças são quase sempre *guardadas* ao passo que nos segmentos populares elas estão *expostas*. Se num caso é possível dizer que elas são privadas pois poucos sabem onde estão guardadas e só quem a ganhou costuma ter acesso a ela. No caso das camadas populares elas são públicas, pois estão expostas aos olhares de qualquer um que ali entrar. Ou seja, fazem parte do rol de objetos que a família usa para comunicar-se também com as pessoas de fora da casa. Eles são a prova pública dos laços de amizade e de parentesco entre as pessoas. Qualquer um que entrar na cozinha e que conhecer quem são os retratados, pode verificar os laços de amizade e parentesco que marcam as pessoas daquela casa. Eles não são símbolo de *status* ou de popularidade, apenas ajudam a

marcar *relações*. Na favela marcar relações é algo muito importante e os imãs funcionam como uma forma de saber quem são seus amigos e, por conseguinte, para os entendidos saberem no que eles estão ou não envolvidos. Se quiséssemos reconstruir o círculo de relações de várias das famílias das casas pesquisadas, um caminho interessante seria pela análise dos imãs que eles possuem. Além dos imãs de geladeira, as pequenas estátuas, também são relevantes, pois poucas são aquelas que as mães compram; na sua maior parte, são presentes ganhos em diferentes ocasiões.

Mais do que *presentes*, essas pessoas ganham *lembranças* de parentes ou amigos por conta de ocasiões especiais. Ou talvez seria correto dizer que seus presentes são suas lembranças.

A Mãe e Filha C1 guardam na sala a foto impressa num prato, de um menino, que ficou aos cuidados da mãe no centro educativo em que ela trabalha, e que hoje está na Itália (Fig132). Mas analisemos com mais cuidado os objetos que estão neste nicho de um dos móveis da sala.

Fig 131: Detalhe de móvel na sala C1.

A figura 131 ainda nos deixa antever dois saquinhos com potinhos que, com certeza, foram presente de um evento. É possível ainda dizer mais: pela cor da tampa do saquinho e pelo laço que o fecha, ambos na cor azul, sabemos que se trata de uma lembrança de um menino. Há ainda uma estátua de Nossa Senhora Aparecida e mais cinco imagens: uma foto ainda sem moldura, uma outra numa caixa cor de rosa, a imagem do menino no prato verde, uma foto grande com moldura e outra que nos só podemos ver um pedaço da pequena moldura amarela. Todos os objetos da foto são lembranças independentemente de serem ou não recordações de ocasiões festivas, todos são lembranças. Os potinhos de plástico, o prato, a caixa rosa, as fotos e mesmo a imagem de Nossa Senhora Aparecida são *lembranças*. A

estátua de Nossa Senhora é um presente que foi dada pelo marido numa viagem à cidade de Aparecida; o prato, é uma lembrança do menino que se foi; os potinhos, de um acontecimento, assim como as fotos. Ou seja, quase tudo o que se vê são lembranças. Eles possuem sempre muitas *lembranças*, *que têm a tripla função de enfeitar, comunicar e auxiliar na construção* de si.

O único quadro que há enfeitando a sala da Mãe C2 (Fig.14), também é uma lembrança, de certa forma, pois foi o presente de casamento que ela recebeu da Mãe C3. Na casa C10, há fotos e objetos ganhos de parentes por ocasião da visita da Mãe C10 aos parentes que moram em Alagoas (também são lembranças). Na casa C8, eles têm sobre a estante um trabalho de palitos de fósforo representando o time de futebol favorito do Pai C8, feito pelo tio enquanto este estava preso (com a separação do casal o Pai C8 ficou com o enfeite e o usa hoje na atual moradia como pude verificar). Mais do que uma lembrança da prisão do tio, o delicado trabalho, que parece ter demorado muito tempo para ser feito, é uma lembrança de amor do Pai C8 pelo seu time e do carinho do tio por ele. Na casa C1, há ainda os imãs de lembranças na geladeira (Fig 1), assim como também os encontramos nas casas C10 (Fig. 128) e C12 (Fig. 130). Na casa C11, muitos dos enfeites são lembranças da segunda mulher do Pai C11 (Fig 75), mas há também os enfeites que ele comprou ou ganhou e os objetos da filha.

Apesar desta pesquisa focar sua análise sobre os objetos *expostos*¹¹³, pois o escopo do estudo se fixa sobre como a casa é utilizada na construção da identidade, com foco na relação entre moradores e as pessoas de fora, eles não são os únicos objetos relevantes na constituição das relações sociais de uma residência. As pessoas também possuem objetos que não querem expor aos olhos dos outros habitantes ou das eventuais visitas, e que podem ser importantíssimos para aqueles que os guardam. Há toda uma sorte de objetos que não são expostos, mas que também podem constituir importante chave interpretativa para as relações sociais¹¹⁴. Esses objetos não expostos podem ser divididos em duas categorias: os *objetos secretos* e os *objetos guardados*. Os *objetos secretos* são aqueles de conhecimento de apenas umas poucas pessoas da casa ou, muitas vezes, completamente desconhecidos dos demais.

¹¹³ Eclea Bosi (2003, p.25-7) estabelece outra divisão entre os objetos e os divide em *biográficos* e de *status*. Ambos a ajudam a refletir sobre a questão da lembrança: os primeiros são vistos como insubstituíveis (envelhecem com a pessoa e lhe dão a sensação de continuidade) e os segundos (não se enraízam nos interiores pois são objetos que a moda valoriza, por isso têm garantia de um ano, logo se deterioram) podem ser substituídos. Apesar de acreditar que há objetos que podem ser insubstituíveis e outros que denotam status, não acredito como ela que eles são categorias excludentes “o objeto ou é biográfico, ou é signo de status” (2003, p.28). Um objeto de status pode ser visto como insubstituível e o objeto biográfico pode ser substituído por outro, pois as pessoas podem ter diferentes objetos que as acompanhem ao longo da vida.

¹¹⁴ Os objetos não expostos poderão ser pesquisados num estudo futuro.

Eles são cuidadosamente guardados e sua posse não é alardeada. Muitas vezes são representados por fotos, cartas e até roupas, guardadas por razões que os outros desconhecem. Na verdade, não é raro que os outros membros da casa nem saibam nada sobre sua existência e, muito menos, qual é o seu significado para o dono, como por exemplo, cartas, correntes, anéis, uma flor seca, etc. Podem ser lembranças de um casamento que acabou, de um ente querido que morreu, de um momento especial na vida, um amor que se foi, etc. Estão impregnados de sentimentos e emoções. Eles são a *expressão material* de parte da memória, por isso são chamados também de *lembranças*. Muitos dos objetos guardados também podem ser *lembranças*, entretanto, não tão íntimas quanto aquelas suscitadas pelos objetos *secrets*. Já os *objetos guardados* são de cunho público, ou seja, os membros da família sabem que eles existem e podem eventualmente tocá-los e trazê-los a público, como por exemplo, os álbuns de família. Todo objeto *secreto* é guardado, mas ele não é guardado por todos os moradores, mas por um ou poucos de seus membros. Já o objeto *guardado* pode ser protegido por todos. A memória não é apenas um fenômeno individual, mas também coletivo (HALBWACHS, 1990; POLLAK, 1992) e muitos dos objetos guardados ajudam nessa construção. Ambos os tipos (guardado e secreto) *não são expostos* aos olhares de quem entra num cômodo.

Entretanto, nem tudo o que se guarda é especial e nem tudo o que se guarda permanece lembrança; como os significados dos objetos não são fechados e absolutos, um objeto guardado para a maioria, pode ser um objeto secreto para uma ou mais pessoas, na medida em que ele pode ter significado oculto aos demais. A partir da idéia de que nem tudo o que é guardado permanece na lembrança, é possível ainda pensar numa terceira categoria analítica entre os objetos não expostos que é a dos *objetos esquecidos*. São aqueles que já foram guardados ou especiais, mas que, com o passar do tempo, perderam sua importância. Investigar a trajetória desses objetos para as pessoas e procurar reconstituir a partir da memória delas como deixam de ser especiais e ou secrets, passando a ser apenas esquecidos, pode ser uma chave interessante para compreender pessoas, sua relação com o passado e como elas se constroem por meio dos objetos e das lembranças. O *objeto esquecido* é aquele que pode vir a ser jogado fora, pois já não tem significado para as pessoas e as razões para guardá-lo foram esquecidas ou não são mais relevantes e ele pode ser jogado no lixo. Isso ocorre, por exemplo, quando um objeto ou não suscita mais lembranças ou não suscita mais sentimentos e aí a pessoa o observa apenas como ele é: um par de óculos velho e antiquado, uma caderneta de notas escolares que não fazem mais sentido, um livro velho e muito manuseado, entre outros. Entretanto, os objetos esquecidos são tão reveladores como os

outros acima destacados. Eles podem virar lixo¹¹⁵, mas também são uma chave de compreensão da realidade.

De qualquer forma, os objetos de uma casa podem ser um caminho interessante para a compreensão das relações que ali se dão e de como as pessoas constroem suas identidades a partir deles. Não há, contudo, objetos que sejam sempre importantes, independentemente da casa em que estão. A importância ou não de um objeto seja para uma família ou para uma pessoa varia de casa para casa e numa mesma casa ao longo do tempo. No caso de uma casa habitada por uma família, as relações de poder podem ocorrer de forma diferente enquanto os filhos forem crianças. Mas, à medida que o tempo passa, é cada vez mais provável que sintam necessidade de negociar com os pais a apreensão do espaço da casa, ou seja, como esse espaço é preenchido, dotado de significados e organizado por regras. Nesse sentido, a casa deve ser entendida como um lugar de negociações que podem ou não ser tensas. Isso vai depender de cada dinâmica familiar.

Muitos autores, no início das discussões feministas, apontavam a casa como lugar de repressão e falta de liberdade. Contudo, décadas depois desses questionamentos e após uma mudança significativa nas relações de poder nas famílias, mais do que lugar da repressão, as casas passaram a ser cada vez mais palco de *negociações*. Antes, as relações de poder pendiam de forma muito forte para o lado dos pais e a abertura para diálogos e negociações era muito pequena. Hoje, contudo, a negociação se faz cada vez mais presente e ela pode ser entendida também por meio da percepção de como o espaço é preenchido com móveis e outros objetos, e pela maneira como as interações se dão. Uma vez que a casa é preenchida com objetos, estes, de uma certa forma, se impõe aos moradores e visitas, pois podem tanto

¹¹⁵ Lixo é todo material que as pessoas não querem mais e podem jogar fora. Documentários como *Ilha das Flores*, *Lixo Extraordinário* e *Estamira* podem auxiliar a presente reflexão, pois mostram como o aterro sanitário, que poderia ser o cemitério dos objetos, na verdade, pode servir como lugar para a sua renovação. *Ilha das Flores* foi um documentário preocupado em fazer a crítica do capitalismo, do desperdício e denunciar o fato de que existiam pessoas vivendo do lixo. Para isso, refletia tanto sobre o que é o dinheiro, como mostrava toda a trajetória de um tomate, desde sua produção por um agricultor, passando pelos sucessivos momentos de venda, até que uma dona de casa que o havia comprado achava que ele estava estragado e jogava-o fora. A trajetória do tomate seguia até o aterro sanitário e descobria-se que ele ia ser consumido pelas pessoas que viviam do lixo. Em *Estamira*, é contada a história da senhora de mesmo nome, que vive do lixo e usa aquilo que os outros não querem mais (como um pote de palmito, por exemplo) para a sua sobrevivência cotidiana. E, em *Lixo Extraordinário*, é possível observar não só o processo de criação do artista plástico Vik Muniz, que usa o lixo para produzir belíssimas fotografias, mas também como os catadores vivem daquilo que as outras pessoas não querem mais. Assim como em *Estamira* essas pessoas ganham voz e suas histórias são contadas.

Logo, o lixo pode ser ao mesmo tempo *morte* e *renovação*, na medida em que ele pode não servir mais a algumas pessoas, mas alguém pode recolhê-lo e passar a usá-lo dando novos significados para os mesmos objetos. Em *Lixo Extraordinário* os catadores se autodenominam catadores ou coletores de material reciclado e não de lixo, pois o lixo é aquilo que não serve mais e o material reciclado será reutilizado de alguma forma.

estimular como desestimular certas interações. Ou seja, o espaço também influencia os indivíduos.

Se, enquanto crianças pequenas, a margem de poder pode pender para o lado dos pais, à medida que os filhos constroem sua individualidade e identidade, as negociações são inevitáveis e os conflitos podem ocorrer. As negociações podem tanto ocorrer com um filho que aceita o projeto estabelecido e quer tomar parte ativa nele emitindo sua opinião (como é o caso da Filha C5, que discutiu com a Mãe a decoração da casa depois da reforma), como pode ocorrer a não convergência de projetos, podendo levar à saída da pessoa de casa (caso do filho mais velho da casa C3, que apesar de ter uma cama naquela casa, claramente não faz parte do projeto atual da mãe).

Conforme dito anteriormente, a Filha C5 já tem mais de trinta anos e sua relação com a mãe que é viúva se alterou por uma série de razões. A primeira delas tem a ver com a morte do segundo marido da mãe, que a deixou viúva com quatro filhos para criar e os filhos precisaram sair de casa para trabalhar. Isso alterou a relação de poder dentro de casa uma vez que ao contribuir para pagar as despesas os filhos passaram a reivindicar voz ativa em outras decisões da casa. A segunda está relacionada ao fato de que hoje só moram ali ela e o irmão caçula, que poderia até ser filho dela, já que ele tem apenas quinze anos e há muitas mães na favela que possuem a mesma diferença de idade que existe entre ela e o irmão.

A morte do segundo marido foi significativa na alteração das relações de poder no seio daquela família. Em estudo anterior (Cf. SCHRIJNEMAEKERS, 2002), pude verificar que a saída de um cônjuge, por morte ou divórcio, altera as relações de poder numa família e os filhos não só passam a ser mais consultados como se sentem muito mais livres para opinar e negociar o espaço da casa com aquele que fica. Isso contribui para alterar relações de poder o equilíbrio de poder naquela figuração. Foi isso o que ocorreu nas casas C5, C9 e C11, em que os arranjos domésticos são monoparentais.

As paredes, assim como o resto da casa, também podem expressar processos de negociação e a sua leitura ajuda a compreensão de como se dão as relações de poder no interior das casas. Mais do que mostruários, as paredes assim como os móveis formam textos que podem ser lidos pois a organização dos objetos reunidos pode fazer com que eles adquiram outros significados ou ter novos significados que não teriam se estivessem sozinhos.

Na casa C5, a mãe negociou com a filha a organização das paredes; na casa C1, há objetos que falam deles como indivíduos, mas também como grupo; na casa C3 os quartos dos jovens também dizem muito sobre as relações que ali ocorrem.

Até a cor das paredes pode expressar negociações. Foi o que ocorreu na casa C10 em que a Mãe escolheu com as filhas as cores das paredes de sua casa.

Na casa C5, mãe e filha afirmaram manter discussões sobre o que querem para a casa e como podem decorá-la. Por conta da reforma as paredes foram repintadas e os objetos que existiam foram reorganizados.

Fig. 132: Quadro na parede da sala C5.

Em primeiro lugar, as fotos da família que estavam espalhadas pelas paredes foram todas penduradas embaixo da escada em cima da televisão – a filha conseguiu convencer a Mãe de que isso deixaria o ambiente mais bonito, mas a mãe disse na sua entrevista que preferia ter as fotos espalhadas. Em segundo lugar, negociaram qual era a melhor forma de expor um quadro de um golfinho que possuem (Fig. 133). Para a filha o quadro teria mais destaque se ficasse sozinho na parede. E a Mãe cedeu temporariamente à vontade da filha.

Quando conheci casa C5 ele reinava sozinho na parede. As entrevistas foram feitas e meses se passaram até eu voltar para tirar fotos do local. Qual não foi minha surpresa ao encontrar pendurados ao lado do quadro um chapéu de cangaceiro e um pequeno quadro (Fig.131).

A princípio, a mãe cedeu aos apelos da filha, para quem o quadro teria efeito decorativo muito maior se ficasse sozinho. Mas os processos de negociação do espaço são dinâmicos e podem envolver muita paciência. No caso da Mãe C5 foram meses esperando até poder colocar mais elementos na parede.

No caso da casa C1, a sala conta com elementos que tanto expressam os pais individualmente, como, por exemplo, os troféus que o Pai C1 ganhou, um quadro com o emblema de seu time preferido, a foto de formatura da mãe C1 com o canudo com o diploma na mão (Fig.133 e 134) e as fotos e pequenas estátuas que ela ganhou de ex-alunos e que faz questão de colocar na sala (Fig 131). Há ainda na sala as imagens sagradas ao lado dessas outras numa espécie de benção que expressam a religiosidade da família. A sacralização da

família é tão explícita que até foi colocado na parede (Fig134, quadro azul) um quadro com dizeres sobre o que é ser mãe. Além disso, a figura 133 mostra ainda uma foto dos dois filhos arrumados para uma ocasião formal. Todas essas imagens mostram o que é importante para aquelas pessoas: para a Mãe que estudou Pedagogia a sua formatura é materializada pela foto, para o pai que tem pouco estudo importante é o seu time de futebol. Para a família os filhos são importantes e a religião é fundamental pela quantidade grande de imagens expostas.

Fig.133: Parede da sala C1 (1).

Fig 134: Parede da sala C1 (2)

Nessas paredes é possível ver tanto o que singulariza o pai e a mãe enquanto indivíduos e ao mesmo tempo como eles se constroem enquanto família pela representação dos filhos arrumados e bem vestidos. A expressão dos rostos tanto na foto da mãe como na das crianças é solene, os rostos estão firmes o que reforça que a ocasião retratada era especial.

Já na casa C3 os móveis e outros elementos decorativos nos ajudam a compreender as relações familiares. Para entender isso é preciso retomar uma breve explicação de como é a casa C3. A família mudou-se para essa casa há pouco tempo como forma de diminuir as despesas. Ela tem três pisos. No térreo, ficam a sala, a cozinha, um banheiro e a área de serviço. No segundo, está o quarto dos irmãos e, no terceiro, o da mãe, que conta ainda com banheiro e sacada. Na casa há, portanto, dois quartos muito bem marcados: o do casal e o do dois irmãos menores. Assim como a família C2 que aproveitou um espaço entre o fim da escada e a porta de um quarto para fazer outro “quarto”, o mesmo ocorreu na casa C3. A Mãe aproveitou o espaço entre a escada do primeiro para o segundo andar e do segundo para o terceiro (são duas escadas posicionadas distantes uma da outra) para criar o “quarto” do filho.

A cama dele e a cômoda com suas roupas ficam no hall de entrada do quarto dos irmãos no segundo piso, e, assim, ele não tem nenhuma privacidade para si, nem para se trocar no próprio “quarto” pois ele é passagem tanto para quem quer subir como para quem quer descer e sair da casa.

No caso do jovem C3 e a sua cama, a questão não é que a mãe não gosta mais dele e por isso colocou-o lá, mas sim que o projeto dela passou por grandes alterações. Ele é filho do primeiro marido e é bem mais velho do que os irmãos de outro relacionamento dela (seis anos a mais do que a irmã que tem treze anos e dez a mais do que o irmão que está com nove). Sua mãe agora está casada com um homem dois anos mais novo que praticamente assumiu o papel de pai para os mais jovens. Eles moravam fora da favela, mas por razões financeiras precisaram voltar. Ali não só o aluguel é mais barato, como eles também não precisam pagar a conta de água já que a ligação é clandestina. Tudo isso faz essa casa ser muito conveniente para a Mãe e seu atual marido.

É preciso deixar claro, que está sendo aqui sugerido que os objetos também falam e nos ajudam a compreender as interações e relações de poder que se dão num lugar, bem como os processos de negociação ali presentes. Assim, cruzando a observação sobre eles com as falas dos entrevistados, analisando as múltiplas vozes presentes, o espaço e os objetos que permeiam as interações, é possível ter uma percepção mais ampla do que ocorre.

E a cama do jovem C3 bem como sua cômoda são reveladoras (Fig. 26 e 27). O fato de estarem situadas naquela local é tão significativo quanto o cruzamento das falas. Outro ponto importante foi a ausência física dele. Em nenhuma das visitas que fiz a essa casa, onde entrevistei até a jovem de treze anos, ou nas visitas à casa vizinha C2, o rapaz esteve presente. Sua ausência também é expressa e pode ser constatada pela localização, no espaço, dos móveis que utilizava (hoje ele não mora mais lá).

Poder-se-ia argumentar que, nesse caso, há equívoco de interpretação, já que a casa tem apenas dois quartos e o lugar em que a mãe pôs sua cama revelaria a criatividade dela, criando um quarto onde antes havia apenas um hall. De fato, em parte, esse arranjo mostra a criatividade das camadas populares, procurando apropriar-se dos espaços, de forma diferente daquela que a princípio seria esperada, construindo certa privacidade. Afinal, a disposição arranjada é a expressão material da busca por estabelecer um quarto só para ele. Também é verdade que essa situação assemelha-se muito à do Filho C5, que considera aconchegante o próprio quarto, apesar dele também ficar numa área de passagem. Ou a do Filho C2 anteriormente citada. Contudo, essa interpretação deve ser vista com cuidado. Em primeiro lugar, o quarto dos irmãos mais jovens possui duas camas e um criado mudo, entre outros

móveis (Fig25). Há ali espaço para que, ao invés de duas camas, fossem colocados uma cama e um beliche, de forma a acomodar todos os filhos no mesmo quarto. Seria possível, ainda, apelar para o recurso do guarda-roupa (utilizado, inclusive, pelas famílias C1 e C2) para separar a cama do beliche e, assim, conferir mais privacidade ao rapaz. Entretanto, nada disso foi feito.

Logo, as escolhas nas formas de ocupação do espaço também são significativas, pois quase sempre há sempre mais de uma possibilidade. Entender que o arranjo existente é fruto de uma escolha, seja ela consciente ou não, significa compreender que a disposição de móveis e objetos é fruto das relações que se quer estabelecer, não do acaso. A Mãe C3 parece demonstrar certa tensão sobre como encaixar esse filho no novo casamento. Se ficasse no quarto, ele, provavelmente, teria de se relacionar-se com o padrasto da mesma forma que os irmãos, pois simbolicamente e espacialmente seria uma “criança” ou “filho” como os outros, mesmo que não o seja. Ou seja, teria o mesmo status dos outros filhos. O rapaz, porém, não quer ter esse tipo de relação. Ele já restabeleceu os laços com o pai, que haviam sido cortados na infância por conta da separação e não precisa de um pai substituto. Por outro lado, o quarto desse jovem não é aconchegante, como o do C5, pois não oferece nenhuma privacidade. Se, no quarto C5, ela é possível mesmo não havendo portas, no caso C3, toda a família e inclusive o marido de sua mãe precisam passar pelo seu local de dormir para poder sair da casa. Não há como ele estabelecer um sentimento de pertencimento em relação àquele espaço é muito difícil encaixá-lo nesse novo projeto da mãe.

Nos segmentos médios estudados, a construção da identidade dos jovens era favorecida por contarem com seus quartos, enquanto os pais podiam cultivá-la principalmente pela fruição da sala ou por outros cômodos, como uma sala de costura para a mãe e uma de ferramentas para o pai. O estudo com os segmentos populares ajudou-me a compreender que também o quarto dos filhos auxilia a construção da identidade dos pais enquanto pais. Ou seja, permitir que os filhos colaborem com o preenchimento do próprio quarto é estabelecer uma identidade para si, para os filhos e para as pessoas que eventualmente circulem pela casa de que são pais que conversam e se preocupam que o filho tenha o próprio espaço. O pai C8, por exemplo, afirmou que o seu filho “*merece*” ter o próprio quarto com suas coisas.

Há nas famílias uma divisão de responsabilidades¹¹⁶ onde a decoração do *quarto* é responsabilidade do *filho(a)* e a da *sala* e da *cozinha* são responsabilidade dos *pais*. Mas a casa como um todo contribui para a construção das identidades, com ênfase para o quarto, no

¹¹⁶ Isso não quer dizer que todos tenham total liberdade para fazerem o que quiserem porque não têm.

caso dos filhos, e ênfase para a sala e cozinha, no caso dos pais. Mesmo assim, quanto mais a relação de poder entre pais e filhos tender a um equilíbrio, mais os filhos também opinam sobre os outros espaços, como pôde ser verificado na exposição do que ocorre nas casas C5 e C10. As salas das casas possuem elementos que revelam a forte presença dos pais ou da ideia de família.

Contudo, essa divisão de responsabilidades pode ser alterada de acordo com mudanças nas relações das pessoas e alterações nas famílias. As mudanças nas famílias monoparentais anteriormente descritas mostram isso, assim como o fato de que até uma certa idade quem decora o quarto do filho, não é ele que é um bebê ou uma criança, mas sim, os seus pais. Logo, as responsabilidades acima descritas, assim como as figurações que elas representam também se modificam.

Nesta pesquisa pude entrar em contato com pais que têm filhos muito pequenos (com menos de quatro anos), que não podem decidir sobre a decoração do próprio quarto (C7 e C8). E pude verificar que, nessas casas, os pais também podem manifestar sua identidade de forma coletiva, na qualidade de bons pais, atenciosos e ou dedicados, ou qualquer outro termo que mostre a importância dos filhos para eles por meio da decoração do quarto do filho¹¹⁷. Ou seja, eles também se constroem enquanto pais por meio do quarto dos filhos, seja quando este é um bebê e eles que o decoram, seja depois, quando o filho já é maior e eles permitem ao jovem colocar objetos da sua escolha.

Outro ponto importante para compreender a construção da identidade é verificar, mais uma vez, já que o mesmo se havia sido constatado na pesquisa anterior (SCHRIJNEMAEKERS, 2002), que o quarto dos pais quase não recebe enfeites (ver Fig. 5, 28, 49, 65, 88, 93 e 94). Ele é o lugar mais íntimo da casa. Ali não entram *visitas* ou pessoas *de casa*, por isso é o espaço mais privado da família. O quarto dos pais é para os *da casa*. E como ele não recebe o olhar das pessoas de fora, não é decorado, ou seja, não recebe elementos que o individualizem e expliquem algo sobre quem dorme ali. Por outro lado, os quartos das pessoas que são viúvas ou divorciadas são decorados, recebem enfeites (Fig. 43,76). Ou seja, o quarto do casal só passa a ser decorado depois que deixa de ser o quarto de um casal.

¹¹⁷ Um tema interessante de pesquisa pode ser o de um estudo sobre as representações sobre a paternidade e a maternidade que podem ser expressas por meio da análise da decoração do quarto de bebês e crianças. Várias pessoas que conheço têm filhos pequenos e ao visitar o bebê pela primeira vez fui levada pelos pais a conhecer o quarto do bebê. Esse ritual já se repetiu muitas vezes. E ao frequentar as casas das camadas populares pude ver que com este estrato da população também ocorre isso.

Enquanto os filhos, mesmo que dividam o quarto com os irmãos, procuram marcar aquele espaço como seu e expressar-se por meio dos objetos que colocam e manifestar sua individualidade de alguma forma, colocando fotos (como é o caso das filhas da Mãe C9), bichos de pelúcia (Filha C1 Fig.109), adesivos (Filho C1 Fig. 112 e Filho C10 Fig 69), pintando as paredes da cor e colocando enfeites (Filha C10 Fig. 62 e 64 e Filhos C3 Fig.25) ou escrevendo frases em armários (Mãe C13 quando morava na casa dos pais Fig.90). No caso do quarto da filha mais velha C10 há uma mescla de tudo isso: ela escolheu a cor do quarto, há um painel com fotos suas, um quadro na parede que ela pintou e até a porta do quarto é individualizada: na parte externa há a figura de uma mulher e na interna há frases escritas (Filha C10 Fig.68, 70, 71 e 72). Ao passo que o quarto dos pais, não tem quase elementos que os individualizem. Os pais expressam-se pela sala e pela cozinha e tendem a fazê-lo mais enquanto casal e menos enquanto indivíduos, apesar da individualidade as vezes estar presente como no caso das paredes da sala C1 com foto da mãe na sua formatura e o emblema do time do pai anteriormente analisados.

Um exemplo paradigmático é o cada casa C7 e que merece ser descrito cuidadosamente.

Fig 49: Quarto do casal C7.

Fig 50: Quarto do Filho C7.

A figura 49 mostra que o quartos dos pais C8 praticamente não recebe nenhum enfeite assim como os quartos dos pais acima citados. Por outro lado, o quarto do filho (Fig. 48 e 50) contrasta fortemente com o quarto dos pais. Em primeiro lugar nota-se o tratamento da cor: o quarto dos pais possui tons de marrom (assim como a sala, aliás, que também é usada na

construção da identidade deles) enquanto que o quarto dos filhos é todo colorido pelo contraste entre o creme das paredes e o azul e vermelho dos móveis e enfeites. Enquanto, no quarto dos pais, não há nada que explique algo sobre as pessoas que lá estão, o do filho é colorido e repleto de enfeites. Nele há uma televisão vermelha, sob a qual fica uma Bíblia aberta (a criança ainda não lê e mal tem idade para saber o que é uma Bíblia, logo, não é ela que a folheia). Na cômoda e no criado mudo, estão fotos dos pais segurando o filho e, como o bebê é um menino, as roupas nas fotos são azuis, assim como as gavetas da cômoda e do criado mudo, o cabo da escova de cabelo e o porta sabonete. Há ainda enfeites sobre o criado mudo ao lado da cama, potes de cremes e toda sorte de produtos para a higiene e perfume do bebê que denotam cuidado com o seu asseio. Pendurada na parede (Fig50) há até uma folhinha de calendário do time do pai C7 – uma projeção sem dúvida alguma sobre qual será o time do garoto.

Fig. 48: detalhe da cômoda do quarto do filho C7.

Mais uma vez, a decoração não é expressão apenas do gosto¹¹⁸ individual ou das condições sociais da pessoa, mas funciona quase como um idioma para a família se expressar sem usar palavras – serve para aqueles que são *da casa*, mas, principalmente, para os *de fora*, sejam eles *de casa* ou *visitas*. Se a decoração fosse pura expressão do gosto, o quarto do casal que é a parte mais íntima da casa, também seria decorado e serviria para eles se expressarem enquanto indivíduos. Mas não é isso o que acontece; justamente porque não recebe os olhares alheios, esse é o cômodo menos “decorado”, ou seja, é aquele que pouco fala sobre aqueles que ali dormem.

¹¹⁸ Mesmo porque Bourdieu (2007) mostrou que o gosto é socialmente construído e expressão da posição social da pessoa.

5.5 A foto como um objeto

Usualmente, a análise de fotografias fixa-se na imagem que transmitem ou nas técnicas empregadas para a sua realização; porém, elas também devem ser entendidas como *objetos*. Não são apenas imagens; trata-se também de objetos que podem ser manuseados, dobrados, cortados, enquadrados, reciclados, guardados, jogados fora, etc. Por isso, a foto deve ser entendida não só na sua *imaterialidade*, mas também como *materialidade* (Cf. EDWARDS, 2010). Se, enquanto algo imaterial, seus significados são lidos e interpretados, o mesmo deve ocorrer quando se refletir sobre sua materialidade. Para uma análise das fotos que estão presentes nas casas, as imagens que elas transmitem são tão relevantes quanto outras pistas não necessariamente ligadas ao aspecto imaterial, como o *local* em que determinada foto está colocada, os *suportes* usados para guardá-la, quão manuseada ela é e quem a manuseia, há quanto tempo ela está na casa, entre outros pontos. Logo, para usá-la na compreensão das relações sociais que ali ocorrem, vários são os aspectos que podem auxiliar este trabalho.

As fotos não são todas iguais e não possuem todas a mesma importância no processo de construção da identidade de um grupo ou indivíduo. Elas podem ser agrupadas de diferentes formas sendo cada agrupamento revelador das relações que ali se dão, bem como das relações de poder que permeiam o espaço de exposição. As paredes e móveis de uma casa não são locais neutros e a mensagem de uma foto não muda só de acordo com quem a observa, mas, por exemplo, do local onde ela é colocada e como ela é exposta. Uma foto pregada na geladeira tanto pode expressar o carinho e amor por alguém, como pode servir-lhe de lembrete sobre estar acima do peso e a necessidade de escolher muito bem o que vai comer, quando abrir a geladeira. Por isso, do ponto de vista sociológico, são *documentos* interessantes porque reveladores. As fotos são documentos, no sentido de serem registros das relações sociais, porém, como todo documento, dão uma versão *possível* de um fato, acontecimento ou qualquer outra coisa que se queira documentar.

O presente trabalho fixou-se na análise das fotografias que as pessoas possuem nas suas casas¹¹⁹. Claire-Marie Leveque (2000) compreende o conjunto de fotos de que uma pessoa dispõe como “patrimoine photographique” (patrimônio fotográfico), e propõe que ele seja dividido por três tipos de categorias em função de sua origem: as fotos *pessoais* (ou seja,

¹¹⁹ Existem as fotos que estão presentes na mídia, aquelas que fazem parte das coleções de museus, as que estão em exposições formais de fotógrafos profissionais e muitas outras que não interessam ao escopo do presente trabalho e que merecem, por sua especificidade, uma reflexão detalhada e particular.

aquelas tiradas pela própria pessoa), as fotos *transmitidas* (aquelas que são dadas por amigos ou parentes) e todas aquelas às quais a pessoa tem *acesso* de maneira geral (mas que não pertencem especificamente a ela). No último caso estão, por exemplo, os álbuns de família, que pertencem aos pais. Essas categorias podem ser particularmente interessantes num estudo sobre a relação de um indivíduo com as fotos que existem na sua casa.

Já Miriam Moreira Leite (1998) centra sua análise no estudo dos álbuns de família e dentro destes, particularmente, analisa os retratos de família. Ela também propõe categorias analíticas para a compreensão do material, subdividindo os retratos em *formais* (que mostram casamentos, batizados, formaturas e comunhões) e os *informais* (de férias e momentos ociosos).

Ambas as autoras auxiliaram nossas reflexões a respeito das camadas populares e da construção das identidades de diferentes formas. Como já foi dito antes, interessaram ao presente estudo a análise das fotos *expostas*, ou seja, as que se encontram disponíveis aos olhos de quem circula pela casa, para que pudesse ser feita uma leitura de como as pessoas se constroem publicamente por meio daquelas que expõem.

Por isso, inicialmente, propomos uma outra maneira de pensar as fotos que existem numa casa. Assim como os objetos, há fotos *expostas* e outras *guardadas*, em álbuns, caixas ou qualquer outro lugar.

Toda foto de certa forma está guardada, umas mais bem guardadas, outras nem tanto. Há ainda aquelas que foram guardadas por tanto tempo que até foram esquecidas. Afinal, elas podem ser enquadradas nas mesmas categorias anteriormente descritas para os objetos guardados. De qualquer forma, a nomenclatura utilizada refere-se apenas ao fato de que há as *expostas* constantemente ao olhar de quem entra num cômodo e outras que não estão. O termo *guardado*, por sua vez, remete especificamente à que está escondida (no sentido de que não é mostrada para qualquer um que circula) do olhar de quem circula pela casa, e só é vista por quem conhece sua localização ou por poucos escolhidos. Apesar de muito interessante do ponto de vista analítico e de ser com certeza reveladora da construção da identidade das pessoas, interessava ao presente estudo fazer uma análise daquelas fotos que a família ou alguém decidiu expor, pois um dos nossos objetivos era mostrar que é possível compreender como a casa está presente na construção das identidades das pessoas e como é possível ao observador externo desvendar essa construção, pela análise dos objetos ali colocados e expostos.

Assim, fotos são aqui entendidas como veículos de comunicação, ou seja, comunicam intenções, que podem ser ou não conscientes. Se as *expostas* falam com um público mais

amplo, as *guardadas* estão restritas apenas aos membros da casa e aos mais íntimos, sejam todos os íntimos ou apenas algum deles.

Mostrar ou não uma foto deriva de processos de escolha. Certas famílias ou pessoas não gostam de expô-las e, assim, só as têm *guardadas*, por entenderem que elas só dizem respeito aos mais íntimos. Isso não significa que elas perderam importância para aquela família, mas sim expressam o que eles entendem por intimidade. Do ponto de vista analítico para a compreensão dos mecanismos de construção da identidade, isso significa, de forma geral, que a família não as usa para falar de si para o mundo.

Por outro lado, há aqueles que possuem fotos expostas nas suas casas; compreender o que elas dizem a respeito dos seus habitantes é uma das chaves escolhidas pelo presente trabalho.

Das quatorze casas estudadas, somente duas, não tinham fotos expostas quando eu os conheci: a C13, que acabou de ser formada pela filha C12, e a C6, que já estava desmontada no momento da entrevista (não foi possível saber se antes elas estavam presentes). Meses depois da entrevista, no momento em que fui tirar fotos das casas até a C13 contava com uma foto sobre a cômoda como atesta uma das fotos tiradas desta casa e que está no capítulo um. Mesmo na casa C14, que servia de moradia provisória, foram encontradas algumas, do jovem e de sua irmã. Logo, em praticamente todas as moradias, as pessoas usam as fotos para falarem de si, tanto para os integrantes da própria casa como para o mundo. A imagem é mais um mecanismo para a construção de si para os que são *de fora* (sejam eles *de casa* ou *visitas*) os não moradores, como também é importante para construção da identidade para os *de dentro*, ou seja, *da casa*.

Expor ou manter guardados fotos e objetos tanto pode ser fruto de um cálculo racional, preciso e consciente, como também derivar de fatores inconscientes. A foto sempre comunica algo e por isso pode ser compreendida como um signo. Os signos não têm sentidos fixos; eles são sempre entendidos dentro de um contexto.

Logo, para entender o significado de uma foto, é preciso observar onde ela está colocada, quais são os objetos ao seu redor, o que é dito sobre ela. Observar as fotos não só de uma família, mas de várias ao mesmo tempo, é outro auxílio para a interpretação. Como as casas são figurações que se entrelaçam a outras, a fala de uma pessoa ajuda a compreender a de outra, mesmo que morem em casas diferentes. É por meio do cruzamento das falas e da observação, não só da casa em que uma foto é exposta, mas também de outras, que é possível compreender como se dão as relações sociais ali. Assim, é importante compará-las com as que podem ser encontradas nas casas de outros segmentos sociais; só assim é possível pensar em

aspectos universais que podem ser generalizados e em especificidades para cada um deles. Por isso, o fato de já ter feito pesquisa em casas de segmentos médios (Cf. SCHRIJNEMAEKERS, 2003) auxiliou a compreensão dos segmentos populares.

Há uma diferença muito grande entre as fotos que estão presentes nas casas de camadas médias e as encontradas nas casas das camadas populares. Nas camadas médias, as fotos são do tipo que o senso comum chamaria de “não posadas” e as das populares, por oposição, geralmente são fotos “posadas”. Essa denominação é inadequada para fins analíticos, pois quase toda foto é *posada*. Toda vez que uma pessoa se coloca intencionalmente diante de uma câmara, a foto resultante se trata de uma foto *posada*; o que a caracteriza é a *intenção* de fazer parte dela, de ser retratada. Por isso pode-se afirmar que uma foto “intencional” ou “posada” não é apenas aquela em que se olha para a câmara, mas também a que as pessoas sabem que ocorrerá e, intencionalmente, não olham para a câmara, de forma a aparentar uma falsa displicência. A foto descontraída, e que pode ser inicialmente chamada de “não posada”, parece erradamente mostrar um maior “descuido” no ato de fotografar, de captura de um momento, e assim passar a impressão de naturalidade que, entretanto, é falsa. Na verdade, ela pode ser tão construída, quanto uma foto “formal” ou “posada”. Daí a inadequação de tais termos como categorias analíticas.

Fig.135: Foto Filho c7 (parede do quarto)

Fig 136: Foto do Filho C7 (criado mudo)

Fig137.: Sala da casa C12 (formatura da filha mais velha e foto da irmã)

Fig138: Filhos C3 -sala

Fig.139: Filho mais velho com irmã
(parede quarto dos irmãos)

Fig140: Filho C9 mais velho-
Sala.

Fig141: Foto Mãe C1(sala)

Fig 142: Sala C2, foto da família

Fig. 64: Fotos penduradas no quarto das filhas mais novas.

As pessoas podem posar expressando corporalmente descontração e as fotos das revistas masculinas são repletas de fotos onde há uma “naturalidade” absolutamente construída. Por isso, podemos dizer que as fotos expostas nas casas, sejam elas dos segmentos médios ou populares, são sempre “posadas”, ou melhor, *intencionais*.

No quadro com fotos das filhas mais novas da casa C10 (Fig 64) é possível perceber nitidamente que praticamente todas as fotos são *intencionais*: há uma foto de uma menina segurando o próprio rosto numa pose meiga e doce, outra de um rapaz com a língua de fora sorrindo que olha a câmera de soslaio, ao lado dela há outra de um rapaz com um bebê no colo, uma moça com um cachecol vermelho no pescoço, uma foto de um grupo enorme, uma moça com um vestido de festa e as mãos na cintura, uma pessoa sentada de frente para a câmera, três meninas em vestidos de festa sentadas numa pose formal, uma menina atrás de um bolo de aniversário, um bebê de óculos de sol, uma moça de biquini, todas estas fotos são claramente intencionais. Podemos ficar na dúvida em não mais do que talvez três fotos e mesmo assim podem ser que estas também sejam posadas.

É muito, mas muito difícil mesmo, que uma foto não intencional seja exposta. Seja porque ela é tirada para desconstruir a imagem do outro (um exemplo típico são as fotos de pessoas em situações em que não gostariam de ser fotografados como, por exemplo, dormindo, bêbados e descabelados depois de uma festa) seja porque ela mostra o outro como ele não quer ser retratado (conheço muitas pessoas que tiram muitas fotos e escolhem a melhor para ser guardada, num trabalho que quase lembra o de um profissional da área da fotografia) ou porque mostram um momento de intimidade que não se deseja compartilhar com os demais.

Fig 143: Foto dos pais da Mãe C12, da filha mãe velha C12 com chapéu, dela mais nova e da irmã.

Em praticamente nenhuma das casas encontrei fotos claramente não intencionais expostas¹²⁰. Mas podemos dizer que as fotos intencionais podem ser *formais* ou *informais*. Leite (1998) divide os retratos de família em *formais* e *informais*. Os primeiros procuram fixar-se na dignidade do grupo familiar e os últimos são registros de momentos alegres, de brincadeira, de solidariedade e diversão. Entre os segmentos médios (SCHRIJNEMAEKERS: 2003), as fotografias *informais* são muito mais comuns do que as formais. A tendência predominante verificada é expor as fotos que marcam os momentos de descontração. Uma das famílias do estudo anterior, por exemplo, expunha uma foto dos avós de pijama segurando a netinha recém-nascida no colo. A foto estava pendurada sobre num painel que estava sendo formado sobre o desenvolvimento da neta e que fica no corredor dos quartos, no andar de cima da casa.

Já, nas camadas populares, todas as fotos acima, de diferentes casas, e outras que podem ser encontradas ao longo deste trabalho, mostram que as pessoas *raramente* são encontradas mal arrumadas nas fotos. Todos estão sempre impecáveis, até o cabelinho de um bebê, seja o de um recém-nascido, como o Filho C7 na (Fig. 137), sejam as fotos das filhas C12 (Fig 138). Todos estão sempre muito arrumados e às vezes até com o cabelo molhado do banho recém tomado. Há ainda várias fotos formais de formatura (C1, C9, C12), que é vista como um momento tão importante ao ponto da mãe C3 colocar na sala o canudo da sua formatura sobre uma prateleira do rack.

A foto dos dois avós, encontrada nos segmentos médios, é impensável para eles, mesmo que pudesse ficar guardada no corredor a que apenas a família e os mais íntimos têm acesso. No caso das camadas médias, havia a insistência em apresentar, aos olhos externos e internos, fotos de momentos de *descontração e alegria*, que apareciam de forma recorrente, mostrando a preocupação dessa camada com a questão da *felicidade*. A família de camadas médias deve sempre mostrar-se *feliz*. Esse é o modelo presente nas fotos expostas e que podia ser lido nas paredes:

De qualquer forma, são descartadas todas as imagens que poderiam de alguma forma "manchar" a família ou o membro fotografado. As fotografias informais são muito mais comuns do que as formais. A tendência predominante é expor as fotos que marcam os momentos de descontração. A família F1, por exemplo, expõe num painel que está sendo formado sobre a netinha recém-nascida e que fica no corredor dos quartos, no andar de cima da casa, uma foto dos Pais F1 de pijama segurando a netinha no colo.

¹²⁰ Mesmo entre os segmentos médios, essas fotos normalmente são tiradas pelos jovens e muitas ficam até escondidas dos olhares reprovadores das famílias pelos "excessos" que revelam. Um estudo sobre esse tipo de foto ainda está para ser feito. Elas podem ajudar a entender o que os jovens entendem por *lazer e diversão*.

As fotos os ajudam a ver e a acreditar no quanto são felizes. Ninguém guarda fotos em que estava chorando, ou de momentos de tensão e sofrimento. Da mesma forma, se observa as fotos na tentativa de resgatar os momentos felizes vividos. Assim, não é coincidência que dentre as famílias entrevistadas, aquelas em que os conflitos são maiores, não se observam fotos do casal espalhadas pela casa, como acontece com as famílias em que o relacionamento é mais harmonioso. (SCHRIJNEMAEKERS, 2002, p.119-120)

A foto da netinha acima citada mostra não só o carinho que possuem por ela, mas também a disposição de cuidar dela; de não segurá-la apenas em momentos mais formais, como numa visita, mas também quando for preciso, mesmo que estejam de pijamas e isso para os segmentos médios é uma maneira de mostrar carinho e cuidado. O carinho e cuidado são expressos pelo calor dos sentimentos e pela descontração. Segurar um bebe muito arrumado numa foto formal da família em que todos estão impecáveis não soa como “verdadeira” para os segmentos médios. A *informalidade* é vista como real expressão de sentimentos. A verdade da foto para eles está nos sentimentos que ela mostra.

A foto é tanto *resgate* como *construção*, ou seja, fala do *passado*, mas usa-o para construir o *presente*. Por isso, a boa foto para as famílias não tem o mesmo sentido do que é uma boa foto para os profissionais em fotografia. Recorrentemente, entre os segmentos médios, as famílias afirmavam que determinada foto estava exposta pois era uma *boa* foto. Mas, ao olhá-la, ficava patente que *boa foto* não queria dizer necessariamente uma foto bem tirada, do ponto de vista técnico, pois muitas eram escuras e mal focadas. A *boa foto* para eles é aquela que, de alguma forma, consegue mais do que as outras, transmitir algo para a família e sobre ela para os outros. Ela pode ser a expressão de um momento de união familiar ou de alegria. Logo, os critérios para a sua exposição são muito mais simbólicos e subjetivos do que estéticos (SCHRIJNEMAEKERS, 2002).

Na maioria das famílias, é a mãe quem compra os porta-retratos e escolhe as fotos a serem expostas. Logo, seu papel na construção dessa imagem de si e da sua família para os de fora é muito importante.

A partir da análise das fotos observadas nas camadas populares, foi possível compreender que a *boa foto* numa casa é, independente do segmento a que pertence o seu dono, aquela que ajuda a *construir relações* e *comunicar intenções*. As fotos expostas nunca estão ali por seu valor estético, mas pelo seu potencial em auxiliar a construção de relações e a comunicar intenções. As pessoas que optam por expor fotos em suas casas procuram sempre construir relações por meio delas, por isso, elas são tão importantes no entendimento das

relações que ali se dão, auxiliando a compreensão desse processo. A boa foto, portanto, é aquela que exprime algo que se quer explicar e construir com os demais, sejam estes moradores da casa ou observadores externos. Por isso, elas estão intimamente relacionadas à construção da identidade das pessoas, mostram com quem elas querem ligar-se afetivamente e estabelecer laços; qual é o irmão preferido, ou o sobrinho favorito, por exemplo. É por isso que algumas são colocadas e outras retiradas. Se o namoro acabou ou o casamento se rompeu, a foto do casal é retirada dos olhares alheios, pois ela não diz mais nada sobre aquela relação que não mais existe. Da mesma forma, quando os pais colocam fotos sobre fotos (e isso é muito comum nos segmentos populares), a sobreposição também serve para contar a trajetória das relações ou o jogo de relações de poder em casa. É por isso que há, por exemplo, a foto da formatura da Mãe C1 e da Mãe C13¹²¹ (Fig 142 e Fig 86 no capítulo 1) e, sobre elas, outras fotos. Isso acontece também com fotos expostas por outras famílias. Todas elas mostram como as relações mudam e que os projetos vão sendo pensados e refeitos. Se, em determinado momento, era muito importante mostrar a própria filha bonita e arrumada, tão arrumada que até está usando um chapéu (Fig. 144), por outro lado, depois que nasceu a irmã dessa jovem, o novo bebê também deve ter um lugar na família. A foto por cima da outra não quer dizer que a outra imagem seja mais importante, mas, sim, que há sobreposição de imagens, como se, pela sobreposição, elas fossem construindo uma espécie de álbum público da família.

Mas a sobreposição de imagens também pode mostrar o jogo de relações de poder dentro de uma casa como quando na casa C3 (Fig. 21 e 22) o irmão teima e colocar uma foto sua sobre a foto da irmã que se encontra no *rack* da sala.

Há também um componente geracional na construção de si por meio da imagem, pois, entre os jovens, há muitas auto imagens (foto de si) e dos amigos. É o que aparece, por exemplo na casa C9; na casa C10 em que em cada quarto das filhas há um painel com muitas fotos (Fig. 64 e 70) e na casa C11 (Fig.80). Para os jovens, os amigos são muito importantes e estão presentes em várias fotos de momentos de descontração. Já, para os pais, as fotos também têm sua importância, mas a amizade não aparece como elemento definidor da identidade. Os filhos são importantíssimos:

O meu futuro é ver meus filhos tudo estabilizado, se entendeu? Porque o meu futuro já está assim praticamente previsto, tá. Meu futuro já tem mais ou menos o que eu quero. Daqui a alguns anos eu vou estar aposentado, a minha esposa vai estar aposentada, tá. Então a gente vai ter uma estabilidade razoável. A minha preocupação é meus filhos. A partir do momento em que eu ver eles assim bem encaminhados, para mim está ótimo. (Pai C1)

¹²¹ Sua foto está na sala da casa da sua Mãe, casa C12.

A fala acima, do Pai C1, é paradigmática nesse sentido. Pois a questão era sobre o futuro dele e como ele via o próprio futuro e, para ele, o *seu* futuro eram os filhos. Ele se vê pelos filhos, o bem estar deles é o seu bem estar. O papel da família como estruturador dessas relações é importantíssimo.

Não há em nenhum dos dois segmentos estudados (médios ou populares), expostas, fotos de amigos ou amigas dos pais:

O papel das fotos na construção da identidade dos pais é dado pelos filhos, serão eles que irão aparecer nas fotos, bem penteados, limpos e saudáveis, ou descabelados e sorrindo. E quando o casal tem um relacionamento harmonioso também serão expostas fotos do casal, mas sempre com os filhos. Não foi encontrada em nenhuma casa, uma foto do casal sozinho. Ou eles estão com os filhos, ou não aparecem na fotografia, a menos que essa seja uma foto da infância e aí, por motivos óbvios, o cônjuge não aparece, ou pode também ser a foto de um dos cônjuges com algum parente querido, como um sobrinho ou um irmão. A identidade desses pais é construída e reforçada pelas fotos expostas. Ela se dá sempre pela sua relação com a *família*, no seu amplo sentido, estendendo-se não apenas aos seus próprios filhos, mas também aos parentes mais próximos, como um afilhado, por exemplo. (SCHRIJNEMAEKERS, 2003: p. 121)

Para os segmentos populares os filhos também têm uma importância muito grande na construção da identidade dos pais. A diferença reside no fato de que todos estão sempre arrumados para as fotos. A roupa está bonita, os cabelos impecáveis. Isso também mostra como a identidade se constrói também pelo outro: “sou um bom pai ou uma boa mãe, pois meus filhos são jovens bem cuidados, limpos, arrumados e penteados”. Além disso, os pais só aparecem nas fotos expostas juntos ou com os filhos. Em praticamente todas as fotos expostas, não há imagem de pai ou mãe sozinho(a).

Sintomático disso foi o caso da Mãe C9 que, após a morte do marido, colocou duas fotos dele, sozinho, na parede (Fig.145 foto sentado e brindando). Elas foram tiradas do álbum depois de sua morte e penduradas na parede. E a partir disso passaram a fazer parte da construção pública da família.

Compreende-se, portanto, que as pessoas, por estarem casadas, não deixam de tirar fotos sozinhas, mas as fotos *expostas*, ou seja, aquelas que são escolhidas porque, de alguma forma, falam algo da família são sempre as tiradas em grupo.

Fig.144: Parede da sala C5 (fotos)

Embora o Eu esteja sempre sendo construído a partir de um Outro, este último varia de acordo com o momento de vida da pessoa. Logo, enquanto solteiro, o outro pode ser tanto a própria pessoa como uma foto de uma imagem de si, por exemplo, eu me vejo na foto para acreditar em mim, que posso ser essa pessoa, bonita, alegre, feliz, etc., que aparece na foto, como também é construído pelos familiares que moram com a pessoa, amigos e pelos que, eventualmente, frequentam a casa, mas não são membros dela. A construção do Eu varia de acordo com cada momento da vida. Mas em todos eles o EU nunca está sozinho, há um NÓS extremamente presente seja ele o parceiro, sejam os amigos. Essas fotos mostram que em todos os momentos, as *relações* são importantes.

Tudo isso ocorre porque a foto não é uma cópia da realidade, mas sim uma representação, um conjunto de idéias *sobre* ela. Não é uma cópia fiel daquilo que quer retratar, a começar pelo fato de que se trata de uma estrutura praticamente bidimensional que procura representar algo tridimensional. Por isso, ela apenas mostra uma *imagem* do que se quer representar. Ou seja, não a coisa em si, mas uma visão da coisa, um ângulo. Daí a foto de si próprio mostrar para a pessoa uma imagem de Si.

A foto também diz algo sobre o passado, ela mostra o que foi e nunca algo tal como é, pois fixa um momento e, logo que é tirada, o momento congelado já é parte do passado. Ela

fixa um instante. Logo, nenhuma foto fala sobre o hoje, mas elas são usadas pelas pessoas para construí-lo. Não acredito que a foto *preserve o passado*. Pois ele é o que foi. Ele não pode ser mantido. E o que foi, o que aconteceu, não volta mais. Por isso ela *não preserva o passado*, ela (re)constrói uma *imagem sobre o passado*:

Uma mesma foto suscita em nós sentimentos e lembranças diferentes, dependendo da época que se está vivendo. Ora o olhar é saudosista, ora é melancólico, ora é feliz, ora é triste, e ora se observa a foto e por mais que se queira e por mais que ela diga que algo aconteceu, a pessoa não consegue mais olhar e lembrar do evento. Ela sabe que ele ocorreu, porque ali está a imagem, como *se* fosse um documento, uma prova de sua ocorrência, mas ela não lhe diz mais nada e, assim, agora, o olhar é de indiferença (SCHRIJNEMAEKERS, 2002, 123)

A foto não é só um apoio para a lembrança, mas também um importante elemento na *construção* da memória. Elas são um instrumento das famílias, servem para uni-las; concorrem na implementação dos projetos familiares ou, ao menos, para mostrar, aos de casa e aos de fora, que, naquela casa, há união, cuidado e harmonia. Elas contam uma história, mostram e reconstroem um passado, ligam os membros da casa entre si e com as pessoas de fora. Ou seja, ajudam a estabelecer vínculos entre os familiares, e assim os pais, ao exporem as fotos, usam-nas como lembretes que demonstram o carinho que têm pelos filhos, justamente por acharem que as fotos são uma cópia da realidade, quando na realidade não são. Entretanto, isso não os impede de usá-las para construir o presente. A imagem sobre o passado ao ser exposta na parede passa a ser usada não só na preservação do passado, porque já mostramos que isso é impossível, mas sim na construção do presente. Ao observá-la falamos ou olhamos para o passado a partir do presente dos projetos, das idéias e dos sentimentos atuais.

Conclusão

Procurar desvendar o universo das relações sociais é uma tarefa ao mesmo tempo fascinante e extenuante. A tarefa fascina, pois há sempre uma nova faceta a ser desvendada, um outro ponto a ser analisado para a compreensão das relações sociais. Por outro lado, tal tarefa é extenuante, pois observar as relações sociais deixa sempre o pesquisador com o gostinho de que poderia ter feito mais para desvendar as interações; quem sabe mais uma entrevista, quem sabe mais uma visita, quem sabe reler novamente um determinado autor. Entretanto, as pesquisas precisam sempre de um ponto final o que causa ao mesmo tempo uma certa dor de ter que parar e um certo alívio por ter conseguido realizar algo. Mas elas não são todas iguais, cada uma tem sua especificidade, seus desafios próprios e no caso de um doutorado os desafios são muitos: teóricos, metodológicos e analíticos, entre outros. Poderia-se dizer que um doutorado pode ter fim quando a hipótese foi comprovada. Entretanto, uma pesquisa é muito mais do que a comprovação de uma hipótese. No caso das Ciências Sociais ela envolve fundamentalmente seres humanos e nesse caso o prazer que foi poder conhecer e entrar em contato com aspectos da vida de uma parte da população que são pouco explorados pelos pesquisadores, pois são vistos ou como demasiadamente privados, referentes aos indivíduos isolados ou pouco reveladores das relações sociais. Espero ter mostrado que ambas as expectativas são equivocadas, pois as casas e os aspectos relacionados à construção da identidade dos moradores só puderam ser compreendidos na contraposição das diferentes vozes. Para isso não foram contrapostas as vozes apenas de uma mesma casa. Durante todo o trabalho de observação e análise fora contrapostas mais vozes *entre* as casas do que no interior de cada uma. O material colhido também foi contraposto a outras pesquisas que trataram de temas similares, para que fosse possível refletir sobre a especificidade ou não do que era observado. Por isso, embora pautada em entrevistas individuais, as pessoas nunca foram analisadas enquanto indivíduos desconectados entre si. Procurou-se ao mesmo tempo refletir sobre especificidades individuais, mas na medida do possível dar vozes mais amplas de raciocínio a partir do que foi observado.

Isso ocorreu por conta das bases teóricas mais amplas que norteiam minha visão do que são as relações sociais e que passam pela influência de Norbert Elias, Georg Simmel e Clifford Geertz autores que escreveram em diferentes contextos históricos e culturais mas que tem em comum uma visão muito dinâmica do que é a vida em sociedade. Entendo as propostas investigativas deles como complementares. E em função do profundo respeito que

tenho dessa influência que afirmo que este trabalho não teve a pretensão de esgotar as possibilidades analíticas nem do tema da casa, nem das camadas populares e nem das casas que foram objeto de estudo.

Muito pelo contrário, em função do tempo e do escopo do trabalho procurei assinalar as escolhas que foram feitas e que outros caminhos poderiam ser traçados quando, por exemplo, procurei estabelecer uma tipologia dos objetos de uma casa a partir da dicotomia objeto exposto x objeto não-exposto. E mostrar que há interessantes categorias analíticas por meio das quais é possível refletir sobre os objetos de uma casa, mesmo que por conta do escopo do trabalho não tivesse sido possível analisá-las com o cuidado que merecem.

Esta pesquisa é fruto de um longo esforço que tenho feito desde os tempos de graduação de incluir na compreensão das relações sociais a dimensão espacial e material. Espero que tenha conseguido mostrar ao leitor que o lugar de cada pessoa e de cada objeto no seio das interações é extremamente revelador das mesmas e pode ser uma chave interpretativa tão interessante quanto outras que são comumente usadas. No caso do presente trabalho não foi qualquer espaço que foi escrutinado, mas sim, as casas de pessoas pertencentes ao que denominamos camadas populares.

O universo da casa há muito me fascina. E quando afirmo há muito tempo quero dizer que desde criança sempre achei fascinante poder olhar da rua uma casa e poder de alguma forma vislumbrar o seu interior por meio de uma janela aberta ou uma cortina que não foi bem fechada. Por isso, hoje acredito que não foi coincidência escolher cursar o técnico em edificações dentre as opções que tinha para o ensino médio e nem que uma das iniciações científicas que fiz tenha sido para ajudar a organizar o acervo de um engenheiro arquiteto que viveu em São Paulo no início do século XX, como não o foram com certeza o mestrado e agora o doutorado.

Mais uma vez me impus o desafio – para alguns algo impensável nos dias atuais pela violência da cidade e a certeza de que as pessoas não me deixariam entrar – de invadir casas e mais casas e contar com a boa vontade de não apenas um membro da família, mas muitas vezes de praticamente todas as pessoas que ali moram para a realização de entrevistas e visitas. Justamente essa parte da pesquisa que parecia horrorizar muitas pessoas é a que eu particularmente sempre gostei mais. Poder ouvir o que as pessoas têm a me dizer sobre si e sobre suas casas e cruzar isso com a observação minuciosa de todos os cômodos foi um prazer muito grande. Coisa de voyeur. No meu caso, alguém que fez do voyeurismo parte de sua profissão. Nada como unir o útil ao agradável sempre que possível.

O auxílio da fotografia foi importante para a minha análise, mas também espero que tenha aproximado o leitor das casas destas pessoas. Casas e histórias que muitas vezes são completamente desconhecidas de uma parcela da população.

Mas para fazer isso muito trabalho foi feito, em primeiro lugar foi necessário problematizar três fios importantes que nortearam a análise. São eles: a idéia da casa como figuração, a casa como projeto e a idéia de que os objetos são importantes na análise das interações sociais. Depois disso foi necessário definir o que eu entendo por camadas populares e explicar que boa parte dessas camadas populares habitam favelas, pois as principais cidades do Brasil passam há anos por um processo de favelização. Isso não quer dizer que estão se transformando em grandes favelas, mas sim que porcentagens cada vez mais significativas de sua população habitam tais espaços. Foi ainda necessário contextualizar a favela da Nova Jaguaré em relação a outras favelas da cidade de São Paulo e introduzir o leitor à uma primeira aproximação das casas estudadas por meio de uma breve descrição das mesmas.

A hipótese do presente trabalho é a de que o espaço da casa expressa processos de construção da identidade. Para comprová-la foi necessário refletir sobre a casa; tanto sobre a própria idéia de “casa”, pois o termo não designa necessariamente a moradia de uma pessoa, mas sim o seu lar, como o fato de que a casa das camadas populares é uma intersecção entre o público e o privado. À categoria visita anteriormente estudada (SCHRIJNEMAEKERS, 2002) foram contrapostas as noções de “ser de casa” com “ser da casa”. Quem é *da casa* é o morador, mas a família recebe uma série de pessoas que não *são da casa*, mas sim, *de casa*. Estas pessoas que não são moradoras entram com uma frequência incrível nas casas tanto das camadas populares como dos segmentos médios. É verdade que a frequência em que isso ocorre nos segmentos populares de longe não se compra ao que pode ser verificado nos médios. Nos segmentos populares é impressionante a intensidade e a frequência das “visitas”, ou melhor, com que os “de casa” entram e saem. Isso ajudou a entender que é preciso relativizar a idéia de casa como um refúgio ou um espaço puramente privado.

Da mesma forma procurou-se mostrar que nem toda residência é uma casa no sentido de ser um lar. Isso só ocorre se as pessoas estabelecem uma *relação* com o espaço. Há uma dimensão subjetiva que é dada pelo *sentimento* de pertencimento e por laços de emocionais, normalmente de afeição. Ver um lugar e afirmar que ali é a sua casa passa pelo *sentir-se* em casa. Por isso que a casa é uma figuração específica. Há nela uma dimensão emocional que pode não estar presente em qualquer moradia. A moradia é onde uma pessoa vive, seja, ela precária, provisória ou definitiva, ela só se torna casa se laços de pertencimento se formam. É

por isso que muitas pessoas afirmam “morei com minha sogra” e respondem a questão “como era sua casa?” da seguinte forma, “lá era a casa *dela*, eu *só* morava ali, a *minha* casa é essa que eu moro hoje” (mesmo que esta casa seja alugada). A pessoa pode morar com outra sem necessariamente sentir-se *em casa*.

Para a compreensão dos processos de construção da identidade foi necessário mostrar que tanto ocorre uma influência da casa sobre a pessoa como das pessoas sobre a casa e que, portanto, há sempre um jogo de influência mútua entre o espaço e as pessoas que ali interagem. Isso quer dizer que o espaço não é neutro, as pessoas agem sobre ele de acordo com suas intenções e estas são dadas pelos projetos que constroem e que são um elemento chave na compreensão dos processos de construção da identidade. Igualmente importante é a compreensão de como as pessoas estabelecem mecanismos para a construção da privacidade, por isso é possível dizer que a privacidade não depende necessariamente de um espaço. Apesar de ser muito mais fácil de obtê-la quando há um espaço para o seu desenvolvimento, a pesquisa mostrou que a privacidade é uma necessidade dessa parte da população, e que elas vivem uma privacidade possível de acordo com suas condições de vida. Por isso foi necessário refletir sobre o que é a privacidade para entender que ela pode se *manifestar* de diferentes formas. Pressupor que a privacidade está relacionada com ter um quarto para si, é confundir forma e estrutura do fenômeno. Pois acredito que a privacidade está relacionada a determinadas disposições mentais.

Isso ocorre porque como afirma Simmel o espaço, “no es más que una actividad del alma” (1939:208), ou seja, ele é fruto das relações sociais que ali se dão, ele é uma produção do ser humano e para compreender as formas de socialização é preciso também questionar a importância das condições espaciais de uma socialização e foi isso o que se procurou fazer no presente trabalho.

A casa portanto, também é uma atividade da alma, assim como a privacidade. Ela é a expressão física das relações que ali se dão. E as estratégias das pessoas: ouvir música alto, pensar enquanto tomam banho de chuveiro, debruçar-se sobre a sacada, ou aproveitar a escuridão da noite seja no quarto ou na sala, mostram que as pessoas criativamente procuram contornar a situação física e também assinalam que a privacidade é importante para este estrato da população. Pela contraposição entre a sacada e a janela anteriormente estudadas com o que se observou nos segmentos populares foi possível compreender que as diferentes camadas da sociedade dispõem de diversos mecanismos para o cultivo da privacidade. Em todos estes momentos e espaços é possível estabelecer o jogo de *sentir-se* e *não sentir-se* em casa para refletir sobre si o que acreditamos caracteriza a privacidade. Se intimamente ele

sabe que está em casa em todos estes lugares e momentos, por outro lado, em cada um, por diferentes mecanismos, o barulho da água, a ausência de luz, ou sentir-se pairando no ar, ajudam a pessoa a sentir-se sozinha para pensar na vida. Todos eles contribuem para que a pessoa sinta-se em *suspensão* e é esta *sensação*, este *sentimento* ambíguo de estar e não estar muito mais do que um *espaço* propício para ela que leva as pessoas a refletirem sobre si e desenvolverem a privacidade. Para que o sentimento ou sensação de ter privacidade ocorra é necessária uma intrincada combinação entre *parar* e a *sensação de suspensão* que se traduz pelo sentimento de *sentir-se só*. Não basta nem estar só, para este sentimento, e nem somente a sensação de suspensão ou ficar parado. É necessário que os três elementos se entrelacem num mesmo espaço ao mesmo tempo para que a pessoa possa desenvolver a privacidade.

Para entender adequadamente o papel da casa na construção da identidade foi necessário refletir tanto sobre a socialização primária como e secundária e procuramos mostrar que ela é fundamental em ambos os processos de sociabilização. Logo, sua importância na vida de uma pessoa se dá ao longo de toda a vida. Contudo, os locais por meio dos quais isso ocorre de forma mais intensa variam de acordo com a vida da pessoa. Nos jovens o quarto tem um papel muito forte, ao passo que quando a pessoa se torna pai/mãe ou dono de uma casa isso se dá muito mais pela sala e em parte pela cozinha. O quarto do filho ajuda o adulto em parte porque mostra quem são aquelas pessoas enquanto pais. Mas o quarto dos pais não ajuda os filhos. Por isso é possível dizer que a casa é sempre importante na vida de uma pessoa, mas em diferentes momentos da vida desta pessoa distintos espaços serão mais ou menos importantes nos processos de construção da identidade. Os diferentes papéis que uma pessoa assume ao longo de sua vida contribuem para isso assim como a mudança na vivência de um mesmo papel de acordo com alterações nas relações. Ser filho com dois anos, com vinte anos, ou com cinquenta anos pode exigir de uma pessoa diferentes disposições na vivência do *mesmo* papel de filho. O mesmo ocorre com ser pai ou mãe e com outros papéis relacionados a questões de parentesco. Também se procurou mostrar que isso não ocorre de forma estática, ou por etapas ou necessariamente de acordo com uma mudança de faixa etária, mas sim com mudanças na situação de vida, ou seja, na forma de se relacionar que pode ou não mudar com a idade.

As entrevistas mostraram que a casa tem um papel aparentemente paradoxal na vida das famílias das casas estudadas pois ela é ao mesmo tempo fonte de *realização* e *orgulho* e de *insatisfação*. Por isso a relação com a casa é contraditória e ambígua. Se de um lado ela suscita orgulho, pois é muito diferente da casa da infância, por outro, ela é eterna construção. Isso ocorre pois a família procura sempre adaptá-la as suas transformações. Entre os

segmentos médios é mais fácil mudar de casa do que entre os populares, pois há uma escritura e um terreno a ser vendido. Entre as camadas populares, ainda que o comércio seja feito, isso é mais difícil e por isso a família sempre tem planos de reformar o local. É por isso também, além de todas as razões já colocadas em outros capítulos que muitas famílias não querem ir para os apartamentos nos conjuntos habitacionais. O apartamento é uma dívida para toda a vida e um espaço que não pode ser modificado. Até as paredes internas são normalmente paredes estruturais que não podem ser retiradas, logo, não há margem de escolha nesse tipo de habitação.

É por isso que foi possível afirmar que tanto identidade quanto casa são construídos e reconstruídos o tempo todo. No caso da casa isso ocorre mentalmente por meio de sua relação com o espaço que se modifica, mas também, fisicamente, pelas práticas, reformas e reconstruções.

Para entender as casas e sua relação nos processos de construção da identidade não se observou apenas as casas e sua divisão, mas também como são decoradas. Até as cores das paredes e das cortinas são usadas como elemento de singularização. A decoração é feita ao mesmo tempo em relação à *si mesmo* e ao *outro*. Isso ocorre pois não há construção de *si* sem o *outro*. A casa auxilia as famílias tanto na construção de sua identidade como comunica as intenções conscientes ou inconscientes da família para os que a freqüentam. Por isso procurei entender a criação familiar, ou seja, como as famílias criativamente constroem suas relações no espaço da casa por meio dos objetos que são expostos.

Apesar de quase todos os objetos expostos terem sido produzidos em série, isso não os torna iguais. É a combinação entre móveis, objetos e relações entre eles e os moradores que torna cada casa única e expressão da organização e das relações que ali se dão. E por isso procurou-se refletir sobre os objetos que compõem o espaço e que são importantes na construção da identidade. No caso das camadas populares objetos tão pequenos quanto os imãs de geladeira são extremamente reveladores do círculo de relações das famílias. A maioria deles são lembranças de eventos importantes como batizados e festas de aniversário, mas por meio deles é possível reconstruir boa parte da rede de relações. Eles funcionam quase como álbuns de família, mas ao contrário dos álbuns que são objetos não-expostos de uma forma geral, os imãs são objetos *expostos*. Ou seja, fazem parte do rol de objetos que a família usa para se comunicar também com as pessoas de fora da casa. Eles podem ser compreendidos como a prova pública dos laços de amizade e de parentesco das pessoas de uma casa.

As fotos não foram interpretadas apenas como imagens, mas também na qualidade de objetos, por isso a imagem que representam é tão reveladora quanto o *local* em que estão colocadas, os *suportes* usados para guardá-las, o quão manuseadas são, entre outros fatores. Assim como outros objetos, as fotos analisadas foram aquelas que estão *expostas* e elas revelaram muito sobre os processos de construção da identidade deste segmento da população, pois são usadas como veículos de *comunicação*. A interpretação das fotos partiu ao mesmo tempo de cada casa e de cada foto, pois defende-se aqui que para entender uma foto é preciso observar onde ela está colocada, qual é o contexto dos objetos ao seu redor e o que as famílias falam delas, mas também se defendeu que as casas são figurações que se entrelaçam à outras figurações e que, portanto, a fala de uma pessoa ajuda a compreender a de outra, mesmo que morem em casas diferentes. Por isso foram analisadas as fotos não só de uma família, ou por família, mas de várias casas ao mesmo tempo como forma de auxiliar a interpretação do material colhido. Foi por meio destes cruzamentos que foi possível verificar que as famílias praticamente não tem fotos *não intencionais* expostas e que ao contrário dos segmentos médios anteriormente estudados em que as fotos *informais* são as fotos expostas, entre as casas de camadas populares estudadas predominam as *formais*.

Apesar de diferentes segmentos da sociedade fazerem uso de um mesmo mecanismo na construção de suas identidades, que é o de *expor fotos*, o *tipo* de foto usada na construção da identidade perante os de fora é diferente e, portanto, a forma de construção da identidade também é distinta. Enquanto para os segmentos médios há uma preocupação com a questão da *felicidade*, entre os segmentos populares há a preocupação com a *dignidade*, que se expressa no formalismo da imagem da foto, um formalismo na postura do retratado, na roupa que ele usa, nos cabelos impecáveis e até no semblante que muitas vezes passa uma solenidade muito grande.

As fotos expostas são tanto um *resgate* como uma *construção*, ou seja, falam do *passado*, mas o usam para construir o *presente*. E a reflexão sobre o que é a *boa foto* contribuiu para isso. A *boa foto*, seja entre os segmento médios ou populares é aquela que de alguma forma consegue mais do que as outras que estão guardadas transmitir algo para a família e da família.

A foto não é uma cópia da realidade, mas sim uma representação, um conjunto de idéia *sobre* a realidade. Ela não é uma cópia fiel do que se quer retratar, mas sim uma espécie de *mensagem* do que se quer retratar, uma forma de comunicar algo sobre o que se retratou. Por isso ela é uma *imagem* de algo e nunca a própria coisa a ser retratada.

Mas tanto o que ela comunica como a imagem que passa nunca são estáticas e isso ocorre pois toda observação, seja ela de uma foto, ou do que for, é sempre uma forma de interpretação. E por isso que aquilo que ela comunica ou representa nunca é algo estático, pois depende não só da imagem reproduzida, mas principalmente do *olho* que vê aquela imagem. É por isso que a foto *não preserva o passado*, mas constrói uma imagem *sobre o passado*. Uma mesma foto pode suscitar sentimentos e lembranças muito diferentes numa mesma pessoa dependendo da época em que esta está vivendo. Por isso elas são usadas não só como apoio para se lembrar, mas também como uma importante ferramenta na *construção* do lembrar, na construção da memória. Elas são instrumentos que muitas famílias usam na implementação, manutenção ou até na mudança de seus projetos familiares.

Espero com este trabalho mais do que ter defendido uma tese, ter passado um pouco do meu amor pelas casas, todas elas, aos possíveis leitores desta tese e com isso, quem sabe, inspirar outros a também olhar a casa como reveladora das interações sociais.

Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. O sexo da pobreza. Homens, mulheres e famílias numa “avenida” em Salvador da Bahia, *Tempo Social*, Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 2 (2):35-60, 2 sem, 1990.
- ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: MELLO E SOUZA, L. (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, Vol. 1, São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- ALMEIDA, Ronaldo de. e D’ANDREA, Tiaraju. Estrutura de oportunidades em uma favela de São Paulo. In: MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (orgs.) *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade social*, São Paulo, Senac, 2005.
- ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.), *História da Vida Privada: da Renascença ao século da luzes*. V. 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 7 – 19.
- ALVIM, Zuleika – Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo, In: NOVAIS, Fernando A. (org), *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*, V. 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- ATTFIELD, JUDY. Bringing modernity home: open plan in the british domestic interior. In: CIERAAD, Irene. *At Home: na anthropology of domestic space*. Syracuse: Syracuse University Press, 2006.
- BASQUES, Messias. Uma antropologia das coisas: etnografia e método. *Espaço ameríndio*, Porto Alegre, v4, n1, p150-165, jan/jun2010.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIN, Elisabeth. *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*, Los angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE, 2009.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed.34, 2010
- BECKER, Howard S. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008
- BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas – *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, Petrópolis: Vozes, 1985.

- BICHIR, R.M. & FERREIRA, M.P. & TORRES, H.G. *Jovens no Município de São Paulo: explorando o efeito das relações de vizinhança*. Texto apresentado no XI Encontro Nacional da Anpur, Salvador, 23-27 de Maio de 2005.
- BONDUKI, NABIL. *Origens da habitação social no Brasil*. Arquitetura moderna, Lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: estação Liberdade, Fapesp, 1998.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo: Edusp, 1987.
- BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRANT de CARVALHO, Maria do Carmo(org). *Família contemporânea em debate*. São Paulo, Cortez, 2006.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* – São Paulo, 1870 1920,
- CASTILHO, Sergio. Memória, experiência urbana e consume entre famílias populares no bairro de Jacintinho, Maceió, Nordeste do Brasil.
- CHAPMAN, Tony – There's no place like home. *Theory, Culture & Society*, V.18, No. 6, London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage, 2001.
- CHEVALIER, Sophie. Intérieurs domestiques urbains em France et em Angleterre, Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 6, no. 13, p.113-125, junho de 2000.
- CHEVALIER, Sophie. The french two-home projetc: materialization of family identity. In: CIERAAD, Irene. *At Home: na anthropology of domestic space*. Syracuse: Syracuse University Press, 2006.
- CIERAAD, Irene. *At Home: na anthropology of domestic space*. Syracuse: Syracuse University Press, 2006.
- CIERAAD, Irene. Homes from home: memories and projections. *Home cultures*, V.7, issue 1, 2010, pp.85-102.
- COENEN - HUTHER – Le domicile: sphère privée et sphere publique. *Cahiers Internacionaux de sociologie*, Vol. XCI, CNRS, 1991.
- CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERRROT, M. (org.) *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*, Vol. IV, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: CORREA, M (org.) *Colcha de retalhos*. São Paulo: brasiliense, 1982.

- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Why we need things. In: LUBAR, Steven; KINGERY, David W.. *History from the things: essays on material culture*. Smithsonian Institution Press: Washington; London, 1993.
- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*, Rio de Janeiro, 4ª edição, Guanabara Koogan, 1991.
- DA MATA, Daniel; LALL, Somik V; WANG, Hyoung Gun. Favelas e dinâmica das cidades brasileiras, In: CARVALHO, Alexandre Xavier. ET. A. *Ensaio de economia regional e urbana*, Brasília, IPEA, 2007.
- DARBON, Sébastien – O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (org) *O fotográfico*. São Paulo, Hucitec, 1998.
- DARTON, Robert. *O grande massacre de dados e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DESJEUX, Dominique; ALAMI, Sohie; GARABUAU-MOUSSAQUI, Isabelle e TAPONIER, Sophie. Le jeu de la proximité et de la distance dans la communication quotidienne. In: GARABUAU-MOUSSAQUI, Isabelle; DESJEUX, Dominique. *Objet banal, objet social: les objet quotidiens comme révélateurs des relation sociales*. Paris, Budapest, Torino: L'harmattan, 2000.
- DIEESE. *Política de Valorização do Salário Mínimo: Considerações sobre o valor a vigorar a partir de 1º de janeiro de 2010*, Nota Técnica Número 86 – Janeiro de 2010 (revisada e atualizada).
- DOLAN, Jojn A. “I’ve always fancied owning me own Lion”: ideological motivations in external house decoration. In: CIERAAD, Irene. *At Home: na anthropology of domestic space*. Syracuse: Syracuse University Press, 2006.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: E. UFRJ, 2006.
- DRAZIN, Adam. A man Will get furnished: wood and domesticity in urban românia. In: MILLER, Daniel. *Home Possessions: material culture behind close doors*. Oxford, New York: Berg, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- DUBAR. Claude. *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Marins Fontes, 2005.
- EDWARDS, Elizabeth. Photographs as objets of memory. In: KWINT, Marius, BREWARD, C. AYNLEY, Jeremy (ed). *Material memories: design and evocation*. Oxford: Berg, 1999.
- ELIAS, Norbert – *Introdução à sociologia*, Lisboa, Edições 70, 1980.

- _____ – *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- _____ *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001a.
- _____ *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____ *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.
- _____ *Escritos e ensaios I: estado, processo, opinião pública*, Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- FAURE-ROUESNEL, Laurence. French Anthropology and Material Culture. *Journal of Material culture*, 6, 2001, 237-47. Disponível em: [HTTP://mcu.sagepub.com /content/6/ 2 /237](http://mcu.sagepub.com/content/6/2/237). Acessado em 26 de novembro de 2010.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995
- GARCIA JR, Afrânio – A casa e o consumo familiar, In: *Terra de trabalho*, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1983.
- GAY, Peter – *A educação dos sentidos: experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, Cia das Letras, São Paulo, 1999.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Jnaeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIDDENS, Anthony, BECK, Ulrich, LASCH, Scoot. *Modernização reflexiva*. São Paulo, UNESP, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo: Vértice, Revista dos tribunais, 1990.
- HEINICH, Nathalie – *A sociologia de Norbert Elias*, Bauru: EDUSC, 2001.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*.
- HENARE, Amiria, HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari. Introduction: Thinking through things. *Thinkinking through things:theorising artefacts ethnographically*. London and New York: Routledge, 2007.
- HODDER, Ian. The interpretation of documents and material culture. In: WEINBERG, Darin (org) *Qualitative research methods*. Oxford and Malden: Blacwell, 2002.
- KAUFMANN, Jean-Claude. Portes, verrous et clés:les rituals de fermeture du chez-soi. *Ethonologie Française: La ritualisation du quotidien*, XXVI, Paris, p.280-288, 1996.

- KURITA, Yasuyuki. Ordre et désordre domestique. In: *Chez-soi. Objets et décors: des créations familiales?* Paris: Autrement, série Mutations no. 137, p.164 -179, 1993.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org) *O fotográfico*, São Paulo, Hucitec, 1998.
- LAHELMA, Elina; GORDON, Tuula. Home as a physical, social and mental space: Young people's reflections on leaving home. *Journal of youth studies*, vol6., no4, 2003. Acessado em 1 de fevereiro de 2008.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34 .
- LANDINI, T. Introdução. In: *Horror, honra e direitos: violência sexual contra crianças e adolescentes no séc. XX*. Tese. Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2005.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (org) *O fotográfico*, São Paulo: Hucitec, 1998.
- LE MOS, Carlos A. C. – *Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*, São Paulo, 2ª edição, Perspectiva, 1978.
- LE MOS, Carlos A. C. – *Alvenaria burguesa*, São Paulo, 2ª edição, Nobel, 1989.
- LE MOS, Carlos A. C. – *História da casa brasileira*, São Paulo, 2ª edição, Contexto, 1996.
- LEVEQUE, Claire Marie, Lês photographies, dès viés mises em images. In: GARABUAU-MOUSSAQUI, Isabelle; DESJEUX, Dominique. *Objet banal, objet social: lês objet quotidiens comme révélateurs dès relation sociales*. Paris, Budapest, Torino: L'harmattan, 2000.
- LÉVI-STRAUSS. Claude. La notion de Maison. Entretien avec Clause Lévi-Strauss par Pierre Lamaison. *Terrain*, número , 1987. Disponível em: [HTTP://terrain.revues.org/index3184.html](http://terrain.revues.org/index3184.html). Acessado em um de novembro de 2010.
- LINS de BARROS, Myriam Moraes – Memória e Família, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, 1989, p.29- 42.
- MACEDO, Carmem Cinira – O projeto de vida familiar. In: *A reprodução da desigualdade*, São Paulo, 2ª edição, Vértice, 1985.
- MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Revista Interface: comunicação, saúde e educação*. Fundação UNI Botucatu/UNESP, v.15, no. 8, Botucatu, S.P.: Fundação UNI, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Disponível via WWW no URL <http://www.n-a-u.org/nomedoarquivo.html>. Acessado em 10/04/2008.
- MALLETT, Shelley. *Understanding home: a critical review of the literature*. The Sociological Review, Backwell, 2004.
- MARQUES, Eduardo (org) – *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade social*, São Paulo: Senac, 2005.
- MARQUES, E.; BICHIR, R.; PAVEZ, T.; ZOPPI, M.; MOYA, M.E.; PANTOJA, I. “Redes Pessoais e Pobreza em São Paulo.” In: DIAS, L. (org.) O uso das redes sociais nas Ciências Humanas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2007.
- MARQUES, Eduardo e SARAIVA, Camila - A dinâmica social das favelas da região metropolitana de São Paulo - Seminário sobre estrutura social e segregação espacial – São Paulo, Rio de Janeiro e Paris, São Paulo - SP, 2004.
- MARTINS, José de Souza – A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCS, Lilia Moritz (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. V.4, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp.659 – 726.
- MCCALLUM, Cecilia Anne; BUSTAMANTE, Vania. *Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia*. Apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará.
- MCDOWELL, Linda. Spaces of the home: absence, presence, new connections and new anxieties. *Home cultures*, vol4, issue2, 2004, pp.129-146.
- MILLER, Daniel. *Home Possessions: material culture behind close doors*. Oxford, New York: Berg, 2001.

_____ A pobreza da moralidade. *Antropolítica*, Niterói, n17, p21-43, 2 sem. 2004

_____ Consumo como cultura material. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 13, n. 28, Dec. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832007000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 12 Novembro 2010. doi: 10.1590/S0104-71832007000200003.

_____ *The comfort of Things*. Cambridge: Polity press, 2008.

_____ Material culture and mass consumption. Oxford: Basil Blackwell, 2010a.

_____. Sobre pessoas e coisas: entrevista com Daniel Miller. Entrevista feita por Catarina M. Vianna e Magda dos Santos Ribeiro. *Revista de Antropologia*, v52, n1, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-77012009000100014&script>. Acessada em dezessete de janeiro de 2010.

_____. *Stuff*. Cambridge: Polity press, 2010b.

MONEY, Annemarie. Material Culture and living room: the appropriation and use of goods in everyday life. *Journal of consumer culture*, Sage, n.7, p.355-377, 2007. Disponível em < <http://joc.sagepub.com>>. Acessado em 13 de maio de 2009.

MOYA, Encarnacion. Sobrevivência e Melhoria de Vida em uma Favela Paulistana apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia 28 a 31 de julho de 2009 na UFRJ, Rio de Janeiro (RJ).

MUKERJI, Chandra. Towards a Sociology of Material culture: science studies, cultural studies and the meanings of things. In: CRANE, Diana. *The sociology of culture: emerging theoretical perspectives*. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PAIS, José Machado – *Vida cotidiana: enigmas e revelações*, São Paulo, Cortez, 2001.

PASTERNAK, Suzana. *Espaço e População nas Favelas de São Paulo*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002

PATERSON, Mark. *Consumption and everyday life*. London and New York: Routledge, 2007.

POLLAK, Michael – Memória, esquecimento, silêncio, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, 1989, p. 3 - 15.

_____. – Memória e identidade social, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, nº 10, 1992, p.200 - 212.

PROST, Antoine – Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine (org) *História da Vida Privada: da primeira guerra aos dias atuais*, Vol. V, Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

QUINTAS, Fátima. *A mulher e a família no final do século XX*, Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005.

- RANUM, Orest – Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.), *História da Vida Privada: da Renascença ao século da luzes*. V. 3, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- REDE, MARCELO. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Sér. v.4, P.265-82, jan/dez 1996.
- REDE, MARCELO. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Sér. v.8/9, P.281-91, 2003.
- REIMER, Suzanne; LESLIE, Deborah. Identity, consumption and the home. *Home Cultures*. V.1, issue2, UK: Berg, 2004.
- ROCHE, Daniel – *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do séc. XVII ao XIX*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- ROMANELLI, Geraldo – *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*, Tese de Doutorado- USP, São Paulo, 1986.
- ROSSELIN, Céline. Entrée, entre: approche anthropologique d'un espace du logement, *Espaces et sociétés: méthodes et enjeux spatiaux*, n 78, Paris: L'Harmattan, (s.d.).
- RYBCZYNSKI, Witold – *Casa: pequena história de uma idéia*, Rio de Janeiro, Record, 1996.
- SALAMA, Pierre e BLANDINE Destremau – *O tamanho da pobreza: economia política da distribuição de renda*, Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- SALEM, T. – *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*, Petrópolis, Vozes, 1980a.
- SALEM, Tania. Conflito, poder e negociação na família: a questão geracional. *Dados*, Rio de Janeiro, 23 (2): 183-200, 1980b.
- SAMAIN, Etienne (org) *O fotográfico*, São Paulo, Hucitec, 1998.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: brasiliense, 1983.
- _____ Tendências atuais da história da família no Brasil. In: ALMEIDA, A. M. ET al. (orgs) *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1987.
- SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*, Lisboa: Estampa, 1997.
- SARTI, C.. *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*, São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHRIJNEMAEEKERS, Stella C. *Os significados da casa: um estudo da relação dos moradores com o espaço da casa*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 9 de dezembro de 2002.
- SEGALEN, Martine – *Sociologia da Família*, Lisboa: Terramar, 1999.

- SEGALEN, Martine ; LÊ WITA, Beátrix. Editorial, In: *Chez-soi. Objets et décors: des créations familiales?* Paris: Autrement, série Mutations no. 137, 1993.
- SELLTIZ e outros – *Métodos de Pesquisa nas Relações*, São Paulo, 4^a edição, EPU, 1974.
- SIMMEL, Georg. El espacio y la sociedad, In: *Sociologia: estudios sobre las formas de socialización*, Tomo II, Buenos Aires, ESPASA - Calpe Argentina, 1939.
- _____. Sociologia. E. de M. (org.) *Georg Simmel: sociologia*, São Paulo, Coleção grandes cientistas sociais 34, Ática, 1983.
- _____. Bridge and Door. In: *Theory, Culture & Society*, London, Thousand Oaks and New Delhi London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE, v.11, 1994, 11-17.
- _____. Conceitos fundamentais de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- STASZAK, Jean-François. L'espace domestique: pour une géographie de l'intérieur. *Annales Géographie*, no 620, 2001, pp339-363.
- TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (orgs). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- TORRES, Haroldo da Gama, MARQUES, Eduardo e SARAIVA, Camila - Favelas no Município de São Paulo: estimativas de população para os anos de 1991, 1996 e 2000. Trabalho apresentado no X encontro da Associação Nacional de Planejamento Urbano e Regional (ANPUR) - Belo Horizonte -MG - Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais , vol 5, nº 1, 2003.
- TORRES, Haroldo da Gama; BICHIR, Renata Mirandola e PAVEZ, Thais. "Uma pobreza diferente? Mudanças no padrão de consumo da população de baixa renda." Revista Novos Estudos. São Paulo: Cebrap, mar. 2006, n.74, p.17-22.
- TORRES, Haroldo da Gama e MARQUES, E . - Pobreza e distribuição espacial de grupos sociais na metrópole de São Paulo. Cadernos Adenauer, 2004, São Paulo-SP.
- TORRES, Haroldo da Gama et alii. - *Pobreza e Espaço: padrões de segregação em São Paulo*. Revista do Instituto de Estudos Avançados, IEA - USP 17 (47), 2003b.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da Favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*, Quarta edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Malmann. *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

WAIZBORT, Leopoldo (ORG) – *Dossiê Norbert Elias*, São Paulo: Edusp, 1999.

_____ – *As aventuras de Georg Simmel*, São Paulo: ed.34, 2000.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo, Moraes, 1989.

WOORTMAN, Klass – Casa e família operária. *Anuário Antropológico* Rio de Janeiro, Fortaleza, Tempo brasileiro: Universidade Federal do Ceará, 1982.

ZALUAR, A. – *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: brasiliense, 1985.

Apêndice 1: Roteiro de entrevista pais e filhos (adaptar as questões para filhos)

1) Dados gerais

Quantas pessoas moram na casa:

Nome: Idade: Cidade em que nasceu: Estado:

Bairro em que mora: Religião: ocupação atual:

Grau de escolaridade: Número de filhos: Idade dos filhos:

Nome dos filhos: Escolaridade dos filhos: Idade:

Estado civil: Com quantos anos se casou

Para os 'casados': Qual é a ocupação atual do seu marido (esposa):

1. Quem atualmente está trabalhando para manter a casa?

2. Quem administra o dinheiro a ser gasto?

As compras no supermercado.

A compra de um móvel.

A compra de um enfeite.

Comprar roupa.

3. Quando sobre um dinheiro normalmente você o gasta com o que?

4. quais foram as suas 2 últimas compras? Por que? Para quem? Como você escolheu?

2) A visita (nesta parte o entrevistado vai me levar para conhecer sua casa cômodo por cômodo é a parte não estruturada da entrevista).

Me fale o que você quiser a respeito de cada cômodo que vamos visitar. Quais os cômodos que gosta mais, porque gosta mais de um do que de outro, me apresente sua casa.

1)Sobre as casas em geral (terminada a visita pelos cômodos a entrevista prossegue num local da escolha do entrevistado)

Em geral, qual o lugar mais importante de uma casa para você? Qual é o lugar que você gosta mais?

Você acha que a casa diz algo a respeito das pessoas que ali moram? Caso ache, você poderia me dar um exemplo.

Quando conhece alguém, é importante conhecer a casa desta pessoa ou o bairro onde ela mora?

O que você acha que uma casa deve ter?

2) A casa da infância e o casamento

Passou a infância e a adolescência na mesma casa? Se não, quando estas mudanças ocorreram?

Quantas pessoas viviam na sua casa?

Como era a casa de seus pais?

Quem dormia com quem? Você dividia a cama com alguma irmã(o)? Como era seu quarto ou você dormia na sala? Quanto tempo você passava nele?

Onde você passava seu tempo em casa?

A família se reunia em algum horário?

Quem freqüentava a sua casa? Onde estas pessoas eram recebidas?

Tinha um lugar que você mais gostava de ficar em casa?

Quando era solteiro, você pensava em ir morar sozinho? Você chegou a morar sozinho?

Como foi?

Você acha que o que queria para você batia com o que seus pais esperavam?

Você pensava no que queria para si ou não era de planejar o futuro?
 E como é isso de ter a própria casa? Quando você começou a pensar a ter a própria casa?
 Você acha que é mais tratado com igualdade em casa ou na rua?
 O que é igualdade para você?
 E liberdade. Você se sente livre?
 16. É possível ter liberdade em casa?
 17. Onde você acha que faz mais o que quer? Em casa ou na rua?
 18. Você acha que pode ser você mesmo mais em casa ou na rua? Por que?
 19. Você se sente mais a vontade em casa ou fora de casa? Onde? Por que?
 20. Existe algum lugar em que você se em casa fora de casa?
 21. Quando você quer pensar na vida você faz isso em casa ou na rua. Onde você se sente mais a vontade para pensar?
 21. Quando você se casou foi morar aonde?
 22. Como é para você ter a sua casa? O que isso tem de bom? O que isso tem de ruim?
 23. O casamento foi planejado ou ocorreu de repente? O lugar para morar era parte de seu projeto de vida? Ou vocês não se preocuparam muito com isso?
 24. Como foi este processo de se casar e depois ter de partilhar uma vida com outra pessoa? No que você precisou se adaptar? Vocês conseguiram se acomodar? Me fale sobre os primeiros anos juntos.
 25. Você acha que vocês tinham as mesmas expectativas?

3) A escolha e o preenchimento da casa atual: a casa, os móveis e os enfeites.
 Há quanto tempo mora nessa casa?
 Vocês que a construíram? (Explorar a resposta)
 Hoje, quanto tempo você passa em casa?
 O que faz quando está em casa?
 Vocês têm móveis ou objetos que foram de seus pais ou avós e que agora são de vocês?
 Vocês tem algo que herdaram?
 Como vocês adquirem os enfeites de casa:
 – a maioria são presentes de amigos ou familiares
 – vocês mesmos que compram.
 Tem algum enfeite ou objeto que você considera especial na sua casa? Digamos que a sua casa pegue fogo ou que ocorra uma inundação e você só pudesse salvar um objeto. O que você gostaria de salvar?
 O que vocês fazem com aqueles enfeites que ganham de parentes, amigos ou conhecidos, mas que não gostam, eles são expostos junto com as coisas que vocês gostam ou vão para outros lugares?

4). Lazer e sociabilidade

Você tem alguma coleção de algo? Explique como começou, onde guarda, o que tem.
 Você costuma visitar a casa de um amigo(a)? Você fica muito tempo a casa desta pessoa?
 Quem frequenta sua casa: quem vem mais, os amigos ou parentes? Onde as pessoas são recebidas: amigos dos filhos, amigos dos pais, parentes (tio, avós, primos, cunhadas). Com que frequência estas pessoas vêm?
 Vocês costumam receber visitas? Onde normalmente vocês recebem as visitas?
 Em muitas famílias há pessoas que tem objetos que só ela usa, como uma xícara, um copo, ou uma caneca. Alguém na sua casa têm este hábito?
 Quantas tvs tem? Onde elas estão? (não perguntar se já vi onde estão as tvs)
 O que você gosta de fazer nas horas de lazer? O que você gosta de fazer para se distrair, se divertir?

Você acha que vocês se divertem juntos?
Você acha que se diverte em casa? A casa é um local de diversão para você? Por que?
Há algum momento em que todo mundo se encontra? nas refeições? na hora da novela?
Em qual(is) cômodo(s) vocês mais se encontram?
O que cada um faz quando está em casa?
Você costuma conversa com alguém de casa? Onde conversam? Você tem um lugar onde
prefere bater papo?
você prefere bater papo em casa ou na rua?
Quem conversa com quem na sua casa?
Quem pode entrar no seu quarto?

5. Impressões sobre a própria casa

Há um lugar que você mais gosta, um lugar em que se sente especialmente bem?
Como você se sente na sua casa?
O que é sua casa para você?
Você mudaria algo na sua casa? O quê?
Você se identifica com a sua casa? Você acha que a sua casa tem a sua cara?
As regras dentro de casa são as mesmas para todos? Por exemplo, numa casa em que o filho
pode levar a namorada para o quarto, a filha também pode levar seu namorado?
Há algo que te de raiva em casa? O que?
Há algo que te deixe feliz? O que?
Me fale de suas emoções: como você anda se sentindo?
- já estive deprimido por que?
- você sente que não é compreendido?
- você acha que as pessoas conhecem sua verdadeira natureza?
Você pensa no seu futuro? Você tem idéia do que quer para o seu futuro?
O que você acha que pode te atrapalhar ou que te atrapalhou para conseguir o que você quer
ou queria.
Você acha que está fazendo o que é necessário para conseguir isso?
E o que é necessário para você?
Você tem expectativas para você mesmo? Você tem sonhos? Quais?
Para você é importante o que os outros vão pensar ou achar de você? Você se preocupa com o
que os outros pensam? Quem é importante?
Quando vai resolver alguma coisa você faz isso pensando nos outros ou no que você acha?
Você acha que age mais de acordo com o que pensa a sua família ou de acordo com a sua
cabeça? Por exemplo.